

Cristina Mauri

**UMA ANÁLISE DO PONTO DE VISTA
EM A *HORA DA ESTRELA* E *LAÇOS DE FAMÍLIA*, DE
CLARICE LISPECTOR, E NAS TRADUÇÕES ITALIANAS
L'ORA DELLA STELLA E *LEGAMI FAMILIARI***

Belo Horizonte
UFMG – FALE – POSLIN
2009

Cristina Mauri

**UMA ANÁLISE DO PONTO DE VISTA
EM A *HORA DA ESTRELA* E *LAÇOS DE FAMÍLIA*, DE
CLARICE LISPECTOR, E NAS TRADUÇÕES ITALIANAS
L'ORA DELLA STELLA E *LEGAMI FAMILIARI***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Lingüística Aplicada.

Área de concentração: Lingüística Aplicada

Linha de pesquisa: Estudos da Tradução

Orientadora: Profa. Dra. Célia Maria Magalhães

Belo Horizonte
UFMG – FALE – POSLIN
2009

À memória da minha querida mãe.

AGRADECIMENTOS

À professora Célia Magalhães, pela orientação paciente e dedicada e, sobretudo, por ter acreditado em mim quando mais precisei: obrigada por ter me guiado até aqui!

À professora Adriana Pagano e ao professor Fabio Alves, por terem seguido meu percurso e pelas valiosas indicações no Exame de Qualificação.

Aos colegas do projeto CORDIALL, pela disponibilidade e ajuda nas etapas do meu trabalho.

À CAPES, por ter me oferecido a oportunidade do estágio na Universidade Autónoma de Barcelona (UAB).

Aos membros do grupo PACTE da UAB, por terem me acolhido.

A Sérgio Maurício, Tiago, Igor e Tânia, pelo suporte técnico.

A Emiliana, pelas trocas de informações e material.

A Lísius, meu constante companheiro de viagem: obrigada por ter enfrentado mais uma tempestade comigo!

Ao pequeno Luca, luz e alegria do meu caminho.

Ao meu pai e às minhas irmãs, com os quais posso sempre contar.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a finalização deste trabalho

RESUMO

Esta tese está afiliada à subárea de abordagens textuais da tradução, que integra o projeto Corpus Discursivo para Análises Lingüísticas e Literárias (CORDIALL), desenvolvido no Laboratório Experimental de Tradução (LETRA) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tal subárea do CORDIALL compreende trabalhos cujo foco principal é o estudo da linguagem da tradução, e, mais especificamente, a construção de personagens e a apresentação do discurso em textos ficcionais. Continuando essa tradição, o presente trabalho aborda o ponto de vista narrativo na tradução a partir da investigação de um corpus paralelo constituído pelo romance *A hora da estrela* (AHDE) e pela coletânea de contos *Laços de família* (LDF), ambos de Clarice Lispector, e suas respectivas traduções italianas *L'ora della stella* (LODS) e *Legami familiari* (LF), realizadas por Adelina Aletti. Visando contribuir para os estudos do ponto de vista na tradução, foram estabelecidos três objetivos: (i) analisar o ponto de vista narrativo nos textos-fonte (TFs) através de seus indicadores lingüísticos no romance e nos contos; (ii) observar indicadores lingüísticos no que diz respeito à construção do ponto de vista narrativo nos textos-alvo (TAs); e (iii) averiguar as mudanças entre os TFs e os TAs com relação à construção do ponto de vista. O referencial teórico adotado na investigação são estudos sobre a tradução do ponto de vista narrativo e, como pressuposto destes, trabalhos de estilística e de apresentação do discurso. Recorre-se ainda à fortuna crítica de Lispector para observar se são apontados traços do ponto de vista como características típicas da escrita clariceana. Foram também utilizados recursos descritivos da Gramática Sistemico-Funcional (GSF) como suporte na observação de algumas categorias de análise e ferramentas da Lingüística de Corpus na metodologia de análise. Para cumprir os objetivos de pesquisa, foram analisados quatro realizadores lingüísticos da focalização narrativa, a saber: dêixis, discurso indireto livre, Processos materiais e modalidade. Os resultados da análise apontam indicadores lingüísticos do ponto de vista similares nos pares AHDE-LDF e LODS-LF, porém com algumas diferenças em termos de frequência das ocorrências em cada categoria. As mudanças observadas nas traduções se referem a todas as quatro categorias de análise em ambos os TAs, embora algumas mudanças específicas tenham sido detectadas apenas em LF. Foi constatado que tais mudanças acarretam diferenças na construção do ponto de vista narrativo, especialmente no que diz respeito à focalização nos personagens. Ao mesmo tempo, a análise contrastiva entre os TFs e os TAs apontou questões que não constavam nos objetivos iniciais da investigação, como a provável explicitação por meio do uso de exclamações e interrogações.

Palavras-chave: abordagens textuais da tradução; estudos da tradução baseados em corpus; ponto de vista na tradução; Lingüística Sistemico-Funcional; traduções italianas da obra de Clarice Lispector.

ABSTRACT

This doctoral thesis belongs to the subarea of textual approaches to translation within the CORDIAL project (Corpus of Discourse for the Analysis of Language and Literature) carried out at LETRA (Laboratory for Experimentation in Translation), at Faculdade de Letras, UFMG. This subarea includes case studies focusing on the language of translations and, particularly, on character and speech presentation in fiction. Continuing this tradition, this thesis studies point of view in translation by exploring a parallel corpus comprising the novel *A hora da estrela* (AHDE) and the collection of short stories *Laços de família* (LDF), both by Clarice Lispector, and their respective Italian translations *L'ora della stella* (LODS) and *Legami familiari* (LF) by Adelina Aletti. Aiming at contributing to the studies of point of view in translation, three purposes were outlined: (i) to analyze the fictional point of view in the source texts (STs) in order to detect typical writing patterns of the author both in the novel and the short stories; (ii) to observe writing patterns related to the fictional point of view in the target texts (TTs); and (iii) to investigate differences between the STs and the TTs in the construction of point of view. The theoretical framework of this thesis builds on studies on fictional point of view in translation and, as a prerequisite of the latter, on stylistics and speech and thought presentation studies. Literary criticism on Lispector's work was also resorted to in order to observe whether point of view features are said to be typical of Lispector's writing. Simultaneously, the descriptive set of Systemic-Functional Grammar was followed as an aid to analyze some categories under investigation as well as the tools provided by Corpus Linguistics for methodological procedures. In order to achieve the purposes outlined here, four categories of linguistic indicators of fictional focalization were analyzed: deixis, free indirect speech, material Processes and modality. The major findings point out similar writing patterns in both AHDE-LDF and LODS-LF, although with a few frequency differences of the occurrences in each category. The differences observed in the translations regard all the four categories of analysis in both TTs, even though some specific differences were found just in LF. Such differences bring about dissimilarities in the construction of the fictional point of view, especially regarding the characters' focalization. Furthermore, the analysis between the STs and the TTs led to questions other than those included in the initial purposes of this investigation such as the likely explicitation through the use of exclamations and interrogations.

Key-words: translation textual approaches; corpus-based translation studies; point of view in translation; Systemic-Functional Linguistics; Italian translations of Clarice Lispector's work.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Linhas de concordância da palavra “Macabéa” em AHDE.....	78
FIGURA 2 – Exemplo de lista de palavra de LDF.....	79
FIGURA 3 – Janela de busca do <i>Multiconcord</i> ®.....	81
FIGURA 4 – Lista de palavra de LDF	87
FIGURA 5 – Lista de palavra de LF	87
FIGURA 6 – Linhas de concordância do advérbio <i>agora</i> em LDF.	90
FIGURA 7 – Linhas de concordância tendo como item central palavras com desinência *uto em LF.....	93
GRÁFICO 1 – Análise contrastiva dos dêiticos em AHDE-LDF.	100
GRÁFICO 2 – Análise contrastiva dos indicadores de DIL em AHDE-LDF.....	105
GRÁFICO 3 – Análise contrastiva dos Processos materiais em AHDE-LDF.	115
GRÁFICO 4 – Análise contrastiva dos modais em AHDE-LDF.	121
GRÁFICO 5 – Análise contrastiva dos dêiticos no par LODS-LF.....	126
GRÁFICO 6 – Análise contrastiva dos indicadores de DIL no par LODS-LF.	131
GRÁFICO 7 – Análise contrastiva dos Processos materiais no par LODS-LF.....	138
GRÁFICO 8 – Análise contrastiva dos modais no par LODS-LF.....	143
GRÁFICO 9 – Análise contrastiva dos dêiticos no par AHDE-LODS.....	149
GRÁFICO 10 – Análise contrastiva dos indicadores de DIL no par AHDE-LODS.	153
GRÁFICO 11 – Análise contrastiva dos Processos materiais no par AHDE-LODS.....	159
GRÁFICO 12 – Análise contrastiva dos modais no par AHDE-LODS.....	166
GRÁFICO 13 – Análise contrastiva dos dêiticos no par LDF-LF.	170
GRÁFICO 14 – Análise contrastiva dos indicadores de DIL no par LDF-LF.....	176
GRÁFICO 15 – Análise contrastiva dos Processos materiais no par LDF-LF.	184
GRÁFICO 16 – Análise contrastiva dos modais no par LDF-LF.	191

QUADRO 1: Subcategorias e exemplos de dêixis	84
QUADRO 2: Subcategorias e exemplos de DIL	84
QUADRO 3: Subcategorias e exemplos de Processos materiais	85
QUADRO 4: Subcategorias e exemplos de modalidade	85
QUADRO 5: Tipos de fala e pensamento segundo Leech e Short (1981) e Semino e Short (2004)	86

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Dados quantitativos do corpus.....	83
TABELA 2: Ocorrências de dêixis pessoal em AHDE e em LDF.....	96
TABELA 3: Ocorrências de dêixis temporal em AHDE e em LDF	98
TABELA 4: Ocorrências de dêixis espacial em AHDE e em LDF.....	99
TABELA 5: Resumo quantitativo dos dêiticos em AHDE e em LDF	99
TABELA 6: Ocorrências de exclamações e interrogações em AHDE e em LDF	102
TABELA 7: Ocorrências de advérbios indicadores de debate interior e incerteza em AHDE e em LDF.....	103
TABELA 8: Ocorrências de advérbios de tempo presente e de lugar próximo co-ocorrendo com verbos no passado em AHDE e em LDF.....	104
TABELA 9: Resumo quantitativo dos indicadores de DIL em AHDE e em LDF	104
TABELA 10: Verbos realizando Processos materiais em construções transitivas em AHDE e em LDF.....	108
TABELA 11: Verbos em construções ergativas em AHDE e em LDF	110
TABELA 12: Construções passivas em AHDE e em LDF.....	112
TABELA 13: Resumo quantitativo dos Processos materiais em AHDE e em LDF.....	113
TABELA 14: <i>Dever</i> em AHDE e em LDF	116
TABELA 15: <i>Ter que</i> em AHDE e em LDF.....	117
TABELA 16: <i>Poder</i> em AHDE e em LDF	117
TABELA 17: <i>Saber</i> em AHDE e em LDF.....	118
TABELA 18: <i>Parecer... como se / talvez</i> em ADHE e em LDF.....	119
TABELA 19: Resumo quantitativo dos modais em AHDE e em LDF.....	120
TABELA 20: Ocorrências de dêixis pessoal em LODS e em LF	123
TABELA 21: Ocorrências de dêixis temporal em LODS e em LF.....	124
TABELA 22: Ocorrências de dêixis espacial em LODS e em LF	125
TABELA 23: Resumo quantitativo dos dêiticos em LODS e em LF	126
TABELA 24: Ocorrências de exclamações e interrogações em LODS e em LF.....	128

TABELA 25: Ocorrências de advérbios indicadores de debate interior e incerteza em LODS e em LF.....	129
TABELA 26: Ocorrências de advérbios de tempo presente co-ocorrendo com verbos no passado em LODS e em LF.....	129
TABELA 27: Resumo quantitativo dos indicadores de DIL em LODS e em LF.....	130
TABELA 28: Verbos realizando Processos materiais em construções transitivas em LODS e em LF.....	132
TABELA 29: Verbos em construções ergativas em LODS e em LF.....	134
TABELA 30: Construções passivas em LODS e em LF.....	136
TABELA 31: Resumo quantitativo dos Processos materiais em LODS e em LF.....	137
TABELA 32: <i>Dovere</i> em LODS e em LF.....	139
TABELA 33: <i>Potere</i> em LODS e em LF.....	140
TABELA 34: <i>Sapere</i> em LODS e em LF.....	141
TABELA 35: <i>Sembra e pareva... come se / forse</i> em LODS e em LF.....	142
TABELA 36: Resumo quantitativo dos modais em LODS e em LF.....	142
TABELA 37: Dêixis pessoal em AHDE e suas traduções em LODS.....	146
TABELA 38: Dêixis temporal em AHDE e suas traduções em LODS.....	147
TABELA 39: Dêixis espacial em AHDE e suas traduções em LODS.....	147
TABELA 40: Equivalências e mudanças na tradução dos dêiticos no par AHDE-LODS.....	148
TABELA 41: Exclamações e interrogações em AHDE e em LODS.....	149
TABELA 42: Advérbios indicadores de debate interior e incerteza em AHDE e suas traduções em LODS.....	150
TABELA 43: Advérbios de tempo presente co-ocorrendo com verbos no passado em AHDE e suas traduções em LODS.....	151
TABELA 44: Equivalências e mudanças dos indicadores de DIL no par AHDE-LODS.....	152
TABELA 45: Verbos realizando Processos materiais em construções transitivas em AHDE e suas traduções em LODS.....	154
TABELA 46: Verbos em construções ergativas em AHDE e suas traduções em LODS.....	156
TABELA 47: Construções passivas em AHDE e suas traduções em LODS.....	157
TABELA 48: Equivalências e mudanças nos Processos materiais no par AHDE-LODS.....	158
TABELA 49: <i>Dever</i> em AHDE e suas traduções em LODS.....	160
TABELA 50: <i>Ter que</i> em AHDE e suas traduções em LODS.....	160

TABELA 51: <i>Poder</i> em AHDE e suas traduções em LODS	162
TABELA 52: <i>Saber</i> em AHDE e suas traduções em LODS.....	163
TABELA 53: <i>Parecer... como se / talvez</i> em AHDE e suas traduções em LODS.....	164
TABELA 54: Equivalências e mudanças na tradução dos modais no par AHDE-LODS	165
TABELA 55: Dêixis pessoal em LDF e suas traduções em LF	167
TABELA 56: Dêixis temporal em LDF e suas traduções em LF.....	168
TABELA 57: Equivalências e mudanças na tradução dos dêiticos no par LDF-LF.....	169
TABELA 58: Exclamações e interrogações em LDF e suas traduções em LF.....	171
TABELA 59: Advérbios indicadores de debate interior e incerteza em LDF e suas traduções em LF.....	173
TABELA 60: Advérbios de tempo presente e de lugar próximo co-ocorrendo com verbos no passado em LDF e suas traduções em LF.....	174
TABELA 61: Equivalências e mudanças na tradução dos modais no par LDF-LF.....	175
TABELA 62: Verbos realizando Processos materiais em construções transitivas em LDF e suas traduções em LF	178
TABELA 63: Verbos em construções ergativas em LDF e suas traduções em LF.....	180
TABELA 64: Construções passivas em LDF e suas traduções em LF	182
TABELA 65: Equivalências e mudanças nos Processos materiais no par LDF-LF	183
TABELA 66: <i>Dever</i> em LDF e suas traduções em LF	185
TABELA 67: <i>Ter que</i> em LDF e suas traduções em LF.....	185
TABELA 68: <i>Poder</i> em LDF e suas traduções em LF	186
TABELA 69: <i>Saber</i> em LDF e suas traduções em LF.....	188
TABELA 70: <i>Parecer... como se / talvez</i> em LDF e suas traduções em LF.....	189
TABELA 71: Equivalências e mudanças na tradução dos modais no par LDF-LF.....	190
TABELA 72: Resumo da análise dos dados nos dois TFs e nos dois TAs	229
TABELA 73: Equivalências e mudanças na tradução nas categorias analisadas nos pares AHDE-LODS e LDF-LF	232

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A+/A-	Narração na primeira pessoa do singular de categoria positiva ou negativa
B+/B-	Narração na terceira pessoa do singular de categoria positiva ou negativa
B(N)	Narração na terceira pessoa do singular de modo narrativo
B(R)	Narração na terceira pessoa do singular de modo refletor
AHDE	<i>A hora da estrela</i>
DD / PD	Discurso direto / Pensamento direto
DDL / PDL	Discurso direto livre / Pensamento direto livre
DI / PI	Discurso indireto / Pensamento indireto
DIL / PIL	Discurso indireto livre / Pensamento indireto livre
FALE	Faculdade de Letras
GSF	Gramática Sistêmico-funcional
LDF	<i>Laços de família</i>
LETRA	Laboratório Experimental de Tradução
LF	<i>Legami familiari</i>
LODS	<i>L'ora della stella</i>
M	Macabéa
MEC	Ministério da Educação e Cultura (atual Ministério da Educação)
NAF / NAP	Narração de ato de fala / Narração de ato de pensamento
NI	Narração interior
R	Rodrigo
TA(s)	Texto(s)-alvo
TF(s)	Texto(s)-fonte
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
VN	Voz narrativa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1: ARCABOUÇO TEÓRICO	25
1.1 Localização da Pesquisa	25
1.2 O Ponto de Vista Ficcional.....	39
1.3 O Ponto de Vista na Tradução	51
CAPÍTULO 2: CORPUS E METODOLOGIA	65
2.1 Seleção do Corpus.....	65
2.1.1 <i>Laços de família</i>	66
2.1.2 <i>A hora da estrela</i>	67
2.1.3 <i>Recepção de Legami familiari e L'ora della stella na Itália</i>	68
2.2 Pesquisa Documental sobre o Corpus.....	71
2.3 Metodologia de Corpus	76
2.3.1 Preparação do corpus.....	76
2.3.2 O <i>WordSmith Tools</i> ®	78
2.3.3 O <i>Multiconcord</i> ®.....	80
2.3.4 Metodologia de análise	82
2.3.4.1 <i>Dados quantitativos</i>	82
2.3.4.2 <i>Categorias de análise</i>	84
Fonte dos exemplos: Leech e Short (1981), com exceção dos últimos, produzidos pela autora.	86
2.3.4.3 <i>Passos metodológicos</i>	86
CAPÍTULO 3: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS NO PAR AHDE-LDF	95
3.1 Dêixis.....	96
3.1.1 Dêixis pessoal	96
3.1.2 Dêixis temporal	98
3.1.3 Dêixis espacial	99
3.1.4 Resumo dos resultados da análise de dêixis no par AHDE-LDF	99

3.2	Discurso Indireto Livre (DIL)	101
3.2.1	Exclamações e interrogações	101
3.2.2	Advérbios indicadores de debate interior e incerteza	103
3.2.3	Advérbios de tempo presente co-ocorrendo com verbos no passado.....	103
3.2.4	Resumo dos resultados da análise de DIL no par AHDE-LDF.....	104
3.3	Processos Materiais	106
3.3.1	Verbos realizando Processos materiais em construções transitivas	107
3.3.2	Verbos realizando Processos materiais em construções ergativas.....	110
3.3.3	Verbos realizando Processos materiais em construções passivas	112
3.3.4	Resumo dos resultados da análise dos Processos materiais no par AHDE-LDF 113	
3.4	Modalidade.....	115
3.4.1	Realizadores de modulação de obrigação de valor alto: <i>Dever e ter que</i>	116
3.4.2	Realizadores de modulação de obrigação de valor baixo: <i>Poder</i>	117
3.4.3	Indicadores de A+/B+.....	118
3.4.4	Indicadores de A-/B-.....	119
3.4.5	Resumo dos resultados da análise da modalidade no par AHDE-LDF.....	120
CAPÍTULO 4: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS NO PAR LODS-LF		122
4.1	Dêixis.....	122
4.1.1	Dêixis pessoal	123
4.1.2	Dêixis temporal	124
4.1.3	Dêixis espacial	125
4.1.4	Resumo dos resultados da análise de dêixis no par LODS-LF.....	125
4.2	DIL	127
4.2.1	Exclamações e interrogações	127
4.2.2	Advérbios indicadores de debate interior e incerteza	128
4.2.3	Advérbios de tempo presente co-ocorrendo com verbos no passado.....	129
4.2.4	Resumo dos resultados da análise de DIL no par LODS-LF	130
4.3	Processos Materiais	131
4.3.1	Verbos realizando Processos materiais em construções transitivas	132

4.3.2	Verbos realizando Processos materiais em construções ergativas.....	133
4.3.3	Verbos realizando Processos materiais em construções passivas	135
4.3.4	Resumo dos resultados da análise dos Processos materiais no par LODS-LF 137	
4.4	Modalidade.....	139
4.4.1	Realizadores de modulação de obrigação de valor alto: <i>Dovere</i>	139
4.4.2	Realizadores de modulação de obrigação de valor baixo: <i>Potere</i>	140
4.4.3	Indicadores de A+/B+.....	141
4.4.4	Indicadores de A-/B-.....	141
4.4.5	Resumo dos resultados da análise da modalidade no par LODS-LF	142
CAPÍTULO 5: ANÁLISE DO CORPUS PARALELO		145
5.1	AHDE-LODS	145
5.1.1	Dêixis.....	145
5.1.1.1	<i>Dêixis pessoal</i>	145
5.1.1.2	<i>Dêixis temporal</i>	146
5.1.1.3	<i>Dêixis espacial</i>	147
5.1.1.4	Resumo dos resultados da análise de dêixis no par AHDE-LODS	148
5.1.2	DIL.....	149
5.1.2.1	<i>Exclamações e interrogações</i>	149
5.1.2.2	<i>Advérbios indicadores de debate interior e incerteza</i>	150
5.1.2.3	<i>Advérbios de tempo presente co-ocorrendo com verbos no passado</i>	151
5.1.2.4	Resumo dos resultados da análise de DIL no par AHDE-LODS.....	152
5.1.3	Processos materiais.....	153
5.1.3.1	Verbos realizando Processos materiais em construções transitivas.....	154
5.1.3.2	Verbos realizando Processos materiais em construções ergativas.....	156
5.1.3.3	Verbos realizando Processos materiais em construções passivas	157
5.1.3.4	Resumo dos resultados da análise dos Processos materiais no par AHDE- LODS	158
5.1.4	Modalidade.....	159
5.1.4.1	Tradução dos realizadores de modulação de obrigação de valor alto: <i>dever</i> <i>e ter que</i>	160

5.1.4.2	<i>Tradução do realizador de modulação de obrigação de valor baixo: poder</i>	161
5.1.4.3	<i>Tradução dos indicadores de A+/B+</i>	163
5.1.4.4	<i>Tradução dos indicadores de A-/B-</i>	164
5.1.4.5	<i>Resumo dos resultados da análise da modalidade no par AHDE-LODS</i>	165
5.2	LDF-LF	167
5.2.1	Dêixis	167
5.2.1.1	<i>Dêixis pessoal</i>	167
5.2.1.2	<i>Dêixis temporal</i>	168
5.2.1.3	<i>Resumo dos resultados da análise de dêixis no par LDF-LF</i>	169
5.2.2	DIL	171
5.2.2.1	<i>Exclamações e interrogações</i>	171
5.2.2.2	<i>Advérbios indicadores de debate interior e incerteza</i>	173
5.2.2.3	<i>Advérbios de tempo presente e de lugar próximo ao falante co-ocorrendo com verbos no passado</i>	174
5.2.2.4	<i>Resumo dos resultados da análise de DIL no par LDF-LF</i>	175
5.2.3	Processos materiais	177
5.2.3.1	<i>Verbos realizando Processos materiais em construções transitivas</i>	177
5.2.3.2	<i>Verbos realizando Processos materiais em construções ergativas</i>	180
5.2.3.3	<i>Verbos realizando Processos materiais em construções passivas</i>	181
5.2.4	Modalidade	184
5.2.4.1	<i>Tradução dos realizadores de modulação de obrigação de valor alto: dever e ter que</i>	184
5.2.4.2	<i>Tradução do realizador de modulação de obrigação de valor baixo: poder</i>	185
5.2.4.3	<i>Tradução dos indicadores de A+/B+</i>	187
5.2.4.4	<i>Tradução dos indicadores de A-/B-</i>	188
5.2.4.5	<i>Resumo dos resultados da análise da modalidade no par LDF-LF</i>	190
CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS		228
6.1	Indicadores lingüísticos do ponto de vista nos TFs e nos TAs	228
6.2	Mudanças nas realizações lingüísticas da focalização narrativa nos TAs	231

6.3 Como as mudanças podem alterar o ponto de vista nos TAs	236
6.4 Síntese do percurso seguido	239
6.5 Balanço e perspectivas da pesquisa.....	242
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	244
ANEXOS	252
Anexo 1	252
Anexo 2	254
Anexo 3	256

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se insere nas abordagens textuais da tradução, cujo principal interesse é a linguagem da tradução (*cf.* MALMKJÆR, 2005).

Mais especificamente, esta tese é um dos produtos do grupo de pesquisa registrado no Diretório do CNPq como “Abordagens textuais da tradução”, coordenado pela professora Célia Maria Magalhães, que atua no Laboratório Experimental de Tradução (LETRA) da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e participa do desenvolvimento do projeto Corpus Discursivo para Análises Lingüísticas e Literárias (CORDIALL). Esse projeto começou a ser realizado em 1999 e engloba quatro subcorpora continuamente atualizados com arquivos de textos compilados para novas pesquisas do LETRA, a saber: (i) corpus paralelo multilíngüe de textos traduzidos (textos originais e traduções para várias línguas), (ii) corpus comparável de português brasileiro, (iii) corpus especializado de textos acadêmicos e jornalísticos e (iv) Corpus Processual para Análises Tradutórias (CORPRAT).

O corpus paralelo multilíngüe do CORDIALL fomenta a realização de trabalhos cujo foco principal é a representação de personagens e a apresentação do discurso em textos ficcionais, ambos os aspectos de interesse para a presente pesquisa, que visa estabelecer uma correlação entre os elementos lingüísticos investigados na representação de personagens e na apresentação do discurso com o ponto de vista narrativo.

Mais especificamente, a investigação ora apresentada tem como objeto de estudo o corpus paralelo constituído pelo romance *A hora da estrela* (AHDE) e pela coletânea de contos *Laços de Família* (LDF), ambos de Clarice Lispector, e suas respectivas traduções italianas *L'ora della stella* (LODS) e *Legami familiari* (LF), realizadas por Adelina Aletti.

O foco de análise, como antecipado, é a representação do ponto de vista narrativo dos textos mencionados.

O interesse por esse assunto surgiu como consequência do trabalho de dissertação sobre a construção das personagens femininas no par LDF-LF (*cf.* MAURI, 2003) e da leitura da fortuna crítica de Lispector, utilizada para contextualizar tal trabalho, a qual aponta características da escrita clariceana relacionadas ao ponto de vista narrativo, como, por exemplo, a representação do discurso, o uso de repetições lexicais e de construções passivas e o emprego peculiar da pontuação.

A decisão de incluir no corpus o par AHDE-LODS foi determinada por duas razões principais: (i) o desejo de estender a análise a um romance da autora; e (ii) o fato de AHDE ser o último romance (e também último livro) escrito pela autora, o que poderia levar a uma comparação interessante com LDF, primeira coletânea de contos clariceana publicada por uma editora comercial.

O objetivo geral da investigação aqui apresentada é contribuir para os estudos do ponto de vista na tradução. A partir dele, têm-se três desdobramentos, ou objetivos específicos, desta pesquisa, quais sejam:

1. Analisar o ponto de vista narrativo em AHDE e LDF visando detectar seus indicadores lingüísticos no romance e nos contos;
2. Observar indicadores lingüísticos no que diz respeito à construção do ponto de vista narrativo nos TAs; e
3. Averiguar mudanças e equivalências entre os TFs e os TAs com relação ao ponto de vista.

Tais objetivos foram concretizados nas três perguntas iniciais de pesquisa que nortearam a análise, a saber:

1. Quais são os indicadores lingüísticos do ponto de vista dos contos e do romance na língua-fonte e na língua-alvo?

2. Quais são as mudanças nas realizações lingüísticas da focalização narrativa nos TAs?
3. Como as mudanças podem alterar o ponto de vista nos TAs?

Para responder a tais perguntas, foi necessário procurar um embasamento teórico que pudesse dar suporte para a metodologia a ser seguida na análise dos dados.

Após uma busca prévia de estudos sobre o ponto de vista ficcional na tradução, constatou-se que ainda se trata de um tema pouco explorado em tradução e sobre o qual poucos trabalhos foram realizados (*e.g.*, LEVENSTON; SONNENSCHNEIN, 1986; MAY, 1994; BOSSEAUX, 2004; 2007). Essas pesquisas pressupõem estudos de estilística e de apresentação do discurso ficcional, cuja leitura mostrou-se fundamental para o desenvolvimento da presente investigação. Dentre esses estudos, vale destacar o modelo para a análise do ponto de vista ficcional de Simpson (1993) e os modelos de apresentação do discurso de Leech e Short (1981) e de Semino e Short (2004).

Ao mesmo tempo, recorreu-se à leitura da fortuna crítica de Lispector para confirmar a intuição inicial de que o ponto de vista constitui um traço-chave nos textos do corpus da presente pesquisa. Os textos de crítica literária consultados apontam diversas características da escrita clariceana relacionadas ao ponto de vista narrativo, tais como apresentação do discurso, uso de repetições lexicais e de construções passivas e emprego de pontuação peculiar.

O modelo de análise de Bosseaux (2007) foi escolhido para ser aplicado na presente investigação por ser o mais abrangente e por especificar de forma mais detalhada quais realizadores lingüísticos analisar para detectar contrastivamente o ponto de vista nos TFs e nos TAs. Porém, como explicado ao longo desta tese, diferentemente do modelo da autora, aqui foram utilizados, de maneira mais sistemática, os recursos descritivos da

Gramática Sistêmico-Funcional, além de ter sido realizada uma análise contrastiva entre os dois TFs e entre os dois TAs, não contemplada na pesquisa de Bosseaux (2007).

Para a análise das quatro categorias de realizadores do ponto de vista apontados por Bosseaux (2007), isto é, (i) dêixis, (ii) discurso indireto livre (DIL), (iii) Processos materiais e (iv) modalidade, foram utilizadas ferramentas da Linguística de Corpus (mais especificamente, os programas *WordSmith Tools®* e *Multiconcord®*).

No que tange à dêixis foram analisadas as repetições dos dêiticos pessoais *eu/ele/ela* (português) e *io/lui/egli/lei/ella* (italiano) e dos dêiticos espaço-temporais (*e.g. aqui, lá*), além das co-ocorrências destes com aqueles.

O foco da análise da seção dedicada ao DIL foram as exclamações e as interrogações (*e.g., ah, é?*), os advérbios indicadores de debate interior e incerteza (*e.g. talvez, provavelmente*) e os advérbios de tempo presente e de lugar próximo ao falante em co-ocorrência com verbos no passado (*e.g., agora...fui, cá... caiu*).

No que diz respeito aos verbos realizadores de Processos materiais, observou-se a realização desses processos em construções transitivas (*e.g., ela fazia riscos*), ergativas (*e.g., parou no beco escurecido*) e passivas (*e.g., está sendo exterminada*).

Com relação à modalidade, foram analisadas as instâncias dos verbos realizadores de modulação de obrigação de valor alto (*dever/ter que e dovere*) e de valor baixo (*poder e potere*). Ademais, foram observadas as repetições dos verbos que realizam os Processos mentais *saber/sentir* e *sapere/sentire* e as co-ocorrências de *parecer... como se/talvez, sembrare/parere... come se/forse*, indicadoras, respectivamente, de trechos de narração A+/B+ e A-/B- (*cf.* SIMPSON, 1993), categorias amplamente detalhadas no capítulo teórico desta tese.

Vale ressaltar que, em um primeiro momento, para complementar a análise da modalidade, foram observados também itens realizadores de avaliatividade (*appraisal*),

potencialmente produtivos para uma investigação do ponto de vista. Entretanto, devido principalmente à falta de literatura sobre a avaliatividade tanto para o português como para o italiano, decidiu-se concentrar a atenção nos elementos modais, que, de qualquer maneira, incluem vários aspectos atitudinais próprios da avaliatividade.

Os resultados da análise apontaram indicadores lingüísticos do ponto de vista parecidos nos pares AHDE-LDF e LODS-LF, porém com algumas diferenças em termos de frequência das ocorrências em cada categoria.

As mudanças observadas nas traduções se referem a todas as quatro categorias de análise em ambos os TAs, embora algumas mudanças específicas tenham sido detectadas apenas em LF.

Ademais, a análise contrastiva entre os TFs e os TAs apontou questões cuja observação não constava entre os objetivos iniciais da investigação, como a explicitação (*cf.* BAKER, 1993; 1996) por meio do uso de exclamações e interrogações nas traduções e mudanças nas cadeias coesivas. Esses dois fenômenos acabam tendo repercussões na construção do ponto de vista narrativo nos TAs devido ao fato de que, no caso da explicitação, a voz dos personagens é ressaltada e, ao contrário, no caso das mudanças na coesão, a repetição enfática (própria da linguagem falada pelos personagens, constituindo um dos traços típicos da escrita clariceana) é, por assim dizer, apagada nas traduções.

Foi também constatado que as mudanças observadas, não instanciando ou modificando os padrões lingüísticos dos TFs, acarretam diferenças na construção do ponto de vista narrativo, especialmente no que diz respeito à focalização nos personagens.

O texto desta tese está organizado em seis capítulos, além desta Introdução, em que são apresentados os objetivos de pesquisa e a justificativa para a realização da presente investigação.

No Capítulo 1, é apresentado o referencial teórico que forneceu o suporte necessário para a análise. Esse capítulo é subdividido em três seções, a saber: (1.1) localização da pesquisa; (1.2) o ponto de vista ficcional; e (1.3) o ponto de vista na tradução.

O Capítulo 2 apresenta o corpus de investigação e a metodologia de análise em três seções principais. Na primeira (2.1), explica-se como foi selecionado o corpus e faz-se uma apresentação de LDF (subseção 2.1.1) e de AHDE (subseção 2.1.2), além de algumas recensões de LF e LODS escritas na Itália na época da publicação das traduções italianas. Na segunda seção (2.2), apresenta-se a fortuna crítica da obra de Lispector, principalmente no que diz respeito a AHDE e a LDF. Na terceira e última seção (2.3), é ilustrada a metodologia utilizada ao longo da pesquisa. Na subseção 2.3.1, são relatados os procedimentos de preparação do corpus para o arquivo do CORDIALL e de aplicação dos programas *WordSmithTools*© e *Multiconcord*® (subseções 2.3.2 e 2.3.3, respectivamente). Antes de explicar a metodologia de análise propriamente dita (subseção 2.3.4.3), é feito um levantamento dos dados quantitativos do corpus (subseção 2.3.4.1) e são apresentadas, de forma sistemática (em quadros), as categorias de análise introduzidas no capítulo teórico (subseção 2.3.4.2).

Os Capítulos 3, 4 e 5 apresentam a análise e discussão dos dados. O Capítulo 3 se refere à análise comparativa de AHDE-LDF; o Capítulo 4, à análise comparativa de LODS-LF; e o Capítulo 5, ao exame do corpus paralelo AHDE-LODS e LDF-LF. Cada capítulo é dividido em quatro seções, cada uma reservada à análise de uma categoria de realizadores de ponto de vista: (i) dêixis, (ii) DIL, (iii) Processos materiais e (iv) modalidade. Ao final de cada seção são resumidos os resultados de cada categoria. Ademais, com o intuito de contextualizar os dados quantitativos apresentados na análise, são reproduzidos, ao final do Capítulo 5, alguns trechos comentados do corpus, os quais contêm exemplos contextualizados dos realizadores observados.

Nas Considerações finais, faz-se, primeiramente, um resumo geral dos achados dos capítulos de análise, retomando-se e respondendo-se às perguntas iniciais de pesquisa. Em um segundo momento, sintetiza-se o percurso seguido ao longo da tese e, por fim, apontam-se as limitações da presente pesquisa, suas desejáveis contribuições e algumas perspectivas de futuros desdobramentos e ampliações desta tese.

CAPÍTULO 1: ARCABOUÇO TEÓRICO

1.1 Localização da Pesquisa

A presente pesquisa é de tipo descritivo-textual e tem como foco a linguagem da tradução. O interesse está nas realizações lingüísticas do ponto de vista ficcional no corpus paralelo AHDE/LDF-LODS/LF, sendo os primeiros dois textos de autoria de Clarice Lispector e os dois últimos suas traduções italianas produzidas por Adelina Aletti.

Cabe aqui fazer uma síntese dos modelos teóricos utilizados direta ou indiretamente na análise.

Com o intuito de localizar a investigação dentro dos Estudos da Tradução, vale destacar, em primeiro lugar, a classificação de Holmes (1972/1988), que distingue entre estudos teóricos, descritivos e aplicados da tradução, os quais se subdividem em grupos distintos segundo o foco de interesse. No que se refere aos estudos descritivos, Holmes (1972/1988) distingue entre aqueles orientados para o produto (*i.e.*, a análise e a comparação de traduções já existentes, como o caso da presente pesquisa), para a função (ou a área da tradução) e para o Processo (ou as estratégias utilizadas pelo tradutor na hora de traduzir). Dentre os estudos teóricos, Holmes (1972/1988) indica os estudos gerais e os parciais. Estes podem ser restringidos ao meio (tradução realizada por ser humano ou tradução automática), à área (língua ou cultura), ao nível (palavras, orações etc.), ao tipo de texto (literário, científico etc.), ao período histórico ou ao tipo determinado de problema (equivalência, metáfora etc.). Com referência aos estudos aplicados, Holmes (1972/1988) explica que se trata de uma aplicação prática dos estudos descritivos e teóricos e também de outras disciplinas para outros objetivos, como, por exemplo, o ensino da tradução, o desenvolvimento de ferramentas tradutórias e a crítica da tradução.

Como explica Hurtado Albir (2001), a abordagem discursiva representa só uma das várias abordagens do que a autora denomina “Tradutologia”, isto é, a disciplina que se ocupa do conjunto de estudos com diferentes focos sobre a tradução e que, devido ao seu amplo objeto de estudo, é por definição multidisciplinar. A autora considera a proposta de Holmes (1972/1988) como a primeira reflexão metateórica sobre a tradução e como aquela que contribuiu para uma visão da disciplina como independente. Hurtado Albir (2001) ressalta a relação entre os três tipos de estudos da tradução indicados por Holmes em seu modelo e aponta a importância dos estudos descritivos, os quais ela considera “a base empírica imprescindível que proporciona dados e serve para verificar hipóteses” (HURTADO ALBIR, p.141)¹. Citando Toury (1980), Hurtado Albir (2001) afirma que os estudos descritivos se referem aos casos concretos e fornecem dados empíricos, sem, contudo, deixar de lado a necessidade de situar tais descrições dentro de um determinado arcabouço teórico. A partir de tais observações, Hurtado Albir (2001) propõe uma reformulação do modelo de Holmes que ressalte o vínculo entre os estudos teóricos, descritivos e aplicados e entre estudos gerais e parciais e que leve em conta, também, que todos os estudos são realizados à luz de determinados enfoques empíricos e métodos de pesquisa. Dessa forma, a tradução é vista por Hurtado Albir (2001) na sua tríplice natureza de ato de comunicação, operação textual e atividade cognitiva, constituindo, pois, “um processo interpretativo e comunicativo de reformulação de um texto com os meios de outra língua o qual se desenvolve em um contexto social e com uma finalidade determinada” (HURTADO ALBIR, 2001, p. 147)².

Dentre os modelos de análise surgidos após a proposta de Holmes, Hurtado Albir (2001) ressalta os estudos descritivos de tipo empírico orientados ao produto que analisam comparativamente as traduções, como no caso da pesquisa ora apresentada.

¹ Nossa tradução de “[...] la base empírica imprescindible que proporciona datos y sirve para verificar hipótesis”.

² Nossa tradução de “[...] un proceso interpretativo y comunicativo de reformulación de un texto con los medios de otra lengua que se desarrolla en un contexto social y con una finalidad determinada”.

Munday (2001) também ressalta o mérito do modelo de Holmes (1972/1988) em ter esclarecido o *status* dos Estudos da Tradução e de suas áreas e de ser suficientemente flexível para permitir a incorporação de novos avanços tecnológicos. Munday (2001), todavia, especifica que, devido à realidade da época da elaboração do modelo de Holmes (1972/1988), este não considerou, entre as áreas dos Estudos da Tradução, aquela centrada no tipo de discurso nem o estilo, o processo de tomada de decisão e outras práticas tradutórias. O trabalho de Munday (1998; 2001; 2002), além de ser de tipo descritivo, se insere na interface Estudos da Tradução e GSF (HALLIDAY, 1994), cujos aspectos relevantes para a presente pesquisa serão apresentados ao final desta seção. Ademais, Munday (1998; 2001; 2002), assim como realizado na presente pesquisa, utiliza os recursos metodológicos da Linguística de Corpus³ para realizar sua análise.

Dentre os teóricos que adotaram uma abordagem discursiva de cunho hallidayano, Munday (2001) lembra Blum-Kulka (1986/2000), Baker (1992), Hatim e Mason (1990; 1997) e House (1997).

Cronologicamente posterior a Munday (2001) e, por essa razão, apresentado logo após esse autor, mas referência fundamental para a presente pesquisa no que diz respeito ao interesse pelos fenômenos tradutórios, é o livro *Linguistics and the Language of Translation*, de Malmkjær (2005). A autora faz um mapeamento dos Estudos da Tradução remetendo a Holmes (1972/1988) e adicionando ao modelo do autor o ato de traduzir em si, o qual envolve tomadas de decisões tradutórias que podem ser facilitadas por meio dos Estudos da Tradução (*e.g.*, normas, objetivos, contextos).

Malmkjær (2005) distingue entre quatro abordagens dos Estudos da Tradução (lingüística, descritiva, funcional e cultural) e frisa que seguir qualquer uma delas implica diferentes posturas. Em outras palavras, é possível abordar os Estudos da Tradução a partir de

³ Para trabalhos na área dos Estudos da Tradução baseados em *corpora*, ver Sinclair (1991), Stubbs (1996), Laviosa (1997a; 1997b; 1998), Biber, Conrad e Reppen (1998), Kenny (2001) e Olohan (2004).

uma teoria de outro campo e alargá-la para incluir os fenômenos tradutórios dentro da esfera das suas aplicações. Desse modo, afirma a autora, se contribuirá também para o fortalecimento da teoria utilizada, aumentando o campo da sua abrangência, como, por exemplo, no caso de Gutt (1991), em que os fenômenos tradutórios são considerados casos especiais a serem estudados dentro da Teoria da Relevância. A autora também ressalta que é possível desenvolver uma teoria da tradução aplicando uma teoria de outra disciplina, isto é, considerando-se os Estudos da Tradução como subcategoria de outras disciplinas, principalmente da Linguística Aplicada, como feito por Catford (1965). Malmkjær (2005) afirma que é também possível aplicar o conhecimento de outras disciplinas à tradução considerando-se que, ao mesmo tempo, os Estudos da Tradução possuem seu próprio *status* teórico. A autora relembra que, em seu livro, o interesse principal é a linguagem das traduções e que utilizará tanto teorias lingüísticas como filosóficas como suporte.

Dentre as abordagens lingüísticas, Malmkjær (2005) cita Catford (1965) e Nida (1964). A autora esclarece que a teoria de Catford se baseia em uma primeira versão da GSF de Halliday (1961 *apud* MALMKJÆR, 2005), influenciada, por sua vez, por Firth (1957). Malmkjær (2005) apresenta as noções básicas da teoria de Catford (1965) a partir da afirmação de que cada língua é *sui generis* – e, portanto, duas línguas não podem realizar os mesmos significados formais (lingüísticos) – e de que a tradução é a substituição de material textual em uma língua por material textual equivalente em outra língua. A autora ressalta que a intenção principal de Catford é definir a noção de “equivalência” em tradução, reconduzindo-a às formas lingüísticas em vez do significado. Isso acarreta conseqüências na noção de intraduzibilidade, atribuível, segundo Catford, a fatores lingüísticos como, por exemplo, colocações inusitadas na língua-alvo. Na opinião de Malmkjær (2005), o fato de Catford interpretar problemas de tradução como unicamente lingüísticos se deve ao desejo do

autor de aumentar a autonomia da teoria da tradução e de estimular a criação de traduções automáticas.

No que se refere a Nida (1964), Malmkjær (2005) aponta que ele adota a tripartição de Jakobson (1959) entre tradução intralingüística, intersemiótica e interlingüística e que seu ponto de partida é a lingüística gerativa chomskyana. A autora frisa que, embora a teoria de Nida seja mais interdisciplinar que a de Catford, aquela é ainda considerada uma abordagem lingüística pelo fato de o próprio Nida apontar a importância da análise lingüística na tradução. A autora lembra a famosa distinção de Nida entre “equivalência formal” (de forma e conteúdo) e “equivalência dinâmica” (dependente do contexto cultural) e o interesse de Nida pela resposta do leitor ao texto traduzido como um todo, o que o difere de Catford, cujo interesse se limita essencialmente às sentenças.

Em se tratando das abordagens descritivas, Malmkjær (2005) afirma que elas, por um lado, testam as teorias nos dados e, por outro, explicam esses dados. A autora apresenta a teoria de Toury (1980; 1995), que compreende a noção de “normas”, isto é, explicações dos fenômenos observados na tradução, como exemplo de abordagem descritiva dos Estudos da Tradução orientada para o TA. Na visão de Toury, a noção de “equivalência” remete à relação entre o TF e o TA e leva em conta a existência de outras possíveis relações de equivalência relevantes no âmbito de cada relação de tradução.

O terceiro tipo de abordagem indicado por Malmkjær (2005) é o funcional, cujo interesse está na produção das traduções, como é o caso da teoria dos *skopos* formulada por Vermeer (1978/1983), cujo foco é o objetivo específico, a função, de cada tradução. A autora lembra que esses princípios são retomados por Reiss e Vermeer (1984/1991) e por Nord (1995).

Com relação às abordagens culturais, Malmkjær (2005) explica que se caracterizam pela relação entre tradução e ideologia, influenciadas normalmente pelas teorias

pós-estruturalistas do discurso, com sua visão da linguagem como construtora e transmissora de significados. A autora distingue entre dois tipos diferentes de abordagens culturais dos Estudos da Tradução: (i) os baseados nos estudos pós-coloniais, como, por exemplo, o trabalho de Bassnett e Trivedi (1999), e (ii) os baseados nos estudos de gênero social, como, por exemplo, o trabalho de Simon (1996).

O interesse de Malmkjaer (2005) está na linguagem da tradução em seu contexto, e seu propósito é mostrar como teorias lingüísticas podem ser utilizadas no estudo dessa linguagem para observar fenômenos lingüísticos. A relevância do estudo da autora para a presente pesquisa é apontada ao longo deste texto, principalmente no que se refere à importância do “uso, na Lingüística, de dados de tradução derivados de situações de comunicação real” (MALMKJÆR, 2005, p. 59)⁴ e à observação da linguagem dos TFs:

Aqui, a Lingüística é aplicada aos Estudos da Tradução como um modo de examinar a linguagem usada nas traduções e em seus textos fonte: intuições lingüísticas, conceitos teóricos e categorias descritivas são levadas em conta na discussão da criação, descrição e crítica construtiva de tais textos. (MALMKJÆR, 2005, p. ix)⁵

Dentre os Estudos da Tradução de tipo descritivo-textuais baseados em corpora que, de alguma forma, utilizam a GSF como uma das teorias lingüísticas em sua análise, Bosseaux (2007) foi escolhido como modelo para a análise do ponto de vista narrativo, foco da presente pesquisa. O trabalho da autora representa um dos poucos estudos sobre o ponto de vista ficcional na tradução e, dentre eles, é o mais abrangente, embora, como explicado na subseção 1.3 (em que seu livro é apresentado detalhadamente), passível de aprofundamento dos aspectos da GSF.

⁴ Nossa tradução de “[...] the use in linguistics of translation data derived from situations of actual communication”.

⁵ Nossa tradução de “Here, linguistics is applied to translation studies as a way of attending to the language in translations and their source texts: linguistic insights, theoretical concepts and descriptive categories are drawn on in discussion of the creation, description and constructive criticism of such texts”.

No âmbito nacional, Pagano e Vasconcellos (2005) apontam o potencial da interface Estudos da Tradução, Lingüística Sistêmico-Funcional⁶ e Lingüística de Corpus. As autoras ressaltam, sobretudo, a importância da Lingüística Sistêmico-Funcional, com sua orientação descritiva e com sua noção fundamental de significados potenciais, como um auxílio importante na tradução (vista como operação textual entre línguas, contextos e culturas).

Pagano e Vasconcellos (2005) afirmam que o próprio Halliday aponta a interface da Lingüística Sistêmico-Funcional com os Estudos da Tradução em várias ocasiões. Dentre elas, Halliday (1994) indica uma das possíveis aplicações da GSF para treinar tradutores e criar programas de tradução automática. Outra vez, Halliday (1964 *apud* PAGANO; VASCONCELLOS, 2005, p. 181) define a tradução como um processo em que é realizada uma seleção de categorias e elementos lingüísticos equivalentes aos do TF dentro de uma série de possíveis outros potenciais equivalentes. Outro aspecto relevante, apontado pelas autoras em Halliday (1964) e diretamente ligado ao conceito de tradução como uma das tantas possíveis retextualizações, é a noção de tradução como fenômeno inserido em um determinado contexto de uso em um determinado âmbito cultural.

Pagano e Vasconcellos (2005) apontam também outro texto de Halliday (2001) em que o autor fornece parâmetros para uma tradução bem-sucedida dentro de uma perspectiva descritiva: a estratificação da linguagem em vários níveis (fonético, fonológico,

⁶ O termo “Lingüística Sistêmico-Funcional” se refere ao âmbito teórico mais amplo no qual se insere a GSF do inglês (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Como explica Eggins (2004, p. 1-2), a Lingüística Sistêmico-Funcional é reconhecida “como uma estrutura descritiva e interpretativa muito útil para ver a linguagem como um recurso estratégico e criador de significados. Uma das maiores contribuições de Michael Halliday para a análise lingüística é seu desenvolvimento de uma gramática funcional detalhada do inglês moderno [...], mostrando como correntes simultâneas de significados são expressas nas estruturas das orações”. (Nossa tradução de “as a very useful descriptive and interpretive framework for viewing language as a strategic, meaning-making resource. One of Michael Halliday’s major contributions to linguistic analysis is his development of a detailed functional grammar of modern English [...], showing how simultaneous strands of meanings [...] are expressed in clause structures”.) Eggins (2004) ressaltava também a aplicação da Lingüística Sistêmico-Funcional em campos variados, como, por exemplo, no estudo da evolução da linguagem nas crianças e no discurso mediático bem como na interpretação de outros sistemas semióticos.

léxico-gramatical, semântico, contextual); as três metafunções que organizam o conteúdo da linguagem; e a ordem (*rank*) dos estratos fonológicos e léxico-gramaticais.

Ainda dentro do panorama acadêmico brasileiro, vale lembrar os trabalhos de Gil (1995) e Vasconcellos (1995; 1998).

Gil (1995) analisa a transitividade no conto *A Very Short Story* de Hemingway e em sua tradução para o português. A partir da afirmação de Montgomery (1993) de que as escolhas no sistema da transitividade contribuem para a construção dos personagens, Gil (1995), ao analisar os Processos no TF, chega à conclusão de que o principal personagem masculino é representado como passivo e sentimental, ao passo que a principal personagem feminina é representada como ativa, menos sentimental e mais manipuladora. Dentre os 80 Processos analisados, Gil (1995) afirma que, na tradução só, mudaram 11, tratando-se, na maioria dos casos, de Processos relacionais traduzidos por Processos verbais.

Utilizando o mesmo corpus paralelo de Gil (1995), Vasconcellos (1995) apresenta uma análise contrastiva das escolhas da modalidade. Mais especificamente, dentre os elementos realizadores de modalidade, a autora focaliza sua atenção nos auxiliares modais que realizam as atitudes dos falantes com relação ao que é dito. Vasconcellos (1995) indica seus passos metodológicos, a saber: (i) análise das orações que realizam modalidade no TF, seguida por uma discussão sobre os significados gerados por tais escolhas; (ii) apresentação das opções disponíveis para realizar os mesmos significados no TA; (iii) análise das opções escolhidas pelo tradutor entre aquelas disponíveis; e (iv) avaliação dos efeitos das escolhas do tradutor. Os resultados apontam que, dentre 15 orações com auxiliares modais no TF, 5 e 10 realizam, respectivamente, modalização (interpretação da realidade em termos de certeza, probabilidade e possibilidade por parte do falante) e modulação (intervenção direta do falante, que utiliza as expressões modais para impor obrigação, proibir ou expressar permissão ou consentimento às ações em questão). No TA, foram reconstruídas tais realizações apesar de

diferenças formais decorrentes não apenas dos sistemas lingüísticos distintos do inglês e do português, como também das escolhas do tradutor dentre as opções disponíveis. Vasconcellos (1995) afirma que, com a exceção de 2 casos de não tradução da modulação, o TA realizou os mesmos significados do TF.

Vasconcellos (1998) apresenta uma análise contrastiva entre *Araby*, um dos contos da coletânea *Dubliners*, de Joyce, e suas duas traduções brasileiras, a partir da observação de dois aspectos da transitividade: os Processos materiais e os Processos mentais. A autora lembra que, nessa perspectiva, além dos Processos e dos participantes (Ator e Meta para os Processos materiais, e Experienciador e Fenômeno para os Processos mentais) devem ser levadas em conta a agentividade e a causalidade para analisar a organização das orações em termos ergativos, isto é, de causa-efeito. A autora explica que, em *Araby*, o uso de estruturas ergativas contribui para a realização de uma atmosfera mágica em que os Processos parecem não ser induzidos por nenhuma causa externa ou Agente e em que o protagonista está à mercê de suas impressões em um mundo de objetos inanimados. Todavia, Vasconcellos (1998) afirma que, ao longo do texto, padrões léxico-gramaticais, como o uso de construções transitivas, apontam uma perspectiva narrativa centrada na consciência do personagem até se chegar, na sentença final, à conscientização da ilusão da percepção do mundo encantado do começo. A análise contrastiva aponta a tendência para a seleção nos TAs dos mesmos padrões do TF, com algumas diferenças principalmente no que diz respeito às instanciações da agentividade e à explicitação ou não tradução de repetições .

Ainda no que diz respeito ao panorama brasileiro, devem ser mencionados os trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores do projeto CORDIALL, no qual se situa a presente pesquisa. As investigações do CORDIALL se inserem na interface Estudos da Tradução–Estudos Lingüísticos e utilizam uma abordagem sistêmica seguindo um modelo empírico-descritivo. Dentre essas pesquisas, vale apresentar algumas cujo foco de análise

foram aspectos da transitividade e de apresentação do discurso, ambos de interesse para a presente investigação.

Cruz (2003) analisa os verbos de elocução em um corpus paralelo bilíngüe constituído por *Harry Potter and the chamber of secrets* e sua tradução brasileira. Os resultados apontam o predomínio do verbo neutro *say*, um maior uso de Processos comportamentais utilizados para indicar elocução e frisar os aspectos animais de alguns personagens no TF e uma maior variedade de verbos de elocução e de Processos mentais indicando elocução no TA.

Mauri (2003) também estuda os verbos de elocução, porém em um corpus diferente (a coletânea de contos *Laços de família* e sua tradução italiana). Mais especificamente, o foco são os verbos indicadores de Processos mentais das personagens femininas. Os resultados apontam algumas diferenças que, às vezes, contribuem para uma construção distinta da introspecção das personagens no TA.

Assis (2004) analisa a transitividade no corpus *Beloved–Amada* como recurso na construção da protagonista. Mais especificamente, são estudados os Processos nos quais a personagem está envolvida como participante no TF e suas instanciações no TA. Os resultados mostram padrões diferentes no que diz respeito aos tipos de Processos utilizados e à apresentação do discurso (DD no TF, e DIL no TA).

Jesus (2004) pesquisa os Processos mentais prototípicos *think/pensar* e o sistema lógico-semântico da projeção no corpus paralelo *Point counter point*, de Adolf Huxley, e sua tradução brasileira *Contraponto*, de Érico Veríssimo, e no corpus comparável *Contraponto e Caminhos cruzados* (de autoria de Veríssimo). Os resultados apontam padrões lingüísticos distintos no TF e no TA e diferenças na forma de utilizar o verbo *pensar* por Veríssimo autor e tradutor.

Cançado (2005) analisa a apresentação do discurso através dos verbos de elocução introdutórios do DD do entrevistador e do entrevistado no corpus *Interview with the vampire–Entrevista com o vampiro*. A conclusão a que chega a autora é que os padrões observados no TA remetem ao uso mais acentuado de elementos normalmente utilizados nas entrevistas em comparação com o TF.

Alves (2006) observa a apresentação do discurso em citações paratáticas no corpus *The Adventures of Huckleberry Finn* e suas duas traduções brasileiras com o intuito de verificar a tendência de não tradução dos Processos verbais nos TAs. Os resultados confirmam tal tendência além da diversificação dos Processos em uma das traduções. Em contrapartida, o autor observou uma preocupação na tradução mais recente em se aproximar dos padrões do TF.

Jesus (2008) realiza uma tríplice análise em corpus combinado. Mais especificamente, descreve as funções das orações verbais realizadas por *say/dizer* em textos de ficção não traduzidos e observa as relações de tradução de *say/dizer* em corpus paralelo sob a perspectiva de análise das propriedades de textos traduzidos. Os resultados mostram que *say/dizer* realizam funções experienciais e interpessoais na introdução do discurso com padrões diferentes em inglês e em português. Ademais, a autora aponta os equivalentes possíveis de *say/dizer*.

Com relação a outros trabalhos dos Estudos da Tradução focalizados na obra de Lispector, vale lembrar alguns que aplicaram a metodologia da Lingüística de Corpus em sua análise.

Scott (1998) é de duplo interesse para a presente pesquisa, tanto para o estudo dos padrões de dêixis como da polaridade, ambos aspectos aqui analisados na construção do ponto de vista. Em seu estudo sobre a tradução de AHDE para o inglês, a autora aponta que constituem palavras-chave os dêiticos pessoais da primeira pessoa do singular tanto no TF

como no TA. Entretanto, a negação *não*, palavra-chave em AHDE, muitas vezes não foi traduzida no TA ou, neste, foi instanciada por orações de polaridade positiva. Dessa forma, afirma Scott (1998), alguns efeitos literários podem ter se perdido no processo de tradução com conseqüências na recepção do TF na língua-alvo.

Dentro do cenário acadêmico nacional dos Estudos da Tradução, cumpre lembrar os trabalhos dos pesquisadores do projeto PETra (Padrões de Estilo de Tradutores), desenvolvido na Universidade Estadual de São Paulo, como os de Lima (2004) e de Bonalumi (2006), ambos sobre traduções de textos de Lispector, embora com focos distintos. O primeiro tem como objetivo a observação de aspectos de normalização nas traduções de *A descoberta do mundo* e de *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, as quais foram realizadas por tradutores diferentes. O segundo analisa similaridades e diferenças no uso de marcadores de reformulação e nos padrões lexicais em obras de Lispector, dentre as quais se encontra a tradução inglesa de *Laços de família*.

Esses trabalhos apresentados sumariamente são de grande contribuição para a descrição dos fenômenos tradutórios. Mais especificamente, aqueles de Gil (1995), Vasconcellos (1995; 1998) e do CORDIAL representam um válido suporte para a presente pesquisa no que diz respeito à análise de aspectos da transitividade, modalidade e apresentação do discurso, e os de Scott (1998) e do PETra constituem relevante referencial no que diz respeito a padrões da escrita clariceana. Todavia, nenhum deles focaliza o ponto de vista ficcional ou faz a correlação dos aspectos lingüísticos investigados com o ponto de vista narrativo. Algumas referências indiretas podem ser captadas ao longo da análise ou da discussão dos resultados, como, por exemplo, no que tange ao uso do DIL, porém não de forma sistemática. Cumpre tentar suprir aqui essa necessidade de aprofundar o estudo dos realizadores lingüísticos do ponto de vista narrativo e suas reconstruções na tradução.

Como já antecipado, deve-se aqui explicar alguns aspectos da GSF relevantes para a presente investigação. Tais aspectos serão aplicados de maneira mais sistemática em comparação com o que foi feito no modelo de Bosseaux (2007) aqui seguido.

Na terceira edição de *An Introduction to Functional Grammar*, Halliday e Matthiessen (2004) afirmam que o sistema da TRANSITIVIDADE⁷ diz respeito à representação do mundo. Tal sistema faz parte da metafunção ideacional através da qual a percepção de algo é verbalizada por meio da linguagem. Segundo os autores, os principais elementos que constroem lingüisticamente significados dentro de uma oração são três, a saber: o Processo, realizado por um verbo ou grupo verbal; os participantes, realizados normalmente por um grupo nominal; e as circunstâncias, realizadas geralmente por advérbios. Os Processos podem instanciar seis tipos diferentes de significado: material (ações, *e.g.*, *do* e *make*), mental (cognição, percepção e pensamento, *e.g.*, *know*, *see* e *think*, respectivamente), verbal (elocução, *e.g.*, *say*), relacional (*e.g.*, *be/have*), existencial (*e.g.*, *there is/there are*) e comportamental (*e.g.*, *laugh* e *cry*). Dependendo do tipo de Processo, mudam os termos utilizados para indicar os participantes. No caso dos Processos materiais, os principais participantes são o Ator, o Agente que realiza a ação, e a Meta à qual se dirige o Processo. Dentre os outros participantes, vale mencionar o Beneficiário, isto é, aquele que se beneficia do Processo. No que se refere aos Processos mentais, dois são os participantes: o Experienciador, que sente, pensa ou percebe, e o Fenômeno, isto é, o que é sentido, pensado ou percebido. Com relação aos Processos relacionais, Halliday e Matthiessen (2004) especificam que podem ser de tipo atributivo ou identificativo. No primeiro caso, os participantes são o Portador (substantivo) e o Atributo (qualidade ou Epíteto referente ao

⁷ Nesta parte dedicada à apresentação de Halliday e Matthiessen (2004), os nomes dos sistemas são escritos em letras maiúsculas em toda a sua extensão e os nomes dos elementos das funções estruturais com a inicial maiúscula, como indicado pelos próprios autores (HALLIDAY; MATTHIESSEN. p.113). Entretanto, ao longo da tese serão empregados os nomes dos elementos estruturais com inicial maiúscula, reservando-se o uso da caixa alta só para nomes referentes aos sistemas (assim como indicado pela GSF), e não de forma mais geral.

Portador), e, no segundo, têm-se o Identificado e o Identificador (*Alice is the clever one*), cuja posição na oração é reversível (*The clever one is Alice*). Os principais participantes dos Processos verbais são o Dizente, quem diz, e o Receptor ao qual é direcionado o que é dito. Os Processos comportamentais são Processos de “comportamento fisiológico e psicológico [...] que, semântica e gramaticalmente, se encontram no meio entre os Processos mentais e materiais” (EGGINS, 1994, p. 250-251).⁸ Os participantes são o Comportante e o Comportamento. Finalmente, nos Processos existenciais, só há um participante, o Existente, isto é, o objeto ou o fato que existem.

Halliday e Matthiessen (2004, p. 281) afirmam que a “ ‘transitividade’ é o nome do sistema inteiro que inclui tanto o modelo transitivo como o ergativo”⁹. Segundo os autores, o Processo é realizado, no modelo transitivo, por um participante ativo e, no modelo ergativo, através do Meio e causado por um Agente externo ao Processo. A relação entre o modelo ergativo e o sistema da voz é ressaltada na distinção entre orações médias (*middle*) e efetivas (*effective*). Nas primeiras, a agentividade não é explicitada (*the glass broke*) e, nas últimas, é realizada, embora nem sempre de forma explícita, por um Agente, sendo que a voz pode ser ativa (*The cat broke the glass*) ou passiva (*The glass was broken [by the cat]*).

No âmbito da metafunção interpessoal, Halliday e Matthiessen (2004, p. 143) situam o sistema da POLARIDADE e da MODALIDADE. O primeiro é “a oposição entre positivo e negativo”, e o segundo “a opinião do falante, ou o pedido de opinião do ouvinte, sobre o que está sendo dito”¹⁰. Embora, em seu estudo, Bosseaux (2007) não considere o sistema da POLARIDADE, ele é levado em consideração na análise dos dados da presente pesquisa, já que a MODALIDADE é definida por Halliday e Matthiessen (2004, p. 147) como

⁸ Nossa tradução de “physiological and psychological behaviour [...] half-way mixes both semantically and grammatically between mental and material processes”.

⁹ Nossa tradução de “[...] ‘transitivity’ is the name of the whole system, including both the ‘transitive’ model and the ‘ergative’ one”.

¹⁰ Nossa tradução de “[...] the opposition between positive and negative [...] the speaker’s judgement, or request of the judgement of the listener, on the status of what is being said”.

o sistema que realiza “os graus intermediários entre o pólo positivo e o negativo”¹¹ e, portanto, imprescindível ao estudo da MODALIDADE. Os autores especificam que, dependendo das proposições (afirmações e perguntas, função semântica da oração na troca de informação) e das propostas (ofertas e comandos, função semântica da oração na troca de bens e serviços), tais posições intermediárias se realizam de maneira diferente, a saber: modalização e modulação. A primeira constrói graus de probabilidade e de usualidade através de grupos verbais e de Adjuntos modais (*probably, usually*), ao passo que a segunda constrói graus de obrigação (em comandos) e de inclinação (em ofertas) através de verbos modais (*must, can*) e expansões do Predicado (*I'm anxious to help them*).

Depois de esclarecidos os termos da GSF que serão utilizados na pesquisa, são apresentados, na próxima seção, estudos sobre o ponto de vista ficcional e a apresentação do discurso na narrativa, indispensáveis para contextualizar os estudos sobre a tradução do ponto de vista narrativo, foco da presente investigação. Dentre esses trabalhos, figura o de Simpson (1993), seguido de perto por Bosseaux (2007). Por essa razão, e não por ordem de relevância, remete-se à apresentação do modelo de Bosseaux (2007) na última seção (1.3) deste Capítulo.

1.2 O Ponto de Vista Ficcional

Fowler (1986) analisa as estruturas lingüísticas com base na GSF hallidayana. O autor ressalta a importância de uma análise textual que leve em conta o contexto e a situação comunicativa para explicar a escolha de determinadas opções lexicais em vez de outras. Fowler (1986) frisa que só uma análise desse tipo é capaz de explicar determinadas escolhas comunicativas por partes dos escritores, além de como o léxico remete ao mundo da maneira como este é percebido pelos usuários da linguagem e como as escolhas lexicais feitas por esses usuários influenciam a formação e a veiculação das idéias. O autor remete a Halliday

¹¹ Nossa tradução de “intermediate degrees between the positive and negative poles”.

em sua explicação da organização textual baseada na progressão temática e nos elos coesivos, para cuja classificação Fowler (1986) retoma as categorias de Halliday e Hasan (1976), ressaltando a importância da transitividade na análise textual para apontar a representação do mundo na literatura. Anteriormente, em seu livro *Literature as social discourse*, Fowler (1981) já tinha demonstrado como é possível observar a estrutura de um texto através da análise de alguns aspectos lingüísticos como a coesão, a progressão (continuidade entre uma seção do texto e outra) e localização (interrupção da progressão e da coesão, desvio para chamar a atenção do leitor sobre uma determinada parte da narração). O autor, baseando-se na GSF hallidayana, se propõe a analisar a literatura como discurso, ou seja, como comunicação, e, portanto, questiona a crítica literária por não levar em conta essa visão. Embora admita que uma análise lingüística da literatura até então pressupunha uma aplicação da teoria formalista, Fowler (1981) propõe, em alternativa, técnicas que ressaltem a dimensão interativa dos textos e que considerem não apenas as relações de linguagem, mas também de ideologia e de classe social. Em outras palavras, o texto não é mais considerado um objeto, mas uma ação, um processo. É essa dimensão sociocultural que o autor opõe à visão clássica da literatura como algo completamente externo ao contexto sócio-cultural e histórico em que se manifesta, de modo que é, então, atribuída à literatura uma responsabilidade social.

Na sua análise do ponto de vista, Fowler (1986) remete à tradição estruturalista francesa e ao formalismo russo. No que se refere à primeira, retoma as noções de “focalização” (*focalization*) e de “tempo” de Genette (1972 *apud* FOWLER, 1986, p. 161-162), as quais permitem, respectivamente, distinguir pontos de vista alternativos desde os quais uma história pode ser contada e identificar a ordem, a duração e a frequência com as quais os eventos são narrados. O sistema de focalização compreende três categorias: focalização zero, no caso em que haja um narrador onisciente; focalização interna, realizada através da voz de um personagem; e focalização externa, caracterizada pela ausência de

conhecimento dos pensamentos e sentimentos dos personagens. No modelo de Genette, o sistema da focalização se entrelaça com a oposição entre a *diegesis* e a narrativa (*narrative*): a primeira é a seqüência dos fatos em ordem cronológica, a sinopse; a segunda é representada pelo texto em si. Neste, os fatos, narrados ou por um narrador externo (posição heterodiegética) ou por um personagem (posição homodiegética), podem ser apresentados também através de *flashbacks* (analepse) e *flashforwards* (prolepse).

Com referência ao formalismo russo, Fowler (1986) retoma os quatro planos do ponto de vista propostos por Uspensky (1973 *apud* FOWLER, 1986, p. 162), quais sejam: (1) ideológico, (2) fraseológico, (3) espacial e temporal e (4) psicológico. O ponto de vista ideológico se refere ao sistema de crenças e valores veiculado na linguagem dos textos e através do qual a realidade é interpretada. O ponto de vista fraseológico inclui como os personagens são nomeados e como se dá a representação de suas falas. O ponto de vista espaço-temporal corresponde à perspectiva visual e temporal por meio da qual são percebidos objetos, pessoas e eventos, principalmente através de dêiticos (*e.g. aqui, agora*). Finalmente, o ponto de vista psicológico está relacionado ao observador dos fatos na narrativa, ao seu grau de envolvimento na história e à representação das falas e dos pensamentos.

Segundo Fowler (1986), o plano fraseológico abrange outros níveis, como, por exemplo, a apresentação dos personagens e a apresentação da fala e do pensamento, inclusos, na classificação de Uspensky, no plano psicológico. Fowler (1986) não trata do plano temporal; porém, atribui bastante importância ao plano espacial devido à sua relação com estruturas específicas da linguagem. O autor concentra sua atenção principalmente no ponto de vista psicológico, que, a seu ver, remete à noção de “focalização” de Genette e apresenta certa permeabilidade com o plano ideológico. No que tange às questões relacionadas com o ponto de vista ideológico, o autor remete ao conceito bakhtiniano de “heteroglossia”, isto é, à pluralidade de vozes na narrativa, e ressalta que pode se manifestar de maneira explícita,

através de estruturas modais, ou de forma implícita. Neste último caso, Fowler ressalta a importância da teoria hallidayana para desenvolver técnicas de descrição da ideologia implícita (por exemplo, através da análise da transitividade) na linguagem utilizada pelo narrador ou pelos personagens. Fowler (1986) frisa também que há dois tipos de ponto de vista psicológico, dependendo de quem é apresentado como o observador dos eventos: interno e externo. A narração interna se realiza desde o ponto de vista da consciência de um personagem (tipo A) ou desde o ponto de vista de alguém que, embora não seja um personagem, tem acesso aos sentimentos dos personagens (autor onisciente, tipo B). No que se refere ao ponto de vista externo, o narrador não tem acesso aos sentimentos e sensações dos personagens (tipo C) e, às vezes, é também ressaltada a limitação do conhecimento autorial (tipo D).

Dentre os estudos sobre o ponto de vista na narrativa, o modelo de Simpson (1993) é o que mais se destaca por retomar modelos anteriores de outros autores e por utilizar mais amplamente a GSF como base para análise. Simpson (1993) retoma as quatro categorias do ponto de vista propostas por Fowler (1986), isto é, espacial, temporal, psicológica e ideológica, embora focalize sua atenção nas três primeiras.

Na apresentação de Simpson (1993), o ponto de vista espaço-temporal se refere ao posicionamento do narrador com relação aos lugares e à dimensão temporal da narração, cuja realização lingüística são os dêiticos pessoais (pronomes pessoais, demonstrativos) e os advérbios de tempo e de lugar indicadores de proximidade ou distância com relação ao narrador (*aqui, lá, agora, naquele momento* etc.), além de expressões locativas (*debaixo de, sob, em cima de* etc.) e de verbos dêiticos (*levar, trazer* etc.) que denotam a posição de pessoas e objetos em relação ao narrador e ao leitor.

Entre o ponto de vista espaço-temporal e o psicológico, Simpson (1993) situa a apresentação da fala e do pensamento como um elo entre os dois. O autor aponta o modelo de

Leech e Short (1981) como o mais flexível para a análise da apresentação da fala e do pensamento, devido ao fato de se basear em critérios lingüísticos específicos que permitem a aplicação a estudos sobre o ponto de vista psicológico.

De fato, Leech e Short (1981) foram pioneiros no estudo da apresentação do discurso e do pensamento. Os autores tratam das duas apresentações separadamente porque, embora os modos de realização sejam os mesmos, elas têm efeitos diferentes. Leech e Short (1981) apontam cinco tipos de apresentação do discurso: o discurso direto (DD), o discurso indireto (DI), o discurso direto livre (DDL), a narração de atos de fala (NAF) e o discurso indireto livre (DIL). O DD é construído através de verbos no presente e é introduzido por um verbo de elocução e por aspas; o DDL realiza a fala tal como surge na cabeça do personagem, na primeira pessoa do singular e sem ser introduzido por um verbo de elocução; o DI constrói a fala do personagem no passado relatada pelo narrador; o DIL instancia a fala do personagem através do ponto de vista do narrador utilizando o tempo passado e a terceira pessoa do singular, normalmente sem verbos de elocução nem aspas ou travessões; e a NAF é um enunciado que indica, basicamente, o que foi dito. Segundo Leech e Short (1981), dentre as variedades de apresentação do discurso, as que mais refletem o controle do narrador são a NAF e, parcialmente, o DI e o DIL, sendo, ao contrário, o DD e DDL as formas que mais se afastam do seu controle. Por outro lado, os autores afirmam que a norma de apresentação da fala é o DD.

Com relação à apresentação dos pensamentos, Leech e Short (1981) ressaltam que a diferença marcante entre esta e a apresentação da fala é que a primeira é um artifício narrativo que permite penetrar nas cabeças dos personagens, recriando, através da técnica do fluxo de consciência, não só os pensamentos desses personagens, mas também a seqüência com a qual tais pensamentos se manifestam no seu consciente. As categorias da apresentação do pensamento são as mesmas daquelas da fala (em ordem decrescente de “interferência” do

narrador): narração de atos de pensamentos (NAP), pensamento indireto (PI), pensamento indireto livre (PIL), pensamento direto (PD) e pensamento direto livre (PDL). Dentre tais categorias, os autores apontam o (PI) como norma para a apresentação do pensamento.

A apresentação do discurso foi estudada também pelo crítico literário David Lodge (1992). De particular interesse para a presente pesquisa é a afirmação do autor sobre o DIL. Na sua opinião, esse recurso expressa os pensamentos como discurso indireto, porém mantendo um vocabulário apropriado à personagem e, freqüentemente, sem explicitar os verbos de elocução que introduzem o pensamento (*e.g.*, pensou e *refletiu*, dentre outros). O DIL cria no leitor a ilusão de conhecer os pensamentos dos personagens, mas sem renunciar totalmente à participação do narrador no discurso. Segundo o autor, o monólogo interior, por outro lado, representa a verbalização, em primeira pessoa, dos pensamentos dos personagens, assim que acontecem.

Short, Semino e Culpeper (1996) e Semino e Short (2004), desenvolvendo o modelo de Leech e Short (1981), analisam a apresentação da fala e do pensamento em um estudo baseado em corpus. Os autores remetem à classificação de Leech e Short (1981), ressaltando que estes apontaram o DD e o PI como normas para, respectivamente, a apresentação da fala e do pensamento, seguindo um critério semântico ligado à fidelidade ao que é falado ou pensado. A análise baseada em corpora, como a de Short, Semino e Culpeper (1996) e a de Semino e Short (2004), permite observar tais normas em termos quantitativos, levando em conta as reais instâncias de uso dos vários tipos de apresentação do discurso. Como tiveram que lidar com instâncias que não se encaixavam nas categorias de Leech e Short (1981), os autores criaram duas novas categorias: a voz narrativa (VN) e a narração interior (NI). A VN implica um grau de envolvimento do leitor com a situação comunicativa original ainda menor que na NAF, ou seja, o narrador se limita a comunicar ao leitor que houve alguma conversa embora não mencione quais foram os atos de fala. Tal como a VN, a

NI também implica um maior grau de intervenção do narrador, que relata atividades cognitivas e estados emocionais dos personagens (e não pensamentos). Os autores alertam que só se incluem nessa última categoria as experiências cognitivas e emocionais, sendo as percepções parte da narração. Short, Semino e Culpeper (1996) e Semino e Short (2004) fizeram a etiquetagem de seu corpus seguindo essas categorias e afirmam ter tido dificuldade na hora de classificar alguns casos que se encontravam no limiar entre a NI e a simples narração, isto é, casos ambíguos que foram codificados no limite entre as duas categorias. Os resultados da análise dos autores confirmaram quantitativamente o uso do DD como norma na apresentação da fala; contudo, na apresentação do pensamento, o PIL, e não o PI, resultou ser a norma, talvez devido ao amplo uso do fluxo de consciência nos romances do século XX, alguns dos quais constituíram parte do corpus analisado. Não obstante, os autores concordam com Leech e Short (1981), afirmando que a norma de apresentação do pensamento, qualquer que seja, tende a ser PI, e não PD.

Simpson (1993) esclarece que há três abordagens diferentes para se analisar a voz narrativa realizadora do ponto de vista psicológico. A primeira é a estruturalista, da linha de Genette (1980 *apud* SIMPSON, 1993, p. 31), que trata dos princípios abstratos da literatura e focaliza sua atenção em unidades narrativas maiores. Simpson (1993) especifica que, no modelo de Genette, o sistema de focalização se aproxima muito ao que ele indica como ponto de vista psicológico. Simpson (1993) destaca que, apesar da utilidade das categorias propostas por Genette, o modelo estruturalista não oferece critérios lingüísticos claros para se identificar o ponto de vista nos textos.

A segunda abordagem do ponto de vista psicológico é a gerativa, de cunho chomskyano, cujo interesse são as sentenças. Simpson (1993) frisa que, sendo a noção de gramaticalidade dos enunciados um dos princípios básicos da abordagem gerativa, a aplicação desta aos textos literários resulta ser problemática.

A terceira abordagem é a interpessoal de tipo hallidayano, seguida por Fowler (1986) e pelo próprio Simpson, cujo interesse são os recursos lingüísticos usados pelos narradores para orientar a narração em direção aos leitores. Simpson (1993) destaca que, embora compartilhe o interesse pelas unidades narrativas maiores do modelo estruturalista e pelas estruturas gramaticais dos gerativistas, a abordagem interpessoal se diferencia por considerar as realizações lingüísticas como construtoras do que o autor chama de *feel* do texto, isto é, seu ponto de vista. Dentre os aspectos da função interpessoal da linguagem, Simpson (1993) aponta a modalidade como o mais importante e indica quatro principais sistemas modais do inglês, a saber: (1) aquele que realiza obrigação, dever e engajamento (*deontic*), (2) aquele que instancia desejo (*boulomaic*), (3) aquele que se refere à segurança ou insegurança com relação à veracidade das proposições (*epistemic*) e (4) aquele que se refere ao grau de engajamento e à veracidade das proposições com base na percepção visual (*perception*). Esses quatro tipos de modalidade se realizam através de verbos modais, adjetivos, participios e outros recursos como, por exemplo, verbos modais lexicais (*e.g.*, *pensar, esperar e desejar*).

Apesar de considerar o modelo de Fowler (1986) não apenas por “identificar categorias estruturais na narrativa, mas também por providenciar critérios lingüísticos claros para reconhecê-las” (SIMPSON, 1993, p. 43)¹², Simpson (1993) amplia o modelo do antecessor com o intuito de apontar de forma ainda mais clara realizações lingüísticas referentes aos diferentes tipos do ponto de vista. Com essa intenção, o autor propõe uma gramática da modalidade do ponto de vista na ficção em que distingue entre duas categorias. A primeira (categoria A) corresponde à narração homodiegética de Genette e é caracterizada pela participação de um ou de mais de um personagem na primeira pessoa. A segunda (categoria B) corresponde à narração heterodiegética de Genette, na qual os eventos são

¹² Nossa tradução de “[...] identify structural categories in narrative but also to provide clear linguistic criteria for their recognition”.

contados na terceira pessoa. Na categoria B, se o narrador se mantém totalmente externo aos fatos, fala-se em “modo narrativo” (N); se o narrador é onisciente e apresenta os pensamentos e as sensações dos personagens, fala-se em “modo refletor” (R). Cada categoria pode ser positiva, negativa ou neutra. Na categoria A+/B+, prevalecem os indicadores de obrigação e de desejo, com adjetivos e advérbios avaliativos e *verba sentiendi*, isto é, verbos indicadores de pensamentos, sensações e percepções. Na categoria A-/B-, prevalecem advérbios e verbos auxiliares indicadores de incerteza (*provavelmente, talvez e deve ter sido*, etc.), além de estruturas comparativas que expressam (in)segurança e questões de engajamento com relação à percepção da realidade (*parece...como se*). A categoria A neutra/B neutra, por sua vez, é caracterizada pela ausência de modalidade, isto é, o narrador ou os personagens não opinam sobre os fatos.

Toolan (2001) retoma o termo “focalização” de Genette para se referir ao ponto de vista desde o qual a narração é contada. O autor afirma que utiliza o termo “orientação” (*orientation*) como correspondente inglês do termo francês de Genette em lugar de ponto de vista, porque este possui uma conotação meramente visiva (e não cognitiva, emotiva e ideológica). Além disso, Toolan (2001) sublinha que o termo ponto de vista não leva em consideração que o narrador, isto é, quem conta ou pensa, não necessariamente coincide com o personagem, isto é, quem atua. Partindo desse pressuposto, o autor distingue entre focalização externa, em que a orientação não está associada a nenhum dos personagens, e focalização interna, através da qual os fatos são narrados desde o ponto de vista de um personagem. Toolan (2001) remete às facetas da focalização de Rimmon-Kenan (1983 *apud* TOOLAN, 2001, p. 62): a perceptiva (*perceptual*), a psicológica e a ideológica. A dimensão perceptiva da focalização depende do tipo de narrador (por exemplo, o narrador onisciente terá uma visão espaço-temporal bem maior que a de um personagem), ao passo que a faceta psicológica revela muito do aspecto avaliativo da linguagem. Toolan (2001), seguindo

Rimmon-Kenan (1983), distingue entre focalização cognitiva (onisciência ou conhecimento limitado dos personagens) e emotiva (neutralidade ou envolvimento nos fatos narrados). O autor ressalta que, em uma focalização emotiva, os fatos são representados de maneira que construam os sentimentos e as sensações dos personagens. No que se refere à faceta ideológica, a norma dominante é a do narrador; porém, pode haver uma justaposição de orientações ideológicas diferentes. Com relação à narração, Toolan (2001) salienta que a terminologia tradicional (primeira ou terceira pessoa, narrador onisciente ou limitado etc.) só contribui para pôr a atenção sobre o narrador em vez da narração em si. Além disso, o autor afirma que esses tipos de distinções são mais textuais e lingüísticas que psicológicas. Toolan (2001) remete à classificação dos modos narrativos de Simpson (1993), que, em sua opinião, merece particular atenção pelo fato de considerar os vários níveis de engajamento dos narradores com suas narrações. Toolan (2001) aponta o elo dos tipos de narração com a modalidade e a avaliatividade como um indicador potente do ponto de vista, isto é, da subjetividade do falante ou do escritor, bem como da interação entre o receptor e o remetente.

Toolan (2003) esclarece que o termo modalidade em lingüística inclui as maneiras disponíveis ao falante para expressar opinião ou atitude. Em outras palavras, a modalidade oferece os meios lingüísticos para qualificar o que é dito em termos de probabilidade, obrigação, disposição ou freqüência. É importante ressaltar que Toolan (2003) aponta a função da modalidade como reveladora das atitudes e dos julgamentos do falante. O autor apresenta as maneiras mais utilizadas para expressar modalidade: verbos modais, advérbios modais e outros meios. Nesta última categoria, se inserem todos os casos nos quais a modalidade não está explicitamente expressa através de itens lexicais, mas necessita ser interpretada dentro dos significados textuais. O autor sugere outros meios para indicar atitude ou posicionamento ideológico do falante implícitos nos verbos, adjetivos e advérbios avaliativos e nas frases genéricas.

Em seu manual destinado aos estudantes de estilística, Simpson (2004) apresenta, de forma simplificada e resumida, seu modelo do ponto de vista narrativo de 1993. O autor define o ponto de vista como a perspectiva através da qual uma história é contada e que contribui para o estilo da narração. Depois de ter retomado a distinção entre narração heterodiegética e homodiegética, Simpson (2004) ressalta que se, por um lado, a narração em primeira pessoa possui a vantagem de transmitir diretamente o que é vivenciado pelo personagem, por outro, essa mesma vantagem não permite aquela distância irônica entre o narrador e os personagens que caracteriza várias narrações. O autor indica pistas estilísticas do ponto de vista, isto é, a dêixis e as expressões locativas. Enquanto a primeira situa a voz narrativa no espaço físico de modo que tudo se movimenta em direção a essa voz, as últimas expressam as relações espaciais. Além disso, Simpson (2004) frisa que, nos casos de focalização atenuada, o ponto de vista limitado se expressa através de substantivos genéricos.

Como havia feito em seu trabalho de 1993, o autor repropõe o modelo dos tipos de ponto de vista de Uspensky, retomado por Fowler (1986), com sua repartição em ponto de vista ideológico, temporal, espacial e psicológico. Contudo, embora admita que se trate de um modelo significativo, Simpson (2004) o considera relativamente confuso e, por isso, propõe uma simplificação. No que se refere ao ponto de vista ideológico, o autor o define como a maneira pela qual um texto reflete crenças ideológicas através dos personagens, do narrador e do autor. Entretanto, o autor alerta que tal noção é muito ampla e não dá conta de elementos narrativos mais específicos. Em se tratando do ponto de vista no plano temporal, Simpson (2004) explica que se refere às relações de tempo na narração (repetições, *flashbacks* e *flashforwards*) e à duração, isto é, a extensão temporal que expressa as impressões de que um determinado fato pode ser acelerado ou desacelerado. O autor salienta que o ponto de vista temporal parece estar mais relacionado às estruturas narrativas que à questão da focalização e que isso deve ser levado em conta sempre que se queira abordar o conceito. Simpson (2004)

ressalta que, enquanto as duas primeiras categorias (*i.e.*, o ponto de vista ideológico e temporal) são muito amplas, as duas últimas (*i.e.*, espacial e psicológica) realmente expressam a noção de ponto de vista. O ponto de vista espacial envolve dêixis e Adjuntos que são concretamente localizáveis no texto. O ponto de vista psicológico é expresso pelas referências às sensações e aos pensamentos do narrador. Simpson (2004) indica o elo entre ponto de vista espacial e psicológico na medida em que o primeiro representa uma das dimensões do segundo.

A exploração de Simpson (2004) da noção de ponto de vista é completada pela consideração de que a função interpessoal trabalha em conjunto com a função experiencial na narração e de que as duas são importantes marcadores de estilo. O autor explica que a função interpessoal, principal veículo do ponto de vista psicológico, se realiza principalmente através da modalidade, isto é, o meio pelo qual são expressas crenças, atitudes e obrigações naquilo que é narrado. O autor frisa que, dependendo dos tipos de realizações da modalidade, pode haver mudança na nuance da narração. A modalidade que expressa desejo e obrigação e que geralmente se realiza através de verbos modais e *verba sentiendi* indicadores de pensamentos, sensações e percepções, fornece uma interpretação pessoal das experiências narradas e atribui nuance positiva à narração. A modalidade que expressa julgamento e crença, caracterizada por marcadores modais e palavras de estranhamento por parte do narrador, que tenta dar um sentido ao que está sendo contado, constrói nuance negativa. Simpson (2004) especifica que há também um terceiro tipo de marca, a neutra, correspondente ao que Genette chamava de “focalização externa”, caracterizada pela ausência de modalidade narrativa e pelo uso de afirmações categóricas. Além disso, o autor esclarece que tudo se complica quando a narração é realizada em terceira pessoa, porque não fica claro se os modais se referem às personagens ou ao narrador, ou seja, se geram certa ambigüidade a respeito de quem é o ponto de vista.

Dentre os estudos aqui apresentados, foi escolhido, para aplicação na presente pesquisa, o de Simpson (1993) por duas razões, a saber: (i) seu modelo é o que mais detalhadamente aponta quais são as instanciações lingüísticas do ponto de vista narrativo; e (ii) sua aplicação na análise do ponto de vista na tradução, realizada por Bosseaux (2007), mostrou-se profícua, como será explicado na subseção a seguir.

1.3 O Ponto de Vista na Tradução

Dentre outros autores nos quais se baseia Bosseaux (2007) e que tratam da questão do ponto de vista na tradução de obras literárias, compete salientar Levenston e Sonnenschein (1986), May (1994) e Parks (1998).

Levenston e Sonnenschein (1986) apresentam, em primeiro lugar, algumas noções básicas na descrição de técnicas narrativas, prestando atenção aos problemas que essas noções acarretam na teoria da tradução. Os autores retomam as noções de “voz” e “modo” de Genette (1972 *apud* LEVENSTON; SONNENSCHHEIN, 1986, p. 49) e o termo “focalização” usado por Bal (1983 *apud* LEVENSTON; SONNENSCHHEIN, 1986, p. 50), os quais remetem ao narrador e aos personagens na apresentação do ponto de vista que envolve percepção, cognição e agentividade.

Os autores analisam elementos lingüísticos indicadores de ponto de vista em textos ingleses e em suas traduções para o francês e o hebraico e apontam mudanças de registro (de formal a neutro) que encobrem a focalização nos personagens. Em outro exemplo, Levenston e Sonnenschein (1986) mostram como tais realizadores foram mantidos e como foi adicionada a pontuação (exclamações) para deixar mais clara a voz do personagem. Os autores remetem a Toury (1977 *apud* LEVENSTON; SONNENSCHHEIN, 1986, p. 53) para dar sustentação teórica às suas afirmações sobre as mudanças na tradução de textos de ficção para o hebraico e afirmam que há uma tendência a elevar o nível da linguagem das traduções

ao encontro do estilo alto, considerado adequado na literatura hebraica. Os autores apresentam as categorias textuais por meio das quais a focalização pode ser detectada; no entanto, alertam sobre a importância de uma análise que leve em conta todo o texto devido ao uso de outros recursos que ajudam a reconstruir o ponto de vista do TF além dos realizadores das categorias mencionadas. As quatro categorias são: (1) itens lexicais restritos a determinados registros; (2) colocações e clichês; (3) ordem de palavras, de fundamental importância no caso do hebraico; e (4) DIL, em que a voz é do narrador, mas o ponto de vista é do personagem. No que diz respeito à última categoria, Levenston e Sonnenschein (1986) frisam que, ao se reconstruir, no TA, o DIL por meio de DD ou DI, muda-se a atribuição da voz narrativa, que, no primeiro caso (DD), passa a ser do personagem e, no segundo (DI), do narrador. Pela mesma razão, acaba-se perdendo o tom irônico às vezes encoberto pelo uso do DIL, que apresenta ambigüidade de atribuição ao narrador ou ao personagem.

Depois de ter apresentado os exemplos, os autores fazem um rápido apanhado de alguns estudos das realizações lingüísticas do ponto de vista narrativo. Uspensky (1973 *apud* LEVENSTON; SONNENSCHHEIN, 1986, p. 55) é citado pelo estudo do uso de alguns tempos verbais russos normalmente reservados à voz narradora e de outros, atribuídos aos personagens. O estudo de Halliday (1971) sobre *The Inheritors* de Golding é apontado como caso em que a transitividade é observada para distinguir as diferentes perspectivas do homem de Neandertal e do *Homo sapiens*. Finalmente, é lembrado um artigo de Fowler (1982 *apud* LEVENSTON; SONNENSCHHEIN, 1986, p. 56) em que são analisados elementos dêiticos e modais, além de tematização e escolhas de estruturas ativas ou passivas como indicadores do ponto de vista.

Embora não encontradas no seu corpus de análise, Levenston e Sonnenschein (1986) apontam outras possíveis realizações lingüísticas do ponto de vista, como dialeto geográfico, reproduções gráficas de pronúncia e palavras com conotações fortes, normalmente

de difícil tradução em contextos culturais diferentes aos do TF.

A intenção de May (1994) é propor uma hipótese segundo a qual o tradutor de uma obra literária, preso entre o texto e o autor, normalmente leva em conta a voz do autor em detrimento daquela do narrador, com conseqüências na recepção do TA na cultura-alvo. A autora deseja demonstrar a tendência para a normalização das traduções inglesas de obras da literatura russa das décadas de 1960 e 1970, principalmente no que diz respeito às mudanças sintáticas que levam a desconsiderar os elementos subjetivos da voz narradora com conseqüentes alterações no estilo literário. Mais especificamente, May (1994) se refere a determinados personagens, como as camponesas e a juventude urbana, representados sob uma perspectiva simpatizante e envolvida apesar de não terem voz própria por causa da censura.

May (1994) aponta alguns mecanismos lingüísticos no russo para construir uma voz narradora. A autora afirma que, mesmo faltando a narração na primeira pessoa, ainda é possível realizar a ilusão da fala em uma narração onisciente através de construções impessoais e da inclusão de linguagem coloquial e de dêiticos que colocam o narrador em uma dimensão espaço-temporal próxima aos personagens. Segundo May (1994), raramente os tradutores levam em conta tais indicadores, com a conseqüente falta de contato com o leitor. A autora aponta como, às vezes, são reconstruídos os dêiticos, mas, por outro lado, são normalizados ordem de palavras, léxico e sintaxe e não são traduzidas interjeições de efeito irônico que remetem ao cinismo do narrador com relação ao que ele mostra.

O interesse de May (1994) são as mudanças lingüísticas dentro do texto: os personagens falam através do narrador, isto é, permeiam seu discurso se relacionando diretamente com o leitor (função conativa do texto pela qual o narrador leva o leitor para dentro da história). Contudo, muitas vezes, é atribuída ao narrador mais onisciência na tradução que no TF apesar da relação narrador-leitor ser parte intrínseca da estrutura e do significado de um texto narrativo. Consoante a autora, uma tradução que não leva em conta

esse aspecto narrativo produz uma nova relação narrador-leitor no TA.

Em seu livro didático *Translating style: The English Modernists and their Italian Translators*, Parks (1998) se propõe a averiguar como, a partir da comparação entre TFs em inglês e suas traduções para o italiano, pode-se compreender melhor os TFs e descobrir dificuldades na tradução. Depois de apresentar detalhadamente os estilos dos autores modernistas ingleses Lawrence, Joyce, Woolf, Beckett, Henry Green e Barbara Pym, Parks (1998) analisa as diferenças estilísticas entre algumas obras desses autores e suas respectivas traduções italianas. De acordo com o autor, as mudanças lingüísticas nos TAs apontam o estilo dos TFs. Por exemplo, na análise de *Women in Love*, de D.H. Lawrence, o autor mostra como a tradução do advérbio *fearfully* por *tremendamente* não reconstrói a rede coesiva que é desencadeada pelo citado advérbio no TF. Na tradução de *A portrait of the artist as a young man*, de James Joyce, o uso de aliterações e sintaxe invertida típica do estilo joyceano não é realizada no TA. Tais mudanças, segundo o autor, levam a considerar os elementos mudados no TA como importantes características do estilo de Joyce e de sua visão do mundo.

O propósito de Parks (1998) é mostrar como a tradução pode dar pistas sobre as obras literárias e ser instrumento para a crítica literária. Eco (2003), embora aprecie a análise de Parks (1998), adverte sobre a importância da leitura crítica e do trabalho de pesquisa documental do TF tanto para traduzi-lo como para se averiguar se a interpretação do tradutor está correta antes de se apontarem mudanças no TA.

Antes da publicação, em 2007, do seu livro *How does it feel? Point of view in translation*, baseado na sua tese, Bosseaux já tinha publicado a primeira parte dos resultados da sua análise. Por exemplo, em um artigo de 2004, a autora observa, a partir das ferramentas dos Estudos da Tradução baseados em corpora, um dos aspectos lingüísticos indicadores do ponto de vista, isto é, o DIL, em três traduções francesas de *To the lighthouse*, de Virginia Woolf, para averiguar se e como as escolhas do tradutor mudam as estruturas narratológicas.

Bosseaux (2004) remonta aos formalistas russos e aos estruturalistas franceses para definir a noção de ponto de vista como localizado na narração de uma história. Além disso, remete à noção de focalização e às quatro categorias do ponto de vista de Simpson (1993). Bosseaux (2004) afirma que é impossível produzir um texto sem deixar nenhuma marca de estilo próprio do tradutor e que o estilo do texto é atribuível ao ponto de vista nesse texto. Dentre os recursos lingüísticos indicadores do ponto de vista, a autora indica o DIL como um recurso estilístico interessante a ser investigado na tradução, porque muitos estudos revelam que, devido à sua natureza heterogênea, normalmente se verifica homogeneização enunciativa na tradução. Em outras palavras, no DIL, a voz do personagem é filtrada através do ponto de vista do narrador e, por isso, é de difícil identificação, embora haja indícios que apontem para sua presença, como, por exemplo, o uso do tempo passado em combinação com advérbios de tempo presente e de lugar que se referem à experiência imediata do personagem, advérbios indicadores de debate e insegurança por parte dos personagens, exclamações e interrogações. Os resultados da análise de Bosseaux (2004) indicam que um menor acesso direto às palavras focalizadoras dos personagens, isto é, uma menor mescla entre personagens e narrador ou a utilização de outros tipos de discurso determina uma mudança do estilo do texto traduzido.

O conteúdo completo da tese de Bosseaux, como previamente mencionado, é apresentado em seu livro de 2007, em que é focalizada a noção de ponto de vista na ficção e destacada a importância de se demonstrar a presença do tradutor no texto traduzido. A autora se propõe a demonstrar que mudanças nas realizações lingüísticas do ponto de vista podem alterar o que ela, retomando o termo de Simpson (1993), chama de universo ficcional do texto (*feel*).

Concordando com Baker (2000) sobre a noção de estilo do tradutor, Bosseaux (2007) leva em conta a voz do tradutor como meio através do qual são realizadas mudanças na tradução.

Dentre os modelos de análise textual, Bosseaux (2007) segue Halliday (1971, 1976, 1994), que, como a autora frisa, embora não esteja voltado exclusivamente para textos literários nem leve em consideração exemplos de tradução, fornece um modelo de análise textual que aponta o elo entre escolhas lingüísticas e estilo. Além disso, Bosseaux (2007) lembra que as categorias hallidayanas foram retomadas no modelo de Simpson (1993), seguido pela autora na sua análise.

À luz desse modelo, Bosseaux examina elementos lingüísticos relacionados a quatro aspectos do ponto de vista (dêixis, modalidade, transitividade e DIL) para detectar diferenças entre os TFs e os TAs. Dentre as quatro categorias, a dêixis é a que se relaciona ao ponto de vista espaço-temporal e realiza a posição do narrador e a dimensão temporal em que os personagens se situam. Elementos dêíticos são pronomes e adjetivos demonstrativos, pronomes pessoais, artigos definidos, advérbios e expressões que indicam lugar e categorias verbais e tempos verbais. No que se refere à modalidade, Bosseaux (2007) retoma as diferentes categorias de Simpson (*deontic, boulomaic, epistemic, perception*) e sublinha que essas refletem à presença do narrador e dos personagens e ao seu ponto de vista psicológico e se realizam através de verbos, de advérbios modais e de construções lexicais.

A autora ressalta também que o modelo de gramática modal proposto por Simpson (1993) aponta os elementos atitudinais da linguagem, isto é, aqueles que realizam a atitude do falante em relação ao que é falado. Bosseaux (2007) afirma que a abordagem interpessoal de Simpson se caracteriza pelos elementos lingüísticos utilizados pelos narradores para orientar sua narração aos leitores e lembra as duas categorias, A (narração na primeira pessoa) e B (narração na terceira), e suas diferentes modalidades (positiva, negativa, neutra, modo narrativo e refletor).

No que se refere à transitividade, o nó central, na opinião de Bosseaux (2007), está na agentividade dos Processos, importante porque reveladora das disposições e

habilidades dos personagens, além do estilo do autor.

Com relação ao DIL, a autora remonta, dentre outros, à definição de Leech e Short (1981) de um tipo de discurso considerado uma mescla de voz narradora com a dos personagens. Nesse discurso, há um controle parcial do narrador sobre o que é pensado ou falado pelo personagem e são utilizados verbos no tempo passado na terceira pessoa do singular com elementos dêiticos da primeira pessoa, além de exclamações, interrogações e advérbios que indicam certo debate interior. A autora afirma que vários estudos demonstraram certa homogeneização nas traduções, isto é, uma tendência a desambiguar o DIL utilizando um discurso mais ou menos direto do TF.

A metodologia utilizada por Bosseaux (2007) é a dos Estudos da Tradução baseados em corpora, como, dentre outros, Munday (1998; 2002), Kenny (2001) e Baker (2000). A partir do uso dos programas *WordSmith Tools*® e do *Multiconcord*®, a autora analisa itens lingüísticos indicadores de dêixis, transitividade e modalidade, em *The Waves*, e de DIL, em *To the Lighthouse*, ambos de Virginia Woolf, e em algumas traduções destes para o francês. Bosseaux (2007) deixa claro que sua análise foi realizada sem conhecer *a priori* quais seriam os resultados e observando, primeiramente, elementos lingüísticos, tanto nos TFs como nos TAs, para depois considerar quais mudanças seriam acarretadas na construção do ponto de vista.

Antes de descrever sua análise, Bosseaux (2007) apresenta os dois romances estudados enfatizando a técnica narrativa presente neles. Também apresenta as três traduções francesas de *To the Lighthouse* e as duas de *The Waves*, levando em conta os respectivos tradutores, suas idéias de tradução e críticas sobre suas traduções.

Os passos metodológicos seguidos por Bosseaux (2007) em sua análise nos dois textos de Woolf são basicamente três. A partir da observação das listas de palavras do TA, a autora selecionou os itens lingüísticos que lhe interessaram e que foram, depois, utilizados

como termos de pesquisa no *Multiconcord*®, para compará-los com as respectivas traduções. Bosseaux (2007) salienta que, embora a seleção dos elementos lingüísticos tivesse que ser feita manualmente, o uso do *WordSmith*® e do *Multiconcord*® acelerou o processo de busca e lhe permitiu ter uma noção da estrutura geral dos textos a partir dos dados quantitativos e estatísticos apresentados. Mesmo assim, a autora esclarece que permanece sempre o lado subjetivo na pesquisa devido à interpretação pessoal dos dados levantados e à seleção de alguns itens em vez de outros.

No que se refere à análise de *To the Lighthouse*, Bosseaux (2007) se propõe a averiguar afirmações da crítica literária sobre a homogeneização das estruturas narrativas nas traduções. Seu objetivo é analisar se as escolhas sintáticas e lexicais dos tradutores determinam uma mudança no ponto de vista dos TAs. Especificamente, a autora analisa, em primeiro lugar, exclamações (*yes, oh, of course*), interrogações (*but how, but why*), advérbios de tempo presente (*now*) e de lugar próximo ao falante (*here*) em co-ocorrência com verbos no tempo passado e advérbios que indicam debate interior e incerteza (*certainly, surely, perhaps*) como indicadores de DIL no TF. Bosseaux (2007) frisa que a presença de tais itens nem sempre é indicadora de DIL e que, por isso, deve-se considerar o contexto dentro do qual esses elementos se instanciam. Em um segundo momento, ela compara os trechos do TF nos quais esses indicadores aparecem com as respectivas traduções, levando em conta, dessa maneira, o contexto em que se realizam. A autora afirma que os resultados alcançados nessa primeira parte da análise foram limitados devido ao fato de que as mudanças nas traduções não foram muito relevantes. Porém, graças ao suporte informático, ela pôde demonstrar que o característico hibridismo do DIL foi reconstruído em maior medida em uma das três traduções. Além disso, embora reconheça a dificuldade de estabelecer os efeitos das escolhas de recursos lingüísticos diferentes na construção do ponto de vista narrativo, a autora ressalta que as mudanças apontadas na tradução determinaram diferenças nos TAs, como, por

exemplo, o uso de outro tipo de discurso em vez do DIL ou uma mescla menor entre a voz do narrador e a dos personagens. Finalmente, Bosseaux (2007) afirma que esses primeiros resultados confirmaram a hipótese de Berman (1995) segundo a qual as retraduições de um mesmo TF seguem mais de perto as realizações lingüísticas do TF que a primeira tradução. Tais resultados foram comprovados também no trabalho de Alves (2006) dentro do projeto CORDIALL (*cf.* seção 1.1).

No que se refere a *The Waves*, Bosseaux (2007) aponta que esse texto é caracterizado por monólogos interiores dos personagens, com interlúdios da voz narradora. Nesses interlúdios, o ponto de vista espacial e temporal é expresso através de elementos dêiticos, como, por exemplo, o pronome pessoal *I*, utilizado freqüentemente e de forma repetida para enfatizar a voz do personagem e dar um efeito dramático a certos trechos. Aqui, mais uma vez, a autora destaca que, sem contar com o apoio informático, selecionou alguns trechos que continham o pronome em primeira pessoa do singular, demonstrando a importância da intervenção do pesquisador com suas escolhas pessoais. Bosseaux (2007) aponta que a não reprodução das repetições de *I* nos TAs determina uma menor ênfase nos sentimentos dos personagens. Com relação à dêixis espaço-temporal, a autora afirma que há também uma menor repetição, principalmente em um dos dois TAs, com conseqüente mudança do ritmo da narração do TF e de ênfase nos pensamento dos personagens.

Depois de ter analisado a dêixis, Bosseaux (2007) apresenta os resultados da análise da modalidade, considerada por ela como a categoria mais representativa do ponto de vista narrativo devido ao fato de se referir aos aspectos atitudinais dos personagens e do narrador. Partindo dos resultados da análise da dêixis, Bosseaux (2007) observa uma maior sistematicidade na reconstrução de elementos modais em uma das duas traduções e, em contrapartida, uma menor tendência à instanciação de repetições na outra. Utilizando o modelo de Simpson, a autora observa a maneira pela qual os personagens são apresentados.

Para alcançar esses objetivos, Bosseaux (2007) analisa, em primeiro lugar, a tradução daqueles por ela denominados de “elementos modais de obrigação” (*must, should*) para observar a atitude dos personagens em relação à necessidade e à obrigação. Em segundo lugar, é analisada a “modalidade de permissão” (*can, may, might, could*) para averiguar a tradução de elementos indicadores de habilidade dos personagens e sua visão sobre possibilidade e permissão. Em terceiro lugar, a autora analisa os *verba sentiendi to feel* e *to know* para localizar trechos indicadores da categoria A+ e A-, isto é, respectivamente, realizações lingüísticas de obrigação e desejo e de incerteza com relação à percepção da realidade. Finalmente, Bosseaux (2007) apresenta exemplos de modalidade, tanto no TF como no TA, junto com contextualizações de dêixis e transitividade. A conclusão a que chega a autora é que os tradutores seguem estratégias diferentes na tradução da modalidade. Uma das tradutoras segue de perto o padrão de modalidade do TF, ao passo que a outra realiza menos obrigações pessoais, menos possibilidades e menos nuances negativas no TA. Aqui também a autora, analisando os casos de dêixis que acompanham os elementos modais nos textos, observa que a não tradução de repetições determina mudanças nos TAs. Bosseaux (2007) conclui que, em geral, os elementos dêíticos e de modalidade são menos enfatizados nos TAs que no TF.

No que se refere à transitividade, Bosseaux (2007) afirma que, à luz dos resultados prévios e da crítica literária, as expectativas são de uma menor utilização de repetições dos participantes por parte de um tradutor, de modo que se dá menor ênfase aos Atores e às Metas. A autora ressalta que o interesse pela análise da transitividade em *The Waves* e em suas traduções se deveu à crítica literária, que frisa a importância da linguagem nos romances de Woolf e, mais especificamente, o uso das construções passivas para apresentar os personagens. De fato, a autora aponta como as construções passivas podem revelar muito sobre os personagens em termos de agentividade. Em outros termos, o estudo da

passiva permite verificar em que medida os personagens não realizam as ações, mas são afetados por elas. Bosseaux (2007, p. 191) destaca que “a maneira que escritores e tradutores apresentam os Processos revela tanto suas perspectivas e suas atitudes subjacentes como também as de seus narradores e personagens”¹³. A autora especifica que, em sua análise da transitividade, decidiu observar os Processos materiais por serem indicadores do envolvimento dos personagens nos eventos narrados. Esclarece também que a descrição das experiências dos personagens e de sua visão do mundo varia dependendo do uso de construções transitivas ou ergativas. As primeiras implicam um Ator que age, ao passo que as construções ergativas realizam um participante, o Meio, envolvido em uma atividade e instigador desta sem ser o responsável direto por ela. Bosseaux (2007, p. 49) afirma que “a escolha de incluir ou excluir a agentividade de um Processo constitui uma parte importante da construção da mensagem”¹⁴, apontando o Agente ou não e ressaltando ou não o envolvimento do falante na ação. Além disso, a autora aponta que, “em um romance, e mais especificamente quando os personagens descrevem suas experiências internas e externas, as escolhas das construções refletem sua maneira de vivenciar a causalidade. Dessa forma, elas permitem aos leitores terem uma visão clara da própria imagem dos personagens e de sua visão do mundo” (BOSSEAUX, 2007, p. 51)¹⁵. Por essa razão, a autora escolhe analisar construções ergativas no seu estudo sobre ponto de vista.

Dentre os verbos indicadores de Processos materiais, Bosseaux (2007) escolheu aqueles que, na tradução para o francês, poderiam apresentar uma mudança de agentividade, como, por exemplo, *pull* e *push*, e verbos ergativos e de movimento, como, por exemplo, *break* e *turn*, além de elementos dêiticos, principalmente pronomes pessoais, que os

¹³ Nossa tradução de “The way writers and translators present processes reveals both their perspective and their underlying attitudes, as well as those of their narrators and characters”.

¹⁴ Nossa tradução de “The choice to include or exclude agency from a process constitutes an important part of message construction”.

¹⁵ Nossa tradução de “In a novel, and more particularly when characters describe their internal and external experiences, the choices in construals mirror the way they experience causality. They thus allow the readers to have a clear view of the characters’ self-image and worldview”.

acompanham. A autora reconhece que os resultados da análise apontaram poucas mudanças nos TAs; entretanto, afirma que mostram também que um desses textos se afasta mais do TF em termos de agentividade e transitividade. Por isso, Bosseaux (2007) afirma que tais mudanças em níveis abaixo da sentença geralmente não têm um impacto no ponto de vista representado. Porém, apesar da dificuldade de estabelecer uma causalidade entre mudanças nesses níveis e mudanças no ponto de vista, Bosseaux (2007) ressalta que, em sua análise, foram observadas estratégias sistemáticas de tradução que, em sua opinião, contribuem para mudanças do ponto de vista nos TAs. Segundo a autora, cumpre salientar que tais observações são de domínio da análise qualitativa do pesquisador, isto é, da sua interpretação.

No que diz respeito à aplicação do modelo de Bosseaux (2007) na presente investigação, vale ressaltar que foram aprofundados alguns aspectos levando-se em conta questões de ordem terminológica e de afiliação teórica.

Mais especificamente, embora afirme se basear na classificação de Leech e Short (1981), Bosseaux (2007) utiliza, na sua pesquisa, o termo DIL, desconsiderando a distinção entre apresentação da fala e do pensamento apesar de focalizar sua atenção principalmente nos pensamentos dos personagens no corpus. Portanto, por razões de praticidade terminológica, também será adotado, na presente pesquisa, o termo DIL para indicar tanto o DIL como o PIL.

Sendo interesse da presente pesquisa atentar para a linguagem da tradução, no que tange à análise das categorias da dêixis e do DIL, decidiu-se seguir o referencial teórico apontado por Bosseaux (2007) e, conseqüentemente, sua terminologia, por fornecerem mais indicações sobre a presença de vozes narrativas. Como a própria autora afirma remetendo a Munday (2001), seguiu-se, em seu estudo, o modelo de Simpson (1993), que, embora seja inspirado no trabalho de Halliday, utiliza “uma abordagem com ferramentas mais flexíveis,

empregando aqueles elementos que aparecem mais úteis e incorporando, ao mesmo tempo, questões de crítica literária” (MUNDAY, 2001, p. 101)¹⁶.

Entretanto, os recursos descritivos fornecidos pela GSF (*cf.* HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) foram utilizados, na presente pesquisa, na análise das categorias de transitividade e de modalidade de forma mais sistemática que em Bosseaux (2007). Por isso, foi aqui usado o termo “Processos materiais” como categoria específica para indicar as diferentes realizações desses Processos nas construções transitivas, ergativas e passivas analisadas, como, de fato, realizado por Bosseaux (2007) em seu estudo.

No que diz respeito à modalidade e aos termos “modalidade de obrigação” e “modalidade de permissão”, Bosseaux (2007), de fato, se refere ao que Halliday e Matthiessen (2004) denominam “modulação” (*modulation*), termo adotado na presente pesquisa, isto é, uma escala de obrigação e inclinação que se estende entre a polaridade positiva e negativa e que compreende tanto a obrigação como a permissão (*cf.* HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 623 e 620). Dentro da escala da modulação, os autores apontam, por um lado, o verbo *dever* (*must*) como realização de valor alto de obrigação cuja conotação é subjetiva, ou seja, “é o julgamento do próprio falante em que se fundamenta a validade da proposição” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 150),¹⁷ e, por outro, dentre as realizações de valor baixo, instanciações de permissão dentre as quais se destaca o verbo modal *poder* (*can*).

Compete salientar aqui também que a análise das construções comparativas compreende outro aspecto da modalidade, denominado por Halliday e Matthiessen (2004) de “modalização” (*modalization*). Esse aspecto inclui os significados que se realizam entre a polaridade positiva e a negativa e podem indicar probabilidade (*probability*) ou usualidade

¹⁶ Nossa tradução de “[...] a more flexible ‘toolkit’ approach, employing those elements that appear most useful while also incorporating issues from literary criticism”.

¹⁷ Nossa tradução de “[...] it is the speaker’s own judgement on which the validity of the proposition is made to rest”.

(*usuality*) por meio de grupos verbais ou Adjuntos modais. Nessa perspectiva, os advérbios *talvez/forse*, analisados nesta pesquisa e que dizem respeito à probabilidade dos significados expressos nas orações, serão denominados Adjuntos modais. Da mesma forma, o termo “*verba sentiendi*”, utilizado por Bosseaux (2007) para indicar verbos realizadores de pensamento, percepção e cognição, será substituído por “Processos mentais” (*cf.* HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

Antes de passar para a próxima seção dedicada à metodologia da presente pesquisa, vale fazer uma ressalva com relação ao uso do termo “equivalente” na análise dos dados.

Na investigação ora apresentada, optou-se pelos termos “equivalência” e “mudança” no sentido utilizado por Bosseaux (2007) como termos gerais para indicar semelhanças e diferenças nos níveis léxico-gramatical e semântico entre o TF e o TA.

CAPÍTULO 2: CORPUS E METODOLOGIA

2.1 Seleção do Corpus

O corpus da presente pesquisa, como já mencionado, compreende dois TFs e dois TAs, a saber: a coletânea de contos LDF e o romance AHDE, ambos escritos por Clarice Lispector, e suas respectivas traduções para a língua italiana LF e LODS.

Parte do corpus aqui analisado já estava incluído no arquivo do CORDIALL. Mauri (2003) desenvolveu uma investigação sobre a construção da introspecção das personagens por meio dos verbos de elocução em LDF e em LF, e Rodrigues (2005) realizou uma análise da organização temática em AHDE e em sua tradução para o inglês. Os resultados obtidos nessas análises contrastivas entre LDF e LF, bem como a leitura da fortuna crítica da obra de Lispector, apontaram alguns aspectos da escrita da autora que estimularam uma nova investigação da obra, desta vez focalizando realizações lingüísticas do ponto de vista narrativo.

Com o intuito de comparar também padrões lingüísticos na narrativa de contos e romance da mesma autora, decidiu-se estender a análise, além dos já citados LDF e LF, a AHDE e à sua tradução italiana (LODS). A escolha dos textos que compõem o corpus não foi, portanto, aleatória, tendo-se buscado, ainda, uma comparação de obras da autora no eixo temporal. LDF é a primeira coletânea de contos de Lispector publicada por uma editora comercial em 1960 (a primeira, *Alguns contos*, foi publicada pelo MEC, Ministério da Educação e Cultura, em 1952), e AHDE, de 1977, é o último romance e obra da autora antes da morte. Em outras palavras, a observação dos elementos lingüísticos que constituem o foco da presente pesquisa, dentre outros objetivos, pode levantar informações sobre características da escrita da autora no começo e no final da sua carreira.

Os textos que constituem o corpus analisado na presente pesquisa e a recepção de suas traduções na Itália são apresentados nas próximas subseções.

2.1.1 *Laços de família*

LDF (1960) reúne alguns dos contos de Lispector já publicados anteriormente em jornais e revistas. Os protagonistas dos contos são, na quase totalidade dos casos, mulheres alienadas e forçadas a se encaixar em modelos sociais que não lhes permitem se expressar livremente. No total, são treze contos e, embora resumir a história de cada um signifique simplificar seus detalhes significativos, tenta-se, a seguir, pelo menos delinear o fio condutor da coletânea.

“Devaneio e embriaguez de uma rapariga” apresenta uma personagem que se descobre filtrando as suas diversas facetas, geradas a partir do conflito entre mundo exterior e mundo interior. “Amor” mostra a dona de casa Ana em seu cotidiano familiar, tudo transcorrendo como o desejado, mecanicamente, até que seu mundo desmorona por causa de um cego mascando chiclete na rua. “Uma galinha” retrata a história de uma galinha que deveria virar almoço da família no domingo, mas cujo destino se modifica quando a mesma sai pelos telhados. “A imitação da rosa” é um conto com a visão calcada na personagem Laura, mulher frágil, insegura, sem filhos, tentando buscar a perfeição e a segurança por meio de um distanciamento da vida, preocupada com a visão que os outros têm dela. “Feliz Aniversário” gira em torno do aniversário da matriarca de uma família numerosa cujos parentes, para cumprir a aparência de uma família feliz, participam da festa. “A Menor Mulher do Mundo” é um conto sobre os efeitos da descoberta de uma tribo de pigmeus extremamente pequena na África Equatorial. “O Jantar” narra, em primeira pessoa, as impressões de um homem observando um senhor no decorrer de seu jantar em um restaurante. “Preciosidade” apresenta uma personagem adolescente às voltas com seus conflitos que entra

subitamente na vida real por causa de um acidental contato com alguns operários na rua. “Os laços de Família” retrata as relações mãe-filha adulta, mãe-filho pequeno e marido-mulher, construídas em um cotidiano banal. “Começos de uma fortuna” é construído ao redor do relacionamento de um jovem adolescente com os pais e dos conflitos entre essas pessoas. “Mistério em São Cristóvão” é talvez um dos contos mais metafóricos e complexos, cujo título se refere a acontecimentos aparentemente inexplicáveis que são, porém, conhecidos pelo leitor. “O crime do professor de matemática” relata as angústias de um professor que tenta remediar o abandono do amado cachorro ao mudar de cidade. Por fim, o conto “O Búfalo” coloca o leitor frente a uma mulher que, tendo sido abandonada por alguém que não a ama, tenta encontrar nos olhos dos bichos o ódio que precisa ter para sobreviver.

2.1.2 A hora da estrela

AHDE (1977) foi o último livro publicado por Lispector antes de morrer. Trata-se de um romance breve ou, como definido pela própria autora, de uma novela. Na história, entrelaçam-se três planos narrativos: a história da alagoana Macabéa, a do narrador Rodrigo S. M. ao relatar os fatos e as reflexões sobre o processo de produção da própria narrativa (WALDMAN, 1993, p. 92).

O primeiro plano conta a vida de Macabéa, que é órfã criada por uma tia repressora e que trabalha como datilógrafa por menos de um salário mínimo em uma empresa do Rio de Janeiro. Além de sua modesta origem social, ela é apresentada como feia, raquítica e totalmente alienada com relação ao mundo e a si mesma. Sua própria cara expressa tanta pobreza mental que parece pedir para ser esbofeteada. As pouquíssimas revelações que Macabéa experimenta não lhe são suficientes para a formação de uma identidade. Até quando o único namorado da sua vida a abandona com extrema rudeza, ela sequer experimenta autêntico sofrimento. O único episódio de verdadeira felicidade é vivenciado por Macabéa

quando uma cartomante lhe prediz um futuro maravilhoso ao lado de um marido estrangeiro. Ao sair da casa da adivinha, a protagonista é atropelada e, paradoxalmente, descobre a sua essência, ou seja, chega a ter consciência de si mesma só na hora da sua morte. Por isso, antes de morrer repete sem cessar *Eu sou, eu sou, eu sou*.

No segundo plano narrativo, o narrador Rodrigo se apresenta como não pertencente a nenhuma classe social, declarando que está enjoado de literatura e que, por isso, sua narrativa será simples e escrita de ouvido, com o corpo, por necessidade. Para poder se pôr no nível da alagoana, Rodrigo diz que deixará de dormir, de fazer a barba e de se vestir propriamente e que se absterá de sexo e de futebol. Tudo isso permitirá ao narrador se contar à medida que vai relatando a história de Macabéa “numa alternância de discurso direto e indireto” (WALDMAN, 1993, p. 98), além de morrer com ela no final. Segundo Sá (2000, p. 274) “o narrador se *escreve* [ênfase da autora] todo através de Macabéa; por entre seus próprios espantos, sua onipotência se estende ao leitor, com o qual dialoga constantemente”.

No terceiro plano, é posta à mostra na novela a construção da narrativa através do artifício do narrador que vai explicando como e por que escreve. A autora “se declara idêntica ao narrador. Ela não quer mais disfarçar-se por trás do texto ao mesmo tempo em que desnuda a literatura como literatura porque indica os artifícios de que se utiliza para captar o real” (WALDMAN, 1993, p. 100).

2.1.3 Recepção de *Legami familiari* e *L'ora della stella* na Itália

No que diz respeito às traduções, LF e LODS foram publicados pela primeira vez pela editora Feltrinelli, respectivamente, em 1986 e 1989, ambos traduzidos por Adelina Aletti. Embora a obra de Clarice seja ainda pouco conhecida na Itália, onde só alguns de seus livros foram traduzidos, a autora atraiu, na época da publicação de LF e LODS, a atenção de alguns críticos que, ao fazerem suas resenhas, a apresentaram como “a grande escritora

brasileira”¹⁸ (PAOLOZZI, 1986) e a compararam com Virginia Woolf, Katherine Mansfield, traçando também um paralelo entre os contos claricianos e as epifanias de *Dubliners* de Joyce (cf. CRISTOFOLETTI, 1986).

É interessante observar como jornais tanto de direita (“Os treze, maravilhosos contos de ‘Legami familiari’”¹⁹, DONINELLI, 1986) quanto de esquerda (“São treze jóias”²⁰, PAOLOZZI, 1986) concordaram em seu parecer entusiasta sobre LF. Os contos são apresentados como metáforas em que “o instante da revelação se contrapõe ao fluir da ficção”²¹ (DONINELLI, 1986) e em que o olhar da autora se funde com aquilo que é visto em uma forma de “supravisão”²² (PAOLOZZI, 1986). Outros ressaltaram a minuciosidade na representação dos “fragmentos de vidas humanas”²³ (COSI, 1986) e de um mundo de mulheres esquizofrênicas à beira da crise, em luta contra o mundo do qual são vítimas (cf. CRISTOFOLETTI, 1986), que vêem sua aparente paz interior interrompida por algo irracional (cf. MASSARI, 1986). O elo com a tradição cultural hebraica, à qual Lispector pertence por nascença, também é entrevisto na ironia que leva ao afastamento da realidade com suas ilusões (cf. COSI, 1986; GAZZETTA..., 1986).

Massari (1986) remete aos escritos da filóloga e crítica das literaturas em línguas portuguesas Luciana Stegagno Picchio, a qual conheceu pessoalmente Lispector, para contextualizar a obra clariceana, pouco conhecida na Itália.

Bonafé (1989) retoma a afirmação de Rita Desti, tradutora para o italiano de outros livros de Lispector, como *Perto do coração selvagem* e *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, segundo a qual a escrita da autora revela “momentos de um processo contínuo

¹⁸ Nossa tradução de “[...] la grande scrittrice brasiliana”.

¹⁹ Nossa tradução de “I tredici, splendidi racconti di ‘Legami familiari’”.

²⁰ Nossa tradução de “Sono tredici gioielli”.

²¹ Nossa tradução de “[...] l’istante della rivelazione si contrappone allo scorrere della finzione”.

²² Nossa tradução de “[...] sovra-visione”.

²³ Nossa tradução de “[...] frammenti di vite umane”.

de introspecção metafísica”²⁴.

No que diz respeito às recensões de LODS, duas foram as linhas comuns: (i) a visão do romance como “testamento espiritual”²⁵ da autora (PLEBANI, 1990; TROMBETTI 1989; MARCOALDI, 1989), haja vista o tema principal referente à morte próxima (a autora na época da escrita do romance já estava em fase terminal de câncer), e (ii) o trabalho de reflexão sobre a criação poética (cf. PLEBANI, 1990; MARCOALDI, 1989). Montenovesi (1989) apresenta LODS como uma “minúscula obra-prima intensa como um núcleo atômico, cujo tema principal é a invisível grandeza de cada um”²⁶. Interessante é observar como De Angelis (1990) remete indiretamente ao ponto de vista em LODS ao afirmar que, nessa coletânea, “o escritor não é artífice onipotente de seus personagens; eles adquirem vida autônoma em virtude daquele milagre que é a escrita”²⁷. O mesmo se observa em Marcoaldi (1989), o qual afirma que Macabéa, morrendo, mata, à sua vez, o narrador “que vive unicamente da própria escrita”²⁸.

No que tange ao papel da tradutora de LF e de LODS, infelizmente não foi possível consultá-la pessoalmente nem obter informações sobre ela por intermédio da editora italiana (como explicado na subseção 2.3.1).

Na seção a seguir, é apresentada uma visão geral de estudos de crítica literária, cuja leitura foi fundamental para se ter uma medida das características típicas da escrita clariceana, bem como para confirmar a relevância de se observarem realizações lingüísticas do ponto de vista nos textos do corpus de investigação.

²⁴ Nossa tradução de “[...] momenti di un processo continuo di introspezione metafisica”.

²⁵ Nossa tradução de “testamento spirituale”.

²⁶ Nossa tradução de “[...] minuscolo capolavoro incredibilmente intenso come un nucleo atomico, il cui tema principale è l’invisibile grandezza di ciascuno”.

²⁷ Nossa tradução de “Lo scrittore non è artefice onnipotente dei suoi personaggi. Essi acquistano vita autonoma in virtù di quel miracolo che è la scrittura”.

²⁸ Nossa tradução de “[...] vive unicamente della propria scrittura”.

2.2 Pesquisa Documental sobre o Corpus

A crítica aponta o uso peculiar da terceira pessoa do singular na obra de Lispector, a qual que parece reportar-se a um narrador implícito em vez da própria autora (*cf.* MOISÉS, 1982) ou à alternância entre DD e DIL para a construção de um foco narrativo que representa a consciência dos personagens (*cf.* NUNES, 1995). De fato, AHDE pode ser classificada como uma mescla de narração de categoria A e de categoria B(R) (*cf.* SIMPSON, 1993). Em outras palavras, AHDE é uma narrativa contada em primeira pessoa pelo narrador onisciente Rodrigo, que medita sobre seu papel de escritor e de homem à medida que, em terceira pessoa, vai contando sobre a protagonista. Os dois papéis estão tão interligados que, muitas vezes, é difícil estabelecer até que ponto as falas e, mais frequentemente, os pensamentos são relatados ou se se trata de DIL atribuível à própria protagonista. O mesmo pode ser afirmado com relação à narração de LDF, isto é, a maioria dos contos é narrada na terceira pessoa do singular, com exceção de um, narrado na primeira pessoa do singular (categoria A), embora com esporádico uso de DIL como recurso para desvendar os pensamentos dos personagens na modalidade B(R).

Uma das características do estilo clariciano é a sua constituição em prosa poética rica em revelações e reflexões, mais que a narração dos fatos em si. Como aponta Nunes (1995, p. 135), há, no estilo de Lispector, “certas matrizes poéticas que indicam o movimento em círculo [...] da palavra ao silêncio e do silêncio à palavra”. Como explica o autor, esse movimento circular é reforçado pela repetição de vocábulos, traço forte na escrita de Lispector, que possui valor rítmico e expressivo, aumentando a ênfase e a carga emocional das palavras. A relação fala-silêncio pode ser observada também por meio do uso dos travessões e reticências, com os quais a escrita busca superar as limitações da linguagem: “a repetição está implicada no jogo entre palavras e coisas que integra o processo narrativo [...]; onde acaba a repetição começa o silêncio” (NUNES, 1995, p. 138-9). Essa opinião é

igualmente compartilhada por Sant'Anna (1973, p. 205), o qual afirma que a escrita de Lispector “repete-se circularmente num exercício de modelos inconscientes dos quais a autora não se desgarra; antes, cultivava insistentemente, tanto mais professa a idéia de que escrever é ‘procurar’”.

Na área de Estudos da Tradução, Arrojo (1999) aponta como alguns estudos críticos usaram a obra de Lispector para comprovar suas próprias teorias, como no caso de Cixous (1979, 1990), na França, que celebrou a obra da escritora brasileira como expressão da escrita feminista. Esse uso, segundo a autora, não permite que a “alteridade do trabalho de Lispector fale como tal e, na realidade, termina servindo e celebrando aos próprios [de Cixous, *n.d.r.*] interesses e objetivos” (ARROJO, 1999, p.144). Da mesma opinião parece ser Cherem (2003), segundo a qual a paixão de Cixous por Lispector contribuiu para uma crítica muito subjetiva, afastada da intenção genuína de entender a obra da autora. Segundo Cherem (2003), Lispector foi mitificada na França e no Québec, onde estudiosas como Cixous, Varin e Bosco tentaram criar uma crítica literária que levasse em conta uma certa empatia com os autores estudados.

A representação da condição feminina na escrita de Lispector foi estudada, também, por Almeida (1999), que ressalta a ligação entre a representação da loucura e das idiossincrasias de algumas personagens de Lispector e o feminismo na forma de se opor às convenções patriarcais. Almeida (1999, p. 105) afirma que a loucura ou histeria, no sentido etimológico de doença mental causada por problemas uterinos, é vista como uma “forma de discurso feminino em que o corpo expressa o que as condições sociais impedem de ser expresso linguisticamente”²⁹. Rejeitando a linguagem e, conseqüentemente, atacando por dentro o próprio sistema responsável pela loucura de várias personagens femininas de Lispector, essas personagens recorrem ao corpo e ao silêncio para se expressarem. Como

²⁹ Nossa tradução de “form of feminine discourse in which the body signifies what social conditions make it impossible to state linguistically”.

Almeida (1999, p. 106) ressalta, Lispector “explora a metáfora da loucura em termos de exclusão das mulheres da linguagem e sua tentativa de achar um discurso que seja delas”³⁰.

Assim como Almeida (1999) e contra as afirmações de Arrojo (1999), Oliveira (1999, p. 122) também aponta “o inegável feminismo de Clarice, evidente apesar da sua recusa em aderir a qualquer movimento específico durante sua vida”, o que “comprova uma parte da preocupação com as ansiedades ao redor, que não são típicas só das mulheres, mas pertencem à humanidade”³¹. Oliveira (1999) sugere, dentre as imagens recorrentes das obras de Lispector, aquela da mulher-centauro, em uma tentativa de construção da subjetividade feminina. Segundo a autora, as personagens de Lispector vivenciam o conflito entre sua condição cotidiana e o desejo de afirmar sua subjetividade, entre os papéis de esposa e mãe, impostos pela sociedade, e o impulso criativo, transgressivo. Este último é identificado por Oliveira (1999) como a mencionada figura da mulher-centauro, retomando a imagem da mitologia clássica, que associava o centauro, na sua forma meio humana e meio equina, a Dionísio, deus da embriaguez, e Cupido, deus do amor. A imagem da mulher-cavalo recorrente na ficção clariceana (cf. OLIVEIRA, 1999) é apontada também por Sá (2000, p. 271) na análise de AHDE no momento do atropelamento e da morte de Macabéa, em que Lispector diz que *um cavalo como resposta empinou-se em gargalhada de relincho* (AHDE, p. 90) e *[Macabéa] era tão grande como um cavalo morto* (AHDE, p. 97).

No que se refere às características da Clarice contista, Waldman (1993) ressalta a existência de uma continuidade temática entre os romances e os contos da autora. Nos primeiros, vinculados a “um gênero que pede economia máxima, não há espaço para digressões filosóficas, e o resultado mostra-se então enxuto, direto, tenso e intenso” (WALDMAN, 1993, p. 107). Segundo Waldman (1993, p. 108 e 122), as vozes narrativas dos

³⁰ Nossa tradução de “explores the metaphor of madness in terms of women’s exclusion from language and their attempt to find a discourse of their own”.

³¹ Nossa tradução de “Clarice’s undeniable feminism, evident in spite of her refusal to join any specific movement in her lifetime [...] proves part of a concern with all-encompassing anxieties, which are not woman-bound, but belong to humankind”.

contos indicam sua dificuldade de comunicação, “a linguagem espelha o vazio do sujeito à procura da própria imagem de totalidade perdida do mundo em que vive”, e o silêncio que perpassa os personagens é “um saber que não pode dizer a única coisa que, de fato, valeria a pena ser dita”.

Na opinião de Moisés (1982), nos contos, a história é determinada pelo conflito entre os personagens e se desenvolve dentro de uma dimensão espaço-temporal restrita. Segundo Nunes (1995, p. 83), o conto de Lispector segue “as marcas básicas do gênero concentrado num só episódio, que lhe serve de núcleo e que corresponde a determinado momento da experiência interior”.

Com já mencionado, Nunes (1995, p. 29) ressalta que Lispector adota, em quase todos os contos, a terceira pessoa do singular, que, porém, não se mantém externa à narração, “mas também percebe e sente com a personagem. Ora a ela aderindo, ora lhe impondo a sua presença como sujeito-narrador”. Como consequência e prova disso, tem-se a alternância entre DD e DI, que possibilita a fusão da voz narradora com a do personagem, embora o foco narrativo não seja onisciente, mas reflita a consciência dos personagens. Consoante Nunes (1995), tanto os contos como os romances claricianos seguem o mesmo discurso narrativo cujas diferenciações dependem do ponto de vista da voz narradora em relação aos personagens.

A importância de Clarice contista é afirmada também por Sá (2000, p. 42), que ressalta a capacidade de Lispector de se “apropriar do gênero conto para verticalizar a narrativa e fragmentar as perspectivas, para se atingir globalmente o mundo interior”. Segundo Sá (2000), as mudanças de ritmos, rápidos e lentos, que caracterizam os contos de Lispector, são criadas através de vários recursos, dentre os quais está o uso inusitado da pontuação, das coordenativas e das repetições lexicais.

Sá (2000) destaca também que uma das características dos personagens dos contos claricianos é a de viverem em uma dimensão humana superficial e terem reflexões que se limitam “à mentalização das sugestões sensoriais” (SÁ, 2000, p. 48) expressas através da linguagem. A introspecção, porém, é da voz narradora, que representa seus personagens como paradigma da condição existencial do universo feminino: “[d]ecorre daí a semelhança entre os monólogos interiores e os diálogos do ‘eu’ para si mesmo, aparentemente endereçados a um ‘outro’, por sua vez centrado na elocução do seu drama existencial” (SÁ, 2000, p. 48).

No que diz respeito à AHDE, Sá (2000, p. 272) frisa que “a palavra é a grande estrela desse livro, sua personagem disfarçada. O texto é uma ‘névoa úmida’, uma epifania do ato de escrever, uma epifania da própria escritura, um poema sobre a agonia de escrever”. A autora afirma também que AHDE pode ser considerado o ponto de convergência dos problemas da narrativa dos outros romances de Clarice Lispector e que as figuras de Macabéa e Rodrigo retomam algumas das características das protagonistas e dos narradores dos romances precedentes como que para fechar o círculo de “uma escritura toda voltada para a pesquisa a respeito das correspondências entre ser e linguagem” (SÁ, 2000, p. 279). A autora (2000, p. 269) afirma também que “repointam, neste texto, questionadas e sofridas, as perplexidades da narrativa moderna, em geral, e as de ficção clariceana, em particular”.

Waldman (1992, p. 94) ressalta que a protagonista Macabéa é um ser extremamente simples e marginalizado pela “sua impotência na manipulação da linguagem fundada na convenção [...]. Isso a aproxima de uma linguagem fundada no ser, aderida à própria essência dos seres e das coisas”. Além da incapacidade de se expressar e de se comunicar com os outros, verbalizando suas emoções e pensamentos, à Macabéa falta a capacidade de tomar a iniciativa para atuar ativamente na sua vida, tanto que aceita tudo o que lhe acontece sem questionar: *ela vive num limbo impessoal [...] somente vive [...] o seu viver é ralo [...] ela era incompetente. Incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar*

(AHDE, p. 30-31).

Também de interesse para a presente pesquisa foi o estudo de Silva (2007), o qual apresenta uma abordagem lingüística ao focalizar o emprego da dêixis como marcador da posição ideológica do narrador na construção da identidade da protagonista em *A Hora da Estrela* como um ser marginalizado buscando sua identidade. Essa procura da identidade é também apontada por Gotlib (1993) como uma característica freqüente dos personagens dos romances claricianos.

Conforme se pode observar, as leituras da crítica acerca das obras de Lispector apontam algumas características da escrita clariceana relacionadas ao ponto de vista narrativo, como a apresentação do discurso, o uso de repetições lexicais e de construções passivas e o emprego da pontuação, dentre outros. Contribuíram, portanto, para confirmar a intuição inicial de que o ponto de vista constitui um traço-chave nos textos do corpus da presente pesquisa. A partir desse pressuposto, decidiu-se investigar suas realizações nos TFs e nos TAs e averiguar como eventuais mudanças lingüísticas nos TAs determinam diferenças na construção do ponto de vista em comparação com aquele dos respectivos TFs.

Os ademais passos metodológicos seguidos na análise são apresentados detalhadamente na próxima seção.

2.3 Metodologia de Corpus

2.3.1 Preparação do corpus

Como já mencionado, parte do corpus analisado já fazia parte do arquivo do CORDIAL. De fato, AHDE, LDF e LF tinham sido digitalizados anteriormente por meio de um aparelho *scanner*, ou seja, reproduzidos em formato eletrônico. Para realizar a investigação aqui apresentada, foi necessário digitalizar também LODS. Os arquivos assim obtidos foram revertidos para o formato .txt para permitir a aplicação dos *softwares*

WordSmith Tools® e *Multiconcord*®, apresentados a seguir, e então gravados com os seguintes nomes: LDF.txt, AHDE.txt, LF.txt e LODS.txt, respectivamente para os TFs e os TAs. Posteriormente, foi preciso fazer uma revisão manual do corpus para detectar eventuais erros de leitura do *scanner* e anotações manuais, digitalizadas, para etiquetar títulos e subtítulos de capítulos.

Ao mesmo tempo, foi preparado um registro de arquivo bibliográfico completo para o banco de dados do CORDIALL (Anexo 1). Esse arquivo possui informações básicas para a identificação dos textos, como os títulos das obras, o nome da autora e da tradutora, a língua, o *status* (original ou tradução), o gênero literário e dados historiográficos como a data, a cidade e a editora da primeira edição e da edição em uso no CORDIALL. As características paratextuais, como capas, orelhas, prefácios e notas, também foram incluídas, bem como detalhes biográficos, inclusive a orientação sexual e a etnia da autora e da tradutora. Esse arquivo foi catalogado com um nome, extensão, número de palavras e localização dentro do CORDIALL. O corpus digitalizado e anotado e seu arquivo bibliográfico completo passaram, dessa forma, a fazer parte do banco de dados do CORDIALL, dentro do subdiretório ficção.

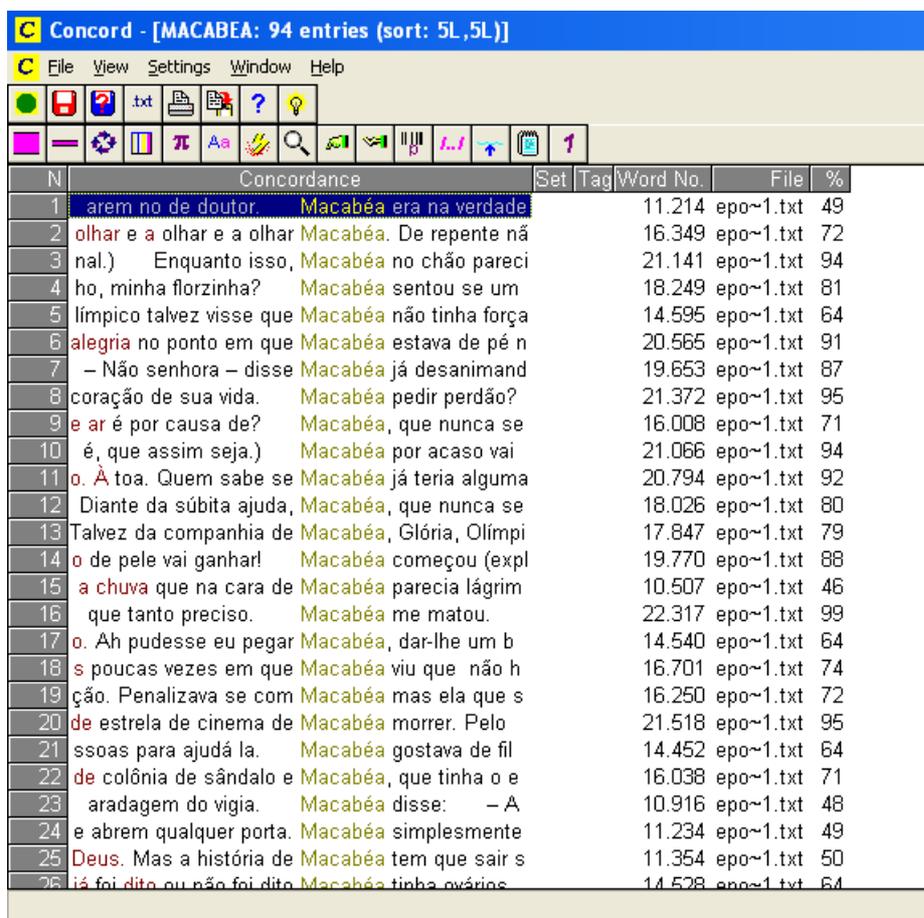
Vale destacar que a reprodução em formato eletrônico dos textos do corpus, a qual tem implicações em termos de direitos autorais, teve que ser submetida à permissão das respectivas editoras por meio de um pedido formal (Anexo 2) explicitando o uso das obras para fins de pesquisa acadêmica. Junto com tal pedido, foi enviado também à editora italiana um questionário (Anexo 3) com algumas perguntas referentes à tradutora e ao processo de tradução (*e.g.*, informações biográficas, modalidade de trabalho e revisões). Até o presente momento, entretanto, nenhuma resposta foi enviada ao LETRA.

A seguir, apresentam-se os programas utilizados na análise dos dados.

2.3.2 O WordSmith Tools®

O programa *WordSmith Tools*®, idealizado, inicialmente, em 1996, por Mike Scott, compreende uma série de ferramentas que podem ser aplicadas em qualquer tipo de corpus eletrônico desde que tenha sido previamente convertido em formato .txt.

A ferramenta mais versátil é, sem dúvida, aquela denominada *Concord*, que permite a localização de palavras ou de grupos de palavras dentro de um contexto que varia de cinco a vinte e cinco palavras, tanto à direita como à esquerda da palavra que foi destacada, como mostra a FIG. 1, a seguir.



The screenshot shows the Concord software interface with a concordance table for the word "Macabéa". The table has columns for line number, context, word, tag, word number, file name, and percentage. The word "Macabéa" is highlighted in yellow in the context column.

N	Concordance	Set	Tag	Word No.	File	%
1	arem no de doutor. Macabéa era na verdade			11.214	epo~1.txt	49
2	olhar e a olhar e a olhar Macabéa. De repente nã			16.349	epo~1.txt	72
3	nal.) Enquanto isso, Macabéa no chão pareci			21.141	epo~1.txt	94
4	ho, minha florzinha? Macabéa sentou se um			18.249	epo~1.txt	81
5	límpico talvez visse que Macabéa não tinha força			14.595	epo~1.txt	64
6	alegria no ponto em que Macabéa estava de pé n			20.565	epo~1.txt	91
7	– Não senhora – disse Macabéa já desanimand			19.653	epo~1.txt	87
8	coração de sua vida. Macabéa pedir perdão?			21.372	epo~1.txt	95
9	e ar é por causa de? Macabéa, que nunca se			16.008	epo~1.txt	71
10	é, que assim seja.) Macabéa por acaso vai			21.066	epo~1.txt	94
11	o. À toa. Quem sabe se Macabéa já teria alguma			20.794	epo~1.txt	92
12	Diante da súbita ajuda, Macabéa, que nunca se			18.026	epo~1.txt	80
13	Talvez da companhia de Macabéa, Glória, Olimpi			17.847	epo~1.txt	79
14	o de pele vai ganhar! Macabéa começou (expl			19.770	epo~1.txt	88
15	a chuva que na cara de Macabéa parecia lágrim			10.507	epo~1.txt	46
16	que tanto preciso. Macabéa me matou.			22.317	epo~1.txt	99
17	o. Ah pudesse eu pegar Macabéa, dar-lhe um b			14.540	epo~1.txt	64
18	s poucas vezes em que Macabéa viu que não h			16.701	epo~1.txt	74
19	ção. Penalizava se com Macabéa mas ela que s			16.250	epo~1.txt	72
20	de estrela de cinema de Macabéa morrer. Pelo			21.518	epo~1.txt	95
21	ssoas para ajudá la. Macabéa gostava de fil			14.452	epo~1.txt	64
22	de colônia de sândalo e Macabéa, que tinha o e			16.038	epo~1.txt	71
23	aradagem do vigia. Macabéa disse: – A			10.916	epo~1.txt	48
24	e abrem qualquer porta. Macabéa simplesmente			11.234	epo~1.txt	49
25	Deus. Mas a história de Macabéa tem que sair s			11.354	epo~1.txt	50
26	já foi dito ou não foi dito Macabéa tinha ovários			14.528	epo~1.txt	64

FIGURA 1 – Linhas de concordância da palavra “Macabéa” em AHDE.

A ferramenta *Concord* permite o estudo das co-ocorrências das palavras centrais, ou seja, suas colocações (as palavras que aparecem lateralmente à palavra central).

Dentre as outras ferramentas do *WordSmith Tools*®, há aquela denominada *Wordlist*, que fornece as listas de palavras de um corpus por ordem alfabética ou de frequência, além de gerar dados quantitativos sobre o tamanho dos enunciados, razões e número total de palavras, como pode ser visto na FIG. 2, a seguir.

The screenshot shows the WordList application window titled "WordList - [new wordlist (S)]". The menu bar includes "File", "Settings", "Comparison", "Index", "Window", and "Help". Below the menu is a toolbar with icons for file operations and help. The main area displays a list of statistics for the file "LDF.TXT".

Statistic	Value
N	1
Text File	LDF.TXT
Bytes	202.808
Tokens	34.988
Types	6.213
Type/Token Ratio	17,76
Standardised Type/Token	46,22
Ave. Word Length	4,49
Sentences	1.737
Sent. length	14,57
sd. Sent. Length	11,44
Paragraphs	1.072
Para. length	32,64
sd. Para. length	47,51
Headings	0
Heading length	
sd. Heading length	
1-letter words	3.936
2-letter words	5.487
3-letter words	5.899
4-letter words	3.545
5-letter words	4.761
6-letter words	3.637
7-letter words	2.794
8-letter words	1.945
9-letter words	1.266
10-letter words	780

FIGURA 2 – Exemplo de lista de palavras de LDF

A utilidade da *Wordlist* é individuar palavras de interesse para pesquisa e apontar sua frequência. Isso constitui um auxílio importante no estudo das características de um texto.

Embora não seja de interesse para a presente pesquisa, vale destacar também a presença de outra ferramenta do *WordSmith Tools*®, chamada de *KeyWords*. Para poder utilizá-la, é preciso contar com a disponibilidade de um corpus de referência que possa servir de comparação com o corpus de pesquisa. São consideradas “palavras-chave” do corpus de

pesquisa as palavras que, na base das listas de frequência, aparecem com uma frequência mais alta do que no corpus de referência.

2.3.3 O *Multiconcord*®

O programa *Multiconcord*® foi desenvolvido por David Woolls em parceria com um grupo de universidades européias em 1997.

Por meio da ferramenta *Minmark*, inclusa no programa, é possível, depois de se ter convertido um texto para o formato .txt, marcar o começo e o fim de cada enunciado e parágrafo presente no corpus. Dessa forma, o *Multiconcord*® permite uma visualização paralela de um enunciado ou de um parágrafo em um TF e sua tradução no TA, podendo-se visualizar também, por meio de seus recursos, o contexto de uso de determinados itens lingüísticos ou suas co-ocorrências nos dois textos ao mesmo tempo.

Na FIG. 3, é reproduzida a janela de busca que permite selecionar um termo a ser visualizado dentro de seu co-texto no TF e sua respectiva tradução no TF.

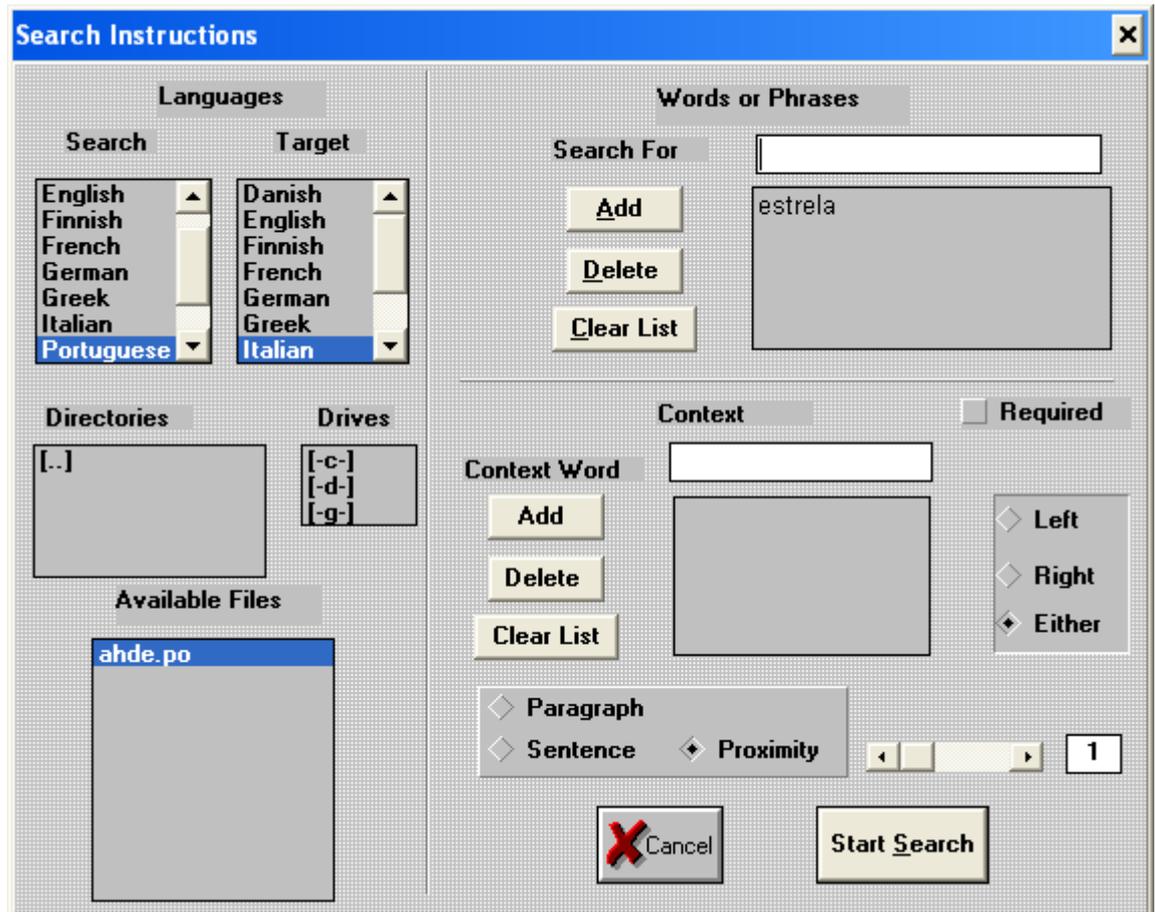


FIGURA 3 – Janela de busca do *Multiconcord*®.

Todavia, vale ressaltar que, como a própria Bosseaux reconhece (2007, p. 123-124), nem sempre foi possível um correto alinhamento entre o parágrafo em que aparecia o termo observado no TF e o correspondente parágrafo no TA, devido ao fato de que a contagem dos parágrafos é realizada automaticamente sem levar em conta eventuais diferenças na divisão daqueles nos TAs. Por isso, várias vezes, foi necessária uma checagem manual da correspondência entre trechos. Isso determinou também a opção de aplicar a ferramenta *Concord* do *WordSmith*® em cada um dos textos de forma isolada para averiguar instâncias de uso dos elementos lingüísticos estudados, em vez de se visualizarem os resultados da busca de maneira paralela entre cada par de texto, como feito por Bosseaux (2007), reservando-se, assim, o uso do *Multiconcord*® para a parte da análise relativa à tradução.

Os passos metodológicos seguidos na análise são apresentados nas próximas subseções.

2.3.4 Metodologia de análise

2.3.4.1 Dados quantitativos

Em primeiro lugar, a partir do *WordSmith Tools*®, foram levantadas as listas de palavras relativas aos dados quantitativos do corpus inteiro para observar, dentre outros aspectos, o número total de palavras de cada texto e a razão itens/ocorrências padronizada (*standardized type-token ratio*), isto é, a razão entre o número total de ocorrências de palavras (*tokens*) e o número de itens distintos (*types*), em cada um dos textos. Quando essa relação é alta, a variedade de palavras também é alta; quando é baixa, há menos itens e, conseqüentemente, mais repetições. Optou-se pela razão itens/ocorrências padronizada, isto é, uma média das razões calculadas em cada 1000 ocorrências, por permitir comparar corpora cujo número total de palavras é diferente, sendo que, quanto maior for o tamanho do corpus, mais alta será a probabilidade de haver repetições.

A observação dos dados quantitativos dos quatro textos apontou algumas diferenças. Mais especificamente, notou-se, nas duas traduções, um maior número total de ocorrências (25.700 e 36.413 contra, respectivamente, 24.706 e 34.988 nos TFs) e de itens (4.892 e 7.035 contra 4.233 e 6.213 nos TFs) e, conseqüentemente, uma razão itens/ocorrências maior nos TAs (45,30% e 48,41%, contra 41,85% e 46,22% respectivamente nos TFs), isto é, um léxico mais variado nos TAs, que indica um menor número de repetições, como pode ser observado na TAB. 1, a seguir:

TABELA 1: Dados quantitativos do corpus

Arquivo texto	AHDE.txt	LODS.txt	LDF.txt	LF.txt
Ocorrências	24.706	25.700	34.988	36.413
Ítems	4.233	4.892	6.213	7.035
Razão itens/ocorrências padronizada	41,85%	45,30%	46,22%	48,41%
Sentenças	1.635	1.429	1.737	2.035
Tamanho das sentenças	14,01%	14,15%	14,57%	15,69%
Parágrafos	500	515	1.072	1.643
Tamanho dos parágrafos	49,41%	49,90%	32,64%	43,47%

A mesma tendência foi observada no tamanho das sentenças (14,15% e 15,69% nos TAs, contra 14,01% e 14,57% nos TFs), no número total de parágrafos (515 e 1.643, contra 500 e 1.072) e no tamanho destes (49,9% e 43,47%, contra 49,41% e 32,64%, respectivamente). Observou-se uma única exceção no que tange ao número total de sentenças, o qual é maior no TA no par LDF-LF (2.035 contra 1.737) e menor em LODS em comparação com AHDE (1.429 contra 1.635).

Vale ressaltar que, apesar da quantificação dos dados apresentados, o foco da presente pesquisa é a análise qualitativa com ênfase na interpretação contextualizada dos achados. Por isso, nenhum programa ou teste estatístico foi aplicado para averiguar a representatividade dos dados encontrados no corpus. Portanto, o maior número de ocorrências totais em LDF e em LF em comparação com, respectivamente, AHDE e LODS, apesar de ser levado em conta na análise, não representou o principal interesse do estudo.

O segundo passo foi a análise das instanciações lingüísticas do ponto de vista seguindo o modelo de Bosseaux (2007). Todavia, antes de prosseguir na apresentação da metodologia, compete fazer algumas ressalvas quanto à aplicação do modelo da autora no

corpus da presente pesquisa. Em primeiro lugar, embora o corpus da investigação ora apresentada seja paralelo, como aquele objeto do estudo de Bosseaux (2007), a análise, conforme explicado a seguir, foi realizada não só com base nos pares TF-TA, mas também com base nos pares de TFs e de TAs, representando, dessa forma, um adendo com relação ao modelo da autora. Em segundo lugar, como explicado no capítulo teórico, foram aplicados, de forma mais sistemática, os recursos descritivos fornecidos pela GSF.

Para facilitar o acompanhamento das etapas pelas quais passou a investigação, remete-se, a seguir, às categorias analisadas, as quais já foram apresentadas no capítulo teórico.

2.3.4.2 Categorias de análise

As categorias de análise foram quatro, a saber:

- (1) Dêixis, para o exame do ponto de vista espaço-temporal, como resumido no

QUADRO 1.

QUADRO 1: Subcategorias e exemplos de dêixis

Realizadores de dêixis	Exemplos de itens lexicais
Dêíticos pessoais	<i>eu, ele, ela</i>
Dêíticos temporais	<i>agora, amanhã</i>
Dêíticos espaciais	<i>aqui, lá</i>

- (2) DIL, para detectar fala e pensamentos dos personagens filtrados através da voz narradora (QUADRO 2).

QUADRO 2: Subcategorias e exemplos de DIL

Realizadores de DIL	Exemplos de itens lexicais
Exclamações e interrogações	<i>ai, oh, é?</i>
Advérbios indicadores de debate interior e incerteza	<i>talvez, provavelmente</i>
Advérbios de tempo presente + verbos no passado	<i>agora... fui</i>
Advérbios de lugar indicando proximidade + verbos no passado	<i>cá... caiu</i>

- (3) Processos materiais, para o estudo do ponto de vista psicológico, como resumido no QUADRO 3.

QUADRO 3: Subcategorias e exemplos de Processos materiais

Realizadores de Processos materiais	Exemplos de itens lexicais
Verbos em construções transitivas	<i>pegar, jogar, pôr</i>
Verbos em construções ergativas	<i>parar, acordar, virar-se</i>
Verbos em construções passivas	<i>ser obrigado, ser castigado</i>

- (4) modalidade, outra categoria, junto com os processos materiais, analisada para observar o ponto de vista psicológico (QUADRO 4).

QUADRO 4: Subcategorias e exemplos de modalidade

Realizadores de modalidade	Exemplos de itens lexicais
Modulação de valor alto de obrigatoriedade	<i>dever, ter que</i>
Modulação de valor baixo de obrigatoriedade	<i>poder</i>
Processos mentais em narração na primeira pessoa do singular (A+) e na terceira (B+)	<i>saber, sentir</i>
Indicadores de incerteza da percepção da realidade em narração na primeira pessoa do singular (A-) e na terceira (B-)	<i>parecer... como se/talvez</i>

Vale lembrar, além disso, os tipos de apresentação do discurso de Leech e Short (1981) e de Semino e Short (2004), também observadas na análise como complemento para detectar o ponto de vista ficcional (QUADRO 5).

QUADRO 5: Tipos de fala e pensamento segundo Leech e Short (1981) e Semino e Short (2004)

Tipo de fala ou pensamento	Exemplos
DD/PD (discurso direto/pensamento direto)	He said, "I'll come back here to see you again tomorrow".
DI/PI (discurso indireto/pensamento indireto)	He said that he would return there to see her the following day.
DDL/PDL (discurso direto livre/pensamento direto livre)	I'll come back here to see you again tomorrow.
DIL/PIL (discurso indireto livre/pensamento indireto livre)	He would return there to see her again tomorrow.
NAF/NAP (narração de atos de fala/de pensamento)	He promised to visit her again.
VN (voz narrativa)	He took leave of her.
NI (narração interior)	He felt anxious to see her again.

Fonte dos exemplos: Leech e Short (1981), com exceção dos últimos, produzidos pela autora.

2.3.4.3 Passos metodológicos

Na análise das quatro categorias foram seguidos, basicamente, os mesmos procedimentos metodológicos enumerados a seguir.

(1) Em primeiro lugar, foram levantadas as listas de palavras pela ferramenta *Wordlist*, tanto nos TFs como nos TAs, em busca dos itens de interesse para a análise. Às vezes, foram procurados os itens de maior frequência para restringir a análise, que teria sido demasiado extensa. Exemplo disso são os numerosos dêiticos temporais presentes no corpus, dentre os quais os mais frequentes resultaram ser *agora* nos TFs e *ora* nos TAs, como pode ser observado nas FIG. 4 e 5.

N	Word	Freq.	%	Lemmas
142	AFLITA	2		
143	AFLITIVO	1		
144	AFOGA	1		
145	AFRICANO	1		
146	AFUNILARA	1		
147	AGARRAVA	1		
148	AGARROU	1		
149	AGASALHO	1		
150	AGIA	1		
151	AGIR	1		
152	AGONIA	2		
153	AGORA	44	0,20	
154	AGOSTO	1		
155	AGRADAVAM	1		
156	ADECIMENTO	2		
157	AGRADO	1		
158	AGRUPADO	1		
159	AGRUPAM	1		
160	ÁGUA	8	0,04	
161	ÁGUAS	1		
162	AGUDO	3	0,01	
163	AGUDOS	2		
164	AGÜENTA	1		
165	AGÜENTE	1		
166	AGÜENTO	3	0,01	
167	AGÜENTOU	2		

FIGURA 4 – Lista de palavras de LDF.

N	Word	Freq.	%	Lemmas
2830	ONESTE	1		
2831	ONORE	1		
2832	OPACA	1		
2833	OPACITÀ	1		
2834	OPACO	1		
2835	OPALE	1		
2836	OPERA	2		
2837	OPERAIO	2		
2838	OPPORTUNITÀ	1		
2839	OPPOSTA	1		
2840	OPPURE	5	0,02	
2841	OPTAVA	1		
2842	ORA	31	0,13	
2843	ORATORIA	1		
2844	ORDINAVA	1		
2845	ORDINE	2		
2846	ORE	4	0,02	
2847	ORECCHIO	2		
2848	ORFANOTROFIC	1		

FIGURA 5 – Lista de palavras de LF.

(2) Em um segundo momento, foram observadas, em cada TF e TA, a partir da ferramenta *Corcord*, as linhas de concordância dos elementos escolhidos no passo anterior. O objetivo desse procedimento é visualizar esses elementos em seu contexto de uso, descartando-se, manualmente, as instâncias que não eram de interesse para a pesquisa, como aquelas não referentes aos personagens ou não inseridas em um contexto em DIL, homógrafos (e.g., na oração *levou um tiro no coração*, *tiro* é substantivo, e não verbo) ou instanciações diferentes daquelas estudadas (e.g., na oração *dava-se conta*, o verbo *dar* realiza Processo mental).

Tratando-se da análise de algumas repetições ou de co-ocorrências de dois ou mais itens no mesmo contexto, foi necessário ampliar o contexto das linhas de concordância de um mínimo de 5 para o máximo de 25 palavras tanto à direita como à esquerda do elemento analisado. Mais especificamente, no que se refere à dêixis, foram analisadas as repetições dos dêiticos pessoais e espaço-temporais e as co-ocorrências destes últimos com os primeiros dentro de um co-texto de 5 palavras para averiguar padrões de recursos coesivos (cf. HALLIDAY; HASAN, 1976; MAGALHÃES, 2005) que ressaltassem a focalização narrativa nos personagens e o uso da repetição como traço da escrita de Lispector (cf. NUNES, 1995). O mesmo foi feito na análise contextual das co-ocorrências dos advérbios de tempo presente e de lugar próximo ao falante com verbos no passado, traços indicadores de ponto de vista narrativo psicológico centrado na dimensão espaço-temporal próxima aos personagens. No que diz respeito às repetições dos elementos indicadores de narração A+/B+ (i.e., *saber/sentir*, *sapere/sentire*), analisou-se um contexto de 25 palavras devido ao fato de que, em trechos maiores, é mais fácil detectar o tipo de narração. Pela mesma razão, foram procuradas, também dentro de um contexto de 25 palavras, as co-ocorrências de *parecer* e *sembrare/parere* com, respectivamente, *como se/talvez* e *come se/forse*, indicadoras de trechos de narração A-/B-.

(3) A etapa seguinte foi a comparação dos itens encontrados nos pares de TFs e de TAs para observar padrões de uso de cada categoria no romance e nos contos tanto nos TFs como nos TAs e sua contribuição para a construção do ponto de vista narrativo nos textos analisados.

(4) O último passo foi a análise contrastiva, com o aporte da ferramenta *Multiconcord*, entre os elementos lingüísticos classificados e quantificados em AHDE e LDF e suas respectivas traduções. O intuito foi observar instâncias de equivalências e de mudanças. No caso das mudanças, foi observado, ainda, se e como elas determinam diferenças na focalização narrativa nos textos traduzidos.

Embora esses quatro passos tenham sido implementados na observação de cada uma das categorias e subcategorias de análise, foi necessário, em alguns casos, refinar a pesquisa por meio de outros recursos. Mais especificamente, no que diz respeito à análise do DIL, na fase de seleção das instâncias relevantes no que tange aos advérbios de tempo presente e de lugar próximo ao falante, foram procurados aqueles em co-ocorrência com verbos no tempo passado, como pode ser visto na FIG. 6, em que, em alguns casos, o advérbio *agora* co-ocorre com verbos no passado, como *sorria*, *estava* e *fora*.

N	Concordance	Set	Tag	Word No.	File	%
1	LAÇOS DE FAMILIA agora, nem sequer de ti			8.679	tos\ldf.txt	24
2	hava a com ternura, e já agora ela sorria sem ra			26.019	tos\ldf.txt	74
3	olhos vistos. Os traços agora caídos e demente			20.025	tos\ldf.txt	57
4	vam a faz-la sentir que agora estava "bem" Se			7.149	tos\ldf.txt	20
5	s, essa menina fora até agora o menor 70 1			17.312	tos\ldf.txt	49
6	ra. O verdadeiro cão que agora mesmo devia vaga			30.791	tos\ldf.txt	88
7	poio dos três filhos que agora se misturavam traí			15.168	tos\ldf.txt	43
8	ornara super humana. Agora, nada mais disso.			8.266	tos\ldf.txt	23
9	sa pareceu: remexia se agora dentro da realidade			2.021	tos\ldf.txt	6
10	is perfeita. Bem, mas agora ela já falara com			10.860	tos\ldf.txt	31
11	seu gosto pelo método, agora reassumido, plane			7.316	tos\ldf.txt	21
12	ara tão completamente: agora todos os dias ela			8.339	tos\ldf.txt	23
13	A demônio". Mesmo agora, atravessando o p			27.080	tos\ldf.txt	77
14	de Plutão que se movia agora com curiosidade,			19.518	tos\ldf.txt	56
15	e José, filho mais velho agora que Jonga tinha m			13.458	tos\ldf.txt	38
16	de dizer uma a outra? e agora era tarde demais.			24.646	tos\ldf.txt	70
17	ente mas já intangíveis: "agora acabou", e ele fi			26.741	tos\ldf.txt	77
18	ziam "não tive tempo" e agora ela era de novo u			8.708	tos\ldf.txt	25
19	emo. Era quase noite agora e tudo parecia ch			4.797	tos\ldf.txt	13
20	om que sombrio prazer. Agora mãe e filho compr			25.766	tos\ldf.txt	74
21	a e a sua condição. E agora, mais matemático			32.012	tos\ldf.txt	92
22	o e ele estava livre. E agora ele podia pensar li			30.764	tos\ldf.txt	88
23	la só teve espanto. E agora este silêncio tamb			33.239	tos\ldf.txt	95
24	ava fria e inteligente. Só agora ele parecia compr			31.756	tos\ldf.txt	91
25	pirava com alívio. Ele agora misturava à carne			19.652	tos\ldf.txt	56
26	acontecimento estavam agora de sobreaviso. tin			3.925	tos\ldf.txt	11

FIGURA 6 – Linhas de concordância do advérbio *agora* em LDF.

Vale ressaltar, como afirma a própria Bosseaux (2007, p. 129), a dificuldade na identificação do DIL devido à mescla da voz dos personagens com a voz narradora, o que dá a impressão de que se trata de DI. Foi, então, preciso fazer uma seleção manual atenta e minuciosa das linhas de concordância em que apareciam os itens destacados, levando em conta o contexto imediato, para descartar os casos de DI/PI, DD/PD, DDL/PDL e NAF/NAP.

Com relação aos dêiticos pessoais, optou-se, por duas razões, pelo estudo das repetições no mesmo contexto dos pronomes *eu*, *ela* e *ele*, nos TFs, e *io*, *lui*, *lei*, junto com as formas *egli* e *ella*, nos TAs, apesar de estas últimas serem pouco usadas no italiano escrito atual (cf. GARZONE, 2005; ROVERI, 2005; VECCHIATO, 2005). Em primeiro lugar, partiu-se do pressuposto de que AHDE, como apontado pela crítica literária, é um romance

escrito na primeira pessoa do singular em que o narrador-personagem Rodrigo reflete sobre seu posicionamento de escritor à medida que narra os fatos e que a protagonista Macabéa busca sua própria identidade. Em segundo lugar, os contos de LDF são narrados na terceira pessoa do singular na quase totalidade dos casos e, mesmo quando há interlúdios dos pensamentos e reflexões dos personagens, tais interlúdios são apresentados normalmente em forma de DIL, caracterizados pelo uso da terceira pessoa do singular e de verbos no tempo passado.

No que diz respeito à análise dos verbos realizadores de Processos materiais presentes nas listas de palavras dos TFs e TAs, analisaram-se os casos em primeira e terceira pessoa do singular em construções transitivas, as quais, como apontado por Bosseaux (2007), potencialmente poderiam apresentar mudança de agentividade na tradução. Porém, diferentemente da análise da referida autora, aqui não foram descartados os casos chamados por ela de verbos de “sentido figurado”³² (cf. BOSSEAUX, 2007, p. 196 e 197, sobre as expressões inglesas *break off* e *drop a line*), haja vista que se levou em conta que, segundo a GSF, os verbos são classificados por sua função nas orações. Portanto, com intuito de suprir essa falta na pesquisa da autora, foram analisadas todas as ocorrências de verbos presentes na lista de palavras e considerados potencialmente realizadores de Processos materiais, desconsiderando-se, a partir das linhas de concordância, apenas aqueles que, em sua instanciação de uso, resultaram ser indicadores de outros Processos ou homógrafos de substantivos.

Com relação às construções ergativas, foi realizada, por meio das listas de palavras, uma busca prévia de instancicações de verbos potencialmente utilizáveis tanto em construções transitivas como ergativas, sendo que a Meta das primeiras torna-se Ator nas segundas (e.g., *El conductor paró el coche / el coche paró*, cf. ARÚS, 2006). As construções

³² Nossa tradução de “*figurative sense*” e “*figurative meaning*”.

ergativas, tanto em português como em italiano, compreendem realizações de verbos pronominais ou de voz passiva (e.g., *Los porteros abrieron las puertas* / *La puerta se abrió*, cf. ARÚS, 2006, sobre o espanhol). Somente por meio da análise contextual das ocorrências nas linhas de concordância foi possível averiguar o uso ergativo de tais verbos nos quatro textos do corpus.

Com o intuito de observar de forma mais completa a representação do narrador e dos personagens feitas por eles mesmos e a sua visão do mundo, também foram analisadas, como indicado por Bosseaux (2007), construções passivas de verbos de Processos materiais. Todavia, na presente pesquisa, não foram procuradas apenas construções passivas co-ocorrendo com o pronome pessoal *eu*, como feito pela referida autora, mas também com *ela* e *ele*, devido ao fato de que, como explicado na seção sobre dêixis, AHDE é um romance em que a primeira e a terceira pessoa do singular vão se alternando e devido ao fato de que a maioria dos contos de LDF é narrada na terceira pessoa.

Para buscar construções passivas, foi realizada, primeiramente, uma seleção dos itens a serem analisados através da ferramenta *Concord*. Mais especificamente, foram procurados, em um primeiro momento, os particípios de verbos de Processos materiais, inserindo-se na janela de busca as desinências **ado/*ido* e **ada/*ida*, dos particípios regulares do português (no caso dos TFs), e **ato/*ito/*uto* e **ata/*ita/*uta*, dos particípio regulares do italiano (no caso dos TAs), como mostrado na FIG. 7.

N	Concordance	Set	Tag	Word No.	File	%
1	osto a un uomo bruno e minuto, costretto a esse			24.351	xtos\vf.txt	67
2	donato un cane che ha avuto fiducia in un uomo			32.466	xtos\vf.txt	89
3	del commiato avrebbero potuto forse, ora senza			16.534	xtos\vf.txt	45
4	erché era effettivamente accaduto qualcosa, sare			24.715	xtos\vf.txt	68
5	dato per sempre, o avrò perduto quanto di meglio			20.589	xtos\vf.txt	57
6	artenevi, non mi hai mai ceduto un po' del tuo p			31.886	xtos\vf.txt	88
7	iugare. Avrebbe magari potuto raccontarlo, anch			25.850	xtos\vf.txt	71
8	all'infuori di quello che, ripetuto, le sembrava se			10.984	xtos\vf.txt	30
9	o, stirare le era sempre piaciuto e, modestia a p			8.397	xtos\vf.txt	23
10	con sorpresa. Avrebbero potuto dare l'impression			10.089	xtos\vf.txt	27
11	to Cristo sarebbe stato perduto - perduto nella l			7.799	xtos\vf.txt	21
12	aperto la porta. Avrebbe premuto l'interruttore. E			12.309	xtos\vf.txt	33
13	ersona. "Ma hai posseduto una persona			32.206	xtos\vf.txt	89
14	ene così. Così lei aveva voluto e scelto. Il			3.572	xtos\vf.txt	10
15	gradevole e le sarebbe piaciuto legare per semp			25.715	xtos\vf.txt	71
16	ai più! (Avrebbe almeno potuto tenersi una rosa			11.785	xtos\vf.txt	32
17	eva, non appena avesse avuto denaro sarebbe st			28.016	xtos\vf.txt	77
18	ssa festeggiata avrebbe potuto realmente utilizza			13.882	xtos\vf.txt	38
19	tando un attimo avrebbe potuto crollare in avanti,			14.451	xtos\vf.txt	39
20	convinta com'era di aver ricevuto dei torti, non ve			13.618	xtos\vf.txt	37
21	iaro che mai si sarebbe potuto fare qualcosa per			19.533	xtos\vf.txt	54
22	ò che dalla natura viene tenuto separato - odore			1.141	xtos\vf.txt	3
23	che questa aveva ormai perduto, non ciò che av			22.087	xtos\vf.txt	61
24	Segui ancora qualche sparuto battimani.			14.384	xtos\vf.txt	39
25	on Maria e non avrebbe avuto modo di tornare su			11.166	xtos\vf.txt	30
26	una comica richiesta di aiuto nello sguardo. Ma			15.318	xtos\vf.txt	42

FIGURA 7 – Linhas de concordância tendo como item central palavras com desinência *uto em LF.

Em um segundo momento, por meio de uma escolha manual prévia dos itens da lista de palavras, foram também procurados participios irregulares não detectáveis por meio das desinências.

No que tange à modalidade, foram analisados, respectivamente nos TFs e nos TAs, os verbos *dever/ter que* e *dovere* como realizações de modulação de obrigação de valor alto, os verbos *poder* e *potere* como realizações de modulação de obrigação de valor baixo, os verbos realizadores de Processos mentais *saber/sentir* e *sapere/sentire*, normalmente indicadores de narração de tipo A+/B+, e as co-ocorrências *parecer...como se/talvez* e *sembrare/parere...come se/forse*, indicadores de trechos de narração de tipo A-/B- em todos seus tempos verbais e na primeira e terceira pessoa do singular.

Tendo explicado a metodologia seguida na presente investigação, são apresentados, no próximo capítulo, os resultados da análise propriamente dita.

CAPÍTULO 3: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS NO PAR AHDE-LDF

Neste capítulo, é apresentada a análise das quatro categorias (dêixis, DIL, Processos materiais e modalidade) nos dois TFs, AHDE e LDF, de acordo com a metodologia explicitada no capítulo anterior.

Vale lembrar que, como explicado no capítulo metodológico, neste e no próximo capítulo, dedicados à análise contrastivas dos dois TFs e dos dois TAs, as diferenças quantitativas dos itens analisados foram apontadas sem perder de vista o tamanho maior do subcorpus LDF em comparação com AHDE (34.988 palavras contra 24.706) e LF em relação a LODS (36.413 palavras contra 25.700). Além disso, ainda no que diz respeito aos dados quantitativos, houve uma escolha por não realizar análise estatística. Assim, também não se perdeu de vista que a maior frequência dos itens investigados poderia ser esperada devido ao maior número de palavras em LDF e em LF.

Os resultados da análise do par AHDE-LDF são apresentados na seguinte ordem: na seção 3.1, são descritos os dados referentes à dêixis; na seção 3.2, são apresentados os dados sobre o DIL; na seção 3.3, são apontados os dados concernentes aos Processos materiais; na seção 3.4, são mostrados os dados acerca da modalidade. A análise contrastiva entre os dois TFs cumpriu o papel de observar padrões de uso dos itens analisados na escrita de Lispector. Para cada seção, são apresentados, primeiramente, dados quantitativos da análise e, por último, um resumo dos resultados. Para se ter uma visão contextualizada dos elementos analisados, remete-se ao final do Capítulo 5, em que são apresentados alguns exemplos extraídos dos corpora seguidos de comentários.

3.1 Dêixis

Em se tratando da análise dos dêiticos, cumpre lembrar que foram observados três tipos de realizações, a saber: (i) as repetições (*i.e.*, as co-ocorrências) dos pronomes pessoais na primeira e na terceira pessoa do singular; (ii) as repetições dos dêiticos temporais e espaciais; e (iii) as co-ocorrências desses dêiticos com pronomes pessoais na primeira e na terceira pessoa do singular.

Com relação à análise contrastiva AHDE-LDF, foram encontrados, no romance, 61 casos de elementos indicadores de dêixis pessoal, 9 de dêixis temporal e 1 de dêixis espacial. Nos contos, por sua vez, foram observadas 53 ocorrências de dêiticos pessoais, 9 de temporais e nenhum caso de dêixis espacial.

Os resultados desta primeira parte da análise relativa à dêixis são apresentados detalhadamente a seguir.

3.1.1 Dêixis pessoal

Na análise das repetições dos pronomes pessoais *eu*, *ela* e *ele*, foram procuradas as co-ocorrências dentro de um co-texto de 5 palavras, no máximo, tanto à esquerda como à direita de cada um dos três itens. Os resultados são resumidos na TAB. 2³³.

TABELA 2:
Ocorrências de dêixis pessoal em AHDE e em LDF

Ocorrência	n. casos por obra	
	AHDE	LDF
<i>eu</i>	32 (R12, M9)	9
<i>ela</i>	21 (M16)	32
<i>ele</i>	8	12
Total	61	53

Nota: M = Macabéia; R = Rodrigo.

³³ Observe-se que, nesta e em outras tabelas deste Capítulo e dos Capítulos 4 e 5, optou-se por registrar as ocorrências com iniciais minúsculas. Cabe apontar, no entanto, que, em alguns casos, essas ocorrências introduzem sentenças e, nos textos, podem ter iniciais maiúsculas.

Como pode ser visto, dentre os 61 casos em AHDE, 32 são repetições do pronome *eu*, 21 de *ela* e 8 de *ele*. Das 32 ocorrências de *eu*, 12 se referem ao narrador-personagem Rodrigo (indicado pela sigla R) e 9 correspondem à protagonista Macabéa (indicada pela sigla M). A observação das ocorrências de *eu* dentro de seu contexto permitiu averiguar que os casos referentes ao narrador se concentram na primeira metade do romance e que os casos correspondentes à protagonista estão colocados na parte final da obra. Tal dado confirma as afirmações da crítica literária: por um lado, a tendência à introspecção do narrador e ao seu questionamento na qualidade de escritor é verificada na parte inicial da obra, em que o narrador ainda tenta dar forma à narração dos fatos (exemplo 1)³⁴; por outro lado, a busca (ou a construção da identidade por parte da protagonista) concentra-se na parte final do romance, logo antes de ela morrer repetindo mentalmente, como um mantra, *eu sou, eu sou, eu sou* (exemplo 2).

Com relação às outras ocorrências, a maioria dos casos do pronome *ela* (16 dentre 21) se refere à protagonista (exemplo 3). Já os 8 casos de *ele* são atribuíveis quase exclusivamente ao personagem Olímpico.

No que se refere a LDF, o número de repetições de *eu* é bem menor: são 9 casos, quase todos referentes ao conto “O delito do professor de matemática”, narrado na primeira pessoa do singular (exemplo 4). No que tange aos pronomes *ela* e *ele*, foram encontradas, respectivamente, 32 e 12 ocorrências, isto é, 9 e 4 ocorrências a mais que em AHDE (exemplo 5). Tais diferenças, como já mencionado, se devem ao predomínio da narração na terceira pessoa do singular em LDF.

³⁴ Estes e outros exemplos de análise de dêiticos, como já explicitado no intróito deste capítulo, estão disponibilizados ao final do Capítulo 5. O mesmo se aplica para as outras categorias (*i.e.*, sobre DIL, Processos materiais e modalidade).

3.1.2 Dêixis temporal

Dentre os dêiticos temporais indicadores de focalização nos personagens por sua referência à dimensão presente e ao envolvimento pessoal, o mais freqüente, tanto em AHDE como em LDF, resultou ser o advérbio *agora*, com 44 e 60 casos, respectivamente. A análise das repetições de *agora* no mesmo co-texto apontou 4 casos em AHDE e 2 em LDF, como resumido na TAB. 3.

TABELA 3:
Ocorrências de dêixis temporal em AHDE e em LDF

Ocorrência	n. casos por obra	
	AHDE	LDF
<i>agora</i>	4	2
<i>agora...eu</i>	5	–
<i>agora...ela</i>	–	4
<i>agora...ele</i>	–	3
Total	9	9

A observação das ocorrências mostradas na TAB. 3 dentro de seu contexto permitiu averiguar que todas contribuem para enfatizar o posicionamento do eu-falante, isto é, do narrador-personagem Rodrigo, em AHDE, e do protagonista no conto “O crime do professor de matemática”, narrado na primeira pessoa do singular em LDF. Porém, neste último texto, nenhuma das repetições do advérbio *agora* co-ocorre com o pronome pessoal *eu*. Em AHDE, as 5 co-ocorrências de *agora* com o pronome pessoal *eu* se referem a trechos diferentes daqueles em que as repetições do advérbio *agora* estão inseridas (exemplo 6).

Com relação aos pronomes pessoais *ela* e *ele*, não foram detectadas, em AHDE, co-ocorrências com o advérbio *agora*. Já em LDF, a observação do contexto em que estão inseridas permitiu identificar, respectivamente, 4 e 3 ocorrências de *ela* e *ele* em co-ocorrência com o advérbio de tempo *agora* (exemplo 7).

3.1.3 Dêixis espacial

O uso de dêiticos indicadores de uma dimensão espacial próxima aos personagens, junto com a dêixis temporal sinalizadora de tempo presente, também ressalta a focalização nos personagens, cujos olhos e experiências filtram a narração.

Com relação às repetições de dêiticos espaciais ou às suas co-ocorrências com outros dêiticos, foi encontrado um único caso em AHDE, qual seja: o advérbio de lugar *cá* em co-ocorrência com outro advérbio de lugar, *lá*, atribuível ao narrador. Entretanto, não foi detectado nenhum caso em LDF (TAB. 4).

TABELA 4:
Ocorrências de dêixis espacial em AHDE e em LDF

Ocorrência	n. casos por obra	
	AHDE	LDF
<i>cá... lá</i>	1	–
Total	1	–

3.1.4 Resumo dos resultados da análise de dêixis no par AHDE-LDF

Na análise contrastiva AHDE-LDF, foram encontradas, respectivamente, 71 e 62 ocorrências de dêiticos, como pode ser visto na TAB. 5, a seguir.

TABELA 5:
Resumo quantitativo dos dêiticos em AHDE e em LDF

Tipo	n. casos por obra	
	AHDE	LDF
Dêiticos pessoais	61	53
Dêiticos temporais	9	9
Dêiticos espaciais	1	0
Total	71	62

Mais especificamente, foram observadas 61 e 53 ocorrências de dêiticos pessoais em AHDE e em LDF, respectivamente, 9 dêiticos temporais em cada obra e 1 única ocorrência de dêitico espacial apenas em AHDE (GRAF. 1).

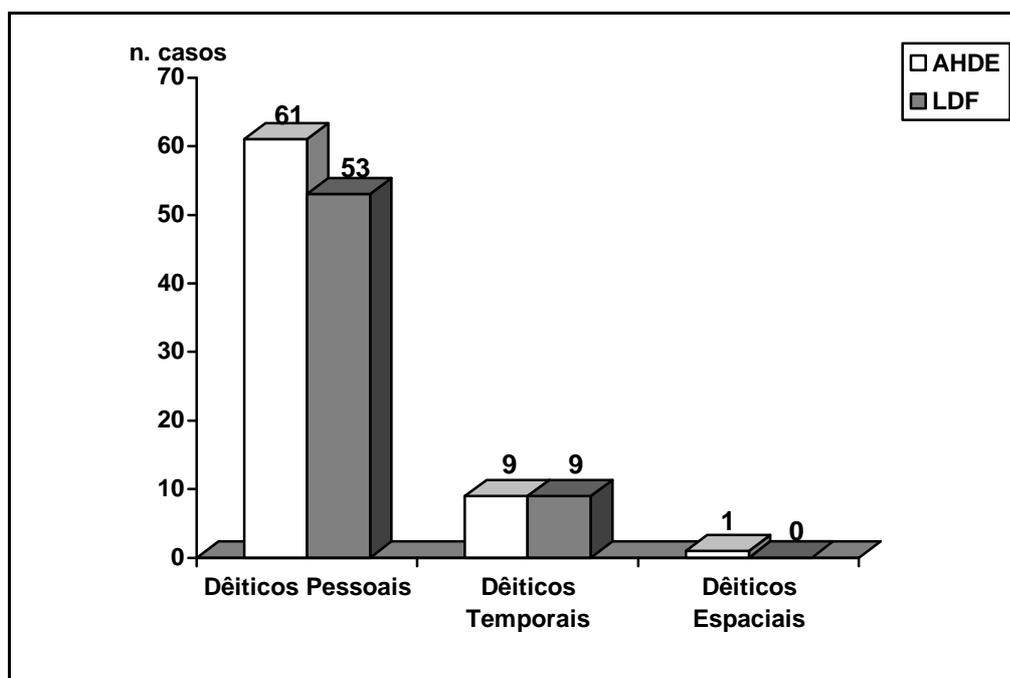


GRÁFICO 1 – Análise contrastiva dos dêiticos em AHDE-LDF.

Esses resultados apontam indicadores lingüísticos do ponto de vista levemente diferentes nos dois TFs, principalmente no que diz respeito aos dêiticos pessoais. A maior frequência das repetições de *ela* e *ele* em LDF e a de *eu* em AHDE são atribuíveis, respectivamente, à narração na terceira pessoa do singular na maior parte dos contos e à narração na primeira pessoa do singular por parte do narrador Rodrigo no romance. Em outras palavras, o uso de tais dêiticos é indicador de focalização narrativa mais centrada nos personagens na coletânea de contos e mais filtrada através da voz narradora no romance, como será observado também na seção dedicada ao DIL.

3.2 Discurso Indireto Livre (DIL)

Bosseaux (2007) aponta três tipos de indicadores de DIL, a saber: (i) exclamações e interrogações, (ii) advérbios indicadores de debate interior e incerteza e (iii) advérbios de tempo presente e de lugar próximo ao falante em co-ocorrência com verbos no tempo passado.

Em AHDE, foi encontrado um número reduzido de itens, perfazendo um total de 13 elementos assim distribuídos: 7 exclamações e interrogações, 4 advérbios indicadores de debate interior e incerteza e 2 advérbios de tempo presente co-ocorrendo com verbos no passado. Já em LDF, condizendo com o tamanho maior deste subcorpus, as ocorrências totais em cada categoria foram substancialmente maiores, isto é, um total de 75 elementos distribuídos entre 43 exclamações e interrogações, 11 advérbios indicadores de debate interior e incerteza e 21 advérbios de tempo presente co-ocorrendo com verbos no passado. A comparação entre os itens de cada subcategoria nos dois textos é apresentada detalhadamente a seguir.

3.2.1 Exclamações e interrogações

Com relação às exclamações e interrogações, dentro de trechos de narração em DIL, foram detectados, em AHDE, 4 casos de *sim*, 1 de *ah*, 1 de *é* e 1 de *mas como* e, em LDF, 4 casos de *ah*, 15 de *oh*, 11 de *ai*, 7 de *sim*, 3 de *mas que*, 1 de *mas como* e 2 de *bem*. Esses dados podem ser observados na TAB. 6, a seguir.

TABELA 6: Ocorrências de exclamações e interrogações em AHDE e em LDF

Ocorrência	n. de casos por obra	
	AHDE	LDF
<i>sim</i>	4	7
<i>ah</i>	1	4
<i>é</i>	1	–
<i>mas como</i>	1	1
<i>oh</i>	–	15
<i>ai</i>	–	11
<i>mas que</i>	–	3
<i>bem</i>	–	2
Total	7	43

Em geral, além do alto número das ocorrências de exclamações e interrogações em LDF em comparação com AHDE (43 casos contra 7), observa-se que, se, por um lado, alguns itens são utilizados tanto em AHDE como em LDF – isto é, *sim* (exemplos 8 e 14), *ah* e *mas como*, embora com frequências diferentes (4, 1 e 1 contra 7, 4 e 1, respectivamente) –, por outro, alguns elementos aparecem no romance mas não nos contos (*é*); outros aparecem nos contos, mas não no romance (*oh*, *ai*, *mas que*, *bem*). Ademais, vale frisar o uso freqüente das duas exclamações *ai* e *oh* (11 e 15 casos, respectivamente) em LDF, as quais, na maioria das vezes, são atribuíveis a apenas dois contos, isto é, a primeira é encontrada em “Devaneio e embriaguez duma rapariga” e a segunda está inserida em “A imitação da rosa”, sendo que ambas as ocorrências são reflexo do idioleto que caracteriza o pensamento de duas personagens das referidas obras, como pode ser observado nos exemplos 9, 10 e 11. De fato, um primeiro levantamento dos dados apontou 19 casos de *ai* e 18 de *oh*; porém, foi necessária uma atenta análise do contexto para detectar as ocorrências efetivas dentro de trechos em DIL, já que é muito freqüente, nos dois contos mencionados, uma mescla, quase sempre dentro da mesma sentença, desse discurso com o DDL (este reconhecível pelo uso da primeira pessoa do singular e de verbos no presente). Tal procedimento enfatiza a importância da intervenção do pesquisador para afinar a análise, como sublinhado várias vezes por Bosseaux (2007).

3.2.2 Advérbios indicadores de debate interior e incerteza

No que se refere aos advérbios indicadores de debate interior e incerteza, foram encontrados, em AHDE, 1 caso de *provavelmente*, 2 de *talvez* e 1 de *por acaso*. Em contrapartida, foram detectados, em LDF, 9 casos de *talvez*, 1 de *na certa* e 1 de *naturalmente*. Esses dados são resumidos na TAB. 7, a seguir.

TABELA 7: Ocorrências de advérbios indicadores de debate interior e incerteza em AHDE e em LDF

Ocorrência	n. casos por obra	
	AHDE	LDF
<i>provavelmente</i>	1	–
<i>talvez</i>	2	9
<i>por acaso</i>	1	–
<i>na certa</i>	–	1
<i>naturalmente</i>	–	1
Total	4	11

Também no caso dos advérbios indicadores de debate interior e incerteza, o número total de ocorrências é maior em LDF (11) que em AHDE (4). Destaca-se o uso do advérbio *talvez*, que ocorre, respectivamente, 2 e 9 vezes em AHDE e em LDF (exemplos 12 e 13). No que se refere aos outros itens, os advérbios *provavelmente* e *por acaso* utilizados em AHDE não ocorrem em LDF, ao passo que *na certa* e *naturalmente*, observados neste último, não foram detectados no primeiro.

3.2.3 Advérbios de tempo presente co-ocorrendo com verbos no passado

No que tange aos advérbios de tempo presente co-ocorrendo com verbos no passado, foram detectados, em AHDE, só 2 casos de *agora* (exemplo 15). Já em LDF, os casos encontrados foram mais frequentes: 18 de *agora* (exemplo 14), 1 de *amanhã* e 1 de *depois de amanhã* (exemplo 16). Foi encontrado também em LDF um caso isolado de

advérbio de espaço *cá* co-ocorrendo com o verbo *cair* no pretérito perfeito do indicativo (*caiu*), como pode ser observado na TAB. 8, a seguir.

TABELA 8: Ocorrências de advérbios de tempo presente e de lugar próximo co-ocorrendo com verbos no passado em AHDE e em LDF

Ocorrência	n. casos por obra	
	AHDE	LDF
<i>agora</i>	2	18
<i>amanhã</i>	–	1
<i>depois de amanhã</i>	–	1
<i>cá</i>	–	1
Total	2	21

Dentre os elementos observados, destacam-se as 18 ocorrências, em LDF, do advérbio *agora*, cujo uso junto com verbos no passado é indicador de DIL por projetar o ponto de vista narrativo na perspectiva dos personagens, como apontado por Bosseaux (2007).

3.2.4 Resumo dos resultados da análise de DIL no par AHDE-LDF

Na análise contrastiva AHDE-LDF, foram encontradas, respectivamente, 13 e 75 ocorrências totais de indicadores de DIL, como pode ser visto na TAB. 9.

TABELA 9: Resumo quantitativo dos indicadores de DIL em AHDE e em LDF

Indicador de DIL	n. casos por obra	
	AHDE	LDF
Exclamações e interrogações	7	43
Advérbios indicadores de debate interior e incerteza	4	11
Advérbios de tempo presente e lugar próximo com verbos no passado	2	21
Total	13	75

Mais especificamente, são encontradas, respectivamente em AHDE e em LDF, 7 e 43 ocorrências totais de exclamações e interrogações, 4 e 11 casos de advérbios indicadores de debate interior e incerteza e 2 e 21 ocorrências de advérbios de tempo presente e de lugar próximo ao falante co-ocorrendo com verbos no tempo passado. Esses resultados apontam uma maior frequência de elementos indicadores de DIL em LDF, principalmente no que se refere ao uso de exclamações e interrogações (GRAF. 2).

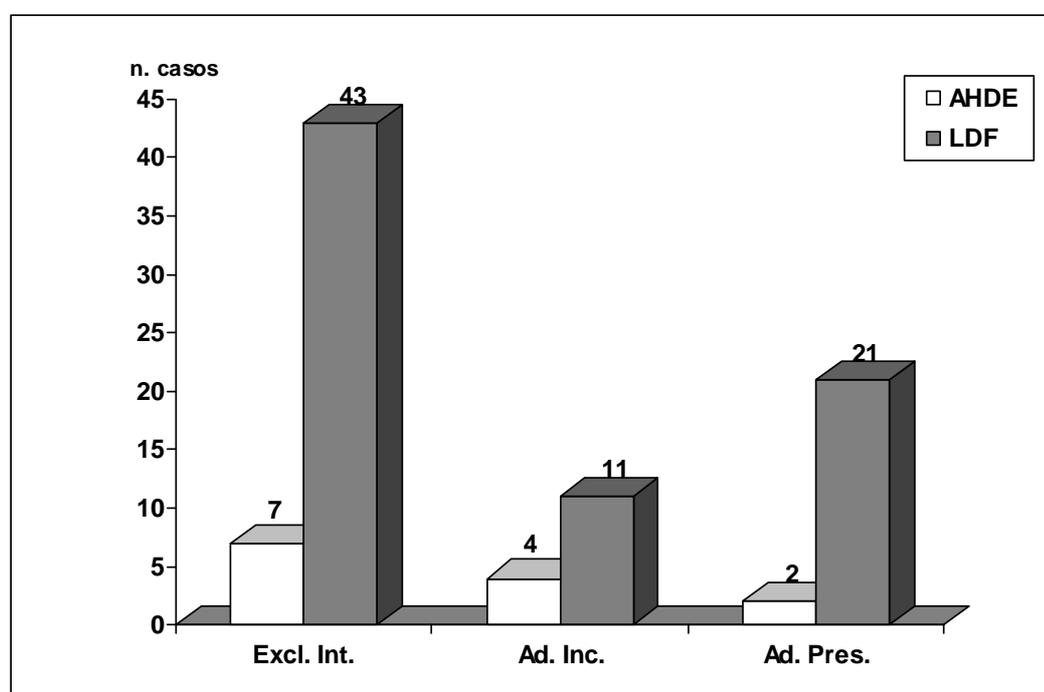


GRÁFICO 2 – Análise contrastiva dos indicadores de DIL em AHDE-LDF.

Nota: Excl. Int. = exclamações e interrogações; Ad. Inc. = advérbios indicadores de debate interior e incerteza; Ad. Pres. = advérbios de tempo presente e de lugar próximo co-ocorrendo com verbos no tempo passado.

Os resultados apontam indicadores lingüísticos do ponto de vista diferentes no que tange ao romance e à coletânea de contos. A maior frequência de indicadores de DIL em LDF sinaliza uma focalização narrativa centrada nos personagens, embora os seus pensamentos sejam filtrados através da voz narradora; em contrapartida, domina, em AHDE, o ponto de vista do narrador. Em outras palavras, no que diz respeito ao DIL, seguindo a

classificação de Simpson (1993), prevalece, nos contos, uma narração de tipo B(R), isto é, na terceira pessoa do singular e com a consciência dos personagens construída pelo narrador, ao passo que, no romance, se destaca a narração de tipo B(N), ou seja, na terceira pessoa do singular, em que o narrador apresenta os pensamentos dos personagens.

3.3 Processos Materiais

Nesta seção, serão apresentados os resultados da análise dos Processos materiais que descrevem os fatos e o nível de envolvimento dos personagens nas diversas situações. Mais especificamente, foram analisadas, como explicado no capítulo sobre metodologia, as construções transitivas, ergativas e passivas referentes aos personagens. Cumpre ainda lembrar que, em se tratando da análise de AHDE, embora tenham sido consideradas todas as ocorrências de Processos materiais referentes à primeira ou à terceira pessoa do singular, o principal foco foram os casos relativos ao narrador e à protagonista.

Foram encontrados, em AHDE, 60 casos de verbos em Processos materiais em construções transitivas, dos quais 12 se referem à protagonista e 33 correspondem ao narrador; em contrapartida, foram identificados 62 casos em LDF. Com relação aos verbos em estruturas ergativas com Processos materiais, foram detectados 20 casos em LDF e 3 em AHDE. Finalmente, foram observadas 14 ocorrências de construções passivas em AHDE, das quais 12 são atribuíveis ao narrador e à protagonista, ao passo que o número de casos em LF foi igual a 18.

Os resultados quantitativos apresentados nesta seção se referem a formas verbais isoladas cuja análise levou em conta o contexto em que estão inseridas. Nas próximas subseções esses resultados são mais bem descritos qualitativamente.

3.3.1 Verbos realizando Processos materiais em construções transitivas

No que tange à análise dos verbos realizando Processos materiais em construções transitivas, em AHDE, foram escolhidas, dentre os verbos em Processos materiais visualizados na lista de palavras, as formas dos verbos *pegar*, *tirar*, *tomar*, *dar*, *fazer* e *escrever* por permitirem mudança de agentividade. Vale ressaltar que o verbo *escrever* foi incluído na lista por ser relevante na representação do narrador. Dentre as ocorrências relevantes, foram destacadas aquelas relativas ao narrador Rodrigo e à protagonista Macabéa.

Com relação à LDF, seguindo os mesmos passos metodológicos, chegou-se a uma lista um pouco maior de verbos que realizam Processos materiais, incluindo, além de *pegar*, *tirar*, *tomar*, *dar* e *fazer* (presentes em AHDE), os verbos *pôr*, *empurrar*, *puxar*, *jogar* e *levar*. Observou-se ainda que, diferentemente do romance, o verbo *escrever* não estava presente nos contos.

Os casos assim detectados são resumidos na TAB. 10 a seguir

TABELA 10:
Verbos realizando Processos materiais em construções transitivas em AHDE e em LDF

Verbo	Casos em AHDE	n. casos	Casos em LDF	n. casos
<i>pegar</i>	–	–	<i>pegou</i> <i>pega</i>	6 2
<i>tirar</i>	<i>tiro</i> – –	1 (M)	– <i>tira</i> <i>tirou</i>	– 3 7
<i>tomar</i>	<i>tomou</i> <i>tomava</i>	3 (M2) 2 (M1)	<i>tomou</i> <i>tomava</i>	2 2
<i>pôr</i>	–	–	<i>pôs</i> <i>pusera</i>	2 2
<i>empurrar</i>	–	–	<i>empurro</i>	1
<i>puxar</i>	–	–	<i>puxava</i> <i>puxou</i>	1 1
<i>jogar</i>	–	–	<i>jogou</i> <i>jogara</i> <i>joga</i> <i>jogava</i>	2 2 1 1
<i>levar</i>	–	–	<i>levava</i> <i>levaria</i> <i>levou</i> <i>levo</i>	3 1 2 1
<i>dar</i>	<i>dava</i> <i>dou</i> <i>daria</i> <i>dê</i> <i>deu</i> <i>estava dando</i>	11 (M2) 2 (R1) 2 (M1) 2 (R1) 2 (M) 1	<i>dava</i> – <i>daria</i> – <i>deu</i>	2 – 2 – 4
<i>fazer</i>	<i>fazia</i> <i>fizesse</i>	2 (M) 1 (M)	<i>fazia</i> <i>fez</i> <i>faz</i> <i>farei</i>	3 4 4 1
<i>escrever</i>	<i>escrevo</i> <i>escreverei</i> <i>escrevi</i> <i>estou escrevendo</i>	23 (R) 3 (R) 2 (R) 3 (R)	–	–
Total	–	60 (M12/R33)	–	62

Nota: M = Macabéa; R = Rodrigo.

Como pode ser observado, foram encontrados, em AHDE, 60 casos de verbos em Processos materiais em construções transitivas na primeira e na terceira pessoa do singular, dos quais 45 são atribuíveis ao narrador e à protagonista. Mais especificamente, foi detectado 1 caso de *tirar* referente a Macabéa e 5 casos de *tomar*, dos quais 3 correspondem à protagonista. Foram encontradas também 20 ocorrências do verbo *dar* e 3 do verbo *fazer*,

como mostrado no exemplo 18. Desses casos, 6 e 2 ocorrências se referem, respectivamente, à protagonista e ao narrador. Ademais, foram observados 31 casos de *escrever*, todos atribuíveis a Rodrigo (exemplo 19).

Com relação à LDF, dentre um total de 62 ocorrências atribuíveis aos personagens dos contos na primeira e na terceira pessoa, 8 consistiram em formas do verbo *pegar*, 10 de *tirar*, 4 de *tomar*, 4 de *pôr*, 1 de *empurrar*, 2 de *puxar*, 6 de *jogar*, 7 de *levar*, 8 de *dar* e 12 de *fazer*, como pode ser visto nos exemplos 23 e 24. Vale ressaltar que, das 2 ocorrências de *puxava* originalmente encontradas, uma foi considerada construção ergativa e, portanto, inserida dentre os casos de verbos que realizam Processos materiais em estruturas ergativas.

Em geral, pode-se afirmar que, embora o número total das ocorrências seja quase igual nos dois textos (60 contra 62), foi observada uma maior variedade de verbos realizando Processos materiais em LDF, o que condiz com o número maior de palavras nesta obra em comparação com AHDE (34.988 contra 24.706). De fato, em LDF, foram detectados cinco verbos que não estão presentes em AHDE, tais como *pôr*, *empurrar*, *puxar*, *jogar* e *levar*. Dentre os verbos utilizados em ambos os textos, somente as ocorrências de *dar* e de *tomar* são mais frequentes em AHDE que em LDF (20 e 5, respectivamente, contra 8 e 4). Os outros verbos, isto é, *fazer* e *tirar*, apresentam, respectivamente 3 e 1 ocorrências em AHDE e 12 e 10 em LDF.

Os resultados desta primeira parte da análise coadunam com as afirmações da crítica literária sobre a passividade da protagonista e a tendência introspectiva da narração de Rodrigo. De fato, dentre os verbos realizando Processos materiais em construções transitivas, com exceção das 31 ocorrências de *escrever* referentes ao narrador que apontam suas reflexões sobre o processo da escrita, só 2 casos são atribuíveis a Rodrigo, 12 casos são relativos a Macabéa e os demais aos outros personagens. Em outras palavras, o narrador e a

protagonista são, em termos de agentividade, apresentados como Atores em Processos materiais em um número bastante limitado de ocorrências.

3.3.2 Verbos realizando Processos materiais em construções ergativas

Em se tratando de construções ergativas, é substancial a diferença entre AHDE e LDF, como resumido na TAB. 11, a seguir.

TABELA 11: Verbos em construções ergativas em AHDE e em LDF

Verbo	Casos em AHDE	n. casos	Casos em LDF	n. casos
<i>fechar-se</i>	–	–	<i>fechou-se</i>	1
<i>virar-se</i>	–	–	<i>virou-se</i> <i>me virasse</i>	1 1
<i>parar</i>	<i>parou</i>	2 (M)	<i>parar</i> <i>parou</i>	4 4
<i>mexer-se</i>	<i>se mexeu</i>	1 (M)	<i>mexeu-se</i>	1
<i>inclinar-se</i>	–	–	<i>(se) inclinou-se</i>	3
<i>acordar</i>	–	–	<i>acordou</i>	3
<i>estender-se</i>	–	–	<i>estendeu-se</i>	1
<i>puxar</i>	–	–	<i>puxava</i>	1
Total	–	3	–	20

Nota: M = Macabéa; R = Rodrigo.

Em AHDE, a busca prévia de verbos em estruturas ergativas pela lista de palavras apontou 2 ocorrências do verbo *abrir* e 2 do verbo *explodir*. Porém, a análise contextual desses casos permitiu constatar que, no caso de *abrir*, se trata de construções transitivas (*abre a boca, abre o bico*) e que, no caso de *explodir*, se trata de realizadores de Processos relacionais em vez de materiais (*a ponto de eu neste instante explodir em: eu*). Entretanto, os 2 casos de *parar* (exemplo 20) e 1 de *mexer-se* resultaram estar em construções ergativas. Compete salientar que, a partir do que explica Arús (2006) para a língua espanhola, pode-se, por analogia, inferir que os verbos materiais em construções ergativas, também em português

e em italiano, tornam-se, muitas vezes, pronominais, como no caso do verbo *mexer-se* mencionado anteriormente.

Em LDF, diferentemente de AHDE, foram detectados vários casos de verbos em construções ergativas. Porém, aqui também a análise contextual levou a descartar muitas ocorrências devido ao fato de consistirem em construções transitivas ou de não se referirem aos personagens na primeira ou na terceira pessoa do singular. Dentre os casos encontrados, as 4 ocorrências de *explodir* ou não se referiam diretamente aos personagens ou correspondiam a realizadores de Processos verbais (como, por exemplo no enunciado *Que vovozinha que nada! Explodiu amarga a aniversariante*). Dentre as 19 ocorrências de *abrir*, todas são utilizadas transitivamente ou não co-ocorrem com *eu*, *ele* ou *ela*. Das 12 instâncias de *parar*, 8 fazem parte de construções ergativas relativas a *ele* ou a *ela*. As 4 ocorrências de *vira* resultaram ser formas do verbo *ver* e não, como suposto, do verbo *virar*; entretanto, das 4 ocorrências desse verbo, 2 estão em estruturas ergativas (*virou-se*, *me virasse*). Das 5 ocorrências do verbo *mexer* (*mexeu* 3, *mexer* 2), 1 aparece em construções ergativas (*mexeu-se*). Dentre os demais casos, foram realizadas em construções ergativas 3 ocorrências das construções verbais pronominais (cf. ARÚS, 2006) *inclinar-se* (*inclinou-se*), 1 de *estender-se* (*estende-se*), 1 de *fechar-se* (*fechou-se*) e 3 de *acordar* (*acordou*). Ademais, dentre as ocorrências de *puxar* observadas na subseção dedicada aos verbos que realizam Processos materiais, 1, como já antecipado, é utilizada em construção ergativa (*puxava*).

A análise contrastiva entre os dois TFs aponta, em geral, uma diferença em termos de causalidade. Em outras palavras, predominam, em AHDE, as construções transitivas com Metas sobre as quais recaem as ações dos Atores, ao passo que, em LDF, embora essas opções continuem sendo as mais frequentes, são utilizadas também construções ergativas em que o Meio, isto é, a Meta das construções transitivas, parece ser sempre instigador da ação em lugar de ser objeto passivo desta.

3.3.3 Verbos realizando Processos materiais em construções passivas

No que diz respeito à análise dos verbos realizando Processos materiais em construções passivas no par AHDE-LDF, os resultados obtidos são resumidos na TAB. 12, a seguir.

TABELA 12: Construções passivas em AHDE e em LDF

Verbo	Casos em AHDE	n. casos	Verbo	Casos em LDF	n. casos
<i>obrigar</i>	<i>sou obrigado</i>	2 (R)	<i>obrigar</i>	<i>era obrigada</i>	5
	<i>era/foi</i>		<i>humilhar</i>	<i>humilhada</i>	1
	<i>obrigada</i>	3 (M2)	<i>devorar</i>	<i>estava sendo devorada</i>	1
	<i>sou</i>		<i>exterminar</i>	<i>está sendo exterminada</i>	1
<i>marginalizar</i>	<i>marginalizado</i>	1 (R1)	<i>lançar</i>	<i>fora lançada</i>	1
<i>ler</i>	<i>sou lido</i>	1 (R1)	<i>tratar</i>	<i>era tratada</i>	1
<i>privar</i>	<i>ser privada</i>	2 (M)	<i>comer</i>	<i>estava sendo/ter sido comida</i>	4
<i>criar</i>	<i>fora criada</i>	1 (M)	<i>proteger</i>	<i>era protegida</i>	2
<i>castigar</i>	<i>era castigada</i>	1 (M)	<i>atingir</i>	<i>fora atingida</i>	1
<i>teleguiar</i>	<i>era teleguiada</i>	1 (M)	<i>explorar</i>	<i>tinha sido explorado</i>	1
<i>despedir</i>	<i>fosse</i>				
	<i>despedida</i>	1 (M)			
<i>jogar</i>	<i>um feto jogado</i>	1 (M)			
Total	–	14 (13M/R)	–	–	18

Nota: M = Macabéa; R = Rodrigo.

Como pode ser observado, foram encontradas, em AHDE, 14 ocorrências de construções passivas, das quais 13 são atribuíveis ao narrador e à protagonista (exemplo 21). Desses casos, 4 se referem a Rodrigo e 9 correspondem a Macabéa, sendo que todas as instâncias concernentes a esta apresentam significado negativo, o que, mais uma vez, condiz com as afirmações da crítica literária sobre a passividade de Macabéa e os achados de Scott (1998) sobre o uso freqüente das negações em AHDE. Cumpre também salientar o uso da metáfora *um feto jogado* para se referir à protagonista, o qual, além de ressaltar sua passividade, devido à colocação do substantivo *feto* com o particípio *jogado*, representa sua

natureza de ser incompleto, de pessoa que ainda não está totalmente formada, de criatura com escasso valor aos olhos tanto do narrador como dos outros personagens (exemplo 22).

Com relação à análise de LDF, foram encontradas 18 ocorrências de construções passivas concernentes aos personagens, como pode ser visto no exemplo 26. Dentre essas instâncias, a mais freqüente resultou ser *era obrigada/o*, com 5 casos, o mesmo número de ocorrências observado em AHDE.

3.3.4 Resumo dos resultados da análise dos Processos materiais no par AHDE-LDF

Na análise contrastiva AHDE-LDF, foram encontradas, respectivamente, 77 e 100 ocorrências de verbos realizando Processos materiais em estruturas transitivas, ergativas ou passivas, como pode ser visto na TAB. 13.

TABELA 13:
Resumo quantitativo dos Processos materiais em AHDE e em LDF

Realizador	n. casos por obra	
	AHDE	LDF
Construções transitivas	60	62
Construções ergativas	3	20
Construções passivas	14	18
Total	77	100

Mais especificamente, foram encontrados 60 casos de verbos realizadores de Processos materiais em construções transitivas em AHDE, dos quais 12 e 33 se referem, respectivamente, à protagonista e ao narrador, ao passo que, em LDF, esse número chegou a 62. Com relação aos verbos utilizados em construções ergativas foram detectados 20 casos em LDF e 3 em AHDE. Finalmente, foram observadas 14 ocorrências de construções passivas em AHDE, das quais 13 são atribuíveis ao narrador e à protagonista, ao passo que, em LF, foi identificado um total de 18 casos.

Em geral, pode-se afirmar que, embora o número total das ocorrências de construções transitivas seja quase igual nos dois textos (60 contra 62 em AHDE e LDF, respectivamente), foi observada uma maior variedade de verbos que realizam Processos materiais em LDF. Além disso, cumpre lembrar que, no caso de AHDE, mais da metade dos casos (31 em 60) de verbos ocorrendo em estruturas transitivas se referem ao processo de escrita do narrador e somente outros 2 casos são atribuíveis a este e 10 à protagonista. Tão pouco freqüente agentividade, principalmente no que diz respeito à representação da protagonista, condiz com as afirmações da crítica literária. Com relação à maior variedade dos verbos em LDF, esta pode ser atribuída ao fato de haver temas variados nos contos em comparação com o tema único do romance.

No que diz respeito aos verbos ergativos, verifica-se que, por um lado, predominam, em AHDE e em LDF, as construções transitivas e que, por outro, são utilizadas mais construções ergativas em LDF (17 a mais) que em AHDE.

Em se tratando de construções passivas, vale destacar o número total de ocorrências em AHDE (14), que pode ser considerado significativo em comparação com aquele de LDF (levando-se em conta o tamanho menor do romance). Mais uma vez, isso condiz com a representação da passividade da protagonista apontada pela crítica literária. Ademais, a maioria dos casos do romance se refere a um único personagem, isto é, à protagonista, o que tem conseqüências para a agentividade dessa personagem.

Todos esses resultados sobre os Processos materiais apontam alguns padrões de escrita nos dois TFs. Tanto no romance como na coletânea de contos, prevalecem as construções transitivas e há quase o mesmo número de ocorrências de construções passivas. Porém, o fato de haver um maior número de construções ergativas nos contos determina uma representação de personagens mais envolvidos em suas ações. Portanto, a focalização narrativa nos contos, isto é, o ponto de vista, se diferencia à do romance por ser um pouco

mais solidária com os personagens em termos de causalidade, representando-os um pouco menos passivos.

Os resultados da análise do par AHDE-LDF são visualizados no GRAF. 3.

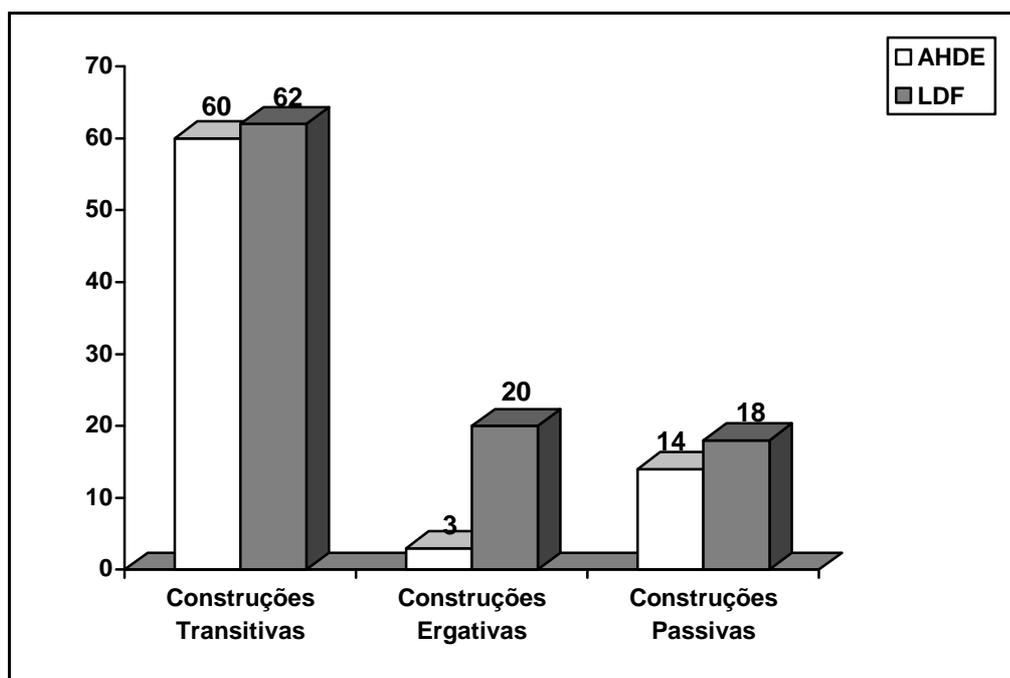


GRÁFICO 3 – Análise contrastiva dos Processos materiais em AHDE-LDF.

3.4 Modalidade

Como explicado na seção dedicada à metodologia, foram observados, na análise contrastiva AHDE-LDF, aspectos da modulação de obrigação e itens lingüísticos indicadores de trechos de narração A+/B+ e A-/B-. Mais especificamente, foram analisadas as repetições, isto é, as co-ocorrências no mesmo parágrafo, dos verbos *dever*, *ter que*, *poder sentir* e *saber* e as co-ocorrências de *parecer* com a conjunção comparativa *como se* e o Adjunto modal *talvez*.

Foram encontradas, respectivamente no romance e nos contos, 20 e 25 ocorrências de repetições de *dever* e de *ter que*, 32 e 62 de modalidade de *poder*, 21 e 15 de indicadores de trechos de narração com nuance positiva (A+/B+, verbo *saber*) e 7 e 13 de

indicadores de trechos de narração com nuance negativa (A-/B-, verbo *parecer* em ocorrência com a conjunção comparativa *como se* e com o Adjunto modal *talvez*).

A seguir, são apresentados detalhadamente os resultados por subcategoria.

3.4.1 Realizadores de modulação de obrigação de valor alto: *Dever* e *ter que*

Os resultados da análise das ocorrências do verbo *dever* são resumidos na TAB.

14.

TABELA 14: *Dever* em AHDE e em LDF

Modal	Casos em AHDE	n. casos	Casos em LDF	n. casos
<i>dever</i>	<i>devo</i>	9 (R)	<i>devo</i>	1
		2 (1M/1R)	<i>deve</i>	1
	–	–	<i>deveria</i>	5
			<i>devia</i>	6
Total	–	11(R10/M1)	–	13

Em AHDE, foram observados 11 casos totais do verbo *dever*, dos quais 10 são atribuíveis a Rodrigo e 1 se refere à protagonista. Em LDF, foram observadas 13 ocorrências do verbo *dever* (exemplo 32), duas a mais que as observadas em AHDE. Vale ressaltar a maior frequência da forma verbal *devo* em AHDE e de *deveria* e *devia* em LDF, a qual pode ser correlacionada ao fato de esses textos serem narrados, em boa medida, na primeira e terceira pessoa do singular, respectivamente.

O padrão de maior frequência das ocorrências em LDF observado no caso do modal *dever* foi observado também nas instâncias do verbo *ter que*, havendo um total de 12 instâncias contra as 9 de AHDE (TAB. 15).

TABELA 15: *Ter que* em AHDE e em LDF

Modal	Casos em AHDE	n. casos	Casos em LDF	n. casos
<i>ter que</i>	<i>tenho que</i>	6 (R)	<i>tenho que</i>	2
	<i>tive que</i>	1 (R)	<i>tivesse que</i>	1
	<i>terei que</i>	1 (R)	<i>tinha que</i>	4
	<i>tivesse que</i>	1 (R)	<i>teve que</i>	2
			<i>teria que</i>	2
			<i>ter que</i>	1
Total	–	9	–	12

Vale destacar que, em AHDE, todas as 9 ocorrências são referentes ao narrador (exemplo 27) e que, aqui também, prevalecem ocorrências na primeira pessoa do singular em AHDE e na terceira pessoa do singular em LDF.

3.4.2 Realizadores de modulação de obrigação de valor baixo: *Poder*

Como previsível, a análise contrastiva das ocorrências do verbo modal *poder* no par AHDE-LDF também aponta um maior número de casos em LDF (TAB. 16).

TABELA 16: *Poder* em AHDE e em LDF

Modal	Casos em AHDE	n. casos	Casos em LDF	n. casos
<i>poder</i>	<i>posso</i>	12 (2M/7R)	<i>possa</i>	1
	<i>possa</i>	1 (R)	<i>podia</i>	17
	<i>podia</i>	8 (5M/1R)	<i>poderia</i>	16
	<i>poderia</i>	6 (3M/3R)	<i>poder</i>	7
	<i>poder</i>	1 (R)	<i>pode</i>	3
	<i>pude</i>	2 (R)	<i>pude</i>	3
	<i>pudesse</i>	2 (R)	<i>pudesse</i>	9
			<i>podendo</i>	1
			<i>pôde</i>	3
		<i>pudera</i>	2	
Total	–	32 (R17/M10)	–	62

Desta vez, porém, a diferença entre o número total das ocorrências nos dois textos é mais alta, sendo que, em LDF, há quase o dobro dos casos das formas de *poder* daquelas

encontradas em AHDE (62 contra 32). Neste, dentre as 32 ocorrências totais, 17 são referentes ao narrador e 10 à protagonista (exemplo 28).

A tendência observada na análise dos verbos *dever* e *ter que* no que diz respeito ao uso da primeira pessoa do singular em AHDE e da terceira pessoa em LDF foi também detectada no caso de *poder* e confirmada pela análise contextual. Esse procedimento apontou que o uso das formas *possa*, *podia* e *poderia*, as quais, indistintamente, são atribuíveis tanto à primeira como à terceira pessoa do singular, se referiam, no corpus sob escrutínio, na maioria dos casos, à primeira pessoa do singular em AHDE e à terceira pessoa do singular em LDF.

3.4.3 Indicadores de A+/B+

Na análise das repetições das formas do verbo *saber* dentro de um contexto de 5 palavras à direita e de 5 palavras à esquerda, foram encontradas, respectivamente, 21 e 15 instâncias em AHDE e em LDF, como pode ser visto na TAB. 17.

TABELA 17: *Saber* em AHDE e em LDF

Modal	Casos em AHDE	n. casos	Casos em LDF	n. casos
<i>saber</i>	<i>sei</i>	11 (9R/2M)	<i>sei</i>	3
	<i>saber</i>	3 (2M/1R)	<i>saber</i>	2
	<i>soubesse</i>	1 (M)	<i>sabia</i>	10
	<i>sabia</i>	6 (M)		
Total	–	21 (R10/M11)	–	15

Nota: M = Macabéa; R = Rodrigo.

Com relação às repetições do verbo *sentir*, só foram encontradas 2 ocorrências em LDF. Ademais, foi observada uma única co-ocorrência do verbo *sentir* com o verbo *saber* em AHDE (*sentia / saber*). Tais ocorrências em ambos os textos não foram incluídas na TAB. 17.

No que tange a AHDE, dos 21 casos, 10 se referem a Rodrigo e 11 a Macabéa (exemplos 30, 31 e 32).

Em LDF, o número total de ocorrências do verbo *saber* (exemplo 36) é inferior ao número de ocorrências de AHDE (15 contra 21), situação diferente do que foi observado nas instâncias de *dever / ter que* e *poder*.

3.4.4 Indicadores de A-/B-

Em AHDE, foram encontrados 7 casos de *parecer* co-ocorrendo com a conjunção comparativa *como se* no mesmo parágrafo (TAB. 18).

TABELA 18: *Parecer... como se / talvez* em ADHE e em LDF

Modal	Casos em AHDE	n. casos	n. casos em LDF	n. casos
<i>parecer... como se</i>	<i>parecer</i>	1	<i>parecer</i>	1
	<i>parecia</i>	4 (M)	<i>parecia</i>	7
	<i>parece</i>	2 (R)	<i>parece</i>	1
<i>parecer... como se / talvez</i>	–		<i>pareceu</i>	2
<i>parecer... talvez</i>	–		<i>parecia</i>	2
Total	–	7 (M4/R2)	–	13

Nota: M = Macabéa; R = Rodrigo.

Mais especificamente, foram encontrados, em AHDE, 4 casos referentes à protagonista e 2 ao narrador. No entanto, não foi encontrada nenhuma co-ocorrência com o Adjunto modal *talvez*.

Em LDF, não só o número total de casos foi quase o dobro (13) daqueles observados em AHDE, como já observado na análise dos verbos *dever* e *ter que*, mas também foram detectados casos tanto de co-ocorrências de *parecer* com a conjunção *como se* quanto de *parecer* com o Adjunto modal *talvez*. Mais especificamente, foram encontrados 9 casos totais de *parecer* (exemplo 37) co-ocorrendo com a conjunção *como se*, 2 casos em co-ocorrência com o Adjunto modal *talvez* e com a conjunção *como se* e 2 instâncias co-ocorrendo com o Adjunto *talvez*.

3.4.5 Resumo dos resultados da análise da modalidade no par AHDE-LDF

Na análise contrastiva AHDE-LDF, foram encontradas, respectivamente, 80 e 115 ocorrências de repetições de realizadores de modalidade, como pode ser visto na TAB. 19.

TABELA 19: Resumo quantitativo dos modais em AHDE e em LDF

Modal	n. casos por obra	
	AHDE	LDF
<i>dever/ter que</i>	20	25
<i>poder</i>	32	62
<i>saber</i>	21	15
<i>parecer... como se/talvez</i>	7	13
Total	80	115

Mais especificamente, foram detectadas, para AHDE e LDF respectivamente, 20 e 25 ocorrências dos verbos *dever* e *ter que*, 32 e 62 do verbo modal *poder*, 21 e 15 do verbo *saber* e 7 e 13 de construções comparativas do verbo *parecer* com a conjunção *como se* ocorrendo com o Adjunto modal *talvez*. Se, por um lado, tanto os casos de *dever / ter que*, *poder* e os de indicadores de trechos de narração A-/B- são mais frequentes em LDF em comparação com AHDE; por outro, o número total de ocorrências, em LDF, do verbo *saber*, indicador de trechos de narração A+/B+, é inferior àquele verificado para AHDE (GRAF. 4).

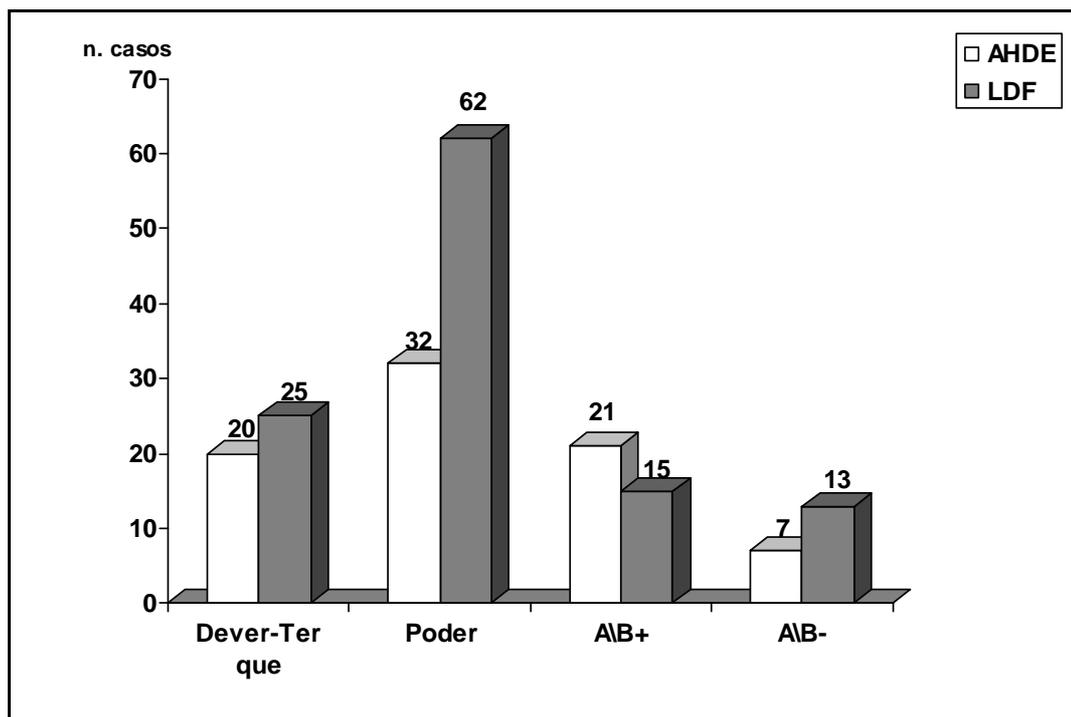


GRÁFICO 4 – Análise contrastiva dos modais em AHDE-LDF.

Em termos de padrões de escrita e de seus efeitos na focalização narrativa, pode-se afirmar que, por um lado, os aspectos atitudinais dos personagens e do narrador realizados pelos modais analisados são mais frequentes em LDF em comparação com ADHE e que, por outro, a frequência levemente maior do verbo indicador de Processo mental *saber* em AHDE aponta um maior grau de ponto de vista subjetivo, como frisado por Bosseaux (2007) em seu estudo sobre as traduções francesas de Virginia Woolf.

CAPÍTULO 4: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS NO PAR LODS-LF

Neste capítulo, é apresentada a análise relativa à dêixis, DIL, Processos materiais e modalidade nos dois TAs, LODS e LF. Na seção 4.1, são descritos os dados referentes à dêixis; na seção 4.2, são apresentados os dados sobre o DIL; na seção 4.3, são apontados os dados concernentes aos Processos materiais; e, na seção 4.4, são mostrados os dados acerca da modalidade. Com já apontado no caso da análise contrastiva entre os dois TFs, aqui também a investigação entre os dois TAs cumpriu o papel de observar padrões de uso dos itens analisados na escrita de Lispector.

Nas próximas seções e subseções, são apresentados os dados quantitativos da análise seguidos por um resumo dos resultados de cada categoria.

Para uma visão contextualizada de alguns exemplos de análise comentados, remete-se, novamente, ao final do capítulo 5.

4.1 Dêixis

No que diz respeito à análise contrastiva dos dêiticos no par LODS-LF, foram encontradas, respectivamente, 29 e 32 ocorrências de repetições de dêiticos pessoais, além de 2 e 5 casos de dêiticos temporais. Com relação aos elementos indicadores de dêixis espacial, foram encontrados 3 casos em LODS, mas nenhum em LF.

A seguir, são apresentados os resultados de cada subcategoria de dêixis.

4.1.1 Dêixis pessoal

As repetições dos pronomes pessoais da primeira e da terceira pessoa do singular encontrados no par LODS-LF (*io*, *lei* e *lui*) não respeitaram os padrões observados na análise contrastiva AHDE-LDF, em que os casos de dêiticos pessoais resultaram ser mais frequentes em AHDE (61) que em LDF (53). Foi detectado um total de 29 casos em LODS contra os 32 de LF.

Na TAB. 20, a seguir, são resumidos os resultados.

TABELA 20: Ocorrências de dêixis pessoal em LODS e em LF

Ocorrência	n. casos por obra	
	LODS	LF
<i>io</i>	14 (M4, R10)	10
<i>lei</i>	7 (M5)	19
<i>lui</i>	8	3
Total	29 (R10/M9)	32

Nota: M = Macabéa; R = Rodrigo.

Vale frisar que, embora, em italiano, os pronomes pessoais de caso reto da terceira pessoa do singular sejam *egli* (masculino) e *ella* (feminino), estes, hoje em dia, são substituídos, respectivamente, pelas formas oblíquas *lui* e *lei* (cf. GARZONE, 2005; ROVERI, 2005; VECCHIATO, 2005). De fato, foram encontradas, no corpus, 13 ocorrências de *egli* em LF e 1 em LODS, porém nenhuma repetição desse pronome no mesmo co-texto, de modo que essas ocorrências foram descartadas. Além disso, não foram observados casos de *ella* nos dois TAs.

Foram encontrados, em LODS, 14 casos totais do pronome pessoal *io*, dos quais 4 se referem à protagonista (exemplo 2) e 10 correspondem ao narrador, sendo que, em LF, foi identificado um total de 10 ocorrências. Essa diferença se deve, provavelmente, ao uso, em LF, da primeira pessoa do singular pelo narrador e ao fato de a maioria dos contos ser narrada na terceira pessoa do singular. Tal constatação pode ser demonstrada a partir da maior

frequência dos casos do pronome pessoal feminino *lei* (19 casos em LF contra os 7 de LODS, dos quais 5 são atribuídos a Macabéa), sendo que a maioria dos personagens na coletânea de contos é mulher. Por outro lado, o número total de ocorrências do pronome masculino *lui* é superior em LODS que em LF (8 contra 3).

4.1.2 Dêixis temporal

Como já feito no par AHDE-LDF, também se procurou, no caso de LODS e de LF, o advérbio mais frequente ou expressão de dêixis indicadora de uma dimensão temporal psicologicamente próxima aos personagens. A observação dos dados quantitativos destaca o advérbio de tempo *ora*, com 31 ocorrências em LODS e 47 em LF.

Na análise das repetições do advérbio *ora*, foram excluídos os casos em que esse item não é utilizado em qualidade de advérbio, mas de substantivo (*i.e.*, no sentido de “hora”) ou de conjunção correlativa (*e.g.*, *gli specchi baluginavano ora scuri ora luminosi*).

Como pode ser observado na TAB. 21, as repetições do advérbio *ora* relevantes são 2 em cada texto e se referem ao narrador em AHDE e à protagonista do conto “A imitação da rosa”.

TABELA 21: Ocorrências de dêixis temporal em LODS e em LF

Ocorrências	n. casos por obra	
	LODS	LF
<i>ora</i>	2	2
<i>ora...lei</i>	–	2
<i>ora...egli</i>	–	1
Total	2	5

Com relação às co-ocorrências do advérbio *ora* com o pronome pessoal *io* e *lui*, não foi encontrado nenhum caso nos TAs. Entretanto, em LF, foram encontradas 2 instâncias do advérbio *ora* em co-ocorrência com o pronome pessoal *lei* dentro de um contexto em DIL

(*ma ora che lei stava di nuovo bene / ma ora lei aveva già parlato con Maria*) e 1 de *egli* (*egli era libero. Ora poteva liberamente pensare al cane vero*); porém, não foi identificada nenhuma co-ocorrência com pronome pessoal em LODS.

4.1.3 Dêixis espacial

No que diz respeito à análise dos dêiticos espaciais, os dados quantitativos destacam os advérbios de lugar *qui* e *qua*, que indicam lugar próximo ao falante, como os mais freqüentes no par LODS-LF. A análise das linhas de concordância permitiu averiguar que há um total de três casos de co-ocorrência de *qui* e *qua* com outros advérbios ou dêiticos pessoais em LODS, embora nenhum caso seja encontrado em LF (TAB. 22).

TABELA 22: Ocorrências de dêixis espacial em LODS e em LF

Ocorrência	n. casos por obra	
	LODS	LF
<i>qui...io</i>	2	–
<i>qua...là</i>	1	–
Total	3	–

Mais especificamente, não foram encontradas co-ocorrências do advérbio *qui* com *qua* em nenhum dos dois TAs; contudo, foram observados, em LODS, 2 casos de *qui* em co-ocorrência com o pronome pessoal *io* e 1 de *qua* no contexto do advérbio *là*, indicador de lugar distante do falante (portanto, em contraste com a proximidade indicada pelo advérbio *qua*). Todas as 3 ocorrências se referem ao narrador-personagem Rodrigo.

4.1.4 Resumo dos resultados da análise de dêixis no par LODS-LF

Na análise contrastiva LODS-LF, foram encontradas, respectivamente, 34 e 37 ocorrências de dêiticos, mostra a TAB. 23.

TABELA 23: Resumo quantitativo dos dêiticos em LODS e em LF

Tipo	n. casos por obra	
	LODS	LF
Dêiticos pessoais	29	32
Dêiticos temporais	2	5
Dêiticos espaciais	3	0
Total	34	37

Aqui, diferentemente do que foi observado no par AHDE-LDF, há uma maior frequência de ocorrências de dêiticos em LF, embora se trate de uma diferença de somente 3 casos. Mais especificamente, no que diz respeito às repetições dos dêiticos pessoais, foram encontradas 29 instâncias em LODS e 32 em LF. Além disso, com relação aos dêiticos temporais e espaciais detectaram-se, respectivamente, 2 e 3 casos de repetição em LODS e 5 e nenhum caso em LF (GRAF. 5).

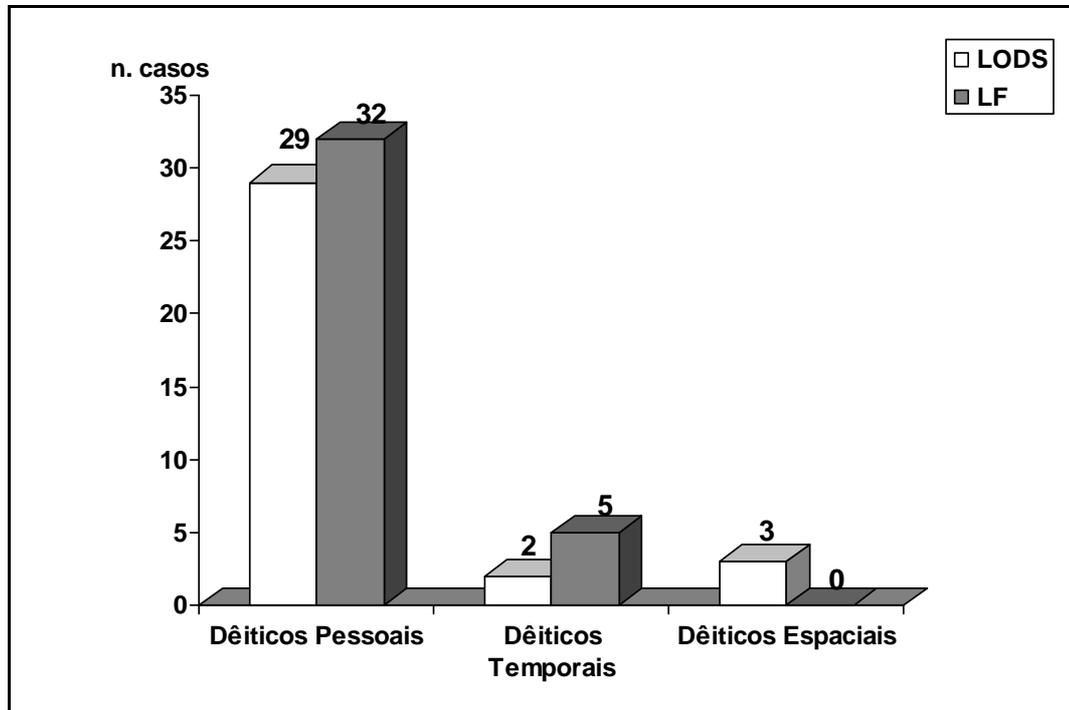


GRÁFICO 5 – Análise constrastiva dos dêiticos no par LODS-LF.

Os padrões de repetição dêitica nos TAs dizem respeito ao posicionamento dos personagens em relação ao tempo e ao espaço. Em outras palavras, a maior frequência de dêiticos em LF, embora minimamente superior à de LODS, determina uma construção espaço-temporal do ponto de vista narrativo mais marcada na coletânea de contos que no romance.

4.2 DIL

A comparação entre os itens indicadores de DIL em LODS e em LF remete às diferenças apontadas no estudo contrastivo AHDE-LDF, isto é, há um baixo número de ocorrências no primeiro (8 casos) em relação ao segundo (71 casos). De fato, foram observadas, em LODS, 5 ocorrências de exclamações e interrogações, 2 de advérbios indicadores de debate interior e incerteza e 1 de advérbio de tempo presente utilizado junto com um verbo no passado, enquanto, em LF, foram identificadas, respectivamente, 40, 16 e 15 ocorrências desses indicadores. A provável razão para tal desequilíbrio é atribuível, além do tamanho maior da coletânea de contos, também neste caso, à maior utilização de DIL em LF, diferentemente de LODS, em que domina a voz do narrador sobre a dos personagens.

A análise de cada subcategoria é apresentada a seguir.

4.2.1 Exclamações e interrogações

No que tange às exclamações e interrogações nos trechos em DIL de LODS, foram encontrados 5 casos de *sì*, *ah*, *no?*, *ma se* e *già* (um para cada item). Em comparação, o número total de ocorrências em LF foi oito vezes maior (40 casos). Mais especificamente, foram observadas, em LF, 7 ocorrências de *sì*, 15 de *ah*, 12 de *oh*, 3 de *ma che* e 3 de *ma cosa*. Esses dados são resumidos na TAB. 24, a seguir.

TABELA 24: Ocorrências de exclamações e interrogações em LODS e em LF

Ocorrência	n. casos por obra	
	LODS	LF
<i>sì</i>	1	7
<i>ah</i>	1	15
<i>no?</i>	1	–
<i>ma se</i>	1	–
<i>già</i>	1	–
<i>oh</i>	–	12
<i>ma che</i>	–	3
<i>ma cosa</i>	–	3
Total	5	40

Os itens encontrados tanto em LODS como em LF foram *sì* e *ah*, embora, como já mencionado, com frequências distintas nos dois textos (exemplos 9, 11, 14 e 16). Já as exclamações e interrogações *no?*, *ma se* e *già*, presentes em LODS, não ocorrem em LF. Entretanto, *oh*, *ma che* e *ma cosa* foram encontradas em LF, mas não em LODS (exemplo 10). Vale ressaltar, sobretudo, o número superior de ocorrências das exclamações *ah*, *oh* e, em menor medida, *sì* em LF em comparação com LODS.

4.2.2 Advérbios indicadores de debate interior e incerteza

Com relação aos casos de advérbios indicadores de debate interior e incerteza, foram encontradas, em LODS, só 2 ocorrências de *forse* (exemplo 13). Esse mesmo advérbio ocorre oito vezes nos trechos em DIL de LF, totalizando, junto com *sicuramente*, *probabilmente*, *magari* e *ovviamente* (1, 3, 3 e 1 caso, respectivamente), 16 ocorrências, como pode ser visto na TAB. 25.

TABELA 25: Ocorrências de advérbios indicadores de debate interior e incerteza em LODS e em LF

Ocorrência	n. casos por obra	
	LODS	LF
<i>forse</i>	2	8
<i>sicuramente</i>	–	1
<i>probabilmente</i>	–	3
<i>magari</i>	–	3
<i>ovviamente</i>	–	1
Total	2	16

Tal qual na categoria das exclamações e interrogações, vale ressaltar, também no caso dos advérbios apresentados, a diferença entre o número total das ocorrências em LODS (2) e em LF (16), o que indica uma frequência maior de trecho em DIL neste texto em relação àquele.

4.2.3 Advérbios de tempo presente co-ocorrendo com verbos no passado

A tendência observada nos casos de exclamações e interrogações e nos advérbios indicadores de debate interior e incerteza (*i.e.*, um número maior de ocorrências totais em LF se comparado a LODS) é confirmada também nos casos dos advérbios de tempo presente co-ocorrendo com verbos no passado, como resumido na TAB. 26.

TABELA 26: Ocorrências de advérbios de tempo presente co-ocorrendo com verbos no passado em LODS e em LF

Ocorrência	n. de casos por obra	
	LODS	LF
<i>ora</i>	1	9
<i>adesso</i>	–	4
<i>domani</i>	–	1
<i>dopodomani</i>	–	1
Total	1	15

Mais especificamente, se, por um lado, só há uma ocorrência do advérbio *ora* em trechos em DIL de LODS, por outro, o mesmo advérbio aparece nove vezes em LF (exemplo 14). Além disso, também foram observados, em LF, 4 casos do advérbio *adesso*, 1 de *domani* e 1 de *dopodomani*, totalizando 15 ocorrências (exemplo 16).

4.2.4 Resumo dos resultados da análise de DIL no par LODS-LF

Na análise contrastiva LODS-LF, foram encontradas, respectivamente, 8 e 71 ocorrências totais de indicadores de DIL, como pode ser visto na TAB. 27.

TABELA 27: Resumo quantitativo dos indicadores de DIL em LODS e em LF

Indicador de DIL	n. casos por obra	
	LODS	LF
Exclamações e interrogações	5	40
Advérbios indicadores de debate interior e incerteza	2	16
Advérbios de tempo presente com verbos no passado	1	15
Total	8	71

Mais especificamente, foram encontradas em LODS e em LF, respectivamente, 5 e 40 ocorrências de exclamações e interrogações, 2 e 16 casos de advérbios indicadores de debate interior e incerteza e 1 e 15 instâncias de advérbios de tempo presente co-ocorrendo com verbos no tempo passado.

Em geral, foi observada uma tendência de maior uso de indicadores de DIL em LF, como já observado no par AHDE-LDF, principalmente no que tange às exclamações e interrogações (GRAF. 6).

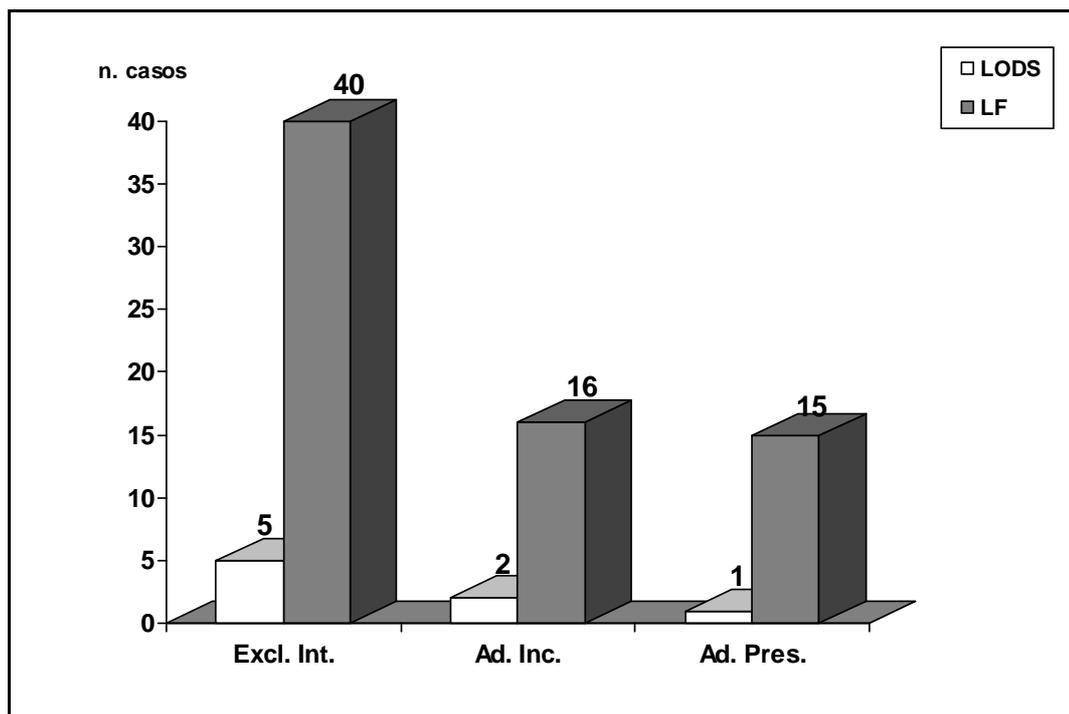


GRÁFICO 6 – Análise contrastiva dos indicadores de DIL no par LODS-LF.

Nota: Excl. Int. = exclamações e interrogações; Ad. Inc. = advérbios indicadores de debate interior e incerteza; Ad. Pres. = advérbios de tempo presente e de lugar próximo co-ocorrendo com verbos no tempo passado.

Como já observado no par AHDE-LDF, os resultados da análise contrastiva LODS-LF também apontam indicadores lingüísticos do ponto de vista diferentes no romance e na coletânea de contos. De fato, a maior frequência de indicadores de DIL em LF é sinalizadora, entre os contos, de uma focalização narrativa centrada nos personagens – ou seja, narração de tipo B(R), segundo Simpson (1993) –, o que contrasta com a prevalência da voz narradora no romance – narração de tipo B(N), consoante Simpson (1993).

4.3 Processos Materiais

Na análise contrastiva dos TAs, foram encontradas, em LODS, 68 ocorrências de verbos que realizam Processos materiais em construções transitivas, das quais 35 se referem ao narrador e 9 correspondem à protagonista, 3 de verbos ergativos, todas referentes a Macabéa, e 18 construções passivas, das quais 5 são atribuíveis a Rodrigo e 8 se referem a

Macabéa. Com relação a LF, foram detectadas 71 ocorrências de verbos em construções transitivas referentes aos personagens, 56 construções ergativas e 20 construções passivas.

Os resultados de cada subcategoria de análise são apresentados a seguir.

4.3.1 Verbos realizando Processos materiais em construções transitivas

Os resultados do estudo dos verbos de Processos materiais em construções transitivas encontrados no par LODS-LF são resumidos na TAB. 28.

TABELA 28: Verbos realizando Processos materiais em construções transitivas em LODS e em LF

Verbo	Casos em LODS	n. casos	Casos em LF	n. casos
<i>buttare</i>	–	–	<i>aveva buttato</i>	1
<i>prendere</i>	<i>prendeva</i>	3 (M1)	<i>prendeva</i>	1
	<i>prese</i>	3 (M1)	<i>prese</i>	11
			<i>prendevo</i>	1
<i>afferrare</i>	–	–	<i>afferrò</i>	3
<i>gettare</i>	–	–	<i>gettò</i>	2
			<i>gettava</i>	1
<i>togliere</i>	–	–	<i>tolse</i>	7
<i>mettere</i>	–	–	<i>mise</i>	3
			<i>mettessi</i>	1
			<i>aveva messo</i>	1
<i>spingere</i>	–	–	<i>spinsi</i>	1
<i>scagliare</i>	–	–	<i>scagliò</i>	2
<i>tirare</i>	–	–	<i>tiravo</i>	1
<i>dare</i>	<i>si sarebbe data</i>	1 (M)	<i>(avere) dato</i>	4
	–	–	<i>dava</i>	3
	–	–	<i>diede</i>	3
<i>fare</i>	<i>faccio</i>	2 (R)	–	–
	<i>faceva</i>	22 (M4)	–	–
	<i>facevo</i>	2 (R1)	–	–
	<i>farò</i>	2 (R)	<i>farò</i>	1
	<i>fece</i>	2 (M)	<i>fece</i>	7
	–	–	<i>(avere) fatto</i>	17
<i>scrivere</i>	<i>scrivo</i>	23 (R)	–	–
	<i>scriverò</i>	3 (R)	–	–
	<i>scritto</i>	3 (R)	–	–
	<i>sto scrivendo</i>	2 (R)	–	–
Total	–	68 (R36, M9)	–	71

Nota: M = Macabéa; R = Rodrigo.

Com relação a LODS, foram encontrados 6 casos de *prendere* e 1 de *dare*, dos quais 2 e 1, se referem, respectivamente, à protagonista, bem como 30 casos de *fare*, dos quais 6 correspondem a Macabéa e 5 são relativos a Rodrigo, além de 31 casos de *scrivere*, todos pertinentes ao narrador.

No que tange a LF, foram encontrados 25 casos de *fare* (exemplo 24), 13 de *prendere*, 10 de *dare*, 5 de *mettere*, 3 de *gettare*, 7 de *togliere*, 2 de *scagliare* e 1 ocorrência cada de *buttare*, *spingere*, *tirare*.

A análise contrastiva LODS-LF dos verbos em construções transitivas confirmou algumas tendências já observadas no par AHDE-LDF, embora com algumas diferenças. Nesse sentido, também há maior variedade na utilização de verbos em LF, como já visto em LDF, sendo que há uma diferença de 8 verbos diversos que não estão presentes em LODS (*buttare*, *afferrare*, *gettare*, *togliere*, *mettere*, *spingere*, *scagliare*, *tirare*), atribuível, como já mencionado, à maior variedade de temas nos contos, e o total de ocorrências é maior em LF que em LODS (71 contra 68), como também observado nos TFs. Além de *scrivere*, atribuível exclusivamente ao narrador, foram detectados apenas 3 verbos diferentes em LODS, quais sejam: *prendere*, *dare* e *fare*. Ademais, dentre esses verbos, só *fare* apresenta um número total de ocorrências maior que aquelas do mesmo verbo em LF, isto é, 30 contra 25; em contrapartida, os casos de *prendere* e *dare* são mais frequentes em LF que os casos dos verbos equivalentes em LODS (13 e 10 contra 6 e 1, respectivamente).

4.3.2 Verbos realizando Processos materiais em construções ergativas

Os resultados da análise dos verbos realizando Processos materiais em construções ergativas são apresentados na TAB. 29.

TABELA 29: Verbos em construções ergativas em LODS e em LF

Verbo	Casos em LODS	n. casos	Casos em LF	n. casos
<i>muoversi</i>	<i>si mosse</i>	1 (M)	<i>si muoveva</i> <i>muovendosi</i> <i>muoversi</i>	4 1 3
<i>fermarsi</i>	<i>si fermò</i>	2 (M)	<i>si fermò</i> <i>fermarsi</i>	9 2
<i>immobilizzarsi</i>	-	-	<i>immobilizzarsi</i>	1
<i>alzarsi</i>	-	-	<i>si alzò</i> <i>si alzava</i>	10 3
<i>piazzarsi</i>	-	-	<i>si piazzò</i>	1
<i>girarsi</i>	-	-	<i>si girò</i> <i>mi fossi girato</i> <i>girarsi</i>	4 1 1
<i>voltarsi</i>	-	-	<i>si voltò</i>	1
<i>chiudersi</i>	-	-	<i>si chiuse</i>	1
<i>chinarsi</i>	-	-	<i>si chinò</i>	4
<i>agitarsi</i>	-	-	<i>si agitò</i>	1
<i>arrestarsi</i>	-	-	<i>si arrestò</i>	1
<i>battere</i>	-	-	<i>battendo</i> <i>battere</i>	1 1
<i>bvegliarsi</i>	-	-	<i>svegliarsi</i> <i>si svegliò</i> <i>si svegliava</i>	2 2 1
<i>sdraiarsi</i>	-	-	<i>si sdraiò</i>	1
Total	-	3	-	56

Nota: M = Macabéa; R = Rodrigo.

No que tange à análise prévia das ocorrências de verbos ergativos em LODS, foram encontrados, a partir da lista de palavras, 15 casos ao todo. Porém, a análise contextual revelou que, dentre os casos detectados, os 3 de *picchiare* (*picchiava*) e os 2 de *accendere* (*accendeva*) fazem parte de construções transitivas. Dos 3 casos de *suonare* (*suonava*), 2 pertencem a construções transitivas (*suonava il violino / suonava il campanello*) e 1 não se refere aos personagens (*la parola deputata le suonava male*). Os 2 casos de *scoppiare* (*scoppiò*), pela sua instanciação de uso, resultaram ser realizadores de Processos comportamentais em vez de materiais (*scoppiò a ridere / scoppiò in una fragorosa risata*), e o único caso de *esplodere* se mostrou realizador de Processo relacional (*esplodo nell'io*). Das 2

ocorrências de *accendere* (*accende*), 1 pertence a uma construção transitiva e a outra não se refere aos personagens.

Com relação a LF, excluindo-se os casos de construções transitivas, de não referência aos personagens na primeira ou terceira pessoa do singular e de substantivos homógrafos (*giro* e *tende*), chegou-se a um total de 56 ocorrências de verbos ergativos

Mais especificamente, foram encontrados 13 casos de *alzarsi*, 11 de *fermarsi*, 1 de *immobilizzarsi*, 1 de *piazzarsi*, 6 de *girarsi*, 1 de *voltarsi*, 1 de *chiudersi*, 4 de *chinarsi*, 8 de *muoversi*, 1 de *agitarsi*, 1 de *arrestarsi*, 1 de *sdraiarsi*, 2 de *battere* e 5 de *svegliarsi*.

Em geral, pode-se afirmar que os padrões de uso das construções ergativas observados no par AHDE-LDF são semelhantes no par LODS-LF, sobretudo no que tange à maior frequência dessas estruturas em LF. De fato, em LF foram observadas quase vinte vezes mais ocorrências que em LODS. Em termos de causalidade e agentividade, esse dado significa que há predomínio das construções transitivas em LODS. Ademais, em LF, o maior uso de construções ergativas, em que o Meio é sempre instigador da ação e nunca objeto passivo delas, revela um maior destaque das ações em si, em vez de sua causalidade.

4.3.3 Verbos realizando Processos materiais em construções passivas

A análise das construções passivas do par LODS-LF apontou para os casos resumidos na TAB. 30.

TABELA 30: Construções passivas em LODS e em LF

Verbo	Casos em LODS	n. casos	Verbo	Casos em LF	n. casos
<i>costringere</i>	<i>sarò/mi vedo/vedendomi</i>	3 (R)	<i>costringere</i>	<i>era costretta</i>	5
	<i>costretto</i>		<i>obbligare</i>	<i>era obbligata</i>	1
	<i>era/si vide costretta</i>	4 (M2)		<i>sarebbe stato obbligato</i>	1
<i>privare</i>	<i>essere privata</i>	3 (M1)	<i>umiliare</i>	<i>umiliata</i>	1
<i>teleguidare</i>	<i>era teleguidata</i>	1 (M)	<i>trascinare</i>	<i>trascinata</i>	1
<i>licenziare</i>	<i>fosse stata licenziata</i>	1 (M)	<i>divorare</i>	<i>essere divorata</i>	1
<i>gettare</i>	<i>era un feto gettato</i>	1 (M)	<i>proiettare</i>	<i>era stata proiettata</i>	1
<i>investire</i>	<i>era stata investita</i>	2 (M1)	<i>raggiungere</i>	<i>era stata raggiunta</i>	1
<i>allevare</i>	<i>era stata allevata</i>	1 (M)	<i>allevare</i>	<i>era stata allevata</i>	1
<i>emarginare</i>	<i>mi ritrovo emarginato</i>	1 (R)	<i>ingabbiare</i>	<i>era ingabbiata</i>	1
<i>leggere</i>	<i>sono letto</i>	1 (R)	<i>mangiare</i>	<i>essere stata mangiata</i>	4
			<i>proteggere</i>	<i>protetta</i>	1
			<i>sfruttare</i>	<i>era stato sfruttato</i>	1
Total	–	18 (R5, M8)	–	–	20

Nota: M = Macabéa; R = Rodrigo.

Com relação às construções passivas em LODS, foram encontrados 18 casos, dos quais 5 são atribuíveis ao narrador e 8 são relativos à protagonista. Vale destacar o uso dos verbos *ritrovarsi* e *vedersi* em lugar do verbo mais comum *essere*, os quais, embora reconstruam a passividade dos enunciados, amenizam o fato de serem afetados pela ação devido à sua conotação de percepção subjetiva (cf. ZINGARELLI, 1999).

No que diz respeito a LF, foram encontradas 20 ocorrências de construções passivas referentes aos personagens. Dessas, as mais freqüentes foram as 5 ocorrências do verbo *costringere*, cuja freqüência é a mais alta também em LODS, com seus 7 casos (dos quais 3 se referem a Rodrigo e 2 correspondem a Macabéa).

Tal como já apontado no par AHDE-LDF, também foi observado, na análise contrastiva LODS-LF, um número total de ocorrências de construções passivas maior em LF que em LODS (20 contra 18). Entretanto, a maioria dos casos identificados em LODS se refere ao narrador e, principalmente, à protagonista, o que coaduna com as afirmações da crítica literária sobre a passividade dessa personagem.

4.3.4 Resumo dos resultados da análise dos Processos materiais no par LODS-LF

Na análise contrastiva LODS-LF, foi observada a tendência a um maior número de ocorrências de construções transitivas, ergativas e passivas na coletânea de contos. De fato, foram encontradas, respectivamente, 89 e 147 ocorrências de verbos realizando Processos materiais em estruturas transitivas, ergativas e passivas, como mostra a TAB. 31, a seguir.

TABELA 31: Resumo quantitativo dos Processos materiais em LODS e em LF

Realizador	n. casos por obra	
	LODS	LF
Construções transitivas	68	71
Construções ergativas	3	56
Construções passivas	18	20
Total	89	147

Em LODS, foram encontradas 68 ocorrências de verbos realizadores de Processos materiais em construções transitivas, das quais 36 se referem ao narrador e 9 são relativas à protagonista, além de 3 casos de verbos ergativos e 18 construções passivas, das quais 5 são atribuíveis a Rodrigo e 8 se referem a Macabéa. Com relação a LF, foram detectados 71 ocorrências de verbos em construções transitivas referentes aos personagens, 56 construções ergativas e 20 construções passivas. Os padrões de uso das construções ergativas apontaram uma frequência distinta desses casos em LF (56 contra 3). Em termos de causalidade e agentividade, em LF, o maior uso de construções ergativas, em que o Meio é sempre instigador da ação e nunca objeto passivo delas, enseja um maior destaque das ações em si em vez de sua causalidade. No que se refere às construções passivas, foi observado, em LF, um número total de ocorrências maior que em LODS (20 contra 18), salientando-se que a maioria das ocorrências em LODS se refere ao narrador e, principalmente, à protagonista.

Esses resultados dizem respeito aos indicadores lingüísticos do ponto de vista nos dois TAs: por um lado, o uso de verbos realizadores de Processos materiais em construções

transitivas e passivas se aproxima muito nos dois textos, por outro, o uso de construções ergativas é quase vinte vezes maior na coletânea de contos que no romance, o que indica uma construção diferente dos personagens em LF, os quais são representados como mais envolvidos em suas ações embora nem sempre sejam o Agente delas (pelo contrário, destaca-se, no romance, a representação da passividade, principalmente em se tratando da protagonista). Portanto, verifica-se que a focalização possui um papel determinante para a representação mais ativa dos personagens nos contos, diferenciando-os do romance e gerando-lhes impacto no ponto de vista narrativo.

Os resultados da análise do par LODS-LF são visualizados no GRAF. 7.

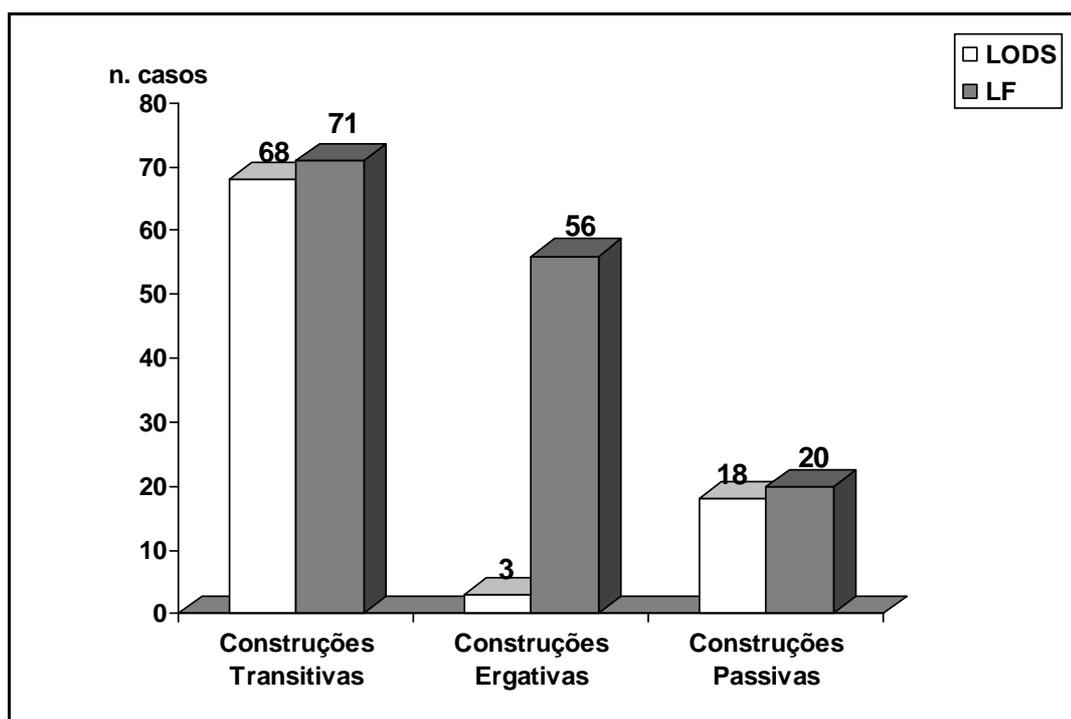


GRÁFICO 7 – Análise contrastiva dos Processos materiais no par LODS-LF.

4.4 Modalidade

Com relação à análise da modalidade nos TAs, foram observadas as repetições dos verbos *dovere*, *potere*, *sapere* e *sembrare* e de *parere* em co-ocorrência com o a conjunção comparativa *come se* e com o Adjunto modal *forse*.

No par LODS-LF, foram encontrados, respectivamente, 34 e 36 casos do verbo modal *dovere*, 38 e 61 ocorrências do verbo *potere*, 17 e 8 instâncias de *sapere* e 3 e 7 casos de co-ocorrências dos verbos *sembrare* e *parere* em construções comparativas formadas pela conjunção *come se* ou pelo Adjunto modal *forse*, como explicado nas subseções a seguir.

4.4.1 Realizadores de modulação de obrigação de valor alto: *Dovere*

Se, na análise contrastiva do par AHDE-LDF, foram observados os verbos modais *dever* e *ter que*, a análise da modulação de obrigação no par LODS-LF se reduziu somente ao modal *dovere*, equivalente tanto de *dever* como de *ter que*. Novamente, foi confirmada a tendência para um maior número de ocorrências na coletânea de contos observada no par AHDE-LDF (TAB. 32).

TABELA 32: *Dovere* em LODS e em LF

Modal	Casos em LODS	n. casos	Casos em LF	n. casos
<i>dovere</i>	<i>devo</i>	23 (18R/4M)	<i>devo</i>	2
	<i>doveva</i>	1 (M)	<i>deve</i>	1
	<i>dovrò</i>	4 (R)	<i>doveva</i>	16
	<i>dovrei</i>	3 (R)	<i>dovrò</i>	1
	<i>avrebbe dovuto</i>	1 (M)	<i>dovrà</i>	1
	<i>ho dovuto</i>	1 (R)	<i>dovrei</i>	2
	<i>dover</i>	1 (M)	<i>avrebbe dovuto</i>	6
			<i>dover</i>	1
			<i>aver dovuto</i>	1
			<i>dovette</i>	2
			<i>dovesse</i>	3
Total	–	34 (R26/M7)	–	36

Nota: M = Macabéa; R = Rodrigo.

Em relação a LODS, destacou-se a forma *devo*, com suas 23 ocorrências, das quais 18 se referem ao narrador e 4 dizem respeito à protagonista. Dentre as ocorrências restantes, 8 se referem ao narrador e 3 à protagonista. No que se refere a LF, as ocorrências mais frequentes foram as da forma verbal *doveva* (16 casos). Esse resultado, tal como já observado no par AHDE-LDF, aponta a prevalência de ocorrências na primeira pessoa do singular no romance e da terceira pessoa nos contos.

4.4.2 Realizadores de modulação de obrigação de valor baixo: Potere

Dentre as formas do verbo *potere*, foram encontradas, respectivamente, 38 e 61 ocorrências (TAB. 33).

TABELA 33: *Potere* em LODS e em LF

Modal	Casos em LODS	n. casos	Casos em LF	n. casos
<i>potere</i>	<i>posso</i>	10 (5R/3M)	<i>posso</i>	1
	<i>possa</i>	2 (R)	<i>poteva</i>	16
	<i>potrò</i>	2 (R)	<i>poter</i>	5
	<i>potrei</i>	2 (R)	<i>potessi</i>	2
	<i>potrebbe</i>	1 (M)	<i>ho potuto</i>	3
	<i>poteva</i>	9 (4M/1R)	<i>poté</i>	2
	<i>poter</i>	4 (2M/1R)	<i>avrebbe potuto</i>	18
	<i>sarebbe potuta</i>	1 (M)	<i>puoi</i>	3
	<i>sarei potuto</i>	2 (R)	<i>potevo</i>	2
	<i>potessi</i>	2 (R)	<i>potesse</i>	4
	<i>ho potuto/a</i>	2 (R)	<i>avrei potuto</i>	1
	<i>poté</i>	1 (M)	<i>potendo</i>	1
				<i>aveva potuto</i>
			<i>avesse potuto</i>	1
Total	–	38 (R19/M12)	–	61

Nota: M = Macabéa; R = Rodrigo.

Mais uma vez, foi confirmado o padrão de maior frequência dos modais na coletânea de contos. Dentre as ocorrências observadas em LODS, das quais 19 referentes ao narrador e 12 à protagonista, as mais frequentes foram as da forma *posso* (10 casos) e, das 61

ocorrências de LF, as mais frequentes foram *avrebbe potuto* (18) e *poteva* (16) em virtude da narração, respectivamente, na primeira e terceira pessoa do singular.

4.4.3 Indicadores de A+/B+

A análise contrastiva do verbo *sapere* no par LODS-LF confirmou o padrão de uso das repetições do verbo *saber* nos TFs (TAB. 34).

TABELA 34: *Sapere* em LODS e em LF

Modal	casos em LODS	n. casos	casos em LF	n. casos
<i>sapere</i>	<i>so</i>	9 (R)	<i>sapere</i>	2
	<i>sapere</i>	5 (2M/3R)	<i>sapeva</i>	6
	<i>sapeva</i>	3 (M)		
Total	–	17 (R12/M5)	Total	8

Nota: M = Macabéia; R = Rodrigo.

Novamente, o número total de ocorrências é maior em LODS (17) que em LF (8). Em LODS, são atribuíveis 12 casos a Rodrigo e 5 a Macabéia. Como já observado no par AHDE-LDF, aqui também foram encontradas 2 repetições do verbo *sentire* somente em LF (*sentire / aveva sentito*) e uma co-ocorrência do verbo *sentire* com *sapere* apenas em LODS (*sentiva / sapere*), dados não inclusos na TAB. 34.

4.4.4 Indicadores de A-/B-

Na análise contrastiva LODS-LF, foram observados os casos de co-ocorrência dos verbos *sembrare* e *parere*, utilizados indistintamente como sinônimos entre si, com a conjunção *come se*, em construções comparativas em co-ocorrência com o Adjunto modal *forse* (TAB. 35).

TABELA 35: *Sembra e pareva... come se / forse* em LODS e em LF

Modal	casos em LODS	n. casos	casos em LF	n. casos
<i>sembrare... come se</i>	<i>sembrava</i>	1 (M)	<i>sembrava</i>	2
	<i>sembra</i>	1 (R)	<i>sembrò</i>	2
<i>parere... come se</i>	<i>pareva</i>	1 (M)	<i>parve</i>	1
			<i>pareva</i>	1
<i>parere... forse</i>	–	–	<i>pareva... forse</i>	1
Total	–	3 (R1/M2)	Total	7

Nota: M = Macabéa; R = Rodrigo.

Os resultados mostram um maior número de casos em LF que em LODS (7 contra 3), além da ausência de co-ocorrências com *forse* em LODS. Mais especificamente, foram encontrados, em LODS, 2 casos do verbo *sembrare* co-ocorrendo com a conjunção comparativa *come se*, dos quais 1 se refere à protagonista e 1 ao narrador, além de 1 caso da co-ocorrência *parere... come se*, referida a Macabéa. Já em LF, foram observados 4 casos de *sembrare* e 2 de *parere*, todos co-ocorrendo com a conjunção *come se*, e 1 caso somente de *parere* co-ocorrendo com o Adjunto modal *forse*.

4.4.5 Resumo dos resultados da análise da modalidade no par LODS-LF

Na análise contrastiva LODS-LF, foram encontradas, respectivamente, 92 e 112 ocorrências de repetições de realizadores de modalidade, como pode ser observado na TAB. 36.

TABELA 36: Resumo quantitativo dos modais em LODS e em LF

Modal	n. casos LODS	n. casos LF
<i>dovere</i>	34	36
<i>potere</i>	38	61
<i>sapere</i>	17	8
<i>parere/sembrare... come se/forse</i>	3	7
Total	92	112

Na análise contrastiva do par LODS-LF, a tendência para um maior número de ocorrências na coletânea de contos observada no par AHDE-LDF foi confirmada também no caso das traduções. Foram encontrados, respectivamente, 36 e 61 casos de formas dos verbos modais *dovere* e *potere* em LF contra as 34 e 38 ocorrências em LODS. Foi confirmado também o padrão de uso mais freqüente das repetições dos indicadores de trechos A-/B- nos contos (7 casos de co-ocorrências dos verbos *sembrare* e *parere* com a conjunção comparativa *como se* e com o Adjunto modal *forse* em LF contra as 3 ocorrências de LODS) e a menor freqüência no emprego dos indicadores de trechos em A+/B+ em LF (8 casos do verbo modal *sapere* contra os 17 de LODS). Esses números podem ser mais bem visualizados no GRAF. 8.

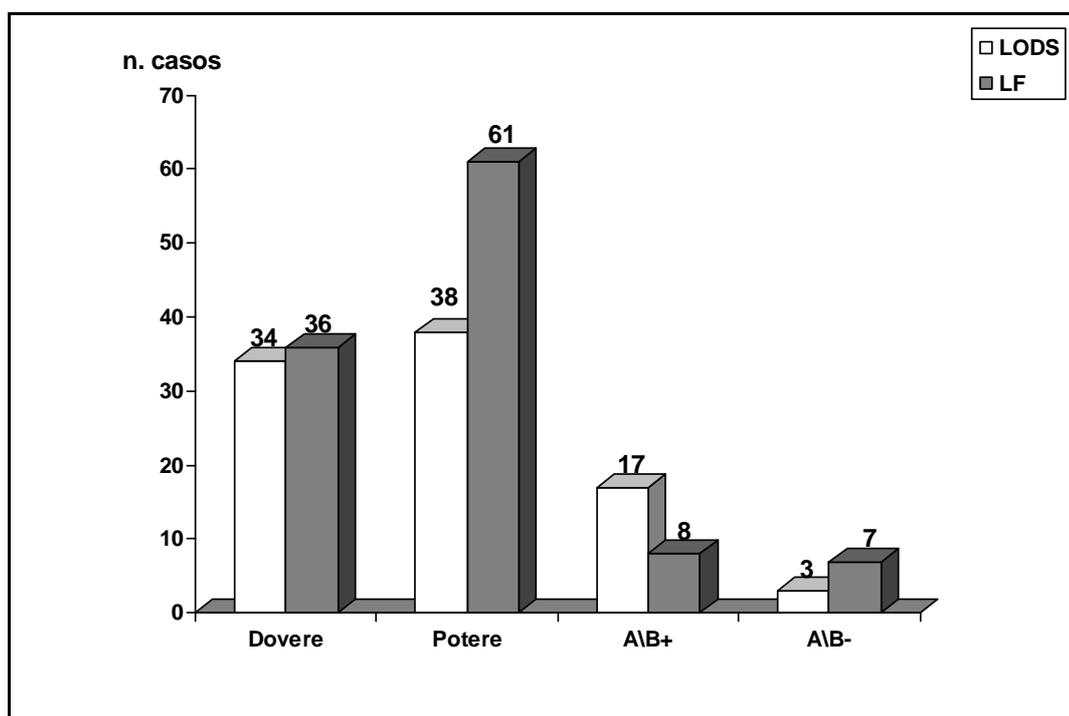


GRÁFICO 8 – Análise contrastiva dos modais no par LODS-LF.

Os resultados no GRAF. 14 apontam que, na escrita dos contos, há uma freqüência maior no uso dos modais estudados. Conseqüentemente, os aspectos atitudinais dos personagens e do

narrador são mais representados em LF. Todavia, a frequência levemente maior do verbo realizador de Processo mental *saber* no romance sinaliza um maior grau de ponto de vista subjetivo em LODS.

CAPÍTULO 5: ANÁLISE DO CORPUS PARALELO

5.1 AHDE-LODS

O estudo contrastivo de AHDE e sua respectiva tradução LODS aponta algumas diferenças, como é apresentado detalhadamente a seguir para cada categoria de análise.

5.1.1 Dêixis

Tal qual feito com relação ao estudo contrastivo entre os dois TFs e entre os dois TAs, em que foram examinados padrões de repetição, o objetivo desta e da próxima seção é realizar, para as traduções, uma análise dos mesmos elementos dêiticos observados nos capítulos anteriores. Os resultados são apresentados nas próximas subseções.

5.1.1.1 Dêixis pessoal

Dentre os 32 casos de repetição do pronome pessoal *eu*, 16 foram traduzidos pelo equivalente *io*, dos quais 12 se referem à protagonista e ao narrador (exemplos 1 e 2) e os demais 16 não foram traduzidos, apresentando conseqüências na ancoragem dêitica. O mesmo pode ser afirmado no caso da tradução das 21 repetições do pronome *ela*, das quais 16 correspondem à protagonista (exemplo 3). Dentre essas repetições, 6 foram traduzidas pelo equivalente *lei*, 1 pelo substantivo *ragazza* e 13 não foram traduzidas. Vale ressaltar também o caso de tradução de *ela* pelo pronome pessoal oblíquo *la*. Se, em termos de coesão textual, *ragazza* é considerado repetição por termo genérico de *ela*, há, por outro lado, uma mudança em termos de padrões de repetição dêitica simples. Já a tradução de *ela* pelo pronome pessoal oblíquo *la* (*ninguém olha para ela / nessuno la guardava*) é devido ao fato de que, em português, o pronome pessoal reto *ela* deve ser utilizado em frase preposicionada (TAB. 37).

TABELA 37: Dêixis pessoal em AHDE e suas traduções em LODS

AHDE	n. casos	Tradução em LODS	n. casos
<i>eu</i>	32 (R12, M9)	<i>io</i>	16 (12M-R)
		∅	16 (9M-R)
<i>ela</i>	21 (M16)	<i>lei</i>	6 (M5)
		∅	13 (M9)
		<i>ragazza</i>	1 (M)
		<i>la</i>	1 (M)
<i>ele</i>	8	<i>lui</i>	4
		∅	1
		<i>colui</i>	2
		<i>lo</i>	1
Total	61	Total	61

Nota: M = Macabéa; R = Rodrigo.

Diversas foram também as traduções do pronome *ele*, com 4 ocorrências do equivalente *lui*, 2 do pronome demonstrativo *colui*, 1 de não tradução e 1 do pronome oblíquo *lo*. Em outras palavras, também no caso da tradução de *ele*, os padrões de repetição resultaram diferentes em LODS.

5.1.1.2 Dêixis temporal

Todos os 9 casos de dêiticos temporais se referem ao personagem-narrador Rodrigo, conforme dispõe a TAB. 27, a seguir. Desses casos, 4 são de repetições do advérbio *agora* e 5 compreendem a forma *agora* em co-ocorrência com o pronome *eu* no mesmo contexto (exemplo 6). Das 4 ocorrências do advérbio *agora*, 3 foram traduzidas pelo equivalente *ora* e 1 não foi traduzida. Além disso, verificou-se que as co-ocorrências de *agora* com o pronome pessoal *eu* foram traduzidas 1 vez pela co-ocorrência equivalente *adesso... io*, 3 vezes apenas *agora* foi traduzido por *adesso* e 1 vez não houve tradução de nenhum dos 2 itens. Cumpre apontar que a tradução do advérbio *agora* por *adesso*, na maioria dos casos analisados, não condiz com as expectativas iniciais: em LODS, o advérbio *ora*, outro equivalente de *agora*, resultou ser mais freqüente que o sinônimo *adesso* (31 ocorrências

contra 18). Entretanto, não há repetições de *ora* nem co-ocorrências deste no mesmo contexto com os dêiticos pessoais.

TABELA 38: Dêixis temporal em AHDE e suas traduções em LODS

AHDE	n. casos	Tradução em LODS	n. casos
<i>agora</i>	4 (R)	<i>ora</i>	3
		∅	1
<i>agora...eu</i>	5 (R)	<i>adesso...io</i>	1
		<i>adesso... ∅</i>	3
		∅... ∅	1
Total	9	Total	9

Nota: R = Rodrigo.

Se, por um lado, a opção de traduzir o advérbio *agora* por *adesso*, em vez de *ora*, não determina nenhuma diferença relevante em termos de ancoragem dêitica; por outro, a não tradução de um ou outro ou de ambos os elementos contribui para uma mudança nos aspectos dêiticos e, conseqüentemente, para uma diferente focalização no TA. Dessa maneira, a representação do ponto de vista do narrador no TA é menos marcada que no TF.

5.1.1.3 Dêixis espacial

Quanto ao único caso de co-ocorrência de dêiticos espaciais, o advérbio *lá* em co-ocorrência com o advérbio *cá* foi traduzido pelos equivalentes *qua* e *là*, como pode ser visto na TAB. 39.

TABELA 39: Dêixis espacial em AHDE e suas traduções em LODS

AHDE	n. casos	Tradução em LODS	n. casos
<i>lá...cá</i>	1 (R)	<i>qua... là</i>	1
Total	1	Total	1

Nota: R = Rodrigo.

Nesse caso, atribuível ao narrador, não houve mudança e, portanto, nenhuma consequência na focalização do TA.

5.1.1.4 *Resumo dos resultados da análise de dêixis no par AHDE-LODS*

Na análise contrastiva AHDE-LODS, foram encontradas 40 mudanças na tradução dos dêíticos observados no TF, como pode se verificar na TAB. 40.

TABELA 40: Equivalências e mudanças na tradução dos dêíticos no par AHDE-LODS

Dêíticos	n. casos em AHDE	Equivalências em LODS	Mudanças em LODS
Dêíticos pessoais	61	26	35
Dêíticos temporais	9	4	5
Dêíticos espaciais	1	1	–
Total	71	31	40

Dentre as 61 ocorrências de dêíticos pessoais, 26 foram traduzidas pelos respectivos pronomes equivalentes e, nos 35 casos restantes, houve mudanças. Na tradução das 9 instâncias de dêíticos temporais, foram detectadas 5 mudanças e 4 equivalências. O único caso de dêítico espacial co-ocorrendo com outro dêítico espacial, isto é, *lá / cá*, detectado em AHDE foi traduzido pelos equivalentes *qua / là*. Tanto no caso de dêixis pessoal como no de dêixis espacial, a não tradução dos elementos dêíticos ou a não repetição desses itens determina uma diferença na ancoragem dêítica e, conseqüentemente, uma mudança de focalização no TA.

Os resultados são visualizados no GRAF. 9.

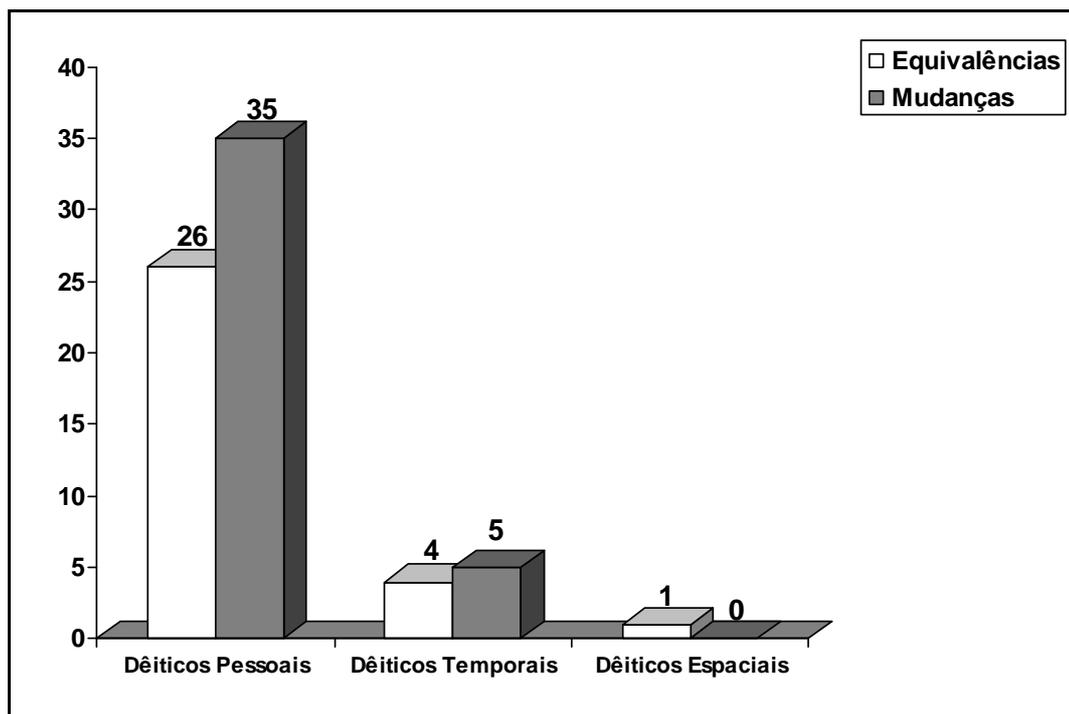


GRÁFICO 9 – Análise contrastiva dos dêiticos no par AHDE-LODS.

5.1.2 DIL

5.1.2.1 Exclamações e interrogações

Os 7 casos de exclamações e interrogações em AHDE foram traduzidos como resumido na TAB. 41.

TABELA 41: Exclamações e interrogações em AHDE e em LODS

AHDE	n. casos	Tradução em LODS	n. casos
<i>sim</i>	4	<i>sì</i>	1
		\emptyset	2
		<i>già</i>	1
<i>ah</i>	1	<i>ah</i>	1
<i>é?</i>	1	<i>no?</i>	1
<i>mas como</i>	1	<i>ma se</i>	1
Total	7	Total	7

Dentre as 4 ocorrências de *sim* em AHDE, 1 foi traduzida pelo equivalente *sì*, 2 não foram traduzidas (exemplo 8) e 1 foi traduzida pela exclamação *già*, que, embora não seja

equivalente, pode ser interpretada como tendo a mesma função de ironia (cf. ZINGARELLI, 1999) do *sim* no TF (*Então ela não se vingava. Sim, quem espera sempre alcança. É? / E allora lei non si vendicava. Già. Per ottenere non c'è che da aspettare. No?*). Com relação aos outros itens, a exclamação *ah* e a interrogação *é?* foram traduzidas pelos equivalentes *ah* e *no?*, ao passo que a exclamação *mas como* foi traduzida por *ma se*, opção escolhida em detrimento do equivalente *ma come*. Tal escolha, porém, parece construir o valor enfático (cf. ZINGARELLI, 1999) da exclamação utilizada no TF.

5.1.2.2 Advérbios indicadores de debate interior e incerteza

Com relação à comparação dos advérbios indicadores de debate interior e incerteza, as semelhanças e as diferenças são resumidas na TAB. 42.

TABELA 42: Advérbios indicadores de debate interior e incerteza em AHDE e suas traduções em LODS

AHDE	n. casos	Tradução em LODS	n. casos
<i>talvez</i>	2	<i>forse</i>	1
		\emptyset	1
<i>provavelmente</i>	1	<i>verosimilmente</i>	1
<i>por acaso</i>	1	<i>forse</i>	1
Total	4	Total	4

Dentre os dois casos do advérbio *talvez* em AHDE, 1 foi traduzido pelo advérbio equivalente *forse* e 1 não foi traduzido, sendo que, neste caso, o DIL foi reconstruído através de outros recursos (exemplo 12). As traduções escolhidas para *por acaso* e *provavelmente* foram, respectivamente, *forse* e *verosimilmente*. Por um lado, *forse* representa, junto com a forma equivalente *per caso*, uma das possíveis traduções de *por acaso*; por outro, a opção *verosimilmente*, embora consista, junto com a equivalente *probabilmente*, em uma forma sinônima de *provavelmente*, é, em geral, utilizada em registros mais formais e, portanto,

parece se afastar do registro usado na reprodução dos pensamentos da personagem no TF. Ademais, no TA, o uso do presente do indicativo (*significa*) em vez do futuro do pretérito do TF (*significaria*) leva ulteriormente à interpretação do enunciado como atribuível ao narrador (“*Aristocracia*” *significaria por acaso uma graça concedida? Provavelmente.* / “*Aristocrazia*” *significa forse una grazia concessa? Verosimilmente*) em vez de DIL do TF. Dessa forma, na tradução, a focalização narrativa é atribuível ao narrador, e não à personagem, como no TF.

5.1.2.3 Advérbios de tempo presente co-ocorrendo com verbos no passado

No que diz respeito aos casos de advérbios de tempo presente co-ocorrendo com verbos no tempo passado, os dados são resumidos na TAB. 43.

TABELA 43: Advérbios de tempo presente co-ocorrendo com verbos no passado em AHDE e suas traduções em LODS

AHDE	n. casos	Tradução em LODS	n. casos
<i>agora</i>	2	<i>ora</i>	1
		<i>quel momento</i>	1
Total	2	Total	2

Dos dois casos do advérbio *agora* em AHDE, 1 foi traduzido pelo equivalente *ora* e 1 por *quel momento* (*aquele momento*). Esta última opção não ressalta a oposição entre a dimensão presente da voz da personagem e o tempo passado da narração, como acontece em AHDE, de modo que há uma mudança de focalização mais centrada na voz narradora, como pode ser observado no exemplo 15.

5.1.2.4 Resumo dos resultados da análise de DIL no par AHDE-LODS

Na análise contrastiva AHDE-LODS, foram encontradas 5 mudanças na tradução dos indicadores de DIL presentes no TF, como pode ser visto na TAB. 44.

TABELA 44: Equivalências e mudanças dos indicadores de DIL no par AHDE-LODS

Indicador de DIL	n. casos em AHDE	Equivalências em LODS	Mudanças em LODS
Exclamações e interrogações	7	5	2
Advérbios indicadores de debate interior e incerteza	4	2	2
Advérbios de tempo presente com verbos no passado	2	1	1
Total	13	8	5

Mais especificamente, dentre as 7 ocorrências totais das exclamações e interrogações, 5 foram traduzidas pelas formas equivalentes, havendo mudanças nos demais 2 casos. Na tradução das 4 instâncias dos advérbios indicadores de debate interior e incerteza, foram observadas 2 equivalências, 1 não tradução e a substituição do advérbio *provavelmente* pelo termo *verosimilmente*, normalmente usado em registros mais formais. Finalmente, dentre os 2 casos do advérbios de tempo presente *agora* co-ocorrendo com verbos no passado, 1 foi traduzido pelo equivalente *ora* e outro por *quel momento* indicando tempo passado.

No GRAF. 10, são visualizados os resultados da análise de DIL no par AHDE-LODS.

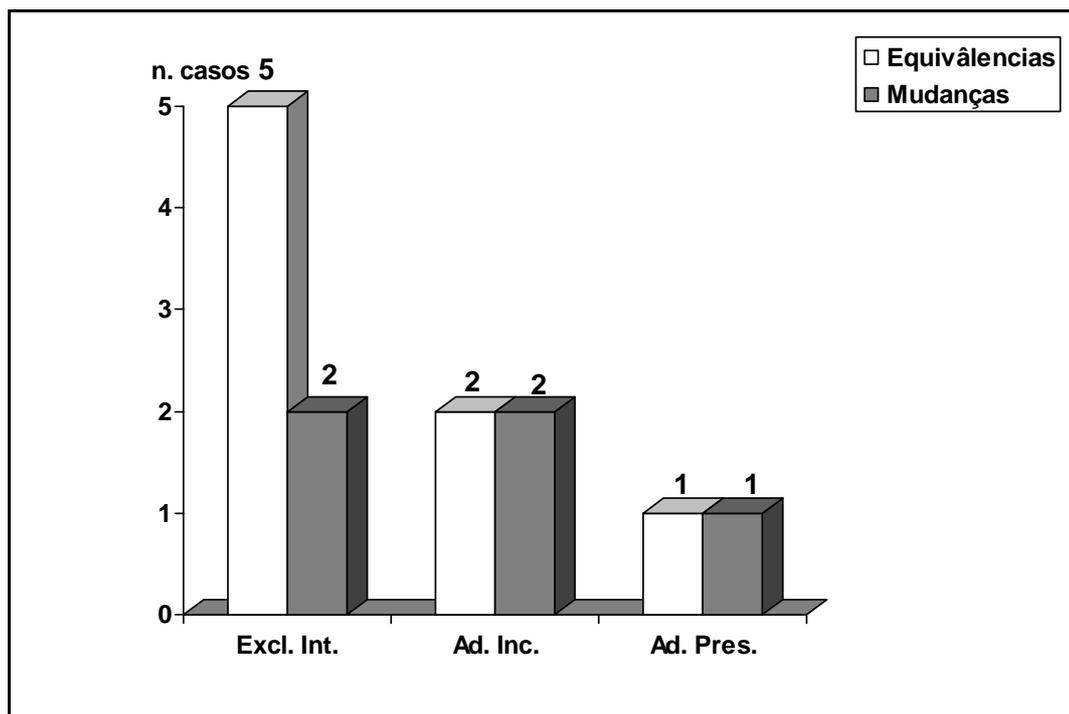


GRÁFICO 10 – Análise contrastiva dos indicadores de DIL no par AHDE-LODS.

Nota: Excl. Int. = exclamações e interrogações; Ad. Inc. = advérbios indicadores de debate interior e incerteza; Ad. Pres. = advérbios de tempo presente e de lugar próximo co-ocorrendo com verbos no tempo passado.

Geralmente, as mudanças observadas não modificam a focalização do TF. Porém, as diferenças na tradução, como, por exemplo, a tradução de advérbios de tempo presente por advérbios no passado, determinam, às vezes, mudanças tanto no tipo de discurso, em que se destaca mais a voz narradora, como no registro (de informal para formal). Tais mudanças determinam, por conseguinte, diferenças na maneira de apresentar os fatos narrados, isto é, no ponto de vista.

5.1.3 Processos materiais

O estudo dos Processos materiais no par AHDE-LODS revelou semelhanças e diferenças, como é apresentado nas próximas subseções para cada subcategoria analisada.

5.1.3.1 Verbos realizando Processos materiais em construções transitivas

A análise contrastiva dos verbos de Processos materiais em AHDE e em LODS aponta várias diferenças, como pode ser visto na TAB. 45.

TABELA 45: Verbos realizando Processos materiais em construções transitivas em AHDE e suas traduções em LODS

Verbo	Casos em AHDE	n. casos	Tradução em LODS	Formas do verbo	n. casos
<i>tirar</i>	<i>tiro</i>	1 (M)	<i>spogliarsi</i>	<i>mi spoglio</i>	1
<i>tomar</i>	<i>tomou</i>	3 (M2)	<i>ingollare</i> <i>prendere</i> \emptyset	<i>ingollò</i> <i>prese</i> \emptyset	1 1 1
	<i>tomava</i>	2 (M)	<i>prendere</i>	<i>prendeva</i>	2
<i>dar</i>	<i>dava</i>	11 (M2)	<i>dare</i>	<i>dava</i> <i>avrebbe dato</i>	5 1
			<i>offrire</i>	<i>offriva</i>	1
			<i>mettere</i>	<i>metteva</i>	1
			<i>dare</i>	<i>dati</i>	1
			<i>concedere</i>	<i>concedeva</i>	1
	<i>procurare</i>	<i>procurava</i>	1		
<i>dou</i>	2 (R1)	<i>dare</i>	<i>do</i>	2	
<i>daria</i>	2 (M1)	<i>dare</i>	<i>avrebbe dato</i> <i>sarebbe data</i>	1 1	
<i>dê</i>	2 (R1)	<i>dare</i>	<i>darà</i> <i>possa darti</i>	1 1	
<i>deu</i>	2 (M)	<i>appiappare</i> <i>concedere</i>	<i>appioppò</i> <i>concesse</i>	1 1	
<i>estava dando</i>	1	<i>dare</i>	<i>finivo col dare</i>	1	
<i>fazer</i>	<i>fazia</i>	2 (M)	<i>fare</i>	<i>faceva</i>	1
	<i>fizesse</i>	1 (M)	<i>trattarsi</i> <i>sconsigliare</i>	<i>si trattava</i> <i>sconsigliandola</i>	1 1
<i>escrever</i>	<i>escrevo</i>	23 (R)	<i>scrivere</i>	<i>scrivo</i> <i>scrivere</i>	21 2
	<i>escreverei</i>	3 (R)	<i>scrivere</i>	<i>scriverò</i> <i>scrivere</i>	2 1
	<i>escrevi</i>	2 (R)	<i>scrivere</i>	<i>avevo scritto</i>	2
	<i>estou escrevendo</i>	3 (R)	<i>scrivere</i>	<i>sto scrivendo</i> <i>scrivo</i>	2 1
Total	–	60 (M/R45)	–	–	60

Nota: M = Macabéa; R = Rodrigo.

O verbo *tirar* foi traduzido pelo verbo *spogliarsi*, que, é o equivalente italiano da co-ocorrência de *tirar* com *roupa* (*no médico se tira a roupa mas eu não tiro coisa nenhuma / dal dottore ci si spoglia, ma io non mi spoglio affatto*). No que se refere ao verbo *tomar*, das 5 ocorrências totais, das quais 4 atribuíveis à protagonista, 3 foram traduzidas pelo equivalente

prendere, 1 por *ingollare*, sinônimo de *bere*, equivalente mais comum, porém com uma conotação de voracidade, para *tomar* no sentido de *beber algo* (cf. ZINGARELLI, 1999), e o caso restante não foi traduzido.

No que diz respeito ao verbo *dar*, os 11 casos da forma *dava* foram traduzidos de maneiras variadas. Duas ocorrências desse Processo referentes a Macabéa foram traduzidas pelos verbos *concedere* e *procurare*, os quais são também indicadores de Processos materiais e, portanto, permitem reconstruir a agentividade da protagonista, sem, porém, reconstruir o recurso coesivo da repetição do verbo *dar* no TF. Dentre os casos restantes da forma *dava*, 7 foram traduzidos pelas formas do equivalente verbo *dare*. Vale ressaltar, porém, que, no caso da tradução de *dava* pelo particípio *dati*, a opção do TA determinou uma mudança na agentividade, visto que o personagem que executa a ação no TF, a tia de Macabéa, não aparece como Ator no TA ao ser substituído por *pugni (socos)* (*dava-lhe sempre com os nós dos dedos na cabeça / pugni dati invariabilmente con le nocche*). Já as 2 traduções *mettere* e *offrire* reconstróem a transitividade do TF apesar de não realizarem a repetição do verbo *dar*. As outras formas do verbo *dar* foram traduzidas por formas do verbo equivalente *dare*, embora, às vezes, utilizado em tempos e modos diferente do TF. Ademais, houve dois casos de uso dos verbos indicadores de Processos materiais *appiappare* e *concedere*, utilizados, no contexto, como sinônimos do equivalente *dare*, que reconstróem, mais uma vez a transitividade do enunciado, sem, porém, instanciar o recurso coesivo da repetição do verbo *dar*.

No que tange ao verbo *fazer*, das 2 ocorrências da forma *fazia*, ambas concernentes à protagonista, 1 foi traduzida pelo verbo equivalente *fare* e a outra, pelo verbo de Processo existencial *trattarsi*. Esta última mudança implica não só uma diferença no tipo de Processo utilizado na tradução, mas também na agentividade da protagonista, cujo papel de Ator no TF não é reconstruído no TA (*ela não fazia regime / non si trattava di dieta*), como

explicado no exemplo 18. Foi observada uma mudança também na tradução de *fizesse* com a co-ocorrência do verbo *dizer* (*era-lhe mais cómodo insistir em dizer que não fizesse dieta / gli era comunque assai più comodo insistere, sconsigliandole una cura dimagrante*), que foi realizado pelo Processo verbal *sconsigliandole*. Essa escolha, além de acarretar uma diferença no modo de realização do que foi dito, contribui para mudar a agentividade da oração, cujo participante passa a ser o médico em vez da protagonista, a qual, de certa forma, é apresentada como mais passiva no TA (exemplo 18).

Com referência às ocorrências de *escrever*, foi reconstruído o uso repetitivo desse verbo na reflexão do narrador sobre o próprio processo de escrita, uma vez que foram empregadas as formas do verbo equivalente *scrivere*. Nesse âmbito, foram observadas apenas mudanças de tempo e de modo verbal, sendo que nenhuma delas determina diferenças na agentividade do narrador.

5.1.3.2 Verbos realizando Processos materiais em construções ergativas

Na análise dos verbos ergativos realizando Processos materiais no par AHDE-LODS, não foi detectada nenhuma diferença entre AHDE e LODS, como pode ser observado na TAB. 46.

TABELA 46: Verbos em construções ergativas em AHDE e suas traduções em LODS

Verbo	Casos em AHDE	n. casos	Tradução em LODS	Formas do verbo	n. casos
<i>mexer-se</i>	<i>se mexeu</i>	1 (M)	<i>muoversi</i>	<i>si mosse</i>	1 (M)
<i>Parar</i>	<i>parou</i>	2 (M)	<i>fermarsì</i>	<i>si fermò</i>	2 (M)
Total	–	3	–	–	3

Nota: M = Macabéa; R = Rodrigo.

Todos os 3 casos encontrados no TF referentes à protagonista foram traduzidos pelas formas equivalentes. Mais especificamente, os verbos *mexer-se* e *parar* foram traduzidos, respectivamente, pelos verbos equivalentes *muoversi* e *fermarsi* (exemplo 20).

5.1.3.3 Verbos realizando Processos materiais em construções passivas

No que se refere à análise contrastiva das construções passivas no par AHDE-LODS, pode-se afirmar, de forma geral, que aquelas encontradas no TF foram reconstruídas no TA (TAB. 47), com exceção de *era castigada* e de 1 ocorrência de *ser privada*, traduzidas pelas nominalizações *castigo* e *essere* (exemplo 21). Essas nominalizações reconstróem a imagem passiva da protagonista do TA e encobrem, além da ação do Ator, no primeiro caso, a personagem-Meta da ação.

TABELA 47: Construções passivas em AHDE e suas traduções em LODS

Verbos	Casos em AHDE	n. casos	Tradução em LODS	Formas do verbo	n. casos
<i>marginalizar</i>	<i>sou marginalizado</i>	1 (R)	<i>emarginare</i>	<i>mi ritrovo emarginato</i>	1
<i>obrigar</i>	<i>sou/obrigado</i>	2 (R)	<i>obbligare costringere</i>	<i>sono obbligato vedendomi costretto</i>	1 1
	<i>sou/era/foi obrigada</i>	3 (M2)	<i>costringere</i>	<i>era/si vide costretta sono costretta</i>	2 1
<i>privar</i>	<i>ser privada</i>	2 (M)	<i>privare</i>	<i>l'essere privata essere privata</i>	1 1
<i>criar</i>	<i>fora criada</i>	1 (M)	<i>allevare</i>	<i>era stata allevata</i>	1
<i>castigar</i>	<i>era castigada</i>	1 (M)	<i>castigo</i>	–	1
<i>teleguiar</i>	<i>era teleguiada</i>	1 (M)	<i>teleguidare</i>	<i>era teleguidata</i>	1
<i>despedir</i>	<i>fosse despedida</i>	1 (M)	<i>licenziare</i>	<i>fosse stata licenziata</i>	1
<i>jogar</i>	<i>um feto jogado</i>	1 (M)	<i>gettare</i>	<i>un feto gettato</i>	1
<i>ler</i>	<i>sou lido</i>	1 (R)	<i>leggere</i>	<i>sono letto</i>	1
Total	–	14	–	–	14

Nota: M = Macabéa; R = Rodrigo.

Dentre as outras ocorrências, vale ressaltar, como já mencionado, a metáfora lexical *um feto jogado*, referente a Macabéa, traduzida pelo equivalente *un feto gettato*

(exemplo 22), e o uso dos verbos *ritrovarsi*, *vedersi* e *costretto / costretta* em italiano para traduzir *ser* e *obrigado / obrigada* junto com *essere* e *obbligato / obbligata*. Tais mudanças não determinam diferenças relevantes nas construções do TF, as quais continuam sendo passivas no TA, porém não reconstróem o uso repetitivo do verbo *obrigar* do TF.

5.1.3.4 Resumo dos resultados da análise dos Processos materiais no par AHDE-LODS

Na análise contrastiva AHDE-LODS, foram encontradas 8 mudanças na tradução dos verbos realizadores de Processos materiais em construções transitivas, ergativas e passivas observados no TF, como pode ser visto na TAB. 48, a seguir.

TABELA 48: Equivalências e mudanças nos Processos materiais no par AHDE-LODS

Realizador	n. casos totais em AHDE	Equivalências em LODS	Mudanças em LODS
Construções transitivas	60	54	6
Construções ergativas	3	3	–
Construções passivas	14	12	2
Total	77	69	8

Geralmente, foi reconstruída no TA a agentividade do TF, de modo que os personagens Atores realizam ativamente suas ações. Porém, foram observadas 6 mudanças relevantes capazes de afetar a agentividade das orações, como, por exemplo, o uso de outros tipos de Processos em vez dos Processos materiais. Com referência às ocorrências de *escrever*, foi reconstruído, no TA, o uso repetitivo desse verbo na reflexão do narrador sobre o próprio processo de escrita a partir da utilização das formas do verbo equivalente *scrivere* em todas as ocorrências. O padrão de repetição de alguns verbos do TF, porém, nem sempre foi instanciado no TA. Na análise dos verbos ergativos que realizam Processos materiais, não foi detectada nenhuma diferença. No que se refere à análise contrastiva das construções passivas, pode-se afirmar, de forma geral, que aquelas presentes no TF foram reconstruídas no TA,

havendo duas exceções em que, devido a nominalização, tanto a ação do Ator como a personagem-Meta da ação resultam ser encobertas como no TF. Aqui também foram observados casos em que o padrão de repetição lexical não foi reconstruído.

Os resultados da análise do par AHDE-LODS são visualizados no GRAF. 11, a seguir.

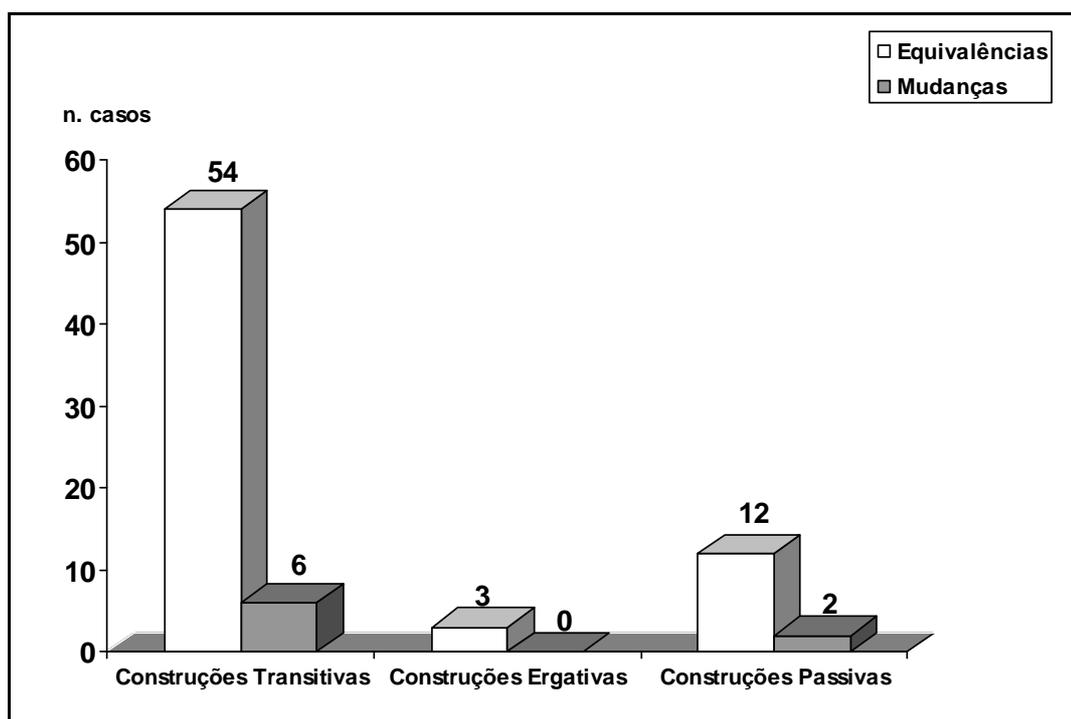


GRÁFICO 11 – Análise contrastiva dos Processos materiais no par AHDE-LODS.

5.1.4 Modalidade

A análise dos dados aponta algumas mudanças na tradução dos indicadores de modalidade estudados em AHDE como apresentado a seguir para cada categoria na investigação do par AHDE-LODS.

5.1.4.1 Tradução dos realizadores de modulação de obrigação de valor alto: *dever* e *ter que*

No que se refere à tradução dos verbos modais *dever* e *ter que*, pode-se afirmar, em geral, que, em comparação com o TF, o uso do verbo correspondente *dovere* foi mais freqüente no TA (34 casos em LODS contra os 20 de AHDE). Isso significa que, além de ser utilizado como equivalente dos verbos *dever* e *ter que*, o verbo *dovere* foi também usado como tradução de outros itens. Apesar disso, foram observadas diferenças isoladas na tradução, como pode ser visto na TAB. 49.

TABELA 49: *Dever* em AHDE e suas traduções em LODS

Modal	Casos em AHDE	n. casos	Tradução em LODS	Formas do verbo	n. casos
<i>dever</i>	<i>devo</i>	9 (R)	<i>dovere</i>	<i>devo</i>	8
	<i>deveria</i>	2 (1M/1R)	<i>tenere a</i> <i>dovere</i> <i>dovere</i>	<i>tengo a</i> <i>avrebbe dovuto</i> <i>dovrei</i>	1 1 1
Total	–	11	–	–	11

Mais especificamente, dentre as 11 ocorrências de *dever*, 10 foram traduzidas pelo equivalente *dovere* e 1 foi realizada pelo grupo verbal *tenere a* (que, em português, significa *fazer questão*), que não reconstrói o sentido de obrigação realizado pelo verbo *dever* no TF.

TABELA 50: *Ter que* em AHDE e suas traduções em LODS

Modal	Casos em AHDE	n. casos	Tradução em LODS	Formas do verbo	n. casos
<i>ter que</i>	<i>tenho que</i>	6 (R)	<i>dovere</i>	<i>devo</i>	4
			<i>dovere</i>	<i>dovrò</i>	1
			<i>costringere</i>	<i>mi vedo costretto</i>	1
	<i>tive que</i>	1 (R)	<i>dovere</i>	<i>ho dovuto</i>	1
	<i>terei que</i>	1 (R)	<i>costringere</i>	<i>sarò costretto</i>	1
	<i>tivesse que</i>	1 (R)	<i>dovere</i>	<i>dovrei</i>	1
Total	–	9	–	–	9

As outras diferenças foram detectadas na tradução de *ter que* (TAB. 50), cujas 9 ocorrências, todas atribuíveis a Rodrigo, foram traduzidas sete vezes pelo verbo equivalente *dever* e duas vezes pela construção *essere / vedersi costretto*, a qual instancia a conotação de obrigação do TF. Não obstante, essas duas últimas mudanças determinam diferenças na agentividade dos respectivos enunciados devido ao fato de as construções *vedersi / essere costretto a* serem passivas (exemplo 27).

5.1.4.2 Tradução do realizador de modulação de obrigação de valor baixo: poder

Uma primeira comparação das instâncias do verbo modal *poder* em AHDE com as ocorrências do verbo equivalente *potere* em LODS revela 6 casos a mais nesta obra (38 no TA contra 32 no TF).

Na análise específica da tradução de cada ocorrência do verbo *poder*, foi observado um número de mudanças maior que aquele observado na tradução do verbo *dever* (TAB. 51).

TABELA 51: *Poder* em AHDE e suas traduções em LODS

Modal	Casos em AHDE	n. casos	Tradução em LODS	Formas do verbo	n. casos	
<i>poder</i>	<i>posso</i>	12 (2M/7R)	<i>potere</i> <i>potere</i> <i>essere possibile</i> <i>avere la possibilità</i> <i>dare</i> <i>avere modo di</i> <i>sopportare</i>	<i>posso</i> <i>potrò</i> <i>mi è possibile</i> <i>ne ho la possibilità</i> <i>mi è dato</i> <i>ho modo di</i> <i>sopporto</i>	6 1 1 1 1 1 1	
	<i>possa</i>	1 (R)	<i>potere</i>	<i>possa</i>	1	
	<i>podia</i>	8 (5M/1R)	<i>potere</i> <i>potere</i> <i>potere</i>	<i>poteva</i> <i>poter</i> <i>sarei potuto</i>	6 1 1	
	<i>poderia</i>	6 (3M/3R)	<i>potere</i> <i>potere</i> <i>avere la facoltà</i> <i>potere</i> <i>essere impossibile</i>	<i>potrebbe</i> <i>potrei</i> <i>avrei la facoltà</i> <i>sarebbe potuto</i> <i>le sarebbe stato (impossibile)</i>	1 2 1 1 1	
	<i>poder</i>	1 (R)	∅	∅	1	
	<i>pude</i>	2 (R)	<i>potere</i>	<i>ho potuto</i>	2	
	<i>pudesse</i>	2 (R)	<i>potere</i>	<i>potessi</i>	2	
	Total	–	32	–	–	32

Dentre as 32 ocorrências totais de *poder*, 24 foram traduzidas pelo verbo equivalente *potere* e as outras 8 foram realizadas de maneiras variadas, a saber: 2 ocorrência de *essere (im)possibile*, 1 de *avere la possibilità*, 1 de *dare*, 1 de *avere modo di*, 1 de *avere la facoltà*, 1 de *sopportare*, além de um caso de não tradução. As primeiras 5 formas verbais reconstroem semanticamente o sentido de possibilidade do verbo *poder*, embora, gramaticalmente, não se trate de verbos modais, mas sim de realizadores de Processos

relacionais, e seu uso determine a não reprodução do padrão de repetição típico do estilo de Lispector (cf. NUNES, 1995) representado, no TF, pelo verbo *poder*. Entretanto, a presença do verbo *sopportare*, embora não possa ser considerada equivalente de *poder*, provavelmente se deve à co-ocorrência de *posso* com *ver sangue* (*não posso ver sangue / non sopporto la vista del sangue*) que realiza o sentido de “agüentar, suportar” do TF. Vale destacar que, no caso do uso da construção *le sarebbe stato impossibile*, foi observada uma mudança na transitividade da oração no TA (exemplo 28).

5.1.4.3 Tradução dos indicadores de A+/B+

A análise do par AHDE-LODS indica algumas diferenças no uso das repetições do verbo *sapere* (TAB. 52).

TABELA 52: *Saber* em AHDE e suas traduções em LODS

Modal	casos em AHDE	n. casos	Tradução em LODS	Formas do verbo	n. casos
<i>saber</i>	<i>sei</i>	11 (9R/2M)	<i>sapere</i>	<i>so</i>	9
			<i>sapere</i>	<i>sapere</i>	2
	<i>saber</i>	3 (2M/1R)	<i>sapere</i>	<i>sapere</i>	3
	<i>soubesse</i>	1 (M)	<i>rendersi conto</i>	<i>non se ne rendeva conto</i>	1
	<i>sabia</i>	6 (M)	<i>sapere</i>	<i>sapeva</i>	3
<i>incomprendibili</i>			-	1	
<i>ignorare</i>			<i>ignorando</i>	1	
			\emptyset	\emptyset	1
Total	-	21	-	-	21

Nota: M = Macabéia; R = Rodrigo.

Dentre as 21 ocorrências totais de *saber* em AHDE, 17 foram traduzidas pelo equivalente *sapere*. Os 4 casos restantes foram traduzidos 1 vez pela construção verbal *rendersi conto* (*embora não soubesse que sabia / anche se non se ne rendeva conto*, exemplo 29), 1 pelo Epíteto *incomprendibili* (*muitas coisas sabia que não sabia entender / sapeva che*

c'erano cose a lei incomprensibili, exemplo 30), 1 pelo verbo *ignorare* (*não sabia que meditava pois não sabia o que queria dizer a palavra / non sapeva di meditare, ignorando il significato di questa parola*, conforme se pode verificar no exemplo 31) e 1 vez não foi traduzida. Tanto no caso da não tradução como no uso de formas diferentes do verbo *sapere*, não é reconstruído o uso das repetições, o que traz conseqüências para a nuance positiva dos trechos em que aparecem. Além disso, no caso da tradução de *não sabia entender* por *c'erano cose a lei incomprensibili*, há também uma mudança de transitividade: no TF, a protagonista é Experienciador da oração, mas, no TA, o Processo mental torna-se um Processo existencial cujo Existente é *cose* (*as coisas*).

A única co-ocorrência de *saber* com *sentir* foi traduzida pelos verbos equivalentes *sentire* e *sapere*, reconstruindo, dessa forma, a nuance positiva dos trechos dos quais fazem parte.

5.1.4.4 Tradução dos indicadores de A-/B-

No que tange à tradução dos casos do verbo *parecer* em construções comparativas detectados em AHDE, foram observadas algumas mudanças em LODS (TAB. 53).

TABELA 53: *Parecer... como se / talvez* em AHDE e suas traduções em LODS

Modal	casos em AHDE	n. casos	Tradução em LODS	Formas do verbo	n. casos
<i>parecer... como se</i>	<i>parecer</i>	1	<i>apparire...come se</i>	<i>apparire</i>	1
	<i>parecia</i>	4 (M)	<i>parere...come se</i>	<i>pareva</i>	2
			<i>essere...come se</i>	<i>era</i>	1
	<i>parece</i>	2 (R)	<i>Ø...come se</i>	<i>Ø...come se</i>	1
			<i>sembrare...come se</i>	<i>sembra</i>	1
		<i>avere l'impressione...come se</i>	<i>ho l'impressione</i>	1	
Total	–	7	–	–	7

Nota: M = Macabéa; R = Rodrigo.

Dentre as 7 co-ocorrências totais da forma verbal *parecer* com a conjunção comparativa *como se*, 3 foram traduzidas pelos equivalentes *parere* e *sembrare come se*. Das restantes 4 instâncias, 1 foi realizada por *essere... come se*, 1 teve apenas a conjunção comparativa *como se* reconstruída pela equivalente *come se*, 1 foi traduzida pela construção verbal *avere l'impressione ... come se* (exemplo 31) e 1 pelo verbo *apparire* e *come se*. No caso das formas verbais *avere l'impressione* e *apparire*, pode-se afirmar que o sentido de insegurança daquilo que é percebido, de percepção subjetiva (cf. ZINGARELLI, 1999), é reconstruído – embora *apparire* seja usado raramente como sinônimo de *parecer* – e, também, reforçado pela presença das estruturas comparativas introduzidas pela conjunção *come se*; em contrapartida, no caso da tradução de *parecer* por *essere* e da não tradução daquele verbo, a nuance negativa da narração resulta ser menos enfatizada na tradução. Ademais, o uso de verbos sinônimos não reconstrói o padrão de repetição do verbo *parecer* como no TF.

5.1.4.5 Resumo dos resultados da análise da modalidade no par AHDE-LODS

Na análise contrastiva AHDE-LODS, foram encontradas 17 mudanças na tradução dos realizadores de modalidade observados no TF, como pode ser visto na TAB. 54.

TABELA 54: Equivalências e mudanças na tradução dos modais no par AHDE-LODS

Modal	n. casos em AHDE	Equivalências em LODS	Mudanças em LODS
<i>dever/ter que</i>	20	17	3
<i>poder</i>	32	24	8
<i>saber</i>	21	17	4
<i>parecer... como se/talvez</i>	7	5	2
Total	80	63	17

Dentre as 20 ocorrências dos verbos modais *dever* e *ter que*, 17 foram traduzidas pelo verbo equivalentes *dovere* e os 3 casos restantes apresentaram mudanças. Na tradução

das 32 instâncias do verbo *poder*, foram detectadas 8 mudanças e, na maioria dos outros casos (24), foi utilizado o verbo equivalente *potere*. Na tradução do verbo *saber*, foram observadas 4 mudanças e, na tradução das co-ocorrências de *parecer* com a conjunção comparativa *como se* e com o Adjunto modal *talvez*, 2, tendo os demais casos sido traduzidos pelos verbos equivalentes e pelas co-ocorrências *sapere* e *parere / sembrare... come se / forse*, como resumido no GRAF. 12.

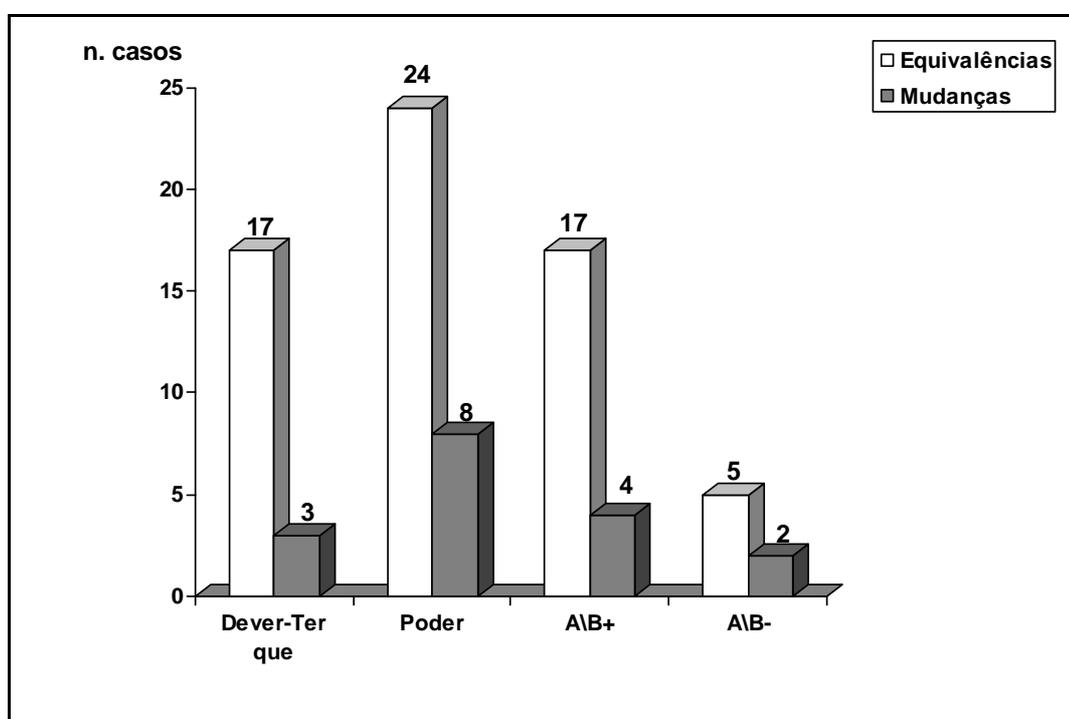


GRÁFICO 12 – Análise contrastiva dos modais no par AHDE-LODS.

De forma geral, pode-se afirmar que as mudanças observadas permitem, às vezes, reconstruir a modulação de obrigação do TF e, outras vezes, não. Também foi constatado que tais mudanças, como, por exemplo, nos casos de não tradução dos modais analisados no TF, determinam, às vezes, a não reprodução do padrão de repetições do TF bem como diferenças na agentividade. Em outras palavras, as mudanças detectadas em LODS apontam diferenças na focalização narrativa.

5.2 LDF-LF

5.2.1 Dêixis

Como já foi realizado na análise contrastiva AHDE-LODS, aqui também são apresentadas as traduções das repetições dos dêiticos encontrados em LDF. A seguir, as equivalências e as mudanças são apresentadas para cada subcategoria.

5.2.1.1 Dêixis pessoal

Com relação aos dêiticos pessoais no par LDF-LF, há algumas mudanças como também já observado no par AHDE-LODS. Mais especificamente, dos 9 casos de *eu* em LDF, 6 foram traduzidos pelo pronome equivalente *io* e 3 não foram traduzidos (exemplo 4). Dentre as 32 ocorrências de *ela*, a maioria (*i.e.*, 21) foi traduzida pelo equivalente *lei* e 11 não foram traduzidas (exemplo 7). Finalmente, as traduções dos 12 casos de *ele* foram os equivalentes *lui* e *egli* em, respectivamente, 5 e 2 casos, sendo que não houve tradução de 5 ocorrências (exemplo 5). Um resumo dos resultados pode ser observado na TAB. 55, a seguir.

TABELA 55: Dêixis pessoal em LDF e suas traduções em LF

LDF	n. casos	Tradução em LF	n. casos
<i>eu</i>	9	<i>io</i>	6
		∅	3
<i>ela</i>	32	<i>lei</i>	21
		∅	11
<i>ele</i>	12	<i>lui</i>	5
		∅	5
		<i>egli</i>	2
Total	53	Total	53

Vale ressaltar, embora não seja o foco desta seção de análise, que a não tradução de *ela* e de *ele* acarreta mudanças na transitividade e, conseqüentemente, diferenças na focalização da narração. O sistema da língua italiana permite a omissão do pronome pessoal reto como o sistema do português; assim, os casos de não tradução dos dêiticos pessoais podem não reconstruir os padrões de repetição enfática ou de registro coloquial do TF (cf. PONTES, 1992), o que, por conseguinte, determina uma focalização de personagens menos marcada.

5.2.1.2 Dêixis temporal

A análise dos dêiticos temporais aponta algumas diferenças, como resumido na TAB. 56.

TABELA 56: Dêixis temporal em LDF e suas traduções em LF

LDF	n. casos	Tradução em LF	n. casos
<i>(até) agora</i>	2	<i>in quel momento</i>	1
		<i>fino allora</i>	1
<i>agora...ela</i>	4	<i>ora... Ø</i>	2
		<i>ora...lei</i>	1
		<i>adesso...lei</i>	1
<i>agora...ele</i>	3	<i>ora... Ø</i>	2
		<i>Ø...fino allora</i>	1
Total	9	Total	9

Dentre os 2 casos de repetição do advérbio de tempo *agora*, 1 foi traduzido por *in quel momento* (*naquele momento*) e o outro, por *fino allora* (*até aquele momento*) em vez dos equivalentes *finora* e *ora* ou *adesso*. Como já explicado com relação ao DIL, o advérbio *agora* é indicador do tempo psicológico presente da voz do personagem e, portanto, a mudança na tradução, além de não reconstruir os padrões de repetição do TF, acarreta diferenças na focalização, que passa a ser na voz narradora, e não mais no personagem.

Das 4 co-ocorrências do advérbio *agora* com *ela*, 2 foram traduzidas pelos equivalentes *ora-lei* e *adesso-lei* e 2 foram traduzidas pelo advérbio *ora*, porém sem a co-ocorrência com o pronome equivalente *lei* (exemplo 7). A esse respeito, cumpre observar que, se, por um lado, o advérbio *ora*, em um contexto de DIL, reconstrói o ponto de vista da personagem focalizadora, por outro, a não tradução do pronome pessoal *ela* contribui para não reconstruir o citado ponto de vista.

Os padrões de repetição também não foram reconstruídos no TA nos 3 casos da co-ocorrência do advérbio *agora* com o pronome pessoal *ele*. Em nenhum dos casos apresentados anteriormente, *ele* foi traduzido em co-ocorrência com o advérbio *ora* ou *adesso*, equivalentes de *agora*; contudo, foi utilizado o advérbio *fino allora* (*até aquele momento*) em lugar dessas formas, embora com conseqüências no DIL. Já, nas outras 2 ocorrências, só o advérbio *agora* foi traduzido por *ora*, mas não houve tradução do pronome pessoal *ele*. Tal mudança não reconstrói o ponto de vista psicológico do personagem, que ressalta sua visão pessoal, em uma dimensão presente, dos fatos narrados.

5.2.1.3 Resumo dos resultados da análise de dêixis no par LDF-LF

Na análise contrastiva LDF-LF, foram encontradas 26 mudanças totais e 36 equivalências na tradução dos dêiticos observados no TF, como mostra a TAB. 57, a seguir.

TABELA 57: Equivalências e mudanças na tradução dos dêiticos no par LDF-LF

Tipo	n. casos em LDF	Equivalências em LF	Mudanças em LF
Dêiticos pessoais	53	34	19
Dêiticos temporais	9	2	7
Total	62	36	26

Dentre as 53 ocorrências de dêiticos pessoais, 34 foram traduzidas pelas formas equivalentes, havendo mudanças nos demais 19 casos. Na tradução das 9 instâncias de

dêiticos temporais, foram detectadas 7 mudanças e 2 equivalências. Ao contrário do que foi observado no par AHDE-LODS, em que foram detectadas 40 mudanças contra 31 equivalências, o número total de mudanças é, aqui, inferior ao das equivalências (26 contra 36). Esses resultados podem ser visualizados no GRAF. 13.

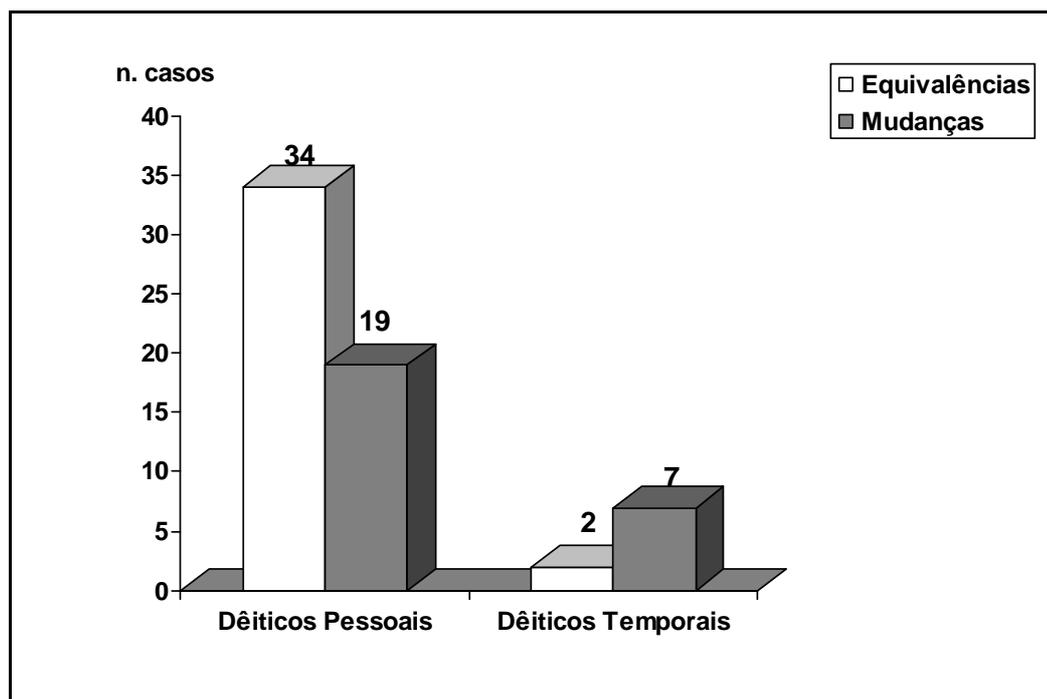


GRÁFICO 13 – Análise contrastiva dos dêiticos no par LDF-LF.

Dentre as mudanças, vale ressaltar aquelas concernentes às repetições do advérbio temporal *agora*, que, em vez de serem traduzidas por um dos termos equivalentes *ora* / *adesso* na língua-alvo, foram traduzidas pelos advérbios *in quel momento* (*naquele momento*) e *fino allora* (*até aquele momento*), tendo impacto não só nos padrões de repetição no TA, mas também na focalização, que de DIL passa para um tipo de discurso em que prevalece a voz narradora. Portanto, pode-se afirmar que, também no par LDF-LF, os padrões de repetição do TF nem sempre foram reproduzidos no TA, apresentando conseqüências na construção do ponto de vista da narração.

5.2.2 DIL

No que tange à análise das traduções dos realizadores de DIL de LDF em LF, este último apresenta um maior número de diferenças em comparação com o par AHDE-LODS. A seguir, todos os casos observados nos dois textos são apresentados e comentados por subcategoria.

5.2.2.1 Exclamações e interrogações

No que diz respeito à tradução das exclamações e interrogações, foram observadas, em LDF, diferenças variadas de escolhas, como resumido no TAB. 58.

TABELA 58: Exclamações e interrogações em LDF e suas traduções em LF

LDF	n. casos	Tradução em LF	n. casos
<i>ai</i>	11	<i>ah</i>	8
		<i>uffa</i>	1
		∅	2
<i>oh</i>	15	<i>oh</i>	9
		<i>ma</i>	2
		∅	1
		<i>certo</i>	1
		<i>ah</i>	1
		<i>sì</i>	1
<i>ah</i>	4	<i>ah</i>	4
<i>sim</i>	7	<i>sì</i>	7
<i>mas que</i>	3	<i>ma che</i>	2
		<i>che</i>	1
<i>bem</i>	2	<i>ebbene</i>	1
		<i>d'accordo</i>	1
<i>mas como</i>	1	<i>ma come</i>	1
Total	43	Total	43

Dentre as 11 ocorrências da exclamação *ai* em LDF, 1 foi traduzida pela exclamação *uffa*, que constrói o significado de impaciência e tédio (cf. ZINGARELLI, 1999), 2 não foram traduzidas e 8 foram traduzidas por *ah*. Esta última forma representa, dependendo do contexto, uma série de sentimentos desde maravilha até dor (cf.

ZINGARELLI, 1999), assim como o faz o equivalente *ai* em português. Porém, a análise contextual apontou 4 casos em que o uso repetido da exclamação *ah* (i.e., *ah, ah*), utilizado normalmente em italiano para instanciar risada (cf. ZINGARELLI, 1999), para traduzir *ai* (i.e. *ai, ai*) do TF deve ser considerado como mudança (exemplo 9).

Também no que se refere à tradução da exclamação *oh*, foram observadas algumas variações: dentre as 15 ocorrências em LDF, 9 foram traduzidas pela equivalente *oh* e as restantes pelas exclamações *ah*, *sì*, *certo* e *ma*, utilizadas em italiano também para construir toda a série de impressões reunidas na exclamação *oh* (cf. ZINGARELLI, 1999), o que, portanto, ainda as configura como indicadores de DIL tal qual instanciado em LDF. O mesmo tipo de observação pode ser feita sobre o único caso de não tradução de *oh* (*Não, não estava zangada, oh nem um pouco / No, non era arrabbiata, nemmeno un po'*) devido ao contexto em DIL. Compete salientar que, às vezes, no TA, as interjeições são destacadas através de pontos exclamativos ou interrogativos ausentes no TF, o que poderia ser considerado um traço de explicitação da voz dos personagens, que permanece mais entrelaçada àquela do narrador no TF (exemplo 10). Com referência aos outros casos, *ah*, *sim*, *mas que*, *bem* e *mas como*, com 4, 7, 3, 2 e 1 ocorrências respectivamente, observa-se que esses itens foram traduzidos pelos equivalentes *ah*, *sì*, *ma che/che*, *ebbene/d' accordo* e *ma come*. Vale ressaltar, todavia, que, se, por um lado, a escolha pela não tradução de *mas* na exclamação *mas que*, em vez de utilizar a forma equivalente *ma che*, não determina diferenças relevantes em termos de DIL no TA, por outro, a tradução da exclamação *bem* por *ebbene* em vez da equivalente *be' / beh*, de uso familiar (cf. ZINGARELLI, 1999), muda o registro em LF devido ao emprego dessa exclamação em registros mais formais, e não dentro de um contexto cuja narração se instancia por meio de DIL, como é o caso do TF (*tinha que estar pronta quando... bem, eu já disse isso mil vezes, pensou encabulada. / doveva essere pronta quando... ebbene, questo l'ho già detto mille volte, pensò infastidita*).

5.2.2.2 Advérbios indicadores de debate interior e incerteza

Com relação à tradução dos advérbios indicadores de debate interior e incerteza em LDF, os resultados são apresentados na TAB. 59.

TABELA 59: Advérbios indicadores de debate interior e incerteza em LDF e suas traduções em LF

LDF	n. casos	Tradução em LF	n. casos
<i>talvez</i>	9	<i>forse</i>	5
		<i>magari</i>	2
		∅	2
<i>na certa</i>	1	<i>probabilmente</i>	1
<i>naturalmente</i>	1	<i>ovvio</i>	1
Total	11	Total	11

Dentre as 9 ocorrências do advérbio *talvez*, 5 e 2 foram traduzidas, respectivamente, pelas formas equivalentes *forse* e *magari* (exemplo 13) e 2 não foram traduzidas. Destas duas, a nuance de incerteza em uma delas é realizada através do uso do verbo modal *potesse*, que constrói o significado de probabilidade (*surpreendida de que talvez fosse verdade / stupita che tutto ciò potesse essere vero*). Já a não tradução da outra ocorrência, em correspondência com outras diferenças, determina uma mudança de focalização (exemplo 17).

Para a tradução dos demais casos (*i.e.*, *na certa* e *naturalmente*), foram escolhidos, respectivamente, os advérbios *probabilmente*, indicador de probabilidade (*cf.* ZINGARELLI, 1999) em vez de certeza (como ocorre em LDF), e *ovvio*. Tais mudanças, todavia, apesar da diferença na gradação da modalidade no primeiro caso, reconstróem o DIL do TF (*Carlota na certa pensava que ela era apenas ordeira e comum e um pouco chata / Probabilmente Carlota la riteneva rozza e banale e un tantino noiosa*).

5.2.2.3 Advérbios de tempo presente e de lugar próximo ao falante co-ocorrendo com verbos no passado

A comparação entre os advérbios de tempo presente e de lugar próximo co-ocorrendo com verbos no passado no par LDF-LF também aponta algumas diferenças, como resumido na TAB. 60.

TABELA 60: Advérbios de tempo presente e de lugar próximo co-ocorrendo com verbos no passado em LDF e suas traduções em LF

LDF	n. casos	Tradução em LF	n. casos
<i>agora</i>	18	<i>ora</i>	9
		<i>adesso</i>	4
		∅	2
		<i>allora</i>	1
		<i>in quel momento</i>	1
		<i>finora</i>	1
<i>amanhã</i>	1	<i>domani</i>	1
<i>depois de amanhã</i>	1	<i>dopodomani</i>	1
<i>cá</i>	1	∅	1
Total	21	Total	21

No que tange à tradução do advérbio *agora* em co-ocorrência com verbos no passado, verifica-se que, dentre as 18 ocorrências, 9 e 4 foram traduzidas, respectivamente, pelos equivalentes *ora* e *adesso*. Além disso, observa-se que 1 das duas ocorrências de *até agora* foi traduzida pelo advérbio equivalente *finora*. Foram observados também 2 casos em que *agora* não foi traduzido (*Oh, como estava humilhada por ter vindo à tasca sem chapéu, a cabeça agora parecia-lhe nua. / Oh, come si sentiva umiliata per essere venuta alla trattoria senza cappello, la sua testa le sembrava nuda. / Mas que sensibilidade! agora não apenas por causa do quadro / Ma che sensibilità! pensava, non più rivolta solamente al quadro*): em 1 deles, em vez de se utilizar um dos dois equivalentes *ora* ou *adesso*, foi empregada a forma *in quel momento* (*naquele momento*, exemplo 14); no outro caso, a segunda ocorrência do advérbio *até agora* foi traduzida por *fino allora* (*até aquele momento*) em vez do equivalente

finora (exemplo 14). Tais escolhas determinaram uma mudança na focalização devido à falta de oposição entre a dimensão presente da voz das personagens indicada pelo advérbio *agora* e o passado da narração. Não obstante, nem sempre essa alteração significa necessariamente a utilização de outros tipos de discurso em lugar de DIL do TF, tal qual se pode constatar no caso das duas ocorrências de *agora* que não foram traduzidas.

Dentre os outros casos, os advérbios *amanhã* e *depois de amanhã* foram traduzidos pelos equivalentes *domani* e *dopodomani*. Já o advérbio de lugar *cá* não foi traduzido em LF, de modo tal que predomina a voz do narrador em vez de DIL atribuível à personagem no TF (*Cá fora, numa janela mais alta, caiu à rua uma coisa pesada e fofo. Se os miúdos e o marido estivessem à casa, já lhe viria à idéia que seria descuido deles. / Fuori, da una finestra più alta, cadde in strada qualcosa di pesante e molle. Se i bambini e il marito fossero stati in casa, lei avrebbe subito pensato a qualche loro disattenzione.*)

5.2.2.4 Resumo dos resultados da análise de DIL no par LDF-LF

Na análise contrastiva LDF-LF, foi encontrado um total de 17 mudanças na tradução dos realizadores de DIL observados no TF, como pode ser visto na TAB. 61.

TABELA 61: Equivalências e mudanças na tradução dos modais no par LDF-LF

Indicador de DIL	n. casos totais em LDF	Equivalências em LF	Mudanças em LF
Exclamações e interrogações	43	34	9
Advérbios indicadores de debate interior e incerteza	11	8	3
Advérbios de tempo presente e de lugar próximo com verbos no passado	21	16	5
Total	75	58	17

Dentre as 43 ocorrências de exclamações e interrogações, 34 foram traduzidas pelos respectivos equivalentes e os 9 casos restantes apresentaram mudanças. Na tradução das 11 instâncias dos advérbios indicadores de debate interior e incerteza, foram detectadas 3 mudanças e 8 equivalências. Na tradução dos advérbios de tempo presente e de lugar próximo ao falante co-ocorrendo com verbos no tempo passado, foram observadas, dentre as 21 ocorrências, 5 mudanças e 16 equivalências (GRAF. 14).

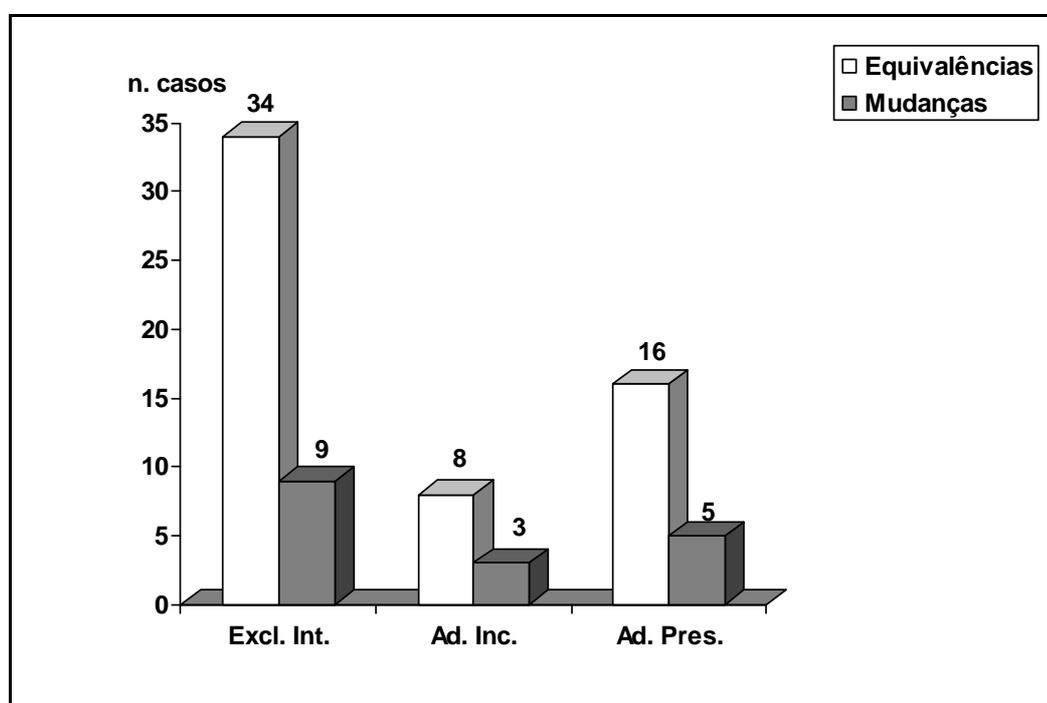


GRÁFICO 14 – Análise contrastiva dos indicadores de DIL no par LDF-LF.

Nota: Excl. Int. = exclamações e interrogações; Ad. Inc. = advérbios indicadores de debate interior e incerteza; Ad. Pres. = advérbios de tempo presente e de lugar próximo co-ocorrendo com verbos no tempo passado.

Foi observado que a tradução dos itens indicadores de DIL no par LDF-LF apresenta um maior número de diferenças em comparação com o par AHDE-LODS. Por meio da análise do contexto, foi constatado que, em geral, tais diferenças não determinam necessariamente mudanças na focalização do TA. No entanto, como já observado no estudo contrastivo AHDE-LODS, o uso de termos mais formais (*bem / ebbene*), a tradução de

advérbios de tempo presente por advérbios no passado (*agora / in quel momento*) e a não tradução de repetições enfáticas podem determinar mudanças na maneira de apresentar os pensamentos dos personagens, isto é, no ponto de vista do TA. Entretanto, também foi observada, no TA, uma certa tendência para a explicitação de interjeições que ressaltam a reprodução das palavras pronunciadas ou pensadas pelos personagens para veicular perguntas e expressar exclamação e surpresa (*cf.* PERINI, 2006).

5.2.3 Processos materiais

Como já observado no par AHDE-LODS, também no que diz respeito ao estudo da tradução dos Processos materiais de LDF em LF foram observadas equivalências e mudanças, as quais são apresentadas nas próximas seções para cada subcategoria analisada.

5.2.3.1 Verbos realizando Processos materiais em construções transitivas

No que se refere aos verbos que realizam Processos materiais em construções transitivas, os resultados da análise contrastiva LDF-LF são resumidos na TAB. 62.

TABELA 62: Verbos realizando Processos materiais em construções transitivas em LDF e suas traduções em LF

Verbo	Casos em LDF	n. casos	Tradução em LF	Formas do verbo	n. casos
<i>pegar</i>	<i>pegou</i>	6	<i>prendere</i>	<i>prese</i>	6
	<i>pega</i>	2	<i>agguantare</i>	<i>agguantò</i>	1
			<i>afferrare</i>	<i>afferrò</i>	1
<i>tirar</i>	<i>tira</i>	3	<i>togliere</i>	<i>tolse</i>	2
			<i>prendere</i>	<i>prende</i>	1
<i>tirar</i>	<i>tirou</i>	7	<i>togliere</i>	<i>tolse</i>	5
			<i>prendere</i>	<i>prese</i>	2
<i>tomar</i>	<i>tomou</i>	2	<i>prendere</i>	<i>prese</i>	1
			<i>bere</i>	<i>bevve</i>	1
<i>tomar</i>	<i>tomava</i>	2	<i>prendere</i>	<i>prende</i>	1
			<i>bere</i>	<i>beveva</i>	1
<i>pôr</i>	<i>pôs</i>	2	<i>mettersi</i>	<i>si mise</i>	2
	<i>pusera</i>	2	<i>mettere</i>	<i>aveva messo</i>	1
			∅	∅	1
<i>empurrar</i>	<i>empurro</i>	1	<i>spingere</i>	<i>spinsi</i>	1
<i>puxar</i>	<i>puxava</i>	1	<i>trascinarsi</i>	<i>si trascinava</i>	1
	<i>puxou</i>	1	<i>strappare</i>	<i>strappò</i>	1
<i>jogar</i>	<i>jogou</i>	2	<i>gettare</i>	<i>gettò</i>	1
			<i>scagliare</i>	<i>scagliò</i>	1
	<i>jogara</i>	2	<i>buttare</i>	<i>aveva buttato</i>	1
			<i>buttare</i>	<i>buttato</i>	1
<i>jogar</i>	<i>joga</i>	1	<i>buttare</i>	<i>butta</i>	1
	<i>jogava</i>	1	<i>gettare</i>	<i>gettava</i>	1
<i>levar</i>	<i>levava</i>	3	<i>portare</i>	<i>portava</i>	2
				<i>stavo per portarmi</i>	1
	<i>levaria</i>	1	<i>portare</i>	<i>avrebbe portate</i>	1
	<i>levou</i>	2	<i>portare</i>	<i>aveva portato</i>	1
		<i>portarsi</i>	<i>si portò</i>	1	
<i>levo</i>	1	<i>portare</i>	<i>porterò</i>	1	
<i>dar</i>	<i>dava</i>	2	<i>dare</i>	<i>dava</i>	1
			<i>fare</i>	<i>faceva fare</i>	1
	<i>daria</i>	2	<i>porgere</i>	<i>porgerei</i>	1
			<i>portare</i>	<i>avrebbe portato</i>	1
<i>dar</i>	<i>deu</i>	4	<i>dare</i>	<i>diede</i>	2
			<i>infiere</i>	<i>inferse</i>	1
			<i>versare</i>	<i>versò</i>	1
					1
<i>fazer</i>	<i>fazia</i>	3	<i>fare</i>	<i>facevo</i>	1
			<i>tracciare</i>	<i>tracciava</i>	1
			∅	∅	1
	<i>fez</i>	4	<i>fare</i>	<i>fece</i>	3
			<i>fare</i>	<i>ha fatto</i>	1
<i>faz</i>	4	<i>fare</i>	<i>fece</i>	3	
		<i>fare</i>	<i>fagli</i>	1	
<i>farei</i>	1	<i>fare</i>	<i>farò</i>	1	
Total	-	62	-	-	62

Do total de 8 casos do verbo *pegar*, 6 foram traduzidos pelo equivalente *prendere* e 2 pelos sinônimos *agguantare* e *afferrare*. Dentre as 10 ocorrências de *tirar*, 7 foram traduzidas pelo verbo equivalente *togliere* e 3 foram realizadas por *prendere*. No que tange ao verbo *tomar*, dos 4 casos, 2 foram traduzidos pelo verbo equivalente *prendere* e 2 pelo verbo *bere*, equivalente de *tomar* no sentido de *beber*. As 2 ocorrências de *pôr* foram traduzidas pelo verbo equivalente *mettersi*; em contrapartida, as ocorrências de *puxar* foram traduzidas pelos sinônimos *trascinarsi* e *strappare*; bem como 6 ocorrências de *jogar*, traduzidas pelos verbos sinônimos *gettare*, *scagliare*, *buttare* (exemplo 25). Já o verbo *levar* foi traduzido em todos os 7 casos por formas do verbo equivalente *portare* / *portarsi*. Com relação ao verbo *dar*, dentre as 8 ocorrências, 3 foram traduzidas pelo equivalente *dare* e os demais casos foram realizados por outros verbos (*porgere*, *portare*, *infierire*, *versare*), devido, provavelmente, às co-ocorrências destes no TF que levaram a colocações correntes na língua-alvo (ex: *deu o vinho / versò il vino; te daria a outra face / ti porgerei l'altra guancia*). Finalmente, dentre as 12 ocorrências de *fazer*, 10 foram traduzidas pelo equivalente *fare*.

Em geral, a agentividade do TF foi reconstruída no TA, de modo que os personagens são representados como Atores ativos de suas ações. Contudo, foram observados, em casos isolados, algumas mudanças relevantes. Dentre as 2 ocorrências da forma verbal *pusera*, 1 foi traduzida pela forma equivalente do verbo *mettere* e a outra não foi traduzida (*disfarçara-se em cavalheiro antigo e pusera máscara de demônio / si era vestito da cavaliere, ma con una maschera da diavolo*), como explicado no exemplo 23. No que diz respeito à tradução do verbo *fazer*, das 3 ocorrências da forma *fazia*, 1 foi traduzida pelo verbo equivalente *fare*, 1 foi realizada pelo verbo *tracciare*, devido, provavelmente, à co-ocorrência com *riscos* no TF (*fazia riscos / tracciava righe*), e 1 não foi traduzida (*jamais compreenderiam o sacrificio que ela fazia / mai avrebbero capito il suo sacrificio*, exemplo 24). Dentre os 2 casos do verbo *dar* na forma *dava*, 1 foi traduzido pelo equivalente *dava* e o

outro foi realizado por *faceva fare* (*ela não dava mais banho na mãe / non faceva più fare alla mamma neppure il bagno*, exemplo 24). Tanto a não tradução dos 2 casos mencionados (*pusera* e *fazia*) como a utilização da forma verbal *faceva fare* para traduzir *dava* determinam uma mudança de agentividade dos personagens: nos dois primeiros casos (*i.e.*, *pusera* e *fazia*), eles deixam de ser os Atores dos Processos materiais dos enunciados dos quais fazem parte; e, no terceiro (*i.e.*, *dava*), embora o personagem continue sendo Ator, o novo Processo demanda a atuação de outro participante.

5.2.3.2 Verbos realizando Processos materiais em construções ergativas

Na tradução das construções ergativas encontradas em LDF, nem sempre foram utilizados os verbos equivalentes em italiano (TAB. 63).

TABELA 63: Verbos em construções ergativas em LDF e suas traduções em LF

Verbo	Casos em LDF	n. casos	Tradução em LF	Formas do verbo	n. casos
<i>fechar-se</i>	<i>fechou-se</i>	1	<i>chiudersi</i>	<i>si chiuse</i>	1
<i>virar-se</i>	<i>virou-se</i>	1	<i>voltarsi</i>	<i>si voltò</i>	1
	<i>me virasse</i>	1	<i>girarsi</i>	<i>mi fossi girato</i>	1
<i>parar</i>	<i>parar</i>	4	<i>fermarsi</i>	<i>fermarsi</i>	2
			<i>immobilizzarsi</i>	<i>immobilizzarsi</i>	1
<i>fare una pausa</i>			<i>fare una pausa</i>	1	
	<i>parou</i>	4	<i>fermarsi</i>	<i>si fermò</i>	3
			<i>piazzarsi</i>	<i>si piazzò</i>	1
<i>mexer-se</i>	<i>mexeu-se</i>	1	<i>agitarsi</i>	<i>si agitò</i>	1
<i>inclinar-se</i>	<i>inclinou-se</i>	3	<i>chinarsi</i>	<i>si chinò</i>	2
			<i>chinarsi</i>	<i>era chino</i>	1
<i>acordar</i>	<i>acordou</i>	3	<i>svegliarsi</i>	<i>si svegliò</i>	2
			<i>svegliarsi</i>	<i>si svegliava</i>	1
<i>estender-se</i>	<i>estendeu-se</i>	1	<i>sdraiarsi</i>	<i>si sdraiò</i>	1
<i>puxar</i>	<i>puxava</i>	1	<i>estrarre</i>	<i>estraeva</i>	1
Total	-	20	-	-	20

Dentre as 8 ocorrências do verbo *parar*, 5 foram traduzidas pelo equivalente *fermarsi*, 2 foram realizadas pelos verbos ergativos *immobilizzarsi* e *piazzarsi*, dos quais só o

primeiro reconstrói o significado do verbo do TF, sendo que o segundo implica a conotação de “ir para se posicionar em algum lugar” ausente no TF, e 1 foi traduzida pela forma verbal *fare una pausa*, sinônimo de *fermarsi*. Os 3 casos de *inclinarse* foram traduzidos pelo verbo *chinarsi*. As 3 ocorrências do verbo *acordar* foram traduzidas pelo verbo equivalente *svegliarsi*, porém com formas de tempo diferente (pretérito e imperfeito, respectivamente). Os únicos casos dos verbos *estender-se* e *puxar* foram traduzidos respectivamente pelo verbo *sdraiarsi* e pelo verbo *estrarre*. Com relação às demais ocorrências, os verbos *mexer-se* e *fechar-se* foram traduzidos pelos verbos equivalentes *agitarsi* e *chiudersi*, e os 2 casos do verbo *virar-se* foram traduzidos pelos verbos ergativos e sinônimos *voltarsi* e *girarsi*.

Embora as diferenças entre o TF e o TA sejam mínimas, o uso de construções transitivas em vez de ergativas no TA determina mudanças na agentividade dos personagens e, conseqüentemente, na focalização narrativa. Ademais, o uso de verbos sinônimos para instanciar repetições de verbos do TF não reconstrói o padrão de repetição daqueles.

5.2.3.3 *Verbos realizando Processos materiais em construções passivas*

No que se refere à análise contrastiva das construções passivas no par LDF-LF, como já observado no par AHDE-LODS, as do TF, geralmente, foram reconstruídas no TA, como pode ser visto no TAB. 64.

TABELA 64: Construções passivas em LDF e suas traduções em LF

Verbo	Casos em LDF	n. casos	Tradução em LF	Formas do verbo	n. casos
<i>obrigar</i>	<i>era obrigada</i>	5	<i>obbligare</i>	<i>era obbligata</i>	1
			<i>costringere</i>	<i>era costretta</i>	3
			<i>essere tenuto</i>	<i>era tenuta</i>	1
<i>humilhar</i>	<i>humilhada</i>	1	<i>umiliare</i>	<i>umiliata</i>	1
<i>devorar</i>	<i>estava sendo devorada</i>	1	<i>divorare</i>	<i>stava per essere divorata</i>	1
<i>exterminar</i>	<i>está sendo exterminada</i>	1	<i>estinguersi</i>	<i>va estinguendosi</i>	1
<i>lançar</i>	<i>fora lançada</i>	1	<i>proiettare</i>	<i>era stata proiettata</i>	1
<i>tratar</i>	<i>era tratada</i>	1	<i>trattare</i>	<i>era trattata</i>	1
<i>comer</i>	<i>estava sendo/ter sido comida</i>	4	<i>mangiare</i>	<i>stava per essere mangiata</i>	1
				<i>essere stata mangiata</i>	2
				<i>era stata mangiata</i>	1
<i>proteger</i>	<i>era protegida</i>	2	<i>proteggere</i>	<i>era protetta</i>	2
<i>atingir</i>	<i>fora atingida</i>	1	<i>raggiungere</i>	<i>era stata raggiunta</i>	1
<i>explorar</i>	<i>tinha sido explorado</i>	1	<i>sfruttare</i>	<i>era stato sfruttato</i>	1
Total	–	18	Total	–	18

Das 5 ocorrências do verbo *obrigar* (*era obrigada*), 4 foram traduzidas pelos equivalentes *obbligare* e *costringere* e 1 foi realizada pela construção *essere tenuto a*, que reconstrói sentido de obrigação do TF. Com relação aos outros casos, *ser humilhada*, *devorada*, *lançada*, *tratada*, *comida*, *protegida*, *atingida* e *explorado* foram traduzidos, respectivamente, pelos equivalentes *essere umiliata*, *divorata*, *proiettata*, *trattata*, *mangiata*, *protetta*, *raggiunta* e *sfruttato*. No entanto, a construção passiva *está sendo exterminada*, cujo núcleo é o verbo *exterminar*, foi traduzida pela construção ergativa *va estinguendosi*, cujo núcleo é o verbo *estinguersi* (*sua raça de gente está aos poucos sendo exterminada / la sua razza va lentamente estinguendosi*): aqui, o participante *sua raça* não é mais Meta passiva da ação de exterminar como o era no TF, mas Meio (exemplo 26).

5.2.3.4 Resumo dos resultados da análise do Processos materiais no par LDF-LF

Na análise contrastiva LDF-LF, foram encontradas 21 mudanças e 79 equivalências na tradução dos verbos realizadores de Processos materiais em construções transitivas, ergativas e passivas observados no TF, como mostra a TAB. 65.

TABELA 65: Equivalências e mudanças nos Processos materiais no par LDF-LF

Realizador	n. casos LDF	Equivalências em LF	Mudanças em LF
Construções transitivas	62	49	13
Construções ergativas	20	13	7
Construções passivas	18	17	1
Total	100	79	21

Mais especificamente, foram observadas 49, 13 e 17 equivalências e 13, 7 e 1 mudanças respectivamente nas construções transitivas, ergativas e passivas. Como já observado no par AHDE-LODS, houve também, neste caso, algumas mudanças de agentividade dos personagens. Na tradução das construções ergativas encontradas em LDF, nem sempre foram utilizados os verbos equivalentes em italiano. Embora as diferenças entre o TF e o TA sejam mínimas, o uso de construções transitivas em vez de ergativas no TA determina mudanças na agentividade dos personagens e, conseqüentemente, na focalização narrativa. No que se refere à análise contrastiva das construções passivas, como também já observado no par AHDE-LODS, as construções do TF foram, em geral, reconstruídas no TA, com a única exceção de uma ocorrência em AHDE em que o participante, que era Meta da ação no TF, se torna Meio de Processo ergativo no TA. Também cabe apontar, no TA, o uso de verbos sinônimos para instanciar repetições de um mesmo verbo do TF.

Os resultados da análise do par LDF-LF são visualizados no GRAF. 15.

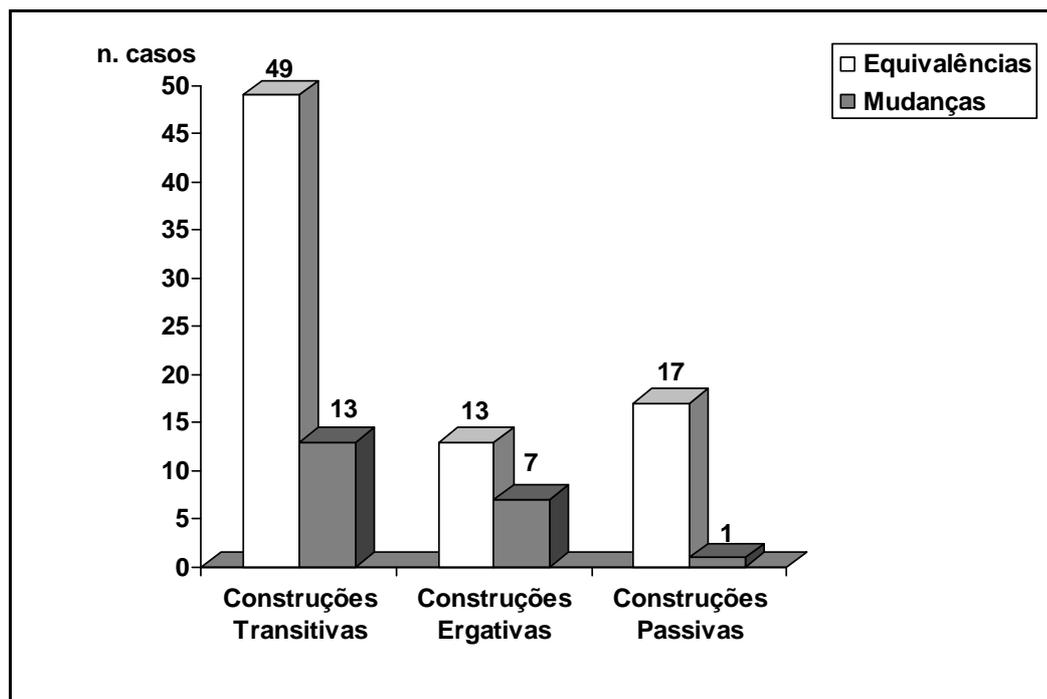


GRÁFICO 15 – Análise contrastiva dos Processos materiais no par LDF-LF.

5.2.4 Modalidade

No que tange à tradução dos realizadores de modalidade de LDF em LF, foram encontradas algumas mudanças principalmente na tradução do verbo modal *poder*, como é apresentado nas próximas subseções.

5.2.4.1 Tradução dos realizadores de modulação de obrigação de valor alto: *dever* e *ter que*

Com relação aos verbos modais *dever* e *ter que*, vale lembrar a maior frequência encontrada em LF em comparação com LDF (36 casos contra 25). Esse padrão de uso mais frequente é amplificado pela análise contrastiva do par LDF-LF, a qual revela algumas mudanças relevantes, como pode ser observado nas Tabelas 66 e 67.

TABELA 66: *Dever* em LDF e suas traduções em LF

Modal	Casos em LDF	n. casos	Tradução em LF	Formas do verbo	n. casos
<i>dever</i>	<i>devo</i>	1	<i>dovere</i>	<i>dovrei</i>	1
	<i>deve</i>	1	<i>toccare a</i>	<i>tocca a lei</i>	1
	<i>deveria</i>	5	<i>dovere</i>	<i>avrebbe dovuto</i>	4
			∅	∅	1
<i>devia</i>	6	<i>dovere</i>	<i>doveva</i>	6	
Total	–	13	–	–	13

TABELA 67: *Ter que* em LDF e suas traduções em LF

Modal	Casos em LDF	n. casos	Tradução em LF	Formas verbo	n. casos
<i>ter que</i>	<i>tenho que</i>	2	<i>dovere</i>	<i>devo</i>	1
				<i>dovrò</i>	1
	<i>tivesse que</i>	1		<i>dovesse</i>	1
	<i>tinha que</i>	4		<i>doveva</i>	4
	<i>teve que</i>	2		<i>dovette</i>	2
	<i>teria que</i>	2		<i>doveva</i>	1
				<i>dovrei</i>	1
<i>ter que</i>	1	∅	∅	1	
Total	–	12	–	–	12

Cumprе salientar a não tradução de 1 ocorrência do verbo *dever* (exemplo 32) e 1 caso de *ter que* e a tradução de 1 instância de *dever* pela construção *toccare a*, a qual pode construir também o direito de fazer algo (cf. ZINGARELLI, 1999), e não só obrigação (como realizado no TF). Todos os 3 casos determinam uma mudança na maneira de apresentar a visão dos personagens em relação à obrigação. Entretanto, os demais casos foram traduzidos pelas formas equivalentes do verbo *dovere*.

5.2.4.2 Tradução do realizador de modulação de obrigação de valor baixo: poder

As instâncias das formas do verbo modal *poder* foram traduzidas, na maioria das vezes (56 em 62), pelas formas do verbo equivalente *potere*, como pode ser visto na TAB. 68.

TABELA 68: *Poder* em LDF e suas traduções em LF

Modal	Casos em LDF	n. casos	Tradução em LF	Formas do verbo	n. casos
<i>poder</i>	<i>possa</i>	1	<i>potere</i>	<i>potessi</i>	1
	<i>podia</i>	17	<i>potere</i>	<i>poteva</i>	11
			<i>potere</i>	<i>avrebbe potuto</i>	2
			<i>potere</i>	<i>potevo</i>	1
			<i>potere</i>	<i>ci si poteva</i>	1
			<i>vietare</i>	<i>era vietato</i>	1
			<i>avere la facoltà di</i>	<i>avere la facoltà di</i>	1
			<i>potere</i>	<i>avrebbe potuto</i>	13
	<i>poteria</i>	16	<i>potere</i>	<i>poteva</i>	2
			<i>potere</i>	<i>avrei potuto</i>	1
			<i>potere</i>		
	<i>poder</i>	7	<i>potere</i>	<i>poter (+ pron.)</i>	5
			<i>potere</i>	<i>potessi</i>	1
			<i>potere</i>	<i>poteva</i>	1
	<i>pode</i>	3	<i>potere</i>	<i>poteva</i>	1
			<i>potere</i>	<i>puoi</i>	2
	<i>pude</i>	3	<i>potere</i>	<i>ho potuto</i>	3
<i>pudesse</i>	9	<i>temere</i>	<i>temesse di</i>	1	
		<i>potere</i>	<i>poteva</i>	1	
		<i>dovere</i>	<i>dover</i>	1	
		<i>potere</i>	<i>avrebbe potuto</i>	3	
		<i>potere</i>	<i>poter</i>	1	
		<i>potere</i>	<i>avesse potuto</i>	1	
		\emptyset	\emptyset	1	
<i>podendo</i>	1	<i>potere</i>	<i>potendo</i>	1	
<i>pôde</i>	3	<i>potere</i>	<i>poté</i>	2	
		<i>riuscire</i>	<i>riuscì</i>	1	
<i>pudera</i>	2	<i>potere</i>	<i>aveva potuto</i>	2	
Total	–	62	–	–	62

Dentre as formas do verbo *potere* empregadas no TA, vale ressaltar que *puoi*, embora esteja na segunda pessoa do singular (e não na primeira ou terceira), foi levada em conta na análise por se referir a uma das personagens em um de seus diálogos consigo mesma (no conto “A imitação da rosa”).

Os casos de mudanças foram algumas ocorrências das formas *podia*, *pôde* e *pudesse*. Dentre as 17 instâncias de *podia*, 15 foram traduzidas pelas formas equivalentes do verbo

potere; porém, em 1 caso, foi utilizada a construção *cui era vietato* e, em outro caso, a construção *avere la facoltà di*. Foi observado também o uso da construção impessoal *ci si poteva* em lugar da forma equivalente *poteva*. Essas mudanças não modificam nada em termos de modulação, sendo que, nos 3 casos, é reconstruído o sentido de “poder fazer algo”; contudo, compete sublinhar a mudança de transitividade em 2 deles: no enunciado *non podia comer frituras*, presente no TF, o Processo de *poder comer* se refere ao Ator-personagem, ao passo que, na construção do TA *cui era vietato*, a protagonista é participante passivo da ação (exemplo 35). A personagem deixa de ser Ator também na tradução da sentença *mas nada podia fazer contra* por *ma non ci si poteva fare nulla*, devido à construção impessoal *ci si poteva* utilizada em vez do equivalente *non poteva*. Dentre as 9 ocorrências da forma *pudesse*, 6 foram traduzidas por formas do verbo equivalente *potere*, 1 por *temere* (exemplo 33), 1 pelo verbo modal *dovere* (exemplo 34) e 1 não traduzida. Nesses últimos 3 casos, a mudança não reconstrói a modulação nos correspondentes enunciados do TF e, portanto, determina uma mudança na focalização narrativa. Finalmente, dentre as 3 ocorrências de *pôde*, 2 foram traduzidas pelas formas do equivalente *potere* e 1 pelo verbo *riuscire* (*conseguir*), verbo que, embora reconstrua o sentido de capacidade do verbo *poder*, não realiza a modulação construída pelo verbo equivalente *potere*.

5.2.4.3 Tradução dos indicadores de A+/B+

Com relação à tradução das repetições do verbo *saber*, foram encontradas algumas mudanças em LF (TAB. 69).

TABELA 69: *Saber* em LDF e suas traduções em LF

Modal	Casos em LDF	n. casos	Tradução em LF	Formas do verbo	n. casos
<i>saber</i>	<i>sei</i>	3	<i>capire</i>	<i>ho capito</i>	2
			∅	∅	1
	<i>saber</i>	2	<i>sapere</i>	<i>sapere</i>	2
	<i>sabia</i>	10	<i>sapere</i>	<i>sapeva</i>	6
<i>conoscere</i>			<i>non conoscovo</i>	1	
∅			∅	3	
Total	–	15	–	–	15

Dentre as 15 ocorrências totais do verbo *saber*, 8 foram traduzidas pelas formas do verbo equivalente *sapere*. Entretanto, foram observados 7 casos de mudança. Mais especificamente, 2 casos foram traduzidos pelo verbo indicador de Processo mental *capire*, 1 foi instanciado pelo verbo *conoscere* (*participando também não sabia de quê / sentendomi partecipe di qualcosa di cui non conoscevo il significato*) e 4 não foram traduzidos (exemplo 36). Os casos de não tradução e o uso de verbos diferentes, ainda que considerados, estes últimos, como passíveis de reconstruir o significado do verbo *saber*, afastam o TA do padrão de repetições do verbo *saber* e, conseqüentemente, não possibilitam a reconstrução da nuance positiva dos trechos em que aparecem.

Tal como já verificado no par AHDE-LODS, a única repetição do verbo *sentir* foi traduzida pelo equivalente *sentire*, reconstruindo, dessa maneira, a nuance positiva dos trechos dos quais fazem parte.

5.2.4.4 Tradução dos indicadores de A-/B-

Com relação aos indicadores de trechos de narração A-/B-, os resultados da análise contrastiva LDF-LF também apontam algumas mudanças (TAB. 70).

TABELA 70: *Parecer... como se / talvez* em LDF e suas traduções em LF

Modal	Casos em LDF	n. casos	Tradução em LF	Formas do verbo	n. casos
<i>parecer... como se</i>	<i>parecer</i>	1	<i>disegnare... come se</i>	<i>disegnavano... come se</i>	1
	<i>parecia</i>	7	\emptyset ... <i>come se</i>	\emptyset ... <i>come se</i>	1
			<i>apparire... come se</i>	<i>appariva... come sei</i>	1
			<i>apparire... quasi</i>	<i>appariva... quasi</i>	1
			<i>sembrare... \emptyset</i>	<i>sembrava... \emptyset</i>	1
			<i>sembrare... come se</i>	<i>sembrava... come se</i>	1
			<i>parere... come se</i>	<i>pareva... come se</i>	1
<i>dare l'impressione... come se</i>	<i>dava l'impressione... come se</i>	1			
<i>parecer... como se/talvez</i>	<i>parece</i>	1	<i>sembrare... come se</i>	<i>sembrò... come se</i>	1
	<i>pareceu</i>	2	<i>sembrare... come se</i>	<i>sembrò... come se</i>	1
			<i>parere... forse</i>	<i>parve... forse</i>	1
<i>parecer... talvez</i>	<i>parecia</i>	2	<i>sentirsi... \emptyset</i>	<i>pareva... forse</i>	1
				<i>si sentì... \emptyset</i>	1
Total	–	13	–	–	13

Dentre os 8 casos totais do verbo *parecer* co-ocorrendo com a conjunção comparativa *como se*, somente 2 foram traduzidos pela co-ocorrência equivalente *sembrare/parere... come se* (exemplo 33) e 1 foi realizada pelo verbo *apparire*, utilizado como sinônimo de *parecer*, apesar de não ser empregado com essa conotação com frequência (cf. ZINGARELLI, 1999), co-ocorrendo com *come se*. Entretanto, foram observadas 5 mudanças. Mais especificamente, foi detectada 1 instância do verbo *apparire* com o Adjunto *quasi*, 1 ocorrência de *disegnare... come se*, 2 casos de não tradução de um dos itens da co-ocorrência (uma vez, foi traduzida só a conjunção *como se* pela equivalente *come se* e, outra vez, foi traduzida só a forma verbal *parecia* pela equivalente *sembrava*) e 1 caso de não tradução da conjunção *como se* co-ocorrendo com o verbo *sentirsi*. Se, por um lado, os verbos *parere* e *sembrare* podem ser considerados equivalentes de *parecer* e, por outro, *apparire* e *dare l'impressione* reconstróem o sentido de insegurança daquilo que é percebido (o qual é construído no TF), o Adjunto *quasi* como tradução da conjunção *como se* em lugar do equivalente *come se* determina uma menor ênfase na nuance negativa da narração. O mesmo

pode ser afirmado com relação à tradução da forma *parecer* pelo verbo *disegnare* (exemplo 37), de *parecer* pelo verbo *sentirsi* e da não tradução da co-ocorrência deste com o Adjunto modal *talvez*.

5.2.4.5 *Resumo dos resultados da análise da modalidade no par LDF-LF*

Na análise contrastiva LDF-LF, foram encontradas 21 mudanças na tradução dos realizadores de modalidade observados no TF, como pode ser observado na TAB. 71, a seguir.

TABELA 71: Equivalências e mudanças na tradução dos modais no par LDF-LF

Modal	n. casos em LDF	Equivalências em LF	Mudanças em LF
<i>dever/ter que</i>	25	22	3
<i>Poder</i>	62	56	6
<i>Saber</i>	15	8	7
<i>parecer... como se/talvez</i>	13	8	5
Total	115	94	21

Dentre as 25 ocorrências dos verbos modais *dever* e *ter que*, 22 foram traduzidas pelo verbo equivalente *dovere* e 3 apresentaram mudanças. Na tradução das 62 instâncias do verbo *poder*, foram detectadas 6 mudanças e, na maioria dos outros casos (56), foi utilizado o verbo equivalente *potere*. Na tradução do verbo *saber*, foram observadas, dentre as 15 ocorrências totais, 7 mudanças e 8 equivalências (formas do verbo *sapere*). Na tradução das co-ocorrências do verbo *parecer* com a conjunção comparativa *como se* e com o Adjunto modal *talvez*, foram observadas 5 mudanças e os demais 8 casos foram traduzidos pelos verbos equivalentes e pelas co-ocorrências *sapere e parere / sembrare... come se / forse*, como resumido no GRAF. 16.

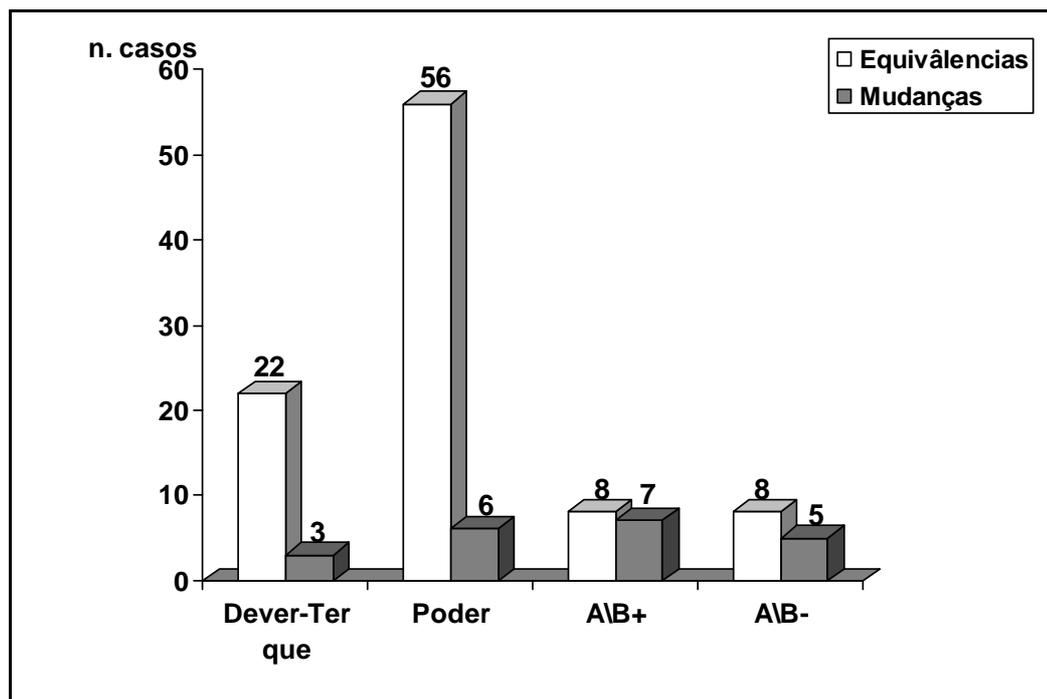


GRÁFICO 16 – Análise contrastiva dos modais no par LDF-LF.

Como já destacado na análise contrastiva AHDE-LODS, pode-se, novamente, afirmar que, às vezes as mudanças observadas permitem reconstruir a modulação de obrigação do TF e, outras vezes, não. Ademais, tais mudanças, às vezes, determinam a não reprodução do padrão de repetições de LF e diferenças na agentividade, além de recriar, de forma diferente, o sentido de insegurança construído pelas co-ocorrências do verbo parecer com a conjunção comparativa *como se* e com o Adjunto modal *talvez*. Todas essas mudanças na tradução de LDF ensejam diferenças na focalização narrativa.

A seguir, como antecipado, são apresentados alguns exemplos contextualizados e comentados das instâncias das quatro categorias de análise nos quatro textos.

Exemplos

Exemplo 1

AHDE

Quanto a mim, só me livro de ser apenas um acaso porque escrevo, o que é um ato que é um fato. É quando entro em contato com forças interiores minhas, encontro através de mim o vosso Deus. Para que escrevo? E eu sei? Sei não. Sim, é verdade, às vezes também penso que eu não sou eu, pareço pertencer a uma galáxia longínqua de tão estranho que sou de mim. Sou eu? Espanto-me com o meu encontro.

LODS

Quando a me, sfuggo dall'essere semplicemente un caso poiché scrivo, cosa che è un atto che è un fatto. È quando entro in contatto con mie forze interiori che, attraverso di me, trovo il vostro Dio. Perché scrivo? E dovrei saperlo? No, non lo so. Sì, è vero, a volte penso di non essere io, quasi appartenessi a una lontana galassia, tanto mi sono estraneo. Sono io? Che spavento trovarmi!

Nesse trecho, extraído de AHDE, é destacada a repetição do dêitico pessoal *eu*, referente ao personagem-narrador Rodrigo, na oração *eu não sou eu*. Foram grifados também outros pronomes pessoais (*i.e.*, outras 2 ocorrências de *eu*, uma de *mim* e uma de *me*), os quais, embora não co-ocorram no imediato contexto de *eu*, são repetições que frisam o posicionamento do narrador.

Das duas repetições do pronome pessoal *eu* em co-ocorrência no mesmo co-texto, foi traduzida apenas a segunda (*eu* não sou *eu* / *penso di non essere io*). Já no que se refere à tradução dos outros dêiticos do trecho, observa-se que foram traduzidos pelas formas equivalentes *io* e *mi* em 3 dos 4 casos grifados. Entretanto, uma ocorrência de *eu* não foi traduzida (*E eu sei?* / *E dovrei saperlo?*) e houve uma mudança na agentividade da última oração (*Espanto-me* / *Che spavento*), determinada pela nominalização presente no TA no lugar do verbo realizador de Processo mental *espantar-se*. Tal mudança, junto com a não tradução das repetições, contribui para uma construção diferente da focalização narrativa.

Exemplo 2

AHDE

*Tanto estava viva que se mexeu devagar e acomodou o corpo em posição fetal. Grottesca como sempre fora. Aquela relutância em ceder, mas aquela vontade do grande abraço. Ela se abraçava a si mesma com vontade do doce nada. Era uma maldita e não sabia. Agarrava-se a um fiapo de consciência e repetia mentalmente sem cessar: **eu sou, eu sou, eu sou**. Quem era, é que não sabia. Fora buscar no próprio profundo e negro âmago de si mesma o sopro de vida que Deus nos dá.*

LODS

*Era talmente viva che, piano piano, si mosse e si sistemò in posizione fetale. Grottesca, come lo era sempre stata, con quella riluttanza a cedere. E, tuttavia, con quella voglia del grande abbraccio. Si teneva abbracciata a se stessa nel desiderio del dolce nulla. Era una disgraziata, e manco lo sapeva. Si aggrappava a una filaccia di coscienza, e senza posa ripeteva tra sé e sé: **io sono, io sono, io sono**. Ma non sapeva chi lei era. Era andata a cercare nella profonda e buia esistenza di se stessa il soffio di vita che ci viene da Dio.*

O parágrafo que constitui o exemplo 2 pertence a AHDE e foi escolhido por ser um exemplo de repetição do dêitico pessoal *eu* referente à protagonista. Trata-se da parte final do romance, em que Macabéa está próxima de morrer e, só naquele momento, afirma sua identidade ao pronunciar mentalmente *eu sou, eu sou, eu sou*.

A importância da repetição do pronome pessoal *eu* no TF em termos de ancoragem dêitica e, conseqüentemente, de construção do ponto de vista narrativo está realizada no TA em que se observa a forma equivalente *io sono, io sono, io sono*.

Exemplo 3

AHDE

*Limito-me a humildemente - mas sem fazer estardalhaço de minha humildade que já não seria humilde - limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra **ela**. **Ela** que deveria ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário. Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra - a tia é que lhe dera um curso ralo de como bater à máquina. E a moça ganhara uma dignidade: era enfim datilógrafa.*

LODS

*Mi limiterò umilmente - ma senza fare sfoggio della mia umiltà che altrimenti non sarebbe più tale - mi limiterò a narrare le scarse avventure di una ragazza in una città tutta costruita contro di **lei**. **Ragazza** che avrebbe dovuto restarsene nel sertão dell'Alagoas com il suo vestitino di tela e senza la minima nozione di dattilografia. Era andata a scuola solo fino alla terza elementare, e quindi sapeva scrivere a malapena. Data la sua ignoranza, era costretta, scrivendo a macchina, a ricopiare lentamente una parola dopo l'altra - era stata sua zia che le aveva impartito i primi sommari rudimenti di dattilografia. E la ragazza aveva così acquisito una dignità: era finalmente una dattilografa.*

O excerto que constitui ao exemplo 3 também faz parte de AHDE e apresenta, em negrito, um caso de repetição do pronome pessoal *ela*. No mesmo parágrafo, foram também grifadas duas ocorrências do substantivo *moça* referente à protagonista, as quais, junto com a repetição do dêitico *ela*, constituem uma cadeia coesiva que, de certa maneira, reforça a focalização em Macabéa.

Em LODS, da co-ocorrência *ela / ela*, só a primeira instância do pronome foi traduzida pelo equivalente *lei*, sendo que, para a segunda, foi utilizado o substantivo *ragazza* (*moça*). Dessa forma, é estabelecida, no TA, uma cadeia diferente do TF na qual predomina a repetição do dêitico *ela*. Cumpre salientar que essas mudanças de coesão textual acarretam uma alteração nos padrões de referência, traço marcante de DIL.

Exemplo 4

LDF

Às vezes, sentado sobre as patas diante de mim, como me espiavas! Eu então olhava o teto, tossia, dissimulava, olhava as unhas. Mas nada te comovia: tu me espiavas. A quem irias contar? Finge - dizia-me eu -, finge depressa que és outro, dá a falsa entrevista, faz-lhe um afago, joga-lhe um osso - mas nada te distraía: tu me espiavas. Tolo que eu era. Eu fremia de horror, quando eras tu o inocente: que eu me virasse e de repente te mostrasse meu rosto verdadeiro, e eriçado, atingido, erguer-te-ias até a porta ferido para sempre. Oh, eras todos os dias um cão que se podia abandonar. Podia-se escolher. Mas tu, confiante, abanavas o rabo.”

LF

A volte, seduto sulle zampe di fronte a me, come mi spiavi! A quel punto io guardavo il soffitto, tossivo, fingevo di non vederti, mi guardavo le unghie. Ma niente ti commuoveva: tu mi spiavi! A chi lo avresti raccontato? Fingi -- dicevo a me stesso, -- svelto, fingi di essere un altro, raccontagli qualcosa, fagli una carezza, buttagli un osso -- ma nulla ti distraeva: tu mi spiavi! Sciocco che ero! Fremevo di orrore, ed eri tu l'innocente: se mi fossi girato e ti avessi all'improvviso mostrato il mio vero volto, ecco che tu te ne saresti andato alla porta col pelo irto, ferito per sempre. Sì, eri un cane che ogni giorno si poteva abbandonare. Era possibile scegliere. Ma tu, fiducioso, scodinzolavi.”

No exemplo 4, retirado de LDF, é destacada a repetição do dêitico pessoal *eu*. Nesse excerto, o protagonista do conto “O delito do professor de matemática” relembra os episódios de cumplicidade entre ele e o cão que abandonara. A focalização no eu-narrador, além da repetição de *eu* no mesmo co-texto (em negrito), parece evidente no uso de vários

dêiticos pessoais na primeira pessoa do singular: 5 ocorrências do pronome *me*, 3 de *eu* e 1 de *mim*.

No TA, a co-ocorrência do pronome *eu*, destacada em negrito no TF, não foi reconstruída. Embora, em italiano (como em português), se possa inferir a pessoa a partir da desinência do verbo, a não tradução do pronome pessoal de caso reto *eu* pelo equivalente *io* determina uma mudança de ênfase na perspectiva dos fatos narrados. Com relação à tradução dos outros dêiticos pessoais grifados no exemplo 5, duas vezes houve a não tradução no caso do pronome *eu* (*dizia-me eu / dicevo a me stesso e que eu me virasse / se mi fossi girato*). Entretanto, foi também observado um caso em que foi adicionado o pronome *mi* no TA na tradução de *olhava as unhas* pela oração equivalente *mi guardavo le unghie*.

Exemplo 5

LDF

*O bonde se arrastava, em seguida estacava. Até Humaitá tinha tempo de descansar. Foi então que olhou para o homem parado no ponto. A diferença entre **ele** e os outros é que **ele** estava realmente parado. De pé, suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego. O que havia mais que fizesse Ana se aprumar em desconfiança? Alguma coisa intranquã estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles.*

LF

*Il tram correva, poi di colpo si fermava. Fino a Humaitá aveva tempo di riposare. Fu a quel punto che vide l'uomo immobile alla fermata. La differenza tra **lui** e gli altri consisteva nella sua assoluta immobilità. Stava in piedi, mani protese in avanti. Era un cieco. Cosa fu mai che suscitò in Ana tanta inquietudine? Stava accadendo qualcosa di inquietante. E allora vide che il cieco masticava gomma... Un uomo cieco masticava gomma.*

O exemplo 5, escolhido por apresentar uma repetição de *ele* (*A diferença entre **ele** e os outros é que **ele** estava realmente parado*), pertence ao conto “Amor”, em que a protagonista Ana vê sua vida revelada por um cego mascando chiclete na rua.

O foco na tradução da repetição de *ele* nesse trecho não se resume à não tradução do segundo dêitico pessoal, mas envolve também uma mudança de agentividade do enunciado no TA. Se, no TF, o segundo dêitico *ele* resulta ser o participante do Processo relacional realizado pelo verbo *estava* e pelo atributo *parado*; no TA, devido à nominalização de tal

Processo, o personagem não é mais o Portador como em LDF, o que constitui uma diferença em termos de focalização.

Exemplo 6

AHDE

Como eu irei dizer agora, esta história será o resultado de uma visão gradual - há dois anos e meio venho aos poucos descobrindo os porquês. É visão da iminência de. De quê? Quem sabe se mais tarde saberei. Como que estou escrevendo na hora mesma e que sou lido. Só não início pelo fim que justificaria o começo - como a morte parece dizer sobre a vida - porque preciso registrar os fatos antecedentes.

LODS

Come sto per dire, questa storia sarà il risultato di una rivelazione per gradi - da due anni e mezzo ne vado a poco a poco scoprendo i perché. È la rivelazione dell'imminenza di. Di che cosa? Chissà se un giorno lo saprò. E scrivo nel momento stesso in cui sono letto. Non comincio dalla fine che spiegherebbe l'inizio - così come la morte sembra spiegare la vita - solo perché devo registrare i fatti precedenti.

O exemplo 6, pertencente a AHDE, é apresentado como exemplo do dêitico pessoal *eu* co-ocorrendo com o advérbio temporal *agora*. A co-ocorrência dos 2 itens reforça a focalização em Rodrigo, que narra os fatos filtrando-os através de seus olhos.

No TA, não foram traduzidos os dêiticos *eu* e *agora* (*Como eu irei dizer agora / Come sto per dire*). Em termos de ancoragem dêitica, essa escolha determina uma diferença na focalização no próprio narrador, sendo que esse posicionamento no TA resulta não ser tão marcado como no TF.

Exemplo 7

LDF

Voltara tão completamente: agora todos os dias ela se cansava, todos os dias seu rosto decaia ao entardecer, e a noite então tinha a sua antiga finalidade, não era apenas a perfeita noite estrelada. E tudo se completava harmonioso. E, como para todo o mundo, cada dia a fatigava; como todo o mundo, humana e perecível. Não mais aquela perfeição, não mais aquela juventude. Não mais aquela coisa que um dia se alastrara clara, como um câncer, a sua alma.

LF

Così era completamente ritornata: ora ogni giorno si stancava, ogni giorno il suo viso verso sera era sciupato e la notte riacquistava la sua antica finalit , non era pi  solamente la perfetta notte stellata. E ogni cosa si completava armoniosamente. E ogni giorno la stancava, come avviene per tutti; come tutti umana e mortale. Non pi  quella perfezione, non pi  quella cosa che un giorno si era manifestata con chiarezza, come un cancro, la sua anima.

O exemplo 7 foi retirado de LDF e apresenta um dos trechos em DIL da protagonista do conto “A imitação da rosa”. Como frisado na seção dedicada à análise dos elementos indicadores de DIL, uma das características desse discurso é a utilização de verbos no tempo passado e na terceira pessoa do singular em co-ocorrência com advérbios indicadores de distância espaço-temporal próxima aos personagens. Esse recurso tem como objetivo apresentar a perspectiva narrativa dentro da consciência das personagens, como acontece na oração destacada *agora todos os dias ela se cansava*. Além disso, esse uso do pronome pessoal *ela* co-ocorrendo com o advérbio de tempo *agora* indica uma focalização da narração centrada na protagonista.

No TA, verifica-se, por um lado, que o advérbio temporal *agora* foi traduzido pelo equivalente *ora* e que, por outro, o dêitico pessoal *ela* não foi traduzido (*ora ogni giorno si stancava*). Embora a focalização na protagonista, isto é o DIL, seja reconstruída em LF graças à co-ocorrência do advérbio *ora* com o verbo no tempo passado e na terceira pessoa *si stancava*, há, em termos de ancoragem dêitica, uma mudança em LDF.

Exemplo 8

AHDE

*Saiu da casa da cartomante aos tropeços e parou no beco escurecido pelo crepúsculo – crepúsculo que é hora de ninguém. Mas ela de olhos ofuscados como se o último final da tarde fosse mancha de sangue e ouro quase negro. Tanta riqueza de atmosfera a recebeu e o primeiro esgar da noite que, **sim, sim** era funda e faustosa. Macabéa ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua pois sua vida já estava mudada.*

LODS

Uscì dalla casa della cartomante incespicando, e si fermò nel vicolo imbrunito dal crepuscolo – crepuscolo che è l'attimo di nessuno. Ma per lei, che aveva gli occhi appannati, il pomeriggio che volgeva alla fine poteva davvero essere una macchia di sangue e di un oro quasi nero. L'atmosfera tanto ricca l'accolse con la prima magia della notte, che era profonda e solenne. Macabéa era lievemente frastornata, e non sapeva se attraversare la strada o meno, dato che la sua vita era cambiata.

O exemplo 8 apresenta a protagonista de AHDE logo antes de ser atropelada. A exclamação *sim* é indicadora de DIL, e sua repetição ressalta a ênfase dada à esperança de uma vida melhor.

Na tradução, no entanto, optou-se por não traduzir a exclamação *sim* e, conseqüentemente, a voz narradora prevalece sobre aquela da personagem ao não utilizar o DIL como no TF. Assim, há uma mudança de focalização, a qual não mais parte da personagem e passa à perspectiva do narrador.

Exemplo 9

LDF

Deitou-se, abanava-se impaciente com o jornal a farfalhar no quarto. Pegou o lenço, aspirava-o a comprimir o bordado áspero com os dedos avermelhados. Punha-se de novo a abanar-se, quase a sorrir. Ai, ai suspirou a rir. Teve a visão de seu sorriso claro de rapariga ainda nova, e sorriu mais fechando os olhos, a abanar-se mais profundamente. Ai, ai vinha da rua como uma borboleta.

LF

Si coricò; si faceva vento con impazienza con un giornale che frusciava nella stanza. Prese il fazzoletto e premendone con le dita arrossate il ruvido ricamo, ne aspirava il profumo. Riprese a farsi vento quasi sul punto di sorridere. Ah, ah, sospirò ormai ridendo. Ebbe la visione del proprio sorriso limpido di ragazza nel fiore degli anni e chiudendo gli occhi sorrise più ampiamente, scuotendo con più forza il giornale. Ah, ah, veniva dalla strada come una farfalla.

O trecho apresentado no exemplo 9 faz parte do conto “Devaneio e embriaguez duma rapariga”, cuja protagonista, de origem provavelmente portuguesa, é representada nas suas elucubrações. A voz narradora se mistura à da personagem, facilmente detectada a partir do idioleto desta. A exclamação *ai*, indicadora de DIL, é repetida enfaticamente 4 vezes no mesmo parágrafo.

No TF, a exclamação *ai* foi traduzida por *ah*, que, normalmente, realiza uma série de significados, desde a tristeza até a alegria, como o equivalente português. Todavia, no trecho sob escrutínio, tal escolha, embora reconstrua o DIL do TA, não reconstrói a conotação

de saudade deste devido ao fato de que a repetição da exclamação *ah* em italiano, normalmente, instancia risada (cf. ZINGARELLI, 1999).

Exemplo 10

LDF

*Mas, sem saber por quê, estava um pouco constrangida, um pouco perturbada. Oh, nada demais, apenas acontecia que a beleza extrema incomodava. Ouviu os passos da empregada no ladrilho da cozinha e pelo som oco reconheceu que ela estava de salto alto; devia pois estar pronta para sair. Então Laura teve uma idéia de certo modo muito original: por que não pedir a Maria para passar por Carlota e deixar-lhe as rosas de presente? E também porque aquela beleza extrema incomodava. Incomodava? Era um risco. **Oh**, não, por que um risco? apenas incomodava, eram uma advertência, **oh**, não, por que uma advertência? Maria daria as rosas a Carlota.*

LF

*Tuttavia, senza sapere perché, era un po' intimidita, un po' turbata. **Oh!** Niente di speciale, era che, semplicemente, la bellezza estrema la disturbava. Sentì i passi della domestica sulle mattonelle della cucina e dal rumore capì che aveva i tacchi alti; doveva essere pronta per uscire. Allora Laura ebbe un'idea in un certo senso molto originale: perché non chiedere a Maria di passare da Carlota e lasciarle in dono le rose? Anche perché quella bellezza estrema la disturbava. La disturbava? Era un rischio. **Ma**, no, perché un rischio?, la disturbava solamente, erano un avvertimento, **ma!** no, perché un avvertimento? Maria avrebbe portato le rose a Carlota.*

Esse exemplo foi extraído do conto “A imitação da rosa”, em que a protagonista Laura, recém-curada de doença mental, começa, enquanto espera o marido sozinha em casa, um longo devaneio que a levará, no final, a uma recaída. Percebe-se, também neste caso, a característica mescla clariceana da voz narradora com a da personagem. A exclamação *oh*, repetida três vezes no mesmo trecho, junto com verbos no passado (*acontecia*, *incomodava*, *era*) na terceira pessoa do singular, indica que se trata de DIL. Adiciona-se a essas ocorrências a densa pontuação, a qual, tipicamente, remete ao ritmo dos pensamentos.

No TA, o primeiro *oh* foi reconstruído e sua conotação exclamativa é ressaltada pelo ponto de exclamação que o acompanha. Contudo, as outras duas ocorrências foram traduzidas pela conjunção *ma*, que, em italiano, é utilizada também com significado de exclamação frisada, o qual é inclusive reiterado pelo ponto exclamativo que acompanha a segunda ocorrência. Tais diferenças, embora a representação do discurso continue em DIL por

meio da terceira pessoa do singular com verbos no tempo passado e a ausência de aspas, tornam o pensamento da personagem mais próximo do DDL. O que se observa no uso dos pontos exclamativos, no TA, é que a voz narrativa da personagem é ressaltada onde, no TF, resulta ser entrelaçada àquela do narrador.

Exemplo 11

LDF

*Então, já que isso terminaria mesmo por acontecer, tanto se me faz abrir agora mesmo os olhos, o que fez, e tudo ficou menor e mais nítido, embora sem nenhuma dor. Tudo, no fundo, estava igual, só que menor e familiar. Estava sentada bem tesa na sua cama, o estômago tão cheio, absorta, resignada, com a delicadeza de quem espera sentado que outro acorde. "Empanturras-te e eu que pague o pato", disse-se melancólica, a olhar os dedos brancos do pé. Olhava ao redor, paciente, obediente. **Ai**, palavras, palavras, objetos do quarto alinhados em ordem de palavras, a formarem aquelas frases turvas e maçantes que quem souber ler, lerá. Aborrecimento, aborrecimento, **ai** que chatura. Que maçada. Enfim, ai de mim, seja lá o que Deus bem quiser. Que é que se havia de fazer. Ai, é uma tal cousa que se me dá que nem bem sei dizer. Enfim, seja lá bem o que Deus quiser. E dizer que se divertira tanto esta noite! e dizer que fora tão bom, e a gosto seu o restaurante, ela sentada fina à mesa. Mesa! gritou-lhe o mundo. Mas ela nem sequer a responder-lhe, a alçar os ombros com um muxoxo amuado, importunada, que não me venhas a maçar com carinhos; desiludida, resignada, empanturrada, casada, contente, a vaga náusea.*

LF

*Allora, visto che doveva succedere, tanto valeva aprire subito gli occhi, cosa che fece; e tutto divenne più piccolo e più nitido, ma senza dolore. Tutto, in fondo, era identico, soltanto più piccolo e familiare. Stava seduta rigida nel suo letto, con lo stomaco così pieno, assorta, rassegnata, con la delicatezza di chi aspetta, seduto sul letto, che l'altro si svegli. "Ti sei abbuffata e ora devi scontarne le conseguenze", si disse malinconica guardando le piccole dita bianche del piede. Si guardava intorno paziente, remissiva. **Ah**, parole, parole, gli oggetti della stanza allineati secondo un ordine di parole per costruire quelle frasi buie e amare che chi sarà in grado di leggere, leggerà. **Che** noia, ma **che** noia, **uffa** che scocciatura! **Accidenti. Beh**, sarà quel che Dio vorrà. Cosa posso farci, mi sta succedendo qualcosa che non so neppure io. Insomma, che fosse quel che fosse. E dire che si era talmente divertita quella sera! e tutto era stato così bello e di suo gradimento al ristorante, lei così elegante seduta a tavola. Tavola! le fece eco una voce dall'esterno. Ma lei non rispose, alzò le spalle e fece schioccare le labbra con fastidio, che non mi vengano a seccare con complimenti, pensò delusa, rassegnata, rigonfia, sposata, contenta e con quella vaga nausea.*

O trecho anterior pertence ao conto "Devaneio e embriaguez duma rapariga" e consitui um exemplo de DIL, como apontado pelas exclamações *ai* destacadas em negrito, pelo uso da terceira pessoa do singular junto com verbos no passado (*que se havia de fazer, se*

divertira, a gosto seu e ela sentada) e pela pontuação que constrói a seqüência rápida dos pensamentos da personagem. Todavia, observam-se, às vezes, alguns interlúdios de DDL por meio do uso da primeira pessoa do singular e de verbos no presente (*ai de mim, seja lá, se me dá*).

A primeira exclamação *ai* do TP foi traduzida pela equivalente *ah*. A opção no TA ressalta o fluxo de pensamentos do TF a partir da exclamação *che* e a conjunção *ma*, aqui com conotação exclamativa (*Aborrecimento, aborrecimento / che noia, ma che noia*). Ademais, em vez de se utilizarem as equivalentes *ahi / ah* na exclamação *ai que chatura* empregou-se *uffa!*, adicionando-se um ponto exclamativo que contribui para aproximar de DD as palavras atribuíveis à personagem. Vale destacar também que, na exclamação *ai de mim*, o dêitico na primeira pessoa do singular não foi traduzido. Além disso, foi empregada a exclamação *beh* (*Enfim, seja lá o que Deus quiser / Beh, sarà quel che Dio vorrà*), a qual talvez frise mais a voz da personagem que *enfim*. Dentre as outras diferenças, vale frisar o uso distinto da pontuação e dos dêiticos e a tradução da sentença *Que é que se havia de fazer por cosa posso farci*, em que o uso do verbo *posso* no tempo presente na primeira pessoa do singular reconstrói a voz da personagem em DDL em vez do DIL no TF. Ao contrário, na tradução da sentença *Enfim, seja lá bem o que Deus quiser* por *Insomma, che fosse quel che fosse*, o uso do verbo no tempo passado (*fosse*) em vez do presente no TF (*seja*) aproxima a narração ao narrador, afastando-a da personagem. Ademais, a exclamação *ai*, na sentença *Ai, é uma tal cousa que se me dá que nem bem sei dizer / Cosa posso farci, mi sta succedendo qualcosa che non so neppure io*, não foi traduzida.

Exemplo 12

AHDE

Todas as madrugadas ligava o rádio emprestado por uma colega de moradia, Maria da Penha, ligava bem baixinho para não acordar as outras, ligava invariavelmente para a Rádio Relógio, que dava "hora certa e cultura", e nenhuma música, só pingava em som de gotas que caem – cada gota de minuto que passava. E sobretudo esse canal de rádio aproveitava intervalos entre as tais gotas de minuto para dar anúncios comerciais – ela adorava anúncios. Era rádio perfeita pois também entre os pingos do tempo dava curtos ensinamentos dos quais talvez algum dia viesse precisar saber. Foi assim que aprendeu que o imperador Carlos Magno era na terra dele chamado Carolus. Verdade que nunca achara modo de aplicar essa informação. Mas nunca se sabe, quem espera sempre alcança.

LODS

Tutte le mattine, all'alba, accendeva la radio che le veniva prestata da una compagna di stanza, Maria da Penha. L'accendeva, ma a volume molto basso, per non svegliare le altre. Si sintonizzava invariabilmente su Rádio Relógio che dava "ora esatta e cultura" e niente musica, scandiva il tempo al suono di gocce – ogni secondo una goccia. E soprattutto, quella stazione radio approfittava degli intervalli tra una goccia e l'altra per fare della pubblicità – pubblicità che lei adorava. Una stazione radio perfetta perché, tra una goccia e l'altra, forniva anche brevi informazioni che un giorno le sarebbe stato utile sapere. Fu così che apprese che, nelle sue terre, Carlo Magno era chiamato Carolus. Notizia che in verità non aveva ancora avuto modo di utilizzare. Ma non si sa mai, per riuscire basta aspettare.

O parágrafo apresentado no exemplo 12 pertence a AHDE, e o indicador de DIL observado é o advérbio indicador de incerteza *talvez*, que constrói esse significado através da voz da personagem. Embora o enunciado do qual faz parte possa ser atribuído ao narrador, a parte inicial do trecho sugere que, provavelmente, se trata de palavras pronunciadas pela protagonista (*Era rádio perfeita*). Também contribui para essa sugestão o final do trecho, que constrói os pensamentos da personagem com a conjunção adversativa *mas* no início da última sentença e o uso de uma frase feita ou forma proverbial (*Mas nunca se sabe, quem espera sempre alcança*).

Em LODS, o advérbio *talvez* não foi traduzido, de modo que não é realizada a nuance de incerteza indicadora de DIL.

Exemplo 13

LDF

A mãe sacudia a toalha no ar e impedia com sua forma a visão do quarto: mamãe, disse o menino. Catarina voltou-se rápida. Era a primeira vez que ele dizia (“mamãe” nesse tom e sem pedir nada. Fora mais que uma constatação: mamãe! A mulher continuou a sacudir a toalha com violência e perguntou-se a quem poderia contar o que sucedera, mas não encontrou ninguém que entendesse o que ela não pudesse explicar. Desamarrotou a toalha com vigor antes de pendurá-la para secar. Talvez pudesse contar, se mudasse a forma. Contaria que o filho dissesse: mamãe, quem é Deus. Não, talvez: mamãe, menino quer Deus. Talvez. Só em símbolos a verdade caberia, só em símbolos é que a receberiam.

LF

La madre scuoteva l'asciugamano nell'aria e con la propria figura gli toglieva la vista della stanza. “Mamma,” disse il bambino. Catarina si girò di scatto. Era la prima volta che diceva “mamma” con quel tono e senza chiedere niente. Era qualcosa di più di una semplice constatazione: mamma! La donna seguì a scuotere energicamente l'asciugamano e si chiese a chi avrebbe potuto raccontare quello che era successo, ma non c'era nessuno che avrebbe capito una cosa che lei stessa non poteva spiegare. Lisciò con forza l'asciugamano prima di appenderlo ad asciugare. Avrebbe magari potuto raccontarlo, anche se in un altro modo. Avrebbe detto che suo figlio aveva chiesto: mamma, chi è Dio? No, meglio forse: mamma, il bambino vuole Dio. Forse. Solo attraverso simboli la verità avrebbe trovato posto, solo attraverso simboli la verità sarebbe stata capita.

O exemplo 13 é extraído do conto “Os laços de família”, centrado na dificuldade e na incomunicabilidade dos relacionamentos familiares. No trecho aqui reproduzido, a protagonista constrói sua incerteza e insegurança em seus pensamentos através do uso do advérbio indicador de incerteza *talvez*, repetido três vezes em enunciados na terceira pessoa do singular junto com verbo no passado (*Talvez pudesse contar*). A densa pontuação da última parte do trecho, com cinco vírgulas, cinco pontos finais e duas instâncias de dois pontos, também é indicadora de DIL.

No TA, tal pontuação é reconstruída, com exceção de um ponto de interrogação inserido no lugar de ponto final em *mamma, chi è Dio?*. Essa inserção, de certa forma, ressalta o caráter dialógico das reflexões da personagem. As três ocorrências do advérbio *talvez* foram traduzidas, duas vezes, pelo equivalente *forse* e, uma vez, por *magari*, utilizado na língua italiana como sinônimo de *forse* (cf. ZINGARELLI, 1999), reconstruindo a focalização na protagonista como no TF.

Exemplo 14

LDF

*Então o homem se levantou, sacudiu a terra das mãos, e não olhou nenhuma vez mais a cova. Pensou com certo gosto: acho que fiz tudo. Deu um suspiro fundo, e um sorriso inocente de libertação. **Sim**, fizera tudo. Seu crime fora punido e ele estava livre. **E agora** ele podia pensar livremente no verdadeiro cão. Pôs-se então imediatamente a pensar no verdadeiro cão, o que ele evitara **até agora**. O verdadeiro cão que **agora** mesmo devia vagar perplexo pelas ruas do outro município, farejando aquela cidade onde ele não tinha mais dono.*

LF

*A quel punto l'uomo si alzò, si ripulì le mani dalla terra, e non guardò più la sepoltura. Con una certa soddisfazione pensò: credo di aver fatto tutto. Emise un profondo sospiro, con un innocente sorriso di liberazione. **Sì**, aveva fatto tutto. Il suo delitto era stato punito ed egli era libero. **Ora** poteva liberamente pensare al cane vero. E, cosa che **fino allora** aveva evitato, si mise immediatamente a pensare al cane vero. Il cane vero che **in quel momento** stava probabilmente vagando perplesso per le vie di un altro quartiere, annusando quella nuova città, dove non aveva più padrone.*

O exemplo 14 faz parte do conto *O delitto do professor de matemática*, em que o protagonista, com o intuito de se reparar frente ao remorso de ter abandonado seu cão, sepulta outro cachorro encontrado morto na rua. Nesse excerto, o personagem é apresentado logo após ter acabado de cavar a sepultura, em um momento de auto-reflexão em que predomina o DIL, reconhecível pelo uso da exclamação *sim* dentro de um enunciado na terceira pessoa do singular e do advérbio de tempo *agora* junto com os verbos no passado *podia*, *evitara* e *devia*.

No TA, o enunciado em que aparece a tradução de *sim*, isto é, *sì*, *aveva fatto tutto*, é reconstruído em DIL. Todavia, os advérbios *agora* e *até agora*, indicadores do tempo psicológico presente da voz do personagem, são traduzidos, respectivamente, por *fino allora* (*até aquele momento*) e *in quel momento* (*naquele momento*) em vez dos equivalentes *finora* e *ora / adesso*, devido a restrições do próprio sistema lingüístico italiano e mudando, dessa forma, a focalização, que passa a ser da voz narradora.

Exemplo 15

AHDE

*Madama acertou tudo sobre o seu passado, até lhe disse que ela mal conhecera pai e mãe e que fora criada por uma parente muito madrasta má. Macabéa espantou-se com a revelação: **até agora** sempre julgara que o que a tia lhe fizera era educá-la para que ela se tornasse uma moça mais fina.*

LODS

*Madame indovinò ogni cosa del suo passato, arrivò a dirle che aveva a malapena conosciuto i genitori e che era stata allevata da una parente, una specie di matrigna. A questa rivelazione Macabéa trasecolò: **fino a quel momento** era convinta che sua zia l-avesse educata unicamente per fare di lei una ragazza più raffinata.*

O exemplo 15 é extraído de AHDE. Como no exemplo 7, aqui também o indicador de DIL é o advérbio de tempo *até agora* em co-ocorrência com o verbo no passado *julgara*, que aponta a dimensão psicológica projetada no presente dos fatos narrados pela personagem.

Em LODS, o advérbio *até agora* foi traduzido por *fino a quel momento* (*até aquele momento*) em vez do equivalente *finora*. Tal diferença determina uma mudança no ponto de vista da narração no trecho, que, no TF, pertencia à protagonista e, no TA, remete à visão do narrador.

Exemplo 16

LDF

*E quando no seu decote redondo – em plena Praça Tiradentes!, pensou ela a abanar a cabeça incrédula - a mosca se lhe pousara na pele nua? **Ai** que malícia. Havia certas cousas boas porque eram quase nauseantes: o ruído como de elevador no sangue, enquanto o homem roncava ao lado, os filhos gorditos empilhados no outro quarto a dormirem, os desgraçadinhos. **Ai** que cousa que se me dá! pensou desesperada. Teria comido demais? **ai** que cousa que se me dá, minha santa mãe! Era a tristeza. Os dedos dos pés a brincarem com a chinela. O chão lá não muito limpo. Que relaxada e preguiçosa que me saíste. **Amanhã** não, porque não estaria lá muito bem das pernas. Mas depois de amanhã aquela sua casa havia de ver: dar-lhe-ia um esfregaço com água e sabão que lhe se arrancariam as sujidades todas! a casa havia de ver! ameaçou ela colérica. **Ai** que se sentia tão bem, tão áspera, como se ainda estivesse a ter leite nas mamas, tão forte. Quando o amigo do marido a viu tão bonita e gorda ficou logo com respeito por ela. E quando ela ficava a se envergonhar não sabia aonde havia de fitar os olhos. **Ai** que tristeza. Que é que se há de fazer. Sentada no bordo da cama, a pestanejar resignada. Que bem que se via a lua nessas noites de verão. Inclinou-se um pouquinho, desinteressada, resignada. A lua. Que bem que se via. A lua alta e amarela a deslizar pelo céu, a coitadita. A deslizar, a deslizar... Alta, alta. A lua. Então a grosseria explodiu-lhe em súbito amor: cadela, disse a rir.*

LF

*E quando sulla sua scollatura rotonda -- in piena Praça Tiradentes! pensò scuotendo il capo incredula -- una mosca le si era posata sulla pelle nuda? **Ah**, che eccitante. Certe cose davano piacere proprio perché quasi nauseanti: il ronzio nel sangue simile a quello di un ascensore, mentre un uomo le russava accanto, i figli grassottelli che dormivano tutti insieme nell'altra stanza, poveretti. “**Ma**, cosa mi succede?”, pensò disperata. Aveva mangiato troppo? “**Ma**, cosa mi succede, santo iddio?” Era la tristezza. Le dita del piede giocherellavano con la pantofola. Il pavimento in quel punto non era troppo pulito. “Quanto sei diventata pigra e sciatta,” pensò. **Domani** no perché non sarebbe stata troppo calda sulle gambe, **dopodomani** la sua casa avrebbe visto: che spazzata le avrebbe dato con acqua e sapone da farle schizzar fuori ogni sporcizia! La sua casa avrebbe visto, minacciò incollerita. **Ah**, come si sentiva bene, così intensa, come se avesse ancora del latte nei seni, così forte! Quando l'amico di suo marito l'aveva vista così bella e procace, era rimasto ammirato. E quando lei aveva provato imbarazzo non sapeva dove posare lo sguardo... **Ah**, che tristezza. Ma cosa ci poteva fare. Seduta sulla sponda del letto, sbatteva le palpebre rassegnata. Come si vedeva bene la luna in quelle notti di estate. Si chinò leggermente, apatica, rassegnata. La luna. Come la si vedeva bene. La luna che scivolava alta e gialla nel cielo, poverina. Che scivolava, scivolava... Alta, alta. La luna. E l'arroganza si trasformò allora in improvviso amore; “cagna”, disse ridendo.*

O excerto correspondente ao exemplo 16, mais uma vez extraído do conto “Devaneio e embriaguez duma rapariga”, é um caso de DIL cujos indicadores são a exclamação *ai* e os advérbios de tempo presente *amanhã* e *depois de amanhã* em co-ocorrência com os verbos no pretérito *estaria* e *havia de ver*. Não obstante, a segunda e terceira ocorrência de *ai* estão inseridas em um co-texto em DDL, detectável pelo uso da

primeira pessoa do singular e do verbo no tempo presente (*se me dá, minha santa mãe*), embora esteja mesclado a DIL (*Teria comido demais? / Era a tristeza*).

No TA, observou-se uma mudança no que diz respeito à focalização narrativa e à explicitação da voz da personagem, já em DDL. De fato, nas orações *Ma, cosa mi succede?* e *Ma cosa mi succede, santo iddio?*, foram utilizadas as aspas, cuja função aqui é delimitar a voz de quem fala. Uma provável explicação é o fato de, no TF (*Ai que coisa que se me dá! E ai que coisa que se me dá, minha santa mãe!*), se verificar a presença da primeira pessoa do singular (*me* e *minha*), normalmente utilizada em DD ou DDL. Ademais, nos dois casos, *ai* foi traduzido pela conjunção *ma*, que constrói mais surpresa (cf. ZINGARELLI, 1999) do que queixa como no TF. As últimas duas ocorrências de *ai* (*Ai que se sentia tão bem* e *Ai que tristeza*) foram traduzidas pela exclamação equivalente *ah*. Vale também ressaltar que, em LF, foi adicionado um ponto exclamativo que contribui para, novamente, ressaltar as palavras da personagem (*Ai que se sentia tão bem, tão áspera, como se ainda estivesse a ter leite nas mamas, tão forte. / Ah, come si sentiva bene, così intensa, come se avesse ancora del latte nei seni, così forte!*). No que tange aos advérbios de tempo presente *amanhã* e *depois de amanhã*, observa-se que foram traduzidos pelos correspondentes advérbios *domani* e *dopodomani*, juntamente com a realização do pretérito do TF (*sarebbe stata, avrebbe visto*), de forma tal que se reconstrói o DIL na tradução.

Exemplo 17

LDF

Recomeçou então a andar, agora apequenada, dura, os punhos de novo fortificados nos bolsos, a assassina incógnita, e tudo estava preso no seu peito. No peito que só sabia resignar-se, que só sabia suportar, só sabia pedir perdão, só sabia perdoar, que só aprendera a ter a doçura da infelicidade, e só aprendera a amar, a amar, a amar. Imaginar que talvez nunca experimentasse o ódio de que sempre fora feito o seu perdão, fez seu coração gemer sem pudor, ela começou a andar tão depressa que parecia ter encontrado um súbito destino.

LF

Riprese a camminare, ricurva, dura, i pugni sempre chiusi nelle tasche, era un'assassina ignota, e tutto quello che sentiva restava prigioniero dentro il suo petto, in quel petto che sapeva solo rassegnarsi, solo sopportare, solo chiedere perdono, che sapeva solo perdonare, che aveva imparato soltanto a possedere la dolcezza dell'infelicità, che aveva imparato solo ad amare, amare, amare. Pensò che non sarebbe mai riuscita a tradurre in azione quell'odio di cui era sempre stato fatto il suo perdono, e questo pensiero la fece gemere senza ritegno, si mise a camminare sveltissima come se avesse un improvviso obiettivo.

O parágrafo que constitui o exemplo 17 pertence ao conto “O búfalo”, em que a protagonista, vítima de uma desilusão amorosa, vai ao zoológico em busca de cenas do ódio que ela própria gostaria de manifestar. No excerto, o indicador de DIL é o advérbio indicador de incerteza *talvez* em co-ocorrência com verbo no passado na terceira pessoa do singular (*Imaginar que talvez nunca experimentasse*). Porém, vale ressaltar a presença de outros elementos que apontam a presença da voz da personagem em DIL, como, respectivamente, as 6 e 3 repetições do advérbio *só* e do verbo *amar* no mesmo enunciado.

No TA, a não tradução do advérbio *talvez*, junto com outras mudanças (*i.e.*, o uso do verbo de elocução no tempo passado *pensò* referente à personagem e do elemento coesivo *questo pensiero*), é claramente um indicador de DI (*Pensò che non sarebbe mai riuscita a tradurre in azione quell'odio di cui era sempre stato fatto il suo perdono, e questo pensiero la fece gemere*), à diferença do TF, em que o enunciado parece ecoar as palavras pensadas pela personagem (*Imaginar que talvez nunca experimentasse o ódio de que sempre fora feito o seu perdão, fez seu coração gemer*). No que tange às repetições do advérbio *só* e do verbo *amar*, observa-se que são geralmente reconstruídas, com exceção da penúltima ocorrência de *só*,

traduzida pelo advérbio *soltanto* sinônimo de *solo* (como foi realizado nos outros 5 casos). Embora o advérbio *só* possa ser traduzido para o italiano tanto por *solo* como por *solamente* ou *soltanto*, a não repetição da mesma tradução das 6 ocorrências acaba diminuindo o valor enfático das repetições do TF atribuíveis à voz da personagem.

Exemplo 18

AHDE

*O médico olhou-a e bem sabia que ela não **fazia** regime para emagrecer. Mas era-lhe mais cômodo insistir em dizer que não **fizesse** dieta de emagrecimento. Sabia que era assim mesmo e que ele era médico de pobres. Foi o que disse enquanto lhe receitava um tônico que ela depois nem comprou, achava que ir ao médico por si só já curava.*

LODS

*Il medico la osservò, e sapeva perfettamente che non **si trattava** di dieta. Gli era comunque assai più comodo insistere, sconsigliandole una cura dimagrante. Sapeva cos'era la realtà e che lui era il medico dei poveri. Fu quanto le disse nel prescrivere un ricostituente, che lei si guardò bene dall'acquistare perché, a suo parere, andare dal medico era già di per sé una cura.*

O exemplo 18, extraído de AHDE, foi escolhido por conter as duas instâncias do verbo realizador de Processo material *fazer* destacadas em negrito, as quais têm como Ator a protagonista. A primeira é a forma verbal *fazia* na oração *ela não fazia regime*, e a segunda consiste na forma *fizesse* em *que não fizesse dieta*.

No TA, a primeira ocorrência do verbo *fazer* (*fazia*) foi traduzida pelo verbo *trattarsi* (*si trattava*) de tipo existencial. Já no caso do verbo *fizesse* do TF, optou-se por traduzir a oração toda *dizer que não fizesse* pelo verbo Processo verbal *sconsigliare* (*sconsigliandole*), talvez devido à co-ocorrência com o verbo *dizer* (*dizer que não fizesse*), que remete à conotação de *desaconselhar* construída no TA. Essas escolhas mudam a agentividade de ambas as orações, considerando-se que, no TF, o Ator é Macabéa e, no TA, ela é substituída, no primeiro caso, pelo Existente *a dieta* e, no segundo, torna-se Receptor do Processo verbal realizado pelo verbo *sconsigliandole*. Em outras palavras, essas mudanças implicam uma não atuação da protagonista, a qual, de certa forma, é apresentada como mais passiva no TA. Ademais, vale destacar a diferença de realização entre o que é dito em DI no

TF e o que é dito por meio de NAF no TA. Tal mudança acarreta uma forma distinta de focalização narrativa que resulta ser mais filtrada pela voz do narrador no TA.

Exemplo 19

AHDE

*Proponho-me a que não seja complexo o que **escreverei**, embora obrigado a usar as palavras que vos sustentam. A história – determino com falso livre-arbítrio – vai ter sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro. Eu, Rodrigo S. M. Relato antigo, este, pois não quero ser modernoso e inventar modismos à guisa de originalidade. Assim é que experimentarei contra os meus hábitos uma história com começo, meio e “gran finale” seguido de silêncio e de chuva caindo.*

LODS

*E, pur vedendomi costretto a ricorrere alle parole che vi sostengono, mi propongo di non **scrivere** niente di complicato. La storia – lo decido ora con falso libero arbitrio – avrà più o meno sette personaggi e, ovvio, io sono uno dei principali. Io, Rodrigo S.M. Relazione classica, questa, poiché non mi picco di essere falsamente moderno, né di inventare neologismi per apparire originale. Tenterò quindi, contrariamente alle mie abitudini, di scrivere una storia con inizio, corpo centrale e gran finale seguito da silenzio e da pioggia che cade.*

O exemplo 19, pertencente a AHDE, contém uma ocorrência de verbo realizador de Processo material que se refere ao narrador. Trata-se de um dos numerosos casos das formas do verbo *escrever*, aqui *escreverei*, atribuíveis exclusivamente ao narrador na sua reflexão sobre a própria escrita.

Na tradução, o uso repetitivo do verbo *escrever* por parte do narrador foi reconstruído, haja vista a presença do verbo equivalente *scrivere*.

Apesar de não terem sido observadas diferenças na agentividade das orações, foram detectadas, às vezes, mudanças na polaridade dos enunciados. Por exemplo, no enunciado *Proponho-me a que não seja complexo o que **escreverei***, a polaridade negativa está no Processo relacional *que não seja complexo*, mas a positiva está no verbo realizador de Processo material *escreverei*. Entretanto, no TA, o Processo relacional de polaridade negativa do TF não foi traduzido, e a polaridade negativa se refere ao verbo realizador de Processo material *scrivere* (*mi propongo di non **scrivere** niente di complicato*). Tal diferença determina

uma mudança na agentividade, realizada por meio de uma negativa categórica no TA em lugar da afirmativa categórica positiva do TF.

Exemplo 20

AHDE

*Saiu da casa da cartomante aos tropeços e **parou** no beco escurecido pelo crepúsculo – crepúsculo que é hora de ninguém. Mas ela de olhos ofuscados como se o último final da tarde fosse mancha de sangue e ouro quase negro. Tanta riqueza de atmosfera a recebeu e o primeiro esgar da noite que, sim, sim, era funda e faustosa. Macabéa ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua pois sua vida já estava mudada. E mudada por palavras – desde Moisés se sabe que a palavra é divina. Até para atravessar a rua ela já era outra pessoa. Uma pessoa grávida de futuro.*

LODS

*Uscì dalla casa della cartomante incespicando, e **si fermò** nel vicolo imbrunito dal crepuscolo – crepuscolo che è l'attimo di nessuno. Ma per lei, che aveva gli occhi appannati, il pomeriggio che volgeva alla fine poteva davvero essere una macchia di sangue e di un oro quasi nero. L'atmosfera tanto ricca l'accolse con la prima magia della notte, che era profonda e solenne. Macabéa era lievemente frastornata, e non sapeva se attraversare la strada o meno, dato che la sua vita era cambiata. Cambiata in virtù di parole – dai tempi di Mosè si sa che la parola è divina. Perfino per attraversare la strada lei era ormai un'altra persona. Una persona gravida di futuro.*

O excerto constituinte do exemplo 20 faz parte de AHDE e foi escolhido por conter uma das raras ocorrências de verbo ergativo no romance. Trata-se do verbo *parar*, destacado em negrito e atribuível à protagonista.

Na tradução não houve mudança, já que a forma *parou* foi traduzida pelo verbo equivalente *fermarsi* (*si fermò*), reconstruindo, dessa forma, a agentividade instanciada no TF.

Exemplo 21

AHDE

*As pancadas ela esquecia pois esperando-se um pouco a dor termina por passar. Mas o que doía mais era **ser privada** da sobremesa de todos o dias: goiabada com queijo, a única paixão na sua vida. Pois não era que esse castigo se tornara o predileto da tia sabida? A menina não perguntava por que **era sempre castigada** mas nem tudo se precisa saber e não saber fazia parte importante de sua vida.*

LODS

*Lei non serbava memoria delle percosse, perché bastava aspettare un po' e il dolore passa. Tuttavia la cosa che le faceva più male era **l'essere privata** del dolce di ogni giorno: marmellata di goiabas con cacio, l'unica passione della sua vita. Castigo che, per combinazione, era diventato il preferito dell'astuta zia. La bambina non domandava il motivo del **quotidiano castigo**, ma non occorre sapere tutto, e non sapere faceva parte della sua vita.*

O trecho do exemplo 21 pertence a AHDE e contém duas ocorrências de construções passivas atribuíveis à protagonista, isto é, *ser privada* e *era sempre castigada*. Tais construções dizem respeito à imagem passiva de Macabéa, tal qual a personagem é apresentada pelo narrador.

No TA, tanto a construção *ser privada* como *era castigada* foram traduzidas pelas nominalizações *l'essere* e *castigo*. Tanto no primeiro caso como no segundo, a falta da construção passiva não explicita a agentividade da oração, tendo conseqüências na focalização narrativa. A nominalização, embora reconstrua a imagem passiva da protagonista do TA, encobre não só o Ator, já escondido em si no TF, mas também a personagem-Meta. Porém, no TA, a agentividade da personagem é recuperada como Meta (*le faceva più male*), ao passo que, no TF, não é explicitada.

Exemplo 22

AHDE

A datilógrafa vivia numa espécie de atordoado nimbo, entre céu e inferno. Nunca pensara em “eu sou eu”. Acho que julgava não ter direito, ela era um acaso. Um feto jogado na lata de lixo embrulhado em um jornal. Há milhares como ela? Sim, e que são apenas um acaso. Pensando bem: quem não é um acaso na vida?

LODS

La dattilografa viveva in una sorta di stordito limbo, a metà tra cielo e inferno. Il pensiero “io sono io” non l’aveva mai sfiorata. Credo che non pensasse di averne il diritto, lei era un caso. Un feto gettato nel bidone dell’immondizia avvolto in carta di giornale. Ne esistono migliaia come lei? Sì, e che sono un caso. Pensandoci bene: chi nella vita non è un caso?

O exemplo 22, extraído de AHDE, apresenta uma ocorrência de construção passiva. Trata-se da metáfora *um feto jogado*, que se refere à protagonista Macabéa e que, além de ressaltar sua passividade, representa sua imagem de ser incompleto e o seu escasso valor aos olhos tanto do narrador como dos outros personagens.

Como pode ser observado, a metáfora do TF é reconstruída a partir da forma equivalente *un feto gettato*.

Exemplo 23

LDF

*Um era alto e tinha a cabeça de um galo. Outro era gordo e vestira-se de touro. E o terceiro, mais novo, por falta de idéias, disfarçara-se em cavalheiro antigo e **pusera** máscara de demônio, através da qual surgiam seus olhos cândidos. Os três mascarados atravessaram a rua em silêncio.*

LF

Uno di loro era alto e aveva la testa di un gallo. L'altro era grasso e si era travestito da toro. E il terzo, più giovane, per mancanza d'idee, si era vestito da cavaliere antico, ma con una maschera da diavolo, dalla quale sporgevano gli occhi bianchi. I tre mascherati attraversarono silenziosamente la strada.

O parágrafo apresentado no exemplo 23 faz parte do conto “Mistério em São Cristóvão”. Nele, está destacado em negrito o verbo *pôr*, realizador de Processo material cujo Ator é um dos mascarados mencionados no conto.

No TA, não foi traduzida a forma verbal *pusera* na oração *pusera máscara de demônio*. Assim fazendo, essa oração torna-se um Adjunto circunstancial (*con una maschera*) e, portanto, tem-se que, por um lado, há, no TF, dois verbos realizadores de Processos materiais referentes ao Ator-terceiro mascarado (*disfarçara-se* e *pusera*) e que, por outro, há, no TA, somente um verbo (*si era vestito*). Tal mudança, como reiteradas vezes apontado, traz uma redução na agentividade do personagem.

Exemplo 24

LDF

*- Mamãe! Gritou mortificada a dona da casa. Que é isso, mamãe! Gritou ela passada de vergonha, e não queria sequer olhar os outros, sabia que os desgraçados se entreolhavam vitoriosos como se coubesse a ela dar educação à velha, e não faltaria muito para dizerem que ela já não **dava** mais banho na mãe, jamais compreenderiam o sacrifício que ela **fazia**.*

LF

*“Mamma!” gridò mortificata la padrona di casa. “Che novità è questa, mamma!” gridò, morta dalla vergogna; e non voleva neppure guardare gli altri, sapeva che quei disgraziati si scambiavano certe occhiate di vittoria, quasi spettasse a lei di educare la vecchia, e poco mancava che non le rinfacciassero che non **faceva più fare** alla mamma neppure il bagno, mai avrebbero capito il **suo sacrificio**.*

O exemplo 24, retirado do conto “Feliz aniversário”, contém duas ocorrências de verbos realizando Processos materiais. A primeira é o verbo *dar*, cujo Ator é a filha da

protagonista do conto e o Beneficiário é a mãe dela. A segunda é o verbo *fazer*, cujo Ator continua sendo a filha e a Meta corresponde a *o sacrifício*.

No TA, verifica-se que, embora o Ator do grupo verbal *dava banho*, traduzido por *faceva fare*, continue o mesmo, ele não atua mais diretamente, mas causa a atuação por parte de outro participante (*faceva fare = fazia fazer / fazia tomar*). No que se refere à forma verbal *fazia*, observa-se que ela não foi traduzida, o que acarreta conseqüências para a agentividade da personagem: na oração *o sacrifício que ela fazia*, presente no TF, *ela* é Ator do verbo realizador de Processo material *fazia* e *o sacrifício* é a Meta desse Processo; em contrapartida, no TA, *o sacrifício* torna-se Fenômeno do Processo mental realizado pelo verbo *capire* na oração *mai avrebbero capito il suo sacrificio*. Essa mudança não só elimina a agentividade da personagem, mas também apresenta a ação dessa personagem de forma mais distanciada.

Exemplo 25

LDF

*E, como entrefechara os olhos toldados, tudo ficou de carne, o pé da cama de carne, a janela de carne, na cadeira o fato de carne que o marido **jogara**, e tudo quase doía. E ela cada vez maior, vacilante, tumida, gigantesca. Se conseguisse chegar mais perto de si mesma, ver-se-ia inda maior. Cada braço seu poderia ser percorrido por uma pessoa, na ignorância de que se tratava de um braço, e em cada olho podia-se~lhe mergulhar dentro e nadar sem saber que era um olho. E ao redor tudo a doer um pouco. As coisas feitas de carne com nevrálgia. Fora o friozito que a tomara ao sair da casa de pasto.*

LF

*E non appena ebbe socchiuso gli occhi un po' offuscati, ogni cosa divenne di carne, l'estremità del letto era di carne, la finestra di carne, il vestito di suo marito **buttato** sulla seggiola era di carne, la finestra di carne, e ogni cosa doleva quasi. E lei era sempre più grande, vacillante, turgida, gigantesca. Se fosse riuscita ad avvicinarsi maggiormente a se stessa si sarebbe vista ancora più grande. Ogni suo braccio avrebbe potuto essere percorso da una persona ignara che si trattava di un braccio, e in ciascuno dei suoi occhi ci si sarebbe potuti tuffare nuotandovi senza sapere che si trattava di un occhio. E tutto intorno ogni cosa doleva un poco. Le cose erano fatte di carne dolente. Era stata probabilmente l'aria fresca all'uscita dal ristorante.*

No exemplo 25, extraído do conto “Devaneio e embriaguez duma rapariga”, é destacada em negrito uma instância de verbo de Processo material, qual seja: *jogar*. Na oração em que esse verbo é inserido, o Ator é *o marido* e a Meta, *o fato*.

Na tradução a instância destacada foi traduzida por uma construção passiva em que o participio *buttato* encobre o Ator *o marido*, que passa a ser complemento, o pós-modificador no grupo nominal *il vestito di suo marito*. Dessa maneira, não é especificada a agentividade da ação, havendo, pois, conseqüências na focalização narrativa.

Exemplo 26

LDF

Sua raça de gente está aos poucos sendo exterminada. Poucos exemplares humanos restam dessa espécie que, não fosse o sonso perigo da África, seria povo alastrado. Fora ito de águas, comida deficiente e feras rondantes, o grande risco para os escassos Likoualas está nos selvagens Bantos, ameaça que os rodeia em ar silencioso como em madrugada de batalha. Os Bantos os caçam em redes, como fazem com os macacos. E os comem. Assim: caçam-nos em redes e os comem

LF

La sua razza va lentamente estinguendosi. Pochi esemplari umani restano di quella specie che, senza le insidie e i pericoli dell'Africa, sarebbe una popolazione ampiamente diffusa. Oltre alle malattie, agli infetti miasmi delle acque, al cibo insufficiente e alle fiere tutt'attorno, il pericolo maggiore per gli sparuti likoualas è costituito dai selvaggi bantù, una minaccia che li avvolge come il silenzio che precede un'alba di battaglia. I bantù li catturano con reti, come fanno con le scimmie. E li mangiano. Proprio così: li catturano con reti e li mangiano.

O exemplo 26 pertence ao conto “A menor mulher do mundo” e é apresentado por conter uma instanciação de construção passiva. Mais especificamente, na construção *está aos poucos sendo exterminada*, recai passivamente sobre a Meta *sua raça de gente* a ação de exterminar, cujo Ator não é instanciado na oração. Este é, como explicitado adiante, *o sonso perigo da África*, caracterizado, principalmente, pelos *selvagens Bantos*, que aparecem como Existente na oração seguinte.

A construção passiva destacada no TF foi traduzida pela construção ergativa *va lentamente estinguendosi*, em que *la sua razza* resulta ser Meio do verbo *estinguersi* (*va estinguendosi*), e não Meta passiva (como no TA). Tal mudança de agentividade realiza lingüisticamente diferentes pontos de vista no que diz respeito ao fatos apresentados: se, no

TF, o desaparecimento da tribo não depende desta; no TA, ela tem sua parte de responsabilidade no acontecimento.

Exemplo 27

AHDE

*Ela nada pedia mas seu sexo exigia, como um nascido girassol num túmulo. Quanto a mim, estou cansado. Talvez da companhia de Macabéa, Glória, Olímpico. O médico me enjoou com sua cerveja. **Tenho que** interromper esta história por uns três dias.*

LODS

*Lei non chiedeva niente, ma il suo sesso esigeva come un girasole nato su una tomba. Quanto a me, io sono stanco. Della compagnia di Macabéa, forse, di Glória, di Olímpico. Il medico e la sua birra mi hanno nauseato. **Mi vedo costretto** a interrompere questa storia per almeno tre giorni.*

O exemplo 27, extraído de AHDE, contém uma instância de modulação de obrigação de valor alto. Trata-se do verbo modal *ter que* (*tenho que*), em negrito, referente ao narrador.

No TA, em vez de se utilizar o verbo modal equivalente *dovere* (*devo*), optou-se pela construção *vedersi costretto* (*mi vedo costretto*). Tal escolha, embora reconstrua a modulação de obrigatoriedade construída no TF, determina uma mudança na agentividade do enunciado do qual faz parte. Enquanto o narrador, no TF, é o Ator do Processo *ter que interromper*, ele se torna, no TA, participante da construção passiva *mi vedo costretto*, em que o verbo *vedersi* possui função de Processo relacional dentro da construção cujo verbo *costringere* é realizador de Processo material.

Exemplo 28

AHDE

*Um dia teve um êxtase. Foi diante de uma árvore tão grande **que no tronco ela nunca poderia abraçá-la**. Mas apesar do êxtase ela não morava com Deus. Rezava indiferentemente. Sim. Mas o misterioso Deus dos outros lhe dava às vezes um estado de graça. Feliz, feliz, feliz. Ela de alma quase voando.*

LODS

*Un giorno andò in estasi. Accadde davanti a un albero così grosso **che le sarebbe stato impossibile abbracciarne il tronco**. Ma nonostante l'estasi, era distante da Dio. Lei pregava indifferentemente. Già. Eppure il misterioso Dio degli altri la metteva talvolta in uno stato di grazia. Felice, felice, felice. Con l'anima quasi in volo.*

O exemplo 28, extraído de AHDE, contém uma instanciação do verbo modal *poder*. Na oração destacada *ela nunca poderia abraçá-la*, o Ator do Processo realizado pelo verbo *abraçar* é a protagonista. A co-ocorrência do verbo modal *poderia* e do Adjunto modal *nunca* realiza um valor de modulação de obrigação baixo e de modalização de usualidade alto em proposição de polaridade negativa, construindo, dessa forma, a impossibilidade de realizar a ação.

Foi observada, no TA, uma mudança de transitividade na tradução do enunciado. Mais especificamente, enquanto, no TF, há um Processo material cujo Ator é a protagonista que abraça a árvore, há, no TA, um Processo relacional em que o Identificador é a ação de abraçar em si (*le sarebbe stato impossibile abbracciarne*). Ademais, a modulação construída pelo verbo *poderia* e a modalização realizada no Adjunto *nunca* no TF são aqui instanciadas pela construção *le sarebbe stato impossibile*, que realiza modalização de probabilidade.

Exemplo 29

AHDE

Ela sabia o que era o desejo – embora não soubesse que sabia. Era assim: ficava faminta mas não de comida, era um gosto meio doloroso que subia do baixo-ventre e arpejava o bico dos seios e os braços vazios sem abraço. Tornava-se toda dramática e viver doía. Ficava então meio nervosa e Glória lhe dava água com açúcar.

LODS

Lei sapeva cosa fosse il desiderio – anche se non se ne rendeva conto. Succedeva così: aveva appetito, ma non di cibo, era una sensazione un tantino dolorosa che risaliva dal basso ventre e le faceva rizzare i capezzoli e intirizzare le braccia vuote senza abbraccio. Si faceva drammatica e vivere doleva. Diventava nervosa e Glória le dava dell'acqua e zucchero.

O exemplo 29 pertence a AHDE e foi escolhido por ser um parágrafo com narração de tipo B+. A repetição do verbo *saber*, nas duas formas *soubesse* (1 ocorrência) e *sabia* (2 ocorrências), ressalta o que é percebido pela protagonista, embora esse recurso, mais uma vez, seja utilizado com polaridade negativa indicadora da incapacidade de ação de Macabéa.

Na tradução, as 3 instâncias do verbo *saber* foram traduzidas apenas uma vez pelo verbo equivalente *sapere* (*sapeva*, em negrito no trecho acima), sendo que, no lugar das outras duas (*soubesse* e *sabia*), foi utilizado o grupo verbal *rendersi conto* (*non se ne rendeva conto*, *non se dava conta*) e foi reconstruída a polaridade negativa no TF a partir da tradução da negação *não* pela forma equivalente *non*. Verifica-se que, por um lado, essa mudança não leva a diferenças de significado, haja vista que a conotação de “não saber” é reconstruída, mas, por outro, a não repetição do equivalente do verbo *saber* muda, em termos de narração B+, a maneira de se apresentar a protagonista, isto é, a focalização.

Exemplo 30

AHDE

“*Una Furtiva Lacrima*” fora a única coisa belíssima na sua vida. Enxugando as próprias lágrimas tentou cantar o que ouvira. Mas a sua voz era crua e tão desafinada como ela mesma era. Quando ouviu começara a chorar. Era a primeira vez que chorava, **não sabia** que tinha tanta água nos olhos. Chorava, assoava o nariz **sem saber** mais por que chorava. Não chorava por causa da vida que levava: porque, não tendo conhecido outros modos de viver, aceitara que com ela era “assim”. Mas também creio que chorava porque, através da música, adivinhava talvez que havia outros modos de sentir, havia existências mais delicadas e até com um certo luxo de alma. **Muitas coisas sabia que não sabia entender.** “Aristocracia” significaria por acaso uma graça concedida? Provavelmente. Se é assim, que assim seja.

LODS

“*Una Furtiva Lacrima*” era stata l’única cosa bellissima nella sua vita. Asciugandosi le lacrime provò a cantare quello che aveva sentito. Ma la sua voce era grezza e stonata come lei. Quando l’aveva sentita si era messa a piangere. Era la prima volta che piangeva, **non sapeva** di avere tanta acqua negli occhi. Piangeva, si soffiava il naso e **non ricordava** più perché piangeva. Non piangeva per la vita che faceva: non avendo conosciuto altri modi di vivere, aveva accettato che per lei doveva essere “così”. Mi vien quasi da pensare che stesse piangendo perché, attraverso la musica, intuiva che c’erano altri modi di sentire, esistenze più raffinate e non prive di sfarzo spirituale. **Sapeva che c’erano cose a lei incomprensibili.** “Aristocrazia” significa forse una grazia concessa? Verosimilmente. Se così dev’essere, così sia.

No parágrafo referente ao exemplo 30, extraído de AHDE, há quatro repetições do verbo *saber* (*não sabia*, *sem saber*, *sabia*, *não sabia*), 3 das quais têm polaridade negativa e ressaltam a incapacidade da protagonista. Tais repetições, que co-ocorrem não só no mesmo parágrafo, mas também, no caso de duas delas (na oração *sabia que não sabia*), dentro do

mesmo co-texto (máximo de 5 palavras tanto à direita como à esquerda), são indicadoras de narração de tipo B+.

Na tradução do enunciado destacado, entretanto, foram observadas várias mudanças. Em primeiro lugar, o verbo *saber* não foi repetido, de modo que o verbo equivalente *sapere* foi utilizado só duas vezes (*non sapeva e sapeva*) em vez das quatro do TF. Em segundo lugar, e como consequência da não tradução do verbo *saber* no TA, houve mudança na estrutura do enunciado em negrito, o que teve consequências na transitividade: no TF, a protagonista é Experienciador do Processo mental *sabia entender*; no TA, este é substituído pelo Processo existencial *c'erano* cujo Existente é *cose*. A polaridade negativa do grupo verbal *non sabia* também não foi reconstruída na tradução, embora o uso do Epíteto *incomprendibili* remeta à conotação de “não saber” do TF por meio do prefixo negativo *in-*.

O uso de verbos sinónimos em lugar do verbo equivalente de *saber sapere* não reconstrói o padrão de repetições lexicais do TF, determinando, pois, uma diferença na focalização narrativa.

Exemplo 31

AHDE

Tinha o que se chama de vida interior e não sabia que tinha. Vivia de si mesma como se comesse as próprias entranhas. Quando ia ao trabalho parecia uma doída mansa porque ao correr do ônibus devaneava em altos e deslumbrantes sonhos. Estes sonhos, de tanta interioridade, eram vazios porque lhes faltava o núcleo essencial de uma prévia experiência de – de êxtase, digamos. A maior parte do tempo tinha sem o saber o vazio que enche a alma dos santos. Ela era santa? Ao que parece. Não sabia que meditava pois não sabia o que queria dizer a palavra. Mas parece-me que sua vida era uma longa meditação sobre o nada. Só que precisava dos outros para crer em si mesma, senão se perderia nos sucessivos e redondos vácuos que havia nela. Meditava enquanto batia à máquina e por isso errava ainda mais.

LODS

Possedevo ciò che si chiama vita interiore, e non lo sapeva. Viveva di se stessa come se si nutrisse delle proprie viscere. Quando andava a lavorare pareva una mentecatta inoffensiva per quel suo vaneggiare a voce alta in sogni strabilianti durante la corsa dell'autobus. Sogni di tale interiorità da essere vuoti. Mancava loro infatti il nucleo essenziale di una precedente esperienza di – di estasi, diciamo. Aveva quasi costantemente, e a sua insaputa, il vuoto che colma l'anima dei santi. Era santa? A quanto pare. Non sapeva di meditare, ignorando il significato di questa parola. Ho l'impressione che la sua vita non fosse che una lunga meditazione sul nulla. Solo che aveva bisogno degli altri per credere in se stessa, altrimenti si sarebbe smarrita nei vuoti concentrici che c'erano in lei. Meditava mentre batteva a macchina, e perciò faceva ancora più errori.

O exemplo 31, de AHDE, é uma amostra de mescla de narração B+ e B- pelo fato de co-ocorrerem o verbo *saber* (1 ocorrência da forma *sem o saber* e 3 de *não sabia*) e o verbo *parecer* (1 instância da forma *parecia* e 2 de *parece*) juntamente com *como se* em construção comparativa. No enunciado em negrito (*não sabia que meditava pois não sabia o que queria dizer a palavra*), a repetição da forma verbal *não sabia* no mesmo co-texto, juntamente com o uso de *sem o saber* e de outra ocorrência de *não sabia* no mesmo parágrafo, é indicadora de narração de tipo B+. Já a co-ocorrência no mesmo parágrafo da conjunção comparativa *como se* e das formas verbais *parecia*, *parece* e *parece-me* realizam uma narração de tipo B-.

No TA, foram observadas várias mudanças, tanto no padrão de repetições detectadas no TF como na transitividade. Mais especificamente, no enunciado em negrito, a primeira ocorrência da forma *não sabia* foi traduzida pela equivalente *non sapeva*, e a

segunda foi substituída pelo verbo *ignorare* (*ignorando*), que, além de não reconstruir gramaticalmente a polaridade negativa de “não saber” do TF, não realiza a repetição do TF, com conseqüências na focalização narrativa. Ademais, a nominalização *il significato* acarreta uma mudança na transitividade, tornando-se Fenômeno do Processo mental realizado pelo verbo *ignorare*, cujo Experienciador é a protagonista. Foram observadas também duas mudanças na tradução do grupo verbal *sem o saber* e da forma verbal *parece-me*, isto é, *a sua insaputa e ho l'impressione*. No primeiro caso, é realizada semanticamente, na nominalização, a polaridade negativa construída no TF por meio do prefixo *in-* no substantivo *insaputa*, reunindo em si, portanto, a conotação de “não saber”. No segundo caso, a opção de utilizar a construção *avere l'impressione* (*ter a impressão*) em vez do verbo equivalente de *parecer* (*parere* ou *sembrare*) determina uma leve mudança na realização do Processo mental do TF reconstruído no TA pelo verbo *avere*, de função relacional, embora a co-ocorrência deste com o substantivo *impressione* leve a classificar a construção toda como realizadora de Processo mental. Tais mudanças afastam a narração dos padrões de repetição realizadores de narração B+ e B- observados no TF. Entretanto, não foram observadas mudanças na tradução da conjunção comparativa *como se* traduzida pelo equivalente *come se*.

Exemplo 32

LDF

*Mais tarde, porém, indagou-se se tinha ou não sido explorado. E sua angústia foi tão intensa que ele parou diante da vitrina com uma cara de horror. O coração batia como um punho. Além do rosto espantado, solto no vidro da vitrina, havia panelas e utensílios de cozinha que ele olhou com certa familiaridade. "Pelo visto, fui", concluiu e não conseguia sobrepor sua cólera ao perfil sem culpa de Glorinha. Aos poucos a própria inocência da menina tornou-se a sua culpa maior: "então ela explorava, explorava, e depois ficava toda satisfeita vendo o filme?" Seus olhos se encheram de lágrimas. "Ingrata", pensou ele escolhendo mal uma palavra de acusação. Como a palavra era um símbolo de queixa mais do que de raiva, ele se confundiu um pouco e sua raiva acalmou-se. **Parecia-lhe** agora, de fora para dentro e sem nenhuma vontade, que **ela deveria ter pago** daquele modo a entrada do cinema. Mas diante dos livros e cadernos fechados, seu rosto desanuviava-se.*

LF

*Più tardi, però, si domandò se era stato sfruttato davvero. E tale fu la sua angoscia che si fermò davanti a una vetrina con una espressione stravolta. Il cuore gli batteva come un pugno. Al di là del suo volto spaventato, fluido nel vetro della vetrina, c'erano delle pentole e altri utensili da cucina che guardò con una certa familiarità. "A quanto pare, lo sono stato," concluse, ma non riuscì a sovrapporre la propria collera al profilo innocente di Glorinha. A poco a poco l'innocenza stessa della ragazza si trasformò nella sua colpa più grave: "Certo lei veniva al cinema a sbafo e poi se ne stava tutta soddisfatta a vedersi il film." Gli occhi gli si riempirono di lacrime. "Ingrata," pensò, scegliendo male la parola, che avrebbe dovuto essere d'accusa. Ma dal momento che la parola esprimeva più un lamento che rabbia, egli si confuse un poco e la sua collera si placò. Ora gli **sembrava** che, per un caso esterno e indipendente dalla sua volontà, lei **aveva pagato** a quel modo il biglietto del cinema. Ma di fronte ai libri e ai quaderni chiusi, il suo volto si fece più sereno.*

O exemplo 32, pertencente a LDF, contém uma amostra de modulação de obrigação, além de uma instância do verbo *parecer* indicador de narração de tipo B-. Mais especificamente, na oração *deveria ter pago*, o sentido de obrigatoriedade é construído pelo verbo modal *dever* e o verbo *parecer* (*parecia-lhe*) denota insegurança no que é percebido.

No TA, não foram observadas mudanças na tradução do verbo *parecer* pelo verbo equivalente *sembrare* (*gli sembrava*). Foi também detectada uma ocorrência a mais do primeiro verbo devido à tradução de *pelo visto* por *a quanto pare*, que ressalta a narração de tipo B- no trecho traduzido. Entretanto, a modulação construída no TF pelo verbo modal *dever* (*deveria*) não é reconstruída devido à não tradução deste.

Exemplo 33

LDF

*A rede de tricô era áspera entre os dedos, não íntima como quando a tricotara. A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido; não sabia o que fazer com as compras no colo. E como uma estranha música, o mundo recomeçava ao redor. O mal estava feito. Por quê? teria esquecido de que havia cegos? A piedade a sufocava, Ana respirava pesadamente. Mesmo as coisas que existiam antes do acontecimento estavam agora de sobreaviso, tinham um ar mais hostil, perecível... O mundo se tornara de novo um mal-estar. Vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam. Expulsa de seus próprios dias, **parecia-lhe** que as pessoas na rua eram periclitantes, que se mantinham por um mínimo equilíbrio à tona da escuridão - e por um momento a falta de sentido deixava-as tão livres que elas não sabiam para onde ir. Perceber uma ausência de lei foi tão súbito que Ana se agarrou ao banco da frente, **como se pudesse cair** do bonde, como se as coisas **pudessem** ser revertidas com a mesma calma com que não o eram.*

LF

*La rete di maglia era aspra tra le dita, non íntima come quando l'aveva lavorata ai ferri. La rete aveva perso la sua sensibilità e lo stare sul tram era una lacerazione; non sapeva cosa farsene della spesa che teneva in grembo. E come una musica incomprensibile, la vita attorno a lei riprendeva il suo ritmo. Il male era fatto. Perché? Aveva dimenticato che c'erano i ciechi? La pietà la soffocava, Ana respirava pesantemente. Perfino le cose che esistevano prima che tutto accadesse erano ora in stato di allarme, avevano un'aria più ostile, caduca... Il mondo era diventato nuovamente un malessere. Anni su anni crollavano rovinando, i tuorli gialli gocciolavano. Espulsa dai suoi stessi giorni, **le sembrava** che le persone in strada fossero in bilico, che in virtù di un minimo equilibrio si mantenessero sul limitare dell'oscurità -- e per un attimo la mancanza di senso le lasciava così libere che non sapevano dove andare. La percezione di quest'assenza di gravità fu una sensazione così repentina che Ana si aggrappò al sedile di fronte, **come se temesse di cadere** dal tram, come se le cose **potessero** essere rovesciate con la stessa facilità con la quale rovesciate non erano.*

O exemplo 33, extraído de LDF, foi escolhido por conter instanciações do verbo modal *poder*. Nele, há também um caso do verbo *parecer* co-ocorrendo com a conjunção comparativa *como se*. Portanto, há indicadores de modulação de obrigação e de narração de tipo B-. Vale ressaltar, também, a presença de duas instâncias do verbo *poder* (*pudesse*, *pudessem*) no mesmo co-texto, as quais são, mais uma vez, indicadoras da tendência de repetição característica da autora.

Na tradução, constata-se que, por um lado, a forma verbal *parecia-lhe* e a conjunção *como se* foram traduzidas, respectivamente, pelos equivalentes *le sembrava* e *come se* e que, por outro, a forma verbal *pudesse* foi traduzida pelo verbo *temere* (*temesse*). Essa observação implica que o uso de *temesse* em vez do verbo equivalente *potere* (*potesse*) não

recria a modulação de obrigação construída no TF, o que tem conseqüências na focalização narrativa. Ademais, a opção de não utilizar o equivalente leva também à não repetição do verbo *poder* no mesmo período, o que impinge conseqüências na apresentação dos fatos.

Exemplo 34

LDF

*Encaminhou-se para a cozinha e, como se tivesse culposamente traído com seu descuido Armando e os amigos devotados, ainda junto da geladeira bebeu os primeiros goles com um devagar ansioso, concentrando-se em cada gole com fé como se estivesse indenizando a todos e se penitenciando. Se o médico dissera: “Tome leite entre as refeições, nunca fique com o estômago vazio pois isso dá ansiedade”. - então, mesmo sem ameaça de ansiedade, ela tomava sem discutir gole por gole, dia após dia, não falhara nunca, obedecendo de olhos fechados, com um ligeiro ardor **para que não pudesse enxergar** em si a menor incredulidade.*

LF

*Si dicesse in cucina e, quasi avesse colpevolmente tradito con la propria disattenzione Armando e gli amici devoti, ancora accostata al frigorifero bevve i primi sorsi con una lentezza carica d'ansia, concentrandosi a ogni sorso con fiducia come se stesse ripagando tutti e punendo se stessa. Il medico aveva detto: “Beva latte tra un pasto e l'altro, non resti a stomaco vuoto, perché questo provoca ansia” -- e lei, pur senza la minima minaccia di ansietà, beveva senza discutere, sorso dopo sorso, giorno dopo giorno, non saltava una volta, ubbidendo a occhi chiusi, con un blando entusiasmo **per non dover scorgere** in se stessa la minima incredulità.*

O exemplo 34, pertencente a LDF, contém uma instância do verbo *poder* (*não pudesse*), indicador de modulação de obrigação de valor baixo de polaridade negativa.

No TA, optou-se, curiosamente, pela tradução de *pudesse* pelo verbo *dovere* (*dover*) em vez do equivalente *potere*. Mudou-se, assim, o valor da modulação de obrigatoriedade, que, no TF, era baixo e, no TA, tornou-se alto, com conseqüências na focalização narrativa.

Exemplo 35

LDF

*Então, como se todos tivessem tido a prova final de que não adiantava se esforçarem, com um levantar de ombros de quem estivesse junto de uma surda, continuaram a fazer a festa sozinhos, comendo os primeiros sanduíches de presunto mais como prova de animação que por appetite, brincando de que todos estavam morrendo de fome. O ponche foi servido, Zilda suava, nenhuma cunhada ajudou propriamente, a gordura quente dos croquetes dava um cheiro de piquenique; e de costas para a aniversariante, **que não podia comer frituras**, eles riam inquietos. E Cordélia? Cordélia, a nora mais moça, sentada, sorrindo.*

LF

*A quel punto, come se tutti avessero avuto la prova definitiva che i loro sforzi non servivano a niente, con un'alzata di spalle come in presenza di una sorda, continuarono a fare festa per conto loro, mangiando i primi panini al prosciutto più come segno di entusiasmo che per appetito, fingendo di avere una gran fame. Venne servito il punch, Zilda sudava, neanche una delle cognate dette una mano, il grasso delle crocchette calde emanava un odore da picnic; e di spalle alla festeggiata, **cui era vietato mangiare fritti**, loro ridevano un po' inquieti. E Cordélia? Cordélia, la nuora più giovane, seduta, sorrideva.*

O exemplo 35, extraído de LDF, contém, no enunciado destacado em negrito, uma ocorrência do verbo modal *poder* referente à protagonista do conto “Feliz Aniversário”. No TA, foi observada uma mudança na tradução do enunciado destacado: a oração *que não podia comer frituras* foi traduzida por *cui era vietato mangiare fritti* (a qual era proibido comer frituras), em que a modulação de obrigação construída no TF pelo verbo modal *poder* de polaridade negativa (*não podia*) foi substituída pelo verbo *vietare* (*era vietato, era proibido*), o qual, embora ainda realizando modulação de obrigação, instancia polaridade positiva. Essa mudança acarreta uma diferença na transitividade da oração, sendo que, no TF, o Ator do Processo *podia comer* é a protagonista, a qual, no TA, se torna participante afetado do Processo verbal realizado, na voz passiva, pelo verbo *vietare*.

Exemplo 36

LDF

No ônibus, os operários eram silenciosos com a marmita na mão, o sono ainda no rosto. Ela sentia vergonha de não confiar neles, que eram cansados. Mas até que os esquecesse, o desconforto. É que eles "sabiam". E como também ela **sabia**, então o desconforto. Todos sabiam o mesmo. Também seu pai **sabia**. Um velho pedindo esmola **sabia**. A riqueza distribuída, e o silêncio.

LF

Sull'autobus, gli operai erano silenziosi, con la gamella in mano, il sonno ancora sulla faccia. Si vergognava della propria mancanza di fiducia verso di loro, che erano così stanchi. Ma fino al momento in cui li avrebbe dimenticati, si sarebbe sentita a disagio. Loro "sapevano". E il disagio nasceva dal fatto che anche lei **sapeva**. Tutti sapevano la stessa cosa. Anche suo padre, anche un vecchio mendicante **sapeva**. Era la ricchezza distribuita, e il silenzio.

O exemplo 36, de LDF, mostra um excerto de narração de tipo B+ marcada pela repetição do verbo *saber* (3 ocorrências da forma *sabia* e 2 de *sabiam*).

Na tradução, o padrão de repetição do verbo *saber* é amenizado pelo fato de não ter sido traduzida a segunda instância de *sabia*. Entretanto, as outras foram reconstruídas a partir do verbo equivalente *sapere* (*sapeva*, *sapevano*).

Exemplo 37

LDF

Ana ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar - o coração batia-lhe violento, espaçado. inclinada, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mastigava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o **parecer** sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir - **como se** ele a tivesse insultado, Ana olhava-o. E quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio. Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada - o bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás, o pesado saco de tricô despericouse do colo, ruiu no chão - Ana deu um grito, o condutor deu ordem de parada antes de saber do que se tratava - o bonde estacou, os passageiros olharam assustados.

LF

Per la frazione di un secondo Ana ebbe ancora il tempo di ricordare che i fratelli sarebbero venuti a cena -- il cuore le batteva violento, cadenzato. Protesa in avanti, guardava profondamente il cieco, così come si guarda ciò che non si vede. Lui stava masticando gomma nell'oscurità. Senza sofferenza, con gli occhi aperti. I movimenti della bocca, mentre masticava, **disegnavano** sulle sue labbra una specie di sorriso, poi di colpo smetteva di sorridere, sorrideva di nuovo e nuovamente smetteva di sorridere -- Ana lo guardava **come se** lui l'avesse insultata. Se qualcuno l'avesse, osservata in quell'istante, avrebbe avuto l'impressione di una donna carica di odio. Continuava tuttavia a guardarlo, sempre più protesa in avanti -- il tram con un improvviso scossone la ricacciò impreparata all'indietro, la pesante borsa di maglia le cadde dal grembo, rovinò a terra -- Ana urlò, il conducente azionò l'alt prima ancora di sapere di cosa si trattava, il tram fermò di colpo, i passeggeri si guardarono attorno spaventati.

O exemplo 37, pertencente a LDF, mostra uma narração B- contendo uma instanciação do verbo *parecer* em co-ocorrência com a conjunção comparativa *como se* (*O movimento de mastigação fazia-o parecer sorrir [...] como se ele a tivesse insultado*), reforçada também pela construção *teria a impressão* presente no mesmo parágrafo.

Na tradução, em vez de se utilizarem os equivalentes do verbo *parecer* referentes ao movimento da mastigação, isto é, *sembrare* e *parere*, foi empregado o verbo *disegnare* (*disegnavano sulle labbra una specie di sorriso, desenhavam nos lábios uma espécie de sorriso*). Essa mudança não reconstrói a conotação de insegurança e de impressão presente no trecho do TF. Em contrapartida, a co-ocorrência da conjunção *como se* foi traduzida pelo equivalente *come se*, tal qual a construção indicadora de incerteza *teria a impressão* foi reconstruída como *avrebbe avuto l'impressione*.

CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito desta seção é múltiplo. Em primeiro lugar, pretende-se fornecer um resumo dos achados discutidos nos Capítulos 3, 4 e 5 à luz das perguntas iniciais de pesquisa: (i) quais são os indicadores lingüísticos do ponto de vista dos contos e do romance na língua-fonte e na língua-alvo?; (ii) quais são as mudanças nas realizações lingüísticas da focalização narrativa nos TAs?; e (iii) como as mudanças podem alterar o ponto de vista nos TAs? Em segundo lugar, almeja-se retomar o percurso seguido ao longo desta tese, apresentando-se uma síntese de cada um dos capítulos anteriores com o intuito de evidenciar o desenvolvimento da investigação, bem como sua pertinência e objetivos. Finalmente, deseja-se apontar as limitações da presente pesquisa, suas desejáveis contribuições e algumas perspectivas de futuros desdobramentos e ampliações do estudo aqui apresentado.

6.1 Indicadores lingüísticos do ponto de vista nos TFs e nos TAs

Com relação à primeira pergunta de pesquisa, a análise dos dados relativa aos pares AHDE-LDF e LODS-LF apontou os padrões resumidos na TAB. 72, a seguir.

TABELA 72: Resumo da análise dos dados nos dois TFs e nos dois TAs

Categoria	Itens observados	TFs		TAs	
		AHDE	LDF	LODS	LF
Dêixis	dêiticos pessoais	61	53	29	32
	dêiticos temporais	9	9	2	5
	dêiticos espaciais	1	–	3	–
Subtotal		71	62	34	37
DIL	exclamações/ interrogações	7	43	5	40
	advérbios indicadores de debate interior e incerteza	4	11	2	16
	advérbios de tempo presente e de lugar indicando proximidade	2	21	1	15
Subtotal		13	75	8	71
Processos materiais	construções transitivas	60	62	68	71
	construções ergativas	3	20	3	56
	construções passivas	14	18	18	20
Subtotal		77	100	89	147
Modalidade	realizadores de modulação de obrigação de valor alto	20	25	34	36
	realizadores de modulação de obrigação de valor baixo	32	62	38	61
	indicadores de narração A+/B+	21	15	17	8
	indicadores de narração A-/B-	7	13	3	7
Subtotal		80	115	92	112
TOTAL		241	352	223	367

No que diz respeito à comparação entre os dois TFs, foram encontrados, em AHDE, 241 casos, assim distribuídos: 71 elementos dêiticos, 13 indicadores de DIL, 77 Processos materiais e 80 itens modais. Em LDF, os números de ocorrências para cada categoria analisada foram, respectivamente, 62, 75, 100 e 115, perfazendo um total de 352 casos.

Em termos de indicadores lingüísticos do ponto de vista, os achados apontaram os elementos modais como os mais empregados tanto no romance como nos contos, seguidos, em ambos os textos, pelos verbos realizadores de Processos materiais. Entretanto, se, por um lado, o recurso dos dêiticos resulta ser o terceiro mais freqüente em AHDE, por outro, ele ocupa, em LDF, o quarto lugar (logo após os elementos indicadores de DIL).

O padrão de uso mais freqüente dos Processos materiais e dos modais, em relação às outras duas categorias, dentro de cada um dos dois textos remete à construção do ponto de vista psicológico basicamente realizado por meio da representação dos eventos e dos fatos e dos aspectos atitudinais dos personagens e do narrador. No que diz respeito ao ponto de vista

espaço-temporal, por meio dos dêiticos, há uma frequência de instanciação no romance 58 vezes maior que o DIL, considerado por Simpson (1993) como elo entre o ponto de vista psicológico e o ponto de vista espaço-temporal. Essa relação inverte-se nos contos, em que é o DIL aquele realizado em um número maior de vezes em relação às instanciações do ponto de vista espaço-temporal, embora essa realização ocorra em proporção menor que aquela do romance, isto é, com 13 ocorrências a mais em comparação com o DIL.

Com relação à análise contrastiva entre os dois TAs, foram encontrados, em LODS, 223 casos, distribuídos em 34 dêiticos, 8 indicadores de DIL, 89 verbos realizando Processos materiais e 92 modais. Em LF, dentre as 367 ocorrências, 37 foram de dêixis, 71 de indicadores de DIL, 147 de Processos materiais e 112 de modalidade.

Em geral, pode-se afirmar que, no par LODS-LF, também é destacada a tendência observada no par AHDE-LDF no que diz respeito ao uso mais freqüente dos Processos materiais e dos modais em comparação com as outras categorias. Os achados apontam padrões de realização do ponto de vista psicológico mais freqüentes que as instanciações de DIL e do ponto de vista espaço-temporal (dêiticos), tal como observado também nos dois TFs.

Entretanto, em termos de frequência das ocorrências em cada categoria, foram detectadas algumas diferenças. Mais especificamente no que diz respeito ao número de instanciações de verbos realizando Processos materiais e de modais, foram observados, no par LODS-LF, 58 e 20 casos a mais nos contos em comparação com o romance. Já as diferenças numéricas reveladas no par AHDE-LDF nas mesmas categorias de análise apontam 23 casos de Processos materiais e 35 ocorrências de modais a mais na coletânea de contos, isto é, frequências distintas nos pares AHDE-LDF e LODS-LF. O maior uso de Processos materiais nos dois TAs aponta uma ênfase maior na representação dos fatos e eventos em detrimento dos aspectos atitudinais, embora, em LODS, haja uma leve prevalência (3 casos a mais) da modalidade sobre os Processos materiais.

Da mesma forma que nos TFs, também nos TAs foi observado o predomínio, em LODS, dos dêiticos realizadores do ponto de vista espaço-temporal sobre os indicadores de DIL (por uma diferença de 26 casos) e, em LF, ao revés, uma frequência maior de instanciações de DIL em relação aos dêiticos (por uma diferença de 34 casos). Entre os dois TAs, a diferença entre os casos totais de DIL é quase exatamente igual àquela observada entre os dois TFs (63 contra 62) e a diferença dos casos totais de dêiticos resultou ser igual a 3 entre LODS e LF e a 9 entre AHDE e LDF.

6.2 Mudanças nas realizações lingüísticas da focalização narrativa nos TAs

No que diz respeito à segunda pergunta de pesquisa relacionada às mudanças nos realizadores das categorias observadas, os achados da análise são resumidos na TAB. 73, a seguir.

TABELA 73: Equivalências e mudanças na tradução nas categorias analisadas nos pares AHDE-LODS e LDF-LF

Categoria	Itens observados	AHDE	LODS Equivalências	LODS Mudanças	LDF	LF Equivalências	LF Mudanças
Dêixis	dêiticos pessoais	61	26	35	53	34	19
	dêiticos temporais	9	4	5	9	2	7
	dêiticos espaciais	1	1	–	–	–	–
Subtotal		71	31 (46,4%)	40 (53,6%)	62	36 (58,1%)	26 (41,9%)
DIL	exclamações/ interrogações	7	5	2	43	34	9
	advérbios indicadores de debate interior e incerteza	4	2	2	11	8	3
	advérbios de tempo presente e de lugar indicando proximidade	2	1	1	21	16	5
Subtotal		13	8 (58,4%)	5 (41,6%)	75	58 (77,3%)	17 (22,7%)
Processos materiais	construções transitivas	60	54	6	62	49	13
	construções ergativas	3	3	–	20	13	7
	construções passivas	14	12	2	18	17	1
Subtotal		77	69 (89,6%)	8 (10,4%)	100	79 (79%)	21 (21%)
Modalidade	realizadores de modulação de obrigação de valor alto	20	17	3	25	22	3
	realizadores de modulação de obrigação de valor baixo	32	24	8	62	56	6
	indicadores de narração A+/B+	21	17	4	15	8	7
	indicadores de narração A-/B-	7	5	2	13	8	5
Subtotal		80	63 (78,8%)	17 (21,2%)	115	94 (81,7%)	21 (18,3%)
TOTAL		241	171	70	352	267	85

Com relação ao par AHDE-LODS, foram detectadas, na análise da tradução dos 241 casos realizadores de ponto de vista no TF, 171 equivalências e 70 mudanças. Mais especificamente, dentre as ocorrências de cada categoria em AHDE, houve as seguintes mudanças: 40 de dêixis, 5 de DIL, 8 de verbos realizadores de Processos materiais e 17 de modais. Levando-se em conta o número inicial de casos no TF, a categoria que apresentou o maior número de mudanças foi a de dêixis (40 casos dentre os 71 do TF, perfazendo 53,6% do total), seguida pela categoria de DIL (5 mudanças dentre as 13 ocorrências de AHDE, isto 41,6%), da modalidade (17 mudanças dentre os 80 casos do TF, ou 21,2%) e dos Processos materiais (8 mudanças dentre as 77 instanciações de AHDE, representando 10,4% do total dos casos).

No que tange ao par LDF-LF, foram observadas, dentre os 352 casos estudados em LDF, 267 instâncias equivalentes e 85 mudanças. Na tradução das 62 ocorrências de dêixis, 75 de DIL, 100 de verbos realizando Processos materiais e 115 de modais, foram observadas mudanças em, respectivamente, 26 (41,9%), 17 (22,7%), 21 (21%) e 21 (18,3%) casos. Tal como observado em LODS, também em LF os casos mais freqüentes de mudanças foram aqueles relativos aos dêiticos e aos realizadores de DIL. Entretanto, no caso dos contos, a terceira categoria em que foram observadas mais mudanças foi a de Processos materiais em lugar daquela dos modais, como em LODS.

É interessante ressaltar que os resultados da análise contrastiva TFs-TAs apontaram questões que não constavam nos objetivos iniciais da investigação, mas que acabaram sendo incorporadas por constituírem tema de interesse que pode ser relacionado ao estudo dos realizadores do ponto de vista.

Em primeiro lugar, na análise do uso dos dêiticos pessoais bem como de alguns Processos materiais e verbos modais, veio à tona a importância de incluir a observação de cadeias coesivas dos TFs que apresentaram mudanças nos TAs. Várias vezes nas traduções,

são utilizados recursos coesivos diferentes daqueles dos TFs, como, por exemplo, a substituição por sinônimos em lugar da repetição do mesmo termo (*e.g.*, *dar... dar... dar... / dare... concedere... procurare*), coesão por termo genérico em substituição da repetição dêitica simples (*e.g.*, *ela... ela / lei... ragazza*) ou não tradução de alguns termos repetidos no mesmo contexto.

Em segundo lugar, a análise dos realizadores lingüísticos do DIL apontou certa tendência para a explicitação nas traduções (*cf.* BAKER, 1993; 1996) no que diz respeito ao uso da pontuação. Refere-se aqui ao emprego, nos TAs, de pontos de exclamação e de interrogação ausentes nos TFs e que deslocam o discurso das traduções mais para DDL (*e.g.*, *oh, nada demais / Oh! Niente di speciale; mamãe, quem é Deus. / mamma, chi è Dio?*). A ambigüidade da mescla da voz narradora com aquela dos personagens, típica do DIL, também resultou ser explicitada, em detrimento do narrador, por meio do uso adicional de exclamações ausentes no TF (*e.g.*, *Aborrecimento, aborrecimento / Che noia, ma che noia*).

De forma geral, foram detectadas, nos dois TAs, mudanças comuns às quatro categorias de análise, principalmente na tradução dos elementos dêiticos, como enumerado a seguir:

- (1) Não tradução dos realizadores do ponto de vista narrativo presentes nos TFs;
- (2) Substituição dos elementos repetidos nos TFs por outros distintos ou por sinônimos com conseqüente mudança nas cadeias coesiva, como mencionado previamente.

Além disso, na categoria do DIL, foram observadas as seguintes mudanças:

- (3) Tradução de advérbios de tempo presente por advérbios no passado (*e.g.*, *o que evitara até agora [...] agora mesmo devia vagar / E, cosa che fino allora aveva evitato [...] in quel momento stava probabilmente vagando*);

- (4) Uso de termos de registros mais formais (e.g., *provavelmente* / *verosimilmente*).
- (5) Uso de interjeições instanciando significados diferentes daqueles do TF (e.g., uso repetido da exclamação *ah*, normalmente empregada para realizar risada, para traduzir *ai, ai* do TF);
- (6) Instanciações de gradação de modalização diferente daquela do TF por meio do uso de advérbios que indicam probabilidade em vez de (in)certeza (e.g., *Carlota na certa pensava* / *Carlota probabilmente la riteneva*);
- (7) Mudança de DIL para DI (*Imaginar que talvez nunca experimentasse* / *Pensò che non sarebbe mai riuscita*) por meio do tempo passado do verbo de elocução, caracteristicamente introdutor de DI.

No que se refere à tradução dos Processos materiais, observou-se:

- (8) O uso de outros tipos de Processos (e.g., de material para existencial como em *bem sabia que ela não fazia regime* / *sapeva perfettamenteemente che non si trattava di dieta*);
- (9) Nominalizações (e.g., *era sempre castigada* / *il quotidiano castigo*);

No que diz respeito à tradução dos realizadores de modalidade, foram detectados:

- (10) O uso de outros verbos ou construções verbais para traduzir os verbos modais *dever, ter que, poder* (e.g., *como se pudesse cair* / *come se temesse di cadere*; *no tronco ela nunca poderia abraçá-la* / *le sarebbe stato impossibile abbracciarne il tronco*; *tenho que interromper* / *mi vedo costretto a interrompere*);
- (11) O uso de modulação de obrigação de valor alto em vez de baixo (e.g., *para que não pudesse enxergar* / *per non dover scorgere*);

- (12) O uso de outros tipos de verbos ou Epítetos para instanciar os indicadores de narração A+/B+ e A-/B- (e.g., *O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir / I movimenti della bocca, mentre masticava, disegnavano sulle sue labbra una specie di sorriso; *Muitas coisas sabia que não sabia entender / sapeva che c'erano cose a lei incomprensibili*);*
- (13) Inversão de polaridade (e.g., *não sabia o que queria dizer a palavra / ignorando il significato di questa parola*).

Entretanto, vale destacar alguns achados referentes só ao par LDF-LF.

- (1) No que diz respeito ao DIL, como já apontado, destacou-se, em alguns trechos, um uso distinto da pontuação, tal como uma maior frequência de pontos de exclamação e de interrogação e o emprego adicional de interjeições.
- (2) No que tange à categoria dos Processos materiais, as construções ergativas de LDF foram, às vezes, traduzidas por construções transitivas (e.g., *enquanto puxava / mentre estraeva la bestiola*).
- (3) Em um caso, uma construção passiva foi traduzida por uma construção ergativa (e.g., *sua raça de gente está aos poucos sendo exterminada / la sua razza va lentamente estinguendosi*).

6.3 Como as mudanças podem alterar o ponto de vista nos TAs

Tal como observado nos capítulos de análise, as mudanças enumeradas nas seções anteriores deste Capítulo acarretam diferenças na construção do ponto de vista narrativo, haja vista que não instanciam ou modificam os padrões lingüísticos observados nos TFs.

Mais especificamente, no que diz respeito à construção do ponto de vista espaço-temporal, a não tradução dos dêiticos ou a tradução destes por outros termos determina

diferentes cadeias coesivas, com menor ênfase na focalização dos personagens desde sua perspectiva no espaço e no tempo.

Com relação às mudanças observadas na tradução dos realizadores de DIL, ponte entre o ponto de vista espaço-temporal e psicológico, o uso de advérbios de tempo passado utilizados como tradução de advérbios no tempo presente acaba tendo conseqüências na apresentação do discurso, com uma maior intromissão da voz narradora nos TAs em detrimento daquela dos personagens. O mesmo pode ser afirmado no que tange ao emprego de termos normalmente usados em registros mais formais. Em contrapartida, o emprego mais amplo de interjeições nos TAs ressalta a voz dos personagens nos TAs. Dessa forma, o discurso das traduções, embora continue na terceira pessoa do singular e sem ser introduzido por nenhum verbo de elocução, passa a ser mais próximo de DDL que de DIL. Por outro lado, através do uso de DI em lugar de DIL, a focalização é filtrada pelo narrador. Além disso, as instanciações de significados diferentes devido às mudanças no uso das interjeições e na gradação de modalização também determinam uma maneira distinta de apresentar os personagens e sua visão do mundo.

No que diz respeito à construção do ponto de vista psicológico, ambas as mudanças observadas tanto na tradução dos Processos materiais como na tradução dos realizadores de modalidade acarretam diferenças na focalização dos TAs. Normalmente, o uso de nominalizações para traduzir verbos que realizam Processos materiais e o emprego de outros tipos de Processos em lugar daqueles materiais levam a conseqüências na transitividade das orações, principalmente na construção da agentividade, que resulta ser mais encoberta nas traduções. Em contrapartida, o emprego de construções transitivas em lugar de ergativas e, principalmente, de construções ergativas para traduzir construções passivas contribui para a construção de uma imagem mais ativa dos personagens nos TAs. Vale destacar também que, às vezes, o emprego de sinônimos na tradução de verbos realizadores

de Processos materiais, apesar de reconstruir os padrões de transitividade dos TFs, não reconstrói os padrões coesivos dos TFs, calcados em repetições de um único verbo no mesmo contexto.

O mesmo pode ser afirmado com relação ao uso de construções verbais para traduzir verbos modais repetidos ao longo do texto: a não instanciação desses verbos determina uma menor ênfase nos aspectos atitudinais dos personagens, acarretando, às vezes, conseqüências na transitividade devido ao fato de que o Agente se torna encoberto no TA. Ao mesmo tempo, as mudanças de valor nas realizações de modulação levam a uma diferente construção do sentido de obrigação por parte dos personagens. A não tradução dos realizadores de narração A+/B+ e A-/B- (respectivamente, o verbo realizador de Processo mental *saber* e as co-ocorrências de *parecer* com o Adjunto modal *talvez* e a conjunção comparativa *como se*) ou o emprego de outros tipos de verbos para traduzir aqueles acarreta conseqüências na interpretação das experiências narradas e da sensação de estranhamento por parte das vozes narradoras, resultando no fato de que ambas as opções são menos marcadas nos TAs. Ademais, os casos de inversão de polaridade observados nos TAs – a despeito de a negação gramatical dos TFs ser instanciada semanticamente nos TAs – não reconstróem os padrões de polaridade negativa, tão significativos no caso da escrita clariceana, principalmente em AHDE (*cf.* SCOTT, 1998).

Os resultados alcançados na presente pesquisa, de forma geral, corroboram aqueles atingidos por Bosseaux (2007), com diferenças que merecem destaque. Mais especificamente, comprovou-se a não tradução de repetições de dêiticos e de modais, o que determina uma menor ênfase nos pensamentos dos personagens e no ritmo da narração (do padrão de repetição típico da escrita clariceana, no caso da investigação aqui apresentada). As mudanças apontadas por Bosseaux (2007) na tradução de indicadores de DIL, ou seja, o uso de outro tipo de discurso, acarretam as mesmas diferenças apresentadas neste estudo (uma

menor mescla entre a voz dos personagens e a do narrador, normalmente em detrimento da voz dos primeiros). Todavia, diferentemente dos achados da autora, foram observados casos de explicitação no uso de interjeições, o que contribui para ressaltar a voz dos personagens. No que tange aos processos materiais, foram corroborados os resultados da autora sobre a não tradução de verbos repetidos e o uso de outros tipos de processos, encobrando, normalmente, o Ator e tendo conseqüências na transitividade e na agentividade. Porém, na presente análise, não foram encontrados casos de tradução de construções passivas por construções ativas, como em Bosseaux (2007), mas apenas um caso de construção ergativa para traduzir uma construção passiva. Finalmente, com relação à modalidade, se, por um lado, as mudanças encontradas na presente análise acarretam, nos TAs, as mesmas conseqüências apontadas por Bosseaux (2007), como uma menor ênfase na construção dos elementos atitudinais dos personagens (sentidos de obrigação, capacidades, possibilidades, desejos, (in)certeza na percepção da realidade); por outro, foram observados aspectos não estudados pela autora, como, por exemplo, casos de inversão de polaridade que não reconstroem os padrões de negação típicos da escrita clariceana.

Vale destacar também que os resultados da presente investigação corroboram aqueles alcançados por Levenston e Sonnenschein (1986) no que diz respeito à explicitação de exclamações nas traduções para deixar mais clara a voz dos personagens.

Os achados da análise aqui apresentada permitiram atingir os objetivos de pesquisa, com algumas limitações como especificado na seção dedicada ao balanço da tese, antes da qual se remete a uma síntese das etapas de investigação apresentada a seguir.

6.4 Síntese do percurso seguido

Os passos seguidos na presente investigação são resumidos a seguir.

Na introdução, foi explicitado o nicho em que se insere a presente pesquisa, isto é, o das abordagens textuais da tradução que têm como principal interesse a linguagem da tradução. A investigação foi também contextualizada dentro do projeto CORDIALL do Laboratório Experimental de Tradução da Universidade Federal de Minas Gerais. Além disso, foram apresentados os objetivos do trabalho, concretizados nas perguntas iniciais de pesquisa.

No capítulo 1, foi apresentado o arcabouço teórico escolhido como suporte para a pesquisa. Na primeira seção, procurou-se localizar a pesquisa dentro dos Estudos da Tradução por meio do mapeamento realizado por Malmkjaer (2005). Uma vez definida a afiliação à abordagem textual focalizada na observação da linguagem da tradução e realizada uma revisão de trabalhos sobre aspectos de transitividade, modalidade e apresentação do discurso (*cf.* projeto CORDIALL e VASCONCELLOS, 1995; 1998, dentre outros), passou-se à resenha de estudos sobre o ponto de vista narrativo, como Fowler (1981, 1986) e Simpson (1993, 2004), e sobre a apresentação do discurso, como Leech e Short (1981) e Semino e Short (2004), dentre outros, para dar suporte ao estudo do ponto de vista ficcional na tradução. Este, ainda pouco estudado, constitui objeto de interesse de autores como Bosseaux (2004, 2007), Levenston e Sonnenschein (1986) e May (1994).

No capítulo 2, foram apresentados o corpus de análise e a metodologia empregada na investigação. Na primeira seção, apresentou-se a justificativa sobre a escolha do corpus bem como um resumo de AHDE e de LDF e um panorama das resenhas de LODS e de LF que acompanharam a publicação dessas obras na Itália. Na segunda seção, foram apresentados textos de crítica literária sobre a obra de Lispector em geral e, mais especificamente, sobre AHDE e LDF, apontando-se traços da narrativa clariceana que remetem às realizações lingüísticas do ponto de vista, tais como repetições e uso de DIL. Na terceira seção, foi explicada detalhadamente toda a metodologia de análise, desde a preparação do corpus até os passos seguidos na seleção e no estudo dos itens das quatro categorias analisadas, passando-

se, inclusive, por uma breve apresentação dos programas utilizados na investigação (*Worsmith Tools*® e *Multiconcord*®).

Os Capítulos 3, 4 e 5 foram dedicados à análise dos dados propriamente dita. O Capítulo 3 apresentou os achados da análise das quatro categorias no par AHDE-LDF; o Capítulo 4 descreveu esses resultados para o par LODS-LF; e o Capítulo 5 explicitou os resultados referentes a essas categorias no corpus paralelo AHDE-LODS e LDF-LF. O foco da análise da seção dedicada ao DIL foram as exclamações e as interrogações, os advérbios indicadores de debate interior e incerteza e os advérbios de tempo presente e de lugar próximo ao falante em co-ocorrência com verbos no passado. No que tange à dêixis, foram analisadas as repetições dos dêiticos pessoais *eu/ele/ela* e *io/lui/egli/lei/ella* e dos dêiticos espaço-temporais, bem como as co-ocorrências destes com aqueles. No que diz respeito aos verbos realizando Processos materiais, foram estudadas as ocorrências em construções transitivas, ergativas e passivas. Finalmente, com relação à modalidade, foram analisadas as instâncias dos verbos realizadores de modulação de obrigação de valor alto (*dever/ter que* e *dovere*) e de valor baixo (*poder* e *potere*) e as repetições dos Processos mentais *saber/sentir* e *sapere/sentire*, indicadores de trechos de narração A+/B+, bem como as co-ocorrências *parecer... como se/talvez, sembrare/parere... come se/forse*, indicadoras de trechos de narração A-/B-.

Uma vez retomados os capítulos anteriores e discutidos os achados de forma resumida, apontando-se suas conseqüências sobre o ponto de vista, passa-se para a próxima seção, em que se faz um balanço da tese em si e se delineiam as perspectivas de pesquisa futuras.

6.5 Balanço e perspectivas da pesquisa

A partir dos achados da presente pesquisa, espera-se ter contribuído para a consolidação das abordagens textuais da tradução, principalmente no que tange à descrição da linguagem da tradução. Nesse sentido, alguns resultados apontaram características dos TAs que realizam lingüisticamente o ponto de vista narrativo de forma diferente dos TFs, sobretudo no que se refere às categorias de DIL, Processos materiais e agentividade. Vale ressaltar a contribuição dos diferentes aportes teóricos na observação desses fenômenos lexicais e oracionais.

Os achados permitiram alcançar os três objetivos de pesquisa, a saber: (i) analisar o ponto de vista narrativo em AHDE e LDF visando detectar seus indicadores lingüísticos no romance e nos contos; (ii) observar indicadores lingüísticos no que diz respeito à construção do ponto de vista narrativo nos TAs; e (iii) averiguar mudanças e equivalências entre os TFs e os TAs com relação ao ponto de vista. Tais objetivos, todavia, foram limitados aos realizadores lingüísticos do ponto de vista das quatro categorias aqui estudadas, as quais indicam determinados aspectos da complexa construção do ponto de vista ficcional.

Ademais, cabe aqui apontar outras limitações que não permitiram estender a investigação. Em primeiro lugar, por questões meramente práticas, isto é, por se ter que delimitar o corpus de investigação, não foi possível analisar contrastivamente os recursos usados nos contos da autora no eixo temporal, nem obter seus primeiros contos publicados pelo MEC. Em segundo lugar, e pelas mesmas razões explicadas antes, não foi possível o mesmo tipo de análise contrastiva dos romances claricianos no eixo temporal. Finalmente, devido ao fato de ambos os TAs aqui estudados terem sido traduzidos para o italiano pela mesma tradutora, não foi possível comparar traduções diferentes das mesmas obras.

Tendo em vista tais limitações e levando em conta as restrições de tempo dos trabalhos acadêmicos, potenciais futuras pesquisas poderiam focalizar uma das quatro

categorias aqui analisadas ou, restringindo mais o foco, somente uma realização (*e.g.*, as interjeições) nos romances ou nos contos e replicar o tipo de análise aqui apresentada em outros corpora, compostos por outras obras de Lispector e suas traduções italianas realizadas por tradutores diferentes daquela responsável pela tradução de AHDE e LDF. O objetivo dessas pesquisas seria justamente tentar realizar o que não foi possível fazer na presente investigação pelas razões aqui expostas: focalizar a atenção de forma mais sistemática em um único aspecto do ponto de vista (*i.e.*, explorando-se todos os possíveis realizadores de uma só categoria ou subcategoria) e observar os padrões realizadores do ponto de vista narrativo tanto nos contos como nos romances ao longo da produção clariceana, bem como suas mudanças nas traduções, levando em conta também o estilo dos diferentes tradutores.

Com essas perspectivas, finaliza-se aqui esta contribuição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Corpus analisado

LISPECTOR, C. *Laços de família*. 9. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, C. *Legami familiari*. Trad. Adelina Aletti. 4. ed. Milão: Giangiacomo Feltrinelli Editore, 1999.

LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

LISPECTOR, C. *L'ora della stella*. Trad. Adelina Aletti. Milão: Giangiacomo Feltrinelli Editore, 1989.

Bibliografia consultada

ALMEIDA, S. The Madness of Lispector's Writing. In: CARDWELL, R. A. (Ed.). *Brazilian Feminism*. Nottingham: University of Nottingham, 1999. p. 101-115.

ALVES, D. *Aspectos da representação do discurso em textos traduzidos: os verbos de elocução neutros*. 2006. 108f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

ARROJO, R. Interpretation as possessive love. Hélène Cixous, Clarice Lispector and the ambivalence of fidelity. In: BASSNETT, S.; TRIVEDI, H. (Ed.). *Post-colonial translation*. Londres e Nova York: Routledge, 1999. p.141-161.

ARUS, J. Perspectiva sistémico-funcional de los usos de 'se' en español. *Signos*, v. 39, n. 61, p. 131-159, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-09342006000200001&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 20 jan. 2009.

ASSIS, R. C. *Transitividade na reprodução de Sethe no corpus paralelo Beloved-Amada*. 2004. 122f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

BAL, M. The Narrating and the Focalising: a Theory of Agents in Narrative. *Style*, v. 17, n. 2, 1983 *apud* LEVENSTON, E. A.; SONNENSCHNEIN, G. The translation of point of view in fictional narrative. In: HOUSE, J.; BLUM-KULKA, S. (Ed.). *Interlingual and intercultural communication: discourse and cognition in translation and second language acquisition studies*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1986. p. 49-59.

BAKER, M. *In Other Words*. Londres e Nova York: Routledge, 1992.

BAKER, M. Corpus Linguistics and Translation Studies: implications and applications. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (Ed.). *Text and technology*: in honour of John Sinclair. Amsterdã e Filadélfia: John Benjamins, 1993. p. 223-250.

BAKER, M. Corpus-based translation studies: The challenges that lie ahead. In: SOMERS, H. (Ed.). *Terminology, LSP and Translation Studies in language engineering in honour of Juan C. Sager*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1996. p.177-187.

BAKER, M. Towards a methodology for investigating the style of a literary translator. *Target*, v. 12, n. 2, p. 241-266, 2000.

BASSNETT, S., TRIVEDI, H. *Post-colonial translation: theory and practice*. Londres e Nova York: Routledge, 1999.

BERMAN, A. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.

BLUM-KULKA, S. Shifts of Cohesion and Coherence in Translation. In: VENUTI, L., BAKER, M. (Ed.). *The Translation Studies Reader*. Londres e Nova York: Routledge, 1986/2000. p. 298-313.

BONAFÉ, F. Clarice Lispector, ovvero la malinconia tutta portoghese dello scrivere. Vita da mangiare. *Alto Adige*, Bolzano, 14 dez. 1989.

BONALUMI, E. F. *Análise de similaridades e diferenças no uso de marcadores de reformulação e padrões lexicais em Family ties, The Apple in the Dark e Soulstorm, de Clarice Lispector, e The Red House, de Lya Luft*. 2006. 153f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2006. Disponível em: <<http://www.athena.biblioteca.unesp.br>>. Acesso em: 20 jan. 2009.

BOSSEAUX, C. Point of view in translation: a corpus-based study of French translations of Virginia Woolf's *To the Lighthouse*. *Across Languages and Cultures*, v. 5, n. 1, p. 107-122, 2004.

BOSSEAUX, C. *How does it feel? Point of view in translation*. Amsterdã e Nova York: Rodopi, 2007.

CANÇADO, T. *Transitividade e representação do discurso no corpus paralelo Interview with the vampire / Entrevista com o vampiro*. 2005. 143f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

CATFORD, J. C. *A Linguistic theory of translation: an essay in Applied Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1965.

CHEREM, L. P. *Um olhar estrangeiro sobre a obra de Clarice Lispector: leitura e recepção da autora na França e no Canadá (Quebec)*. 2003. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

CIXOUS, H. *To live the orange*. Trad. de Ann Liddle e Sarah Cornell. ed. bilíngue. Paris: Editions des femmes, 1979. Título original: *Vivre l'orange*.

CIXOUS, H. *Reading with Clarice Lispector*. Trad. Verena Andermatt Conley. Minneapolis: Univ. of Minnesota Press, 1990. Título original: *L'heure de Clarice Lispector*.

COSI, M. I racconti di Clarice Lispector. Storie partorite con odio. Fra Joyce e l'ironia ebraica. *Il Giorno*, Milão, 22 jun. 1986.

CRISTOFOLETTI, M. P. Tredici racconti. Una lucida follia. Un pianeta femminile, colto sull'orlo della crisi, in *Legami Familiari* di Clarice Lispector. *Brescia Oggi*, Brescia, 6 ago. 1986.

CRUZ, O. Harry Potter and the Chamber of secrets e sua tradução para o português do Brasil: uma análise dos verbos de elocução com base na lingüística sistêmica e nos Estudos de Corpora. 2003. 207f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

DE ANGELIS, M. L'ora grande è quella della stella. *Il Foglio del Paese delle Donne*, Roma, 19/23 mar. 1990.

DONINELLI, L. I tredici splendidi racconti di Legami familiari di C. Lispector. Interrogando il tempo. *Avvenire*, Roma, 1 jul. 1986.

ECO, U. *Dire quasi la stessa cosa: esperienze in traduzione*. Milão: Bompiani, 2003.

EGGINS, S. *An introduction to Systemic Functional Linguistics*. Londres e Nova York: Continuum International Publishing Group, 1994.

EGGINS, S. *An introduction to Systemic Functional Linguistics*. 2. ed. Nova York e Londres: Continuum, 2004.

FIRTH, J. R. *Paper in Linguistics 1934-1951*. Londres, Nova York e Toronto: Oxford University Press, 1957.

FOWLER, R. *Literature as social discourse*. Londres: Batsford Academic and Educational Ltd, 1981.

FOWLER, R. How to see through language: Perspective in fiction. *Poetics*, v.1, n. 1, 1982 *apud* LEVENSTON, E. A.; SONNENSCHNEIN, G. The translation of point of view in fictional narrative. In: HOUSE, J.; BKUM-KULKA, S. (Ed.). *Interlingual and intercultural communication: discourse and cognition in translation and second language acquisition studies*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1986. p. 49-59.

FOWLER, R. *Linguistic criticism*. Oxford e Nova York: Oxford University Press, 1986.

GARZONE, G. Osservazioni sull'assetto del testo italiano tradotto dall'inglese. In: CARDINALETTI, A.; GARZONE, G. (Ed.). *L'italiano delle traduzioni*. Milão: FrancoAngeli, 2005. p. 35-57.

GAZZETTA DEL SUD, LA. I racconti di Clarice Lispector. Ma nel quotidiano si cela la verità. *Messina*, 19 ago. 1986.

GENETTE, G. *Figures III*. Paris: Editions du Seuil, 1972 *apud* FOWLER, R. *Linguistic criticism*. Oxford e Nova York: Oxford University Press, 1986.

GIL, G. Who does what to whom? In: XIII ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE LÍNGUA INGLESA (ENPULI), 1995, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Editora da PUC, 1995. p. 201-212.

GOTLIB, N. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

GUTT, E. A. *Translation and Relevance*. Oxford: Basil Blackwell, 1991.

HALLIDAY, M. A. K. Categories of the theory of grammar. *Word*, v. 17, n. 3, p. 241-242, 1961 *apud* MALMKÆR, K. *Linguistics and the language of translation*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2005.

HALLIDAY, M. A. K.; McINTOSH, A.; STREVEENS, P. D. *The linguistic science and language teaching*. Londres e Nova York: Longman, 1964 *apud* PAGANO, A.; VASCONCELLOS, M. L. Explorando interfaces: estudos da tradução, lingüística sistêmico-funcional e lingüística de corpus. In: ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. (Org.). *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

HALLIDAY, M. A. K. Linguistic Function and Literary Style: an Inquiry into the Language of William Golding's *The Inheritors*. In: CHATMAN, S. (Ed.). *Literary style: a symposium*. Londres: Oxford University Press, 1971. p. 330-368.

HALLIDAY, M. A. K. *System and Function in Language*. Selected Papers edited by G.R. Kress. Oxford: Oxford University Press, 1976.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to Functional Grammar*. 2. ed. Londres, Nova York, Sidney e Auckland: Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. Towards a theory of good translation. In: STEINER, E., YALLOP, C. (Ed.). *Exploring translation and multilingual text production: beyond content*. Berlim e Nova York: Mouton de Gruyter, 2001.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. Londres e Nova York: Longman, 1976.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *An introduction to Functional Grammar*. 3.ed. Londres, Nova York, Sidney e Auckland: Arnold, 2004.

HATIM, B.; MASON, I. *Discourse and the translator*. Londres: Longman, 1990.

HATIM, B.; MASON, I. *The translator as communicator*. Londres: Routledge, 1997.

HOLMES, J. *Translated! Papers in Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdã: Rodopi, 1972/1988.

HOUSE, J. *Translation quality assessment: a model revisited*. Tübingen: Narr, 1997.

HURTADO ALBIR, Amparo. *Traducción y Traductología*. Introducción a la Traductología. Madri: Cátedra, 2001.

JAKOBSON, R. On linguistic aspects of translation. In: BROWER, R. A. (Ed.). *On Translation*. Harvard University Press, 1959.

JESUS, S. M. de. *Representação do discurso e tradução: padrões de textualização em corpora paralelo e comparável*. 2004. 128f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

JESUS, S. M. de. *Relações de tradução: SAY / DIZER em corpora de textos ficcionais*. 2008. 211f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

KENNY, D. *Lexis and creativity in translation: a corpus-based study*. Manchester: St. Jerome, 2001.

LAVIOSA, S. How comparable can ‘comparable corpora’ be?. *Target*, Amsterdã, v. 9, n. 2, p. 289-319, 1997a.

LAVIOSA, S. Investigating simplification in an English comparable corpus of newspaper articles. In: KINGA, K., JÁNOS, K. (Ed.). *Transfere Necesse est; Proceedings of the 2nd International Conference on Current Trends in Studies of Translation and Interpreting 5-7 September, 1996, Budapest, Hungria*. Budapest: Scholastica, 1997b. p.531-540.

LAVIOSA, S. Core patterns os lexical use in a comparable corpus of English narrative prose. *Meta*, Montreal, v. 43, n. 4, p. 557-570, dez. 1998.

LEECH, G. N.; SHORT, M. H. *Style in Fiction: a linguistic introduction to English fictional prose*. Londres e Nova York: Longman, 1981.

LEVENSTON, E. A.; SONNENSCHNEIN, G. The translation of point of view in fictional narrative. In: HOUSE, J.; BLUM-KULKA, S. (Ed.). *Interlingual and intercultural communication: discourse and cognition in translation and second language acquisition studies*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1986. p. 49-59.

LIMA, T. C. de. *A tradução e os prazeres de descobrir o mundo de Clarice Lispector*. 2004. 237f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual, São José do Rio Preto, 2004. Disponível em: <<http://www.athena.biblioteca.unesp.br>>. Acesso em: 20 jan. 2009.

LODGE, D. *The art of fiction*. Londres: Penguin Books, 1992.

MAGALHÃES, C. Da coesão como recurso de continuidade do discurso. In: ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. (Org.). *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

MALMKÆR, K. *Linguistics and the language of translation*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2005.

MARCOALDI, F. La cartomante aveva ragione. *La Repubblica*, Roma, 29 out. 1989.

MASSARI, G. Tredici racconti di Clarice Lispector. Piccoli odi familiari. *Il Giornale*, Milão, 6 jul. 1986.

MAURI, C. *Um estudo da tradução italiana de Laços de Família, de Clarice Lispector, a partir da abordagem em corpora: a construção da introspecção feminina através dos verbos de elocução*. 2003. 109f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

MAY, R. Where did the narrator go? Towards a grammar of translation. *Slavic and East European Journal*, v. 38, n. 1, p. 33-46, 1994.

MOISÉS, M. *A criação literária*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

MONTENOVESI, A. Un viso allo specchio, grigio e macchiato. La storia di una ragazza rachitica che vive solo di se stessa. *L'Arena*, Verona, 22 dez. 1989.

MONTGOMERY, M. Language, character and action: a linguistic approach to the analysis of character in a Hemingway short story. In: SINCLAIR, J.; HOEY, M.; FOX, G. (Ed.). *Techniques of description – spoken and written discourse*. Londres e Nova York: Routledge, 1993. p. 127-142.

MUNDAY, J. A computer-assisted approach to the analysis of translation shifts. *Meta*, v. 43, n. 3, p. 1-16, 1998.

MUNDAY, J. *Introducing Translation Studies: theories and applications*. Londres: Routledge, 2001.

MUNDAY, J. Systems in translation: a systemic model for descriptive translation studies. In: HERMANS, T. (Ed.). *Crosscultural transgressions. Research models in Translation Studies II: historical and ideological issues*. Manchester: St. Jerome, 2002. p. 76-92.

NIDA, E. *Toward a science of translating*. Leiden: E.J. Brill, 1964.

NORD, C. Text-Functions in translation: titles and headings as a case in point. *Target*, v. 7, n. 2, p. 261-284, 1995.

NUNES, B. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

OLIVEIRA, S. R. de. The dry and the wet: cultural configurations in Clarice Lispector's Novels. In: CARDWELL, R. A. (Ed.). *Brazilian feminism*. Nottingham: University of Nottingham, 1999. p. 117-132.

OLOHAN, M. *Introducing corpora in Translation Studies*. Londres e Nova York: Routledge, 2004.

PAGANO, A.; VASCONCELLOS, M. L. Explorando interfaces: estudos da tradução, linguística sistêmico-funcional e linguística de corpus. In: ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. (Org.). *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

PAOLOZZI, L. Clarice o della “sovravisione”. *L'Unità*, Roma, 7 ago. 1986.

PARKS, T. *Translating style: the English Modernists and their Italian Translators*. Londres e Washington: Cassell, 1998.

- PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 2006.
- PLEBANI, C. L'ora della stella di Clarice Lispector. La dattilografia Macabéa protagonista suo malgrado. *L'eco di Bergamo*, Bergamo, 17 jan. 1990.
- PONTES, E. *Estrutura do verbo no português coloquial*. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.
- REISS, K.; VERMEER, H. J. *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. 2. ed. Tübingen: Niemeyer, 1984/1991.
- RODRIGUES, R. R. *A organização temática em A hora da estrela e The hour of the star*. 2005. 173f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- ROVERI, S. Interferenza linguistica nella traduzione dal tedesco all'italiano. In: CARDINALETTI, A., GARZONE, G. (Ed.). *L'italiano delle traduzioni*. Milão: FrancoAngeli, 2005. p. 123-151.
- SÁ, O. de. *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- SANT'ANNA, A. R. *Análise estrutural de romances brasileiros*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- SCOTT, N. *Normalization and readers' expectations: a study of literary translation with reference to Lispector's A hora da estrela*. 2006. Ph.D Thesis, University of Liverpool, Liverpool, 1998.
- SEMINO, E.; SHORT, M. *Corpus stylistics: speech, writing and thought presentation in a corpus of english writing*. Londres: Routledge, 2004.
- SILVA, M. B. M. da. A Hora da Estrela: marcas dêiticas na construção da identidade. *Línguas & Letras (UNIOESTE)*, v. 1, p. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/travessias>>. Acesso em: 20 jan. 2009.
- SIMON, S. *Gender in translation: cultural identity and the politics of transmission*. Londres e Nova York: Routledge, 1996.
- SINCLAIR, J. *Corpus, concordance, collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- SHORT, M.; SEMINO, E.; CULPEPER, J. *Using corpora for language research: studies in honour of Geoffrey Leech*. Londres: Longman, 1996.
- SIMPSON, P. *Language, ideology and point of view*. Londres e Nova York: Routledge, 1993.
- SIMPSON, P. *Stylistics. A resource book for students*. Londres e Nova York: Routledge, 2004.
- STUBBS, M. *Text and corpus analysis*. Cambridge, Massachusetts: Blayjwell Publishers, 1996.
- TOOLAN, M. *Narrative. A critical linguistic introduction*. 2.ed. Londres e Nova York: Routledge, 2001.
- TOOLAN, M. *Language in literature: an introduction to stylistics*. Londres: Arnold, 2003.

TOURY, G. *Translational Norms and Literary Translation into Hebrew: 1930-1945*. Tel Aviv: Porter Israeli Institute for Poetics and Semiotics, Tel Aviv University, 1977 *apud* LEVENSTON, E. A.; SONNENSCHNEIN, G. The translation of point of view in fictional narrative. In: HOUSE, J.; BLUM-KULKA, S. (Ed.). *Interlingual and intercultural communication: discourse and cognition in translation and second language acquisition studies*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1986. p. 49-59.

TOURY, G. *In Search of a Theory of Translation*. Tel Aviv: Tel Aviv University, 1980.

TOURY, G. *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdã e Filadélfia: John Benjamins, 1995.

TROMBETTI, S. Se i sogni finiscono per naufragare. *Il Popolo*, Milão, 10 nov. 1989.

VASCONCELLOS, M. L. An examination of modality in Hemingway's *A Very Short Story* and a translation into Portuguese. In: XIII ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE LÍNGUA INGLESA (ENPULI), 1995, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Editora da PUC, 1995. p. 213-226.

USPENSKY, B. *A Poetics of Composition*. Berkeley: Univ. of California Press, 1973 *apud* FOWLER, R. *Linguistic criticism*. Oxford e Nova York: Oxford University Press, 1986.

VASCONCELLOS, M. L. 'Araby' and meaning production in the source and translated texts: a systemic functional view of translation quality assesment. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, n. 3, p. 215-254, 1998.

VECCHIATO, S. Interferenza e strategie stilistiche nella traduzione dal francese all'italiano. In: CARDINALETTI, A.; GARZONE, G. (Ed.). *L'italiano delle traduzioni*. Milão: FrancoAngeli, 2005. p.153-193.

VERMEER, H. J. *Aufsätze zur Translationstheorie*. Universität Heildeberg: Vermeer, 1978/1983.

WALDMAN, B. *Clarice Lispector. A paixão segundo C. L.* São Paulo: Escuta, 1993.

ZINGARELLI, N. *Lo Zingarelli: vocabolario della lingua italiana*. 12. ed. Bolonha: Zanichelli, 1999.

ANEXOS

Anexo 1 Modelo de registro de arquivo bibliográfico para o CORDIAL

EXEMPLO

Nome do arquivo doc txt
Subcorpus	paralelo multilíngüe
Gênero	romance

TEXTO FONTE	
Título	A hora da estrela
Língua	português
Status	original
Modo	escrito
Editora	Nova Fronteira
Coleção ou série	sem dados
Lugar de publicação	Rio de Janeiro
Ano	1984
Primeira Publicação – Editora	J. Olympio
Primeira Publicação – Coleção ou série	sem dados
Primeira Publicação – Local	Rio de Janeiro
Primeira Publicação – Ano	1977
Autor	
Nome	Clarice Lispector
Nacionalidade	brasileira
Ano de nascimento e morte	1920-1977
Sexo	feminino
Orientação sexual	heterossexual
Paratexto (capa, orelha, prefácios, notas, etc.)	capa ilustrada por Victor Burton (montagem fotográfica representando Marilyn Monroe e, supostamente, uma mulher nordestina); orelha com trecho extraído do prefácio “O grito do silêncio” de Eduardo Portella.

TEXTO TRADUZIDO	
Título	L'ora della stella
Língua	italiano
Status	tradução
Modo	escrito

Editora	Feltrinelli
Coleção ou série	Universale Economica Feltrinelli
Lugar de publicação	Milão
Ano	1989
Primeira Publicação – Editora	Feltrinelli
Primeira Publicação -Coleção ou série	Universale Economica
Primeira Publicação – Local	Milão
Primeira Publicação – Ano	1989
Tradutor	
Nome	Adelina Aletti
Nacionalidade	italiana
Ano de nascimento e morte	dados desconhecidos
Sexo	feminino
Orientação sexual	desconhecida

SOBRE O PROCESSO DA TRADUÇÃO	
Direção	para a língua materna
Modo	texto escrito para texto escrito
Tipo	texto completo

DADOS PROCESSUAIS	
Dados colhidos através de TAP	
Modalidade de TAP	
Tempo de duração do TAP	
Modo de gravação do TAP	
Dados colhidos via TRANSLOG	
Tipo de arquivo	
Quadro estatístico	
Representações com tempo de pausa	
Segmentação	
Dados colhidos através de vídeo	
Dados colhidos através de PROXY	
Dados colhidos com planilhas de avaliação	
Dados colhidos através de questionários	
Dados colhidos através de avaliações	

Anexo 2 Modelo de carta de pedido de permissão para a reprodução e uso dos textos

(Data)

(Endereço da Editora)

Att: Editor Chefe

Prezado Editor,

Projeto Corpus Discursivo para Análises Lingüísticas e Literárias (CORDIALL)

Sou pesquisador/a do LETRA, Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), trabalhando no projeto *CORDIALL*.

O CORDIALL visa à criação de uma coleção de textos computadorizados, traduzidos para o português brasileiro, para ser usada como recurso para investigação de uma variedade de questões teóricas que interessam a pesquisadores em tradução e linguagem, dentre elas, a natureza distinta dos textos traduzidos em geral e daqueles traduzidos para o português brasileiro em particular, perfis estilísticos de tradutores profissionais individuais, e o impacto de línguas fontes específicas nos padrões lingüístico-discursivos do português brasileiro contemporâneo.

Com o apoio daqueles que têm os direitos autorais, especificamente os editores e tradutores profissionais, e o futuro apoio financeiro de instituições governamentais de fomento, este recurso eletrônico visa a atingir uma meta inicial de composição com cem títulos, de gêneros de discursos diferentes tais como o **ficcional, o jornalístico e o acadêmico**.

Gostaríamos de solicitar sua permissão para usar em formato eletrônico, **apenas com o objetivo de pesquisa**, o original e/ou tradução (título da obra) publicado/a por V.Sa.

Caso V. Sa. nos dê a permissão para incluir o(s) título(s) acima no nosso corpus, estes serão os procedimentos para uso do(s) mesmo(s):

- escaneamento do material, visando ao seu formato eletrônico para composição do corpus de textos traduzidos, parte do projeto desenvolvido no LETRA
- processamento deste material através de softwares para desenvolver pesquisa relevante
- citação, dentro dos limites e sujeita às normas de citação da ABNT, de trechos curtos em publicações acadêmicas futuras
- permissão a outros pesquisadores de **acesso controlado** ao corpus. Este acesso controlado envolve a alternativa de análises do corpus ou de um subconjunto deste em rede e de carregamento apenas dos resultados das análises, incluindo as listas de palavras e concordâncias de uma linha do texto. Outros pesquisadores, além dos membros da equipe de coordenação do Projeto, **não poderão acessar os textos do corpus diretamente ou em qualquer formato a não ser concordâncias restritas e informações estatísticas**.

Aproveito a oportunidade para informar-lhes a respeito da nossa intenção de aumentar o corpus e torná-lo mais interessante. Assim sendo, gostaríamos de solicitar a V. Sas. que sugerissem outra(s) tradução (ões) para o português brasileiro, classificadas como gêneros dos

discursos ficcional, jornalístico ou acadêmico e datadas do início da década de 1990 em diante, para ser adquirida e incluída no corpus.

Estamos à disposição de V. Sas. para esclarecer quaisquer dúvidas (preferencialmente por correio eletrônico para agilizar a informação) ou receber sugestões sobre algum aspecto relacionado com esta solicitação.

Esperando contar com a sua colaboração, subscrevo-me.

Atenciosamente,

(nome e e-mail)

Anexo 3 Modelo de questionário referente ao/à tradutor/a e ao processo de tradução

INFORMAÇÃO SOBRE O(A) TRADUTOR(A) E O PROCESSO DE TRADUÇÃO

Título:

Tradutor(a):

Editora:

1. Qual é o sexo do(a) tradutor(a)? F M
2. Qual é o sexo do(a) autor(a)? F M
3. Qual é o emprego do(a) tradutor(a)?

Funcionário(a) de uma agência de tradução

Freelance

Outro

Especificar _____

4. O(a) tradutor(a) trabalha em tempo integral ou parcial?

Integral Parcial

5. Qual é a nacionalidade do(a) tradutor(a)?

De nascimento _____ Atual _____

6. Qual é a nacionalidade do(a) autor(a)? _____

7. Quem tem os direitos autorais da tradução? _____

8. A versão final da tradução foi revista por outra pessoa?

Não

Sim

Especificar quem foi o revisor

9. Qual é a orientação sexual do(a) tradutor(a) e autor(a)? (Esta informação é de interesse de alguns pesquisadores da área de tradução e gênero). **Sinta-se à vontade para responder ou ignorar a pergunta)**

10. Qual é a raça/etnia do(a) tradutor(a) e autor(a)? (Esta informação é de interesse de alguns pesquisadores da área de tradução e raça/etnia)

USE O VERSO DO QUESTIONÁRIO PARA COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Obrigado por sua colaboração

Laboratório Experimental de Tradução

Faculdade de Letras, UFMG

Av. Pres. Antonio Carlos, 6627 – Pampulha
31270-901 – Belo Horizonte, MG

